

TRABALHOS
DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXIII — FASC. 1

SUBSIDIADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL
E PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



PORTO — 1977

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

1999
1998
1997
1996
1995
1994
1993
1992
1991
1990
1989
1988
1987
1986
1985
1984
1983
1982
1981
1980
1979
1978
1977
1976
1975
1974
1973
1972
1971
1970
1969
1968
1967
1966
1965
1964
1963
1962
1961
1960
1959
1958
1957
1956
1955
1954
1953
1952
1951
1950
1949
1948
1947
1946
1945
1944
1943
1942
1941
1940
1939
1938
1937
1936
1935
1934
1933
1932
1931
1930
1929
1928
1927
1926
1925
1924
1923
1922
1921
1920
1919
1918
1917
1916
1915
1914
1913
1912
1911
1910
1909
1908
1907
1906
1905
1904
1903
1902
1901
1900

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARY
ANN ARBOR, MICHIGAN
48106-1000

1987



TRABALHOS

DE

Antropologia e Etnologia

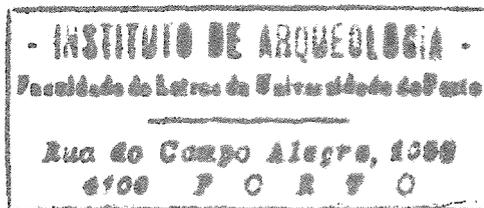
Publicação da

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXIII — FASC. I

SUBSIDIADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL
E PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

17. ABR. 1983



PORTO

Sede da Sociedade: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DR. MENDES CORRÊA
UNIVERSIDADE DO PORTO

Novos elementos da remota zoolatria em Trás-os-Montes

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. jub. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

No trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Trás-os-Montes*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. xxii, fasc. 4.º, págs. 353 a 515, 31 desenhos e LIII Est. com figs. 32 a 131, estudámos e publicámos um total de 49 berrões proto-históricos, encontrados em Trás-os-Montes e na Beira Douro confinante.

Este número, quase meia centena, muitos deles achados em castros, levou-nos a emitir a hipótese de se poder considerar a *cultura dos berrões* como uma notável manifestação espiritual de veneração zoolátrica, com remotas e fortes raízes implantadas nos castros trasmontanos, e, muito possivelmente, atribuível à tribo pré-céltica dos *Draganos*.

O Sr. Elísio Óscar Capelas de Avelar, proprietário em Freixo de Espada-à-Cinta, que sempre foi excelente companheiro, e guia, nas pesquisas que várias vezes fiz ao *Castro do Monte de Santa Luzia*, escreveu-me em fins de 1974 a comunicar o aparecimento de alguns pedaços de porcos de pedra encontrados na *Coraceira*, terrenos circundantes e anexos ao *Castro do Monte de Santa Luzia*, que fica a um pouco mais de 1 km a norte de Freixo.

Esses destroços tinham aparecido ao lavrar os terrenos da *Coraceira*, e os lavradores tinham-nos posto à borda dos campos.

Na companhia do Sr. Elísio Capelas Avelar ali fomos em 1 de Março de 1975 e apanhámos os novos achados.

A eles aludi no final do meu trabalho acima referido em nota da pág. 515.

São sete os novos achados, a saber: 2 berrõezinhos mutilados, 2 focinhos de porcos, 1 troço cilindróide, possivelmente a metade posterior do corpo de outro berrãozinho e 2 pedras estranhas de interpretação embaraçosa.

Confirmou-se a previsão, que formulei, do provável aparecimento de mais berrões ⁽¹⁾.

Na Quinta de Santiago, termo da freguesia de Ligares, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, aparecera em 1935 um tourinho de pedra que o então proprietário da quinta, Sr. Artur de Almeida Guerra, ofereceu ao Museu de Bragança. Ali o fui estudar e o publiquei nas págs. 418 a 420 do trabalho acima citado.

Ultimamente tive conhecimento de que na Quinta de Santiago, aparecera mais um berrãozinho inteiro. Ali o fui ver e fotografar. Conserva-se em cima duma parede sujeito a ser quebrado pelo primeiro rústico, que sonhe três noites a fio que o berrão encerra no ventre um tesouro.

Ocupar-nos-emos, embora sumariamente, dos 7 novos achados da *Coraceira*, do berrãozinho de Santiago, e, por fim, dos animais, possivelmente lobo e raposa, existentes nos cunhais duma velha casa da rua das Carcavelhas, em Mairós, concelho de Chaves.

⁽¹⁾ Fui informado de que na freguesia de Água Revés e Crasto, do concelho de Valpaços, existia mais um berrão incorporado numa parede. Esta informação vinha confirmar o que o Padre Carvalho da Costa escreveu na sua *Chorographia Portuguesa*, Lisboa, 1706, T. I. «Na Vila de Agua Revez está uma pedra com a forma de um urso». Em Maio de 1977 fui procurá-lo. Ninguém ali me deu sinais de tal berrão. A menos que tenha sido estilçado, é bem possível que um dia venha a ser achado.

OS NOVOS BERRÕES DA CORACEIRA

1 — Comecemos pelo berrãozinho, a que faltam a cabeça, cortada cerce pela raiz do pescoço, e as extremidades dos membros, se é que as chegou a ter (Fig. 1 e Est. I, Fig. 9).

Foi achado no cabeço da Coraceira, a sw do Monte de Santa Luzia.

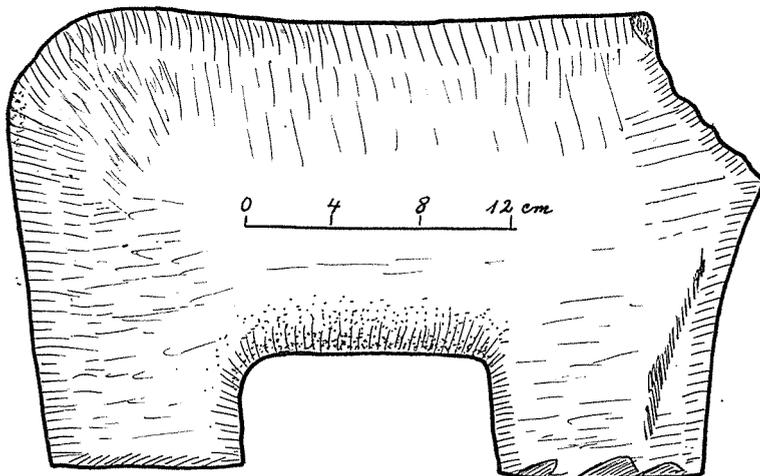


Fig. 1 — Berrãozinho do Cabeço da Coraceira a SW do Castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta).

Está bastante bem modelado, em granito de grão fino; tem 33 cm de comprimento, 20 cm de altura, no aprumo das patas posteriores, e 21 cm no aprumo das anteriores. Perímetro nas virilhas 48,5 cm e nas axilas 47,5 cm.

Na traseira não se nota nem ânus nem indicação de sexo.

Trata-se sem dúvida de um porquinho, infelizmente mutilado.

2 — Berrão em granito de grão fino, achado no Cabeço da Coraceira, a sw do Castro do Monte de Santa Luzia. Está bastante mutilado do lado direito (Est. II, Figs. 10 e 11). Do

lado esquerdo está mais perfeito, tendo na anca três sulcos com 2 a 3 cm de comprimento, quase paralelos, dois dos quais foram avivados pelos achadores.

Deste lado esquerdo tem, bem nítido, um saliente, oblíquo de baixo para cima e de diante para trás, seguido de goteira, que marca, por assim dizer, a linha que separa o pescoço da espádua.

Faltam-lhe as patas.

Tem na traseira uma grande cova em concha, com 7 cm de altura por 5 a 5,5 cm de largura.

No focinho não se lhe distingue nem boca nem olhos.

Tem de comprimento 24 cm, altura no aprumo das patas anteriores 13 cm e no das posteriores 15 cm. Perímetro a meio da curvatura abdominal 38,5 cm.

3 — Grande focinho de porco de granito de grão fino, também aparecido no cabeço da Coraceira a sw do Monte de Santa Luzia.

Tem de comprimento, entre verticais, 42 cm, e de altura mede 24 cm. Perímetro da linha do pescoço 65,5 cm, e perímetro do focinho 32 cm.

O lado esquerdo é muito mutilado e um tanto aplanado.

O lado direito (Fig. 2 e Est. III, Figs. 12 e 13) está, praticamente, íntegro.

Na ponta do focinho notam-se as duas narinas, a esquerda ligeiramente mutilada no seu bordo superior.

Boca bem rasgada, estendendo-se pelo lado direito num sulco de cerca de 10 cm, sobreposto por um grande dente canino, que parece nascer da queixada inferior (javali?). Na frente o sulco bucal é menos marcado e em parte mutilado.

No quarto posterior avulta um saliente em cordão, oblíquo de baixo para cima e de diante para trás, seguido de goteira, especialmente marcada na parte superior, goteira que parece indicar a linha do pescoço.

4 — Focinho de porco de granito de grão fino, roliço, com ligeira crista na linha superior do plano sagital, aparecido

no cabeço da Coraceira a sw do Monte de Santa Luzia (Ests. iv e v, Figs. 14 e 15).

Comprimento entre verticais 14,5 cm.

Altura máxima no plano de fractura 14,5 cm.

Plano anterior do focinho quase circular, com 11,5 cm de diâmetro vertical e 10,5 cm de diâmetro transversal. Narinas bem marcadas, ligeiramente assimétricas, a esquerda um pouquinho maior e um pouco mais acima da direita, como mostram as fotografias das Ests. iv e v, que dispensam um desenho.

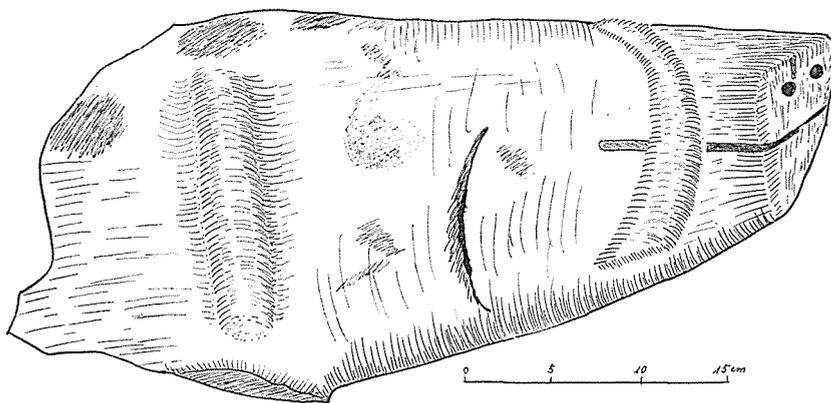


Fig. 2 — Focinho de porco ou de javali, do Cabeço da Coraceira, a SW do Castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta).

Boca marcada por um sulco, mutilado no extremo do lado direito, mutilação que se estende ao bordo do focinho.

A superfície deste focinho é bem alisada com a ligeira crista mediana referida.

Esta pequena porção de focinho, que se pode dizer apenas ponta do mesmo, pelo seu perfeito modelado, deve ter pertencido a uma cabeça cuidadosamente esculpida.

Se pertenceu a animal de corpo inteiro, este devia ser relativamente grande e um esplêndido porco de pedra.

5 — Troço cilindróide de granito de grão fino, com 18,5 cm de comprimento e 17 cm de altura: as larguras são 11,5 na parte

posterior e 15 cm na superfície de fractura anterior (Figs. 3 e 4 e Est. vi, Figs. 16 e 17).

A Fig. 17 da Est. vi mostra a face que parece ser a traseira. Está muito mutilada, tem de altura 16,5 cm e de largura 11,5 cm.

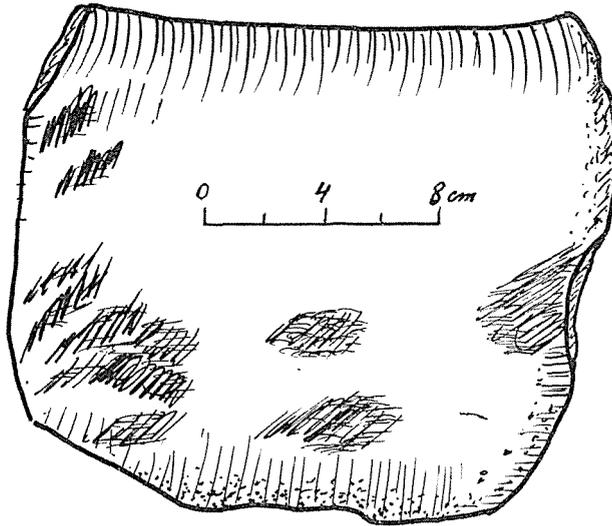


Fig. 3 — Troço da posição posterior de um berrãozinho, visto de perfil, com várias manchas de mutilações.

Este destroço da porção posterior de um pequeno berrão tem o lombo bem arredondado e liso e os lados abaulados.

A face inferior tem dois sulcos grandes e um mais pequeno de picotado feito a ponteiro.

Esta superfície inferior, aplanada, deve corresponder, na maior parte, ao plano de fractura que lhe decepou as patas posteriores.

As mutilações da traseira originaram duas pequenas covas. Não se nota nem ânus nem vestígios de órgãos sexuais, que provavelmente não teriam sido esculpados.

Parece, pois, tratar-se da porção posterior do corpo de um berrãozinho.

6 — Peça estranha de granito de grão fino foi achada a cerca de duas centenas de metros do cabeço da Coraceira, em terreno também chamado Coraceira, mas a sul do Monte de Santa Luzia.

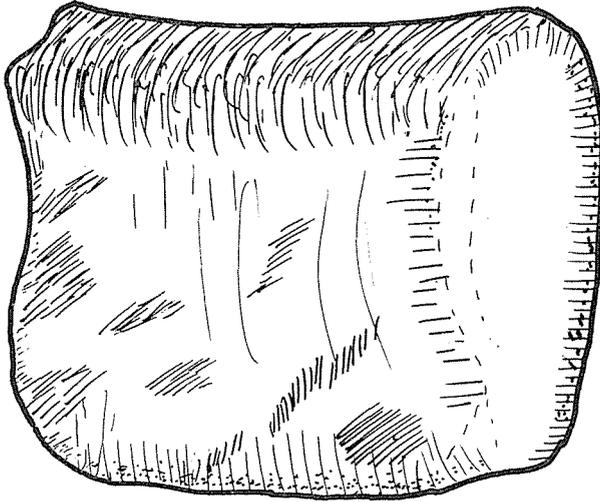


Fig. 4 — Desenho da pedra da figura anterior, mostrando o topo posterior e o lombo abaulado.

A pedra tem forma sensivelmente rectangular com 34 cm de comprimento por 32 cm de maior altura, e espessura ântero posterior de 22 a 25 cm.

O desenho esquemático (Fig. 5), e as fotografias, da Est. VII, Fig. 18, mostram a existência de um arco inferior, com face ou rebordo granulado em picotado grosseiro, feito no entanto com certa regularidade.

Por cima vê-se um rebaixo de cerca de 1,5 cm que bordeja e cobre um friso decorativo formado por cerca de 20 pequenas arcaturas.

A outra face é, na maior parte, aplanada tendo na porção anterior um rebaixo com cerca de 5 cm de desnível.

7 — Outra peça estranha e de interpretação embaraçosa vai representada no desenho da Fig. 6 e na fotografia da

Est. VII, Fig. 19, também aparecida no cabeço da Coraceira, a sw do Monte de Santa Luzia.

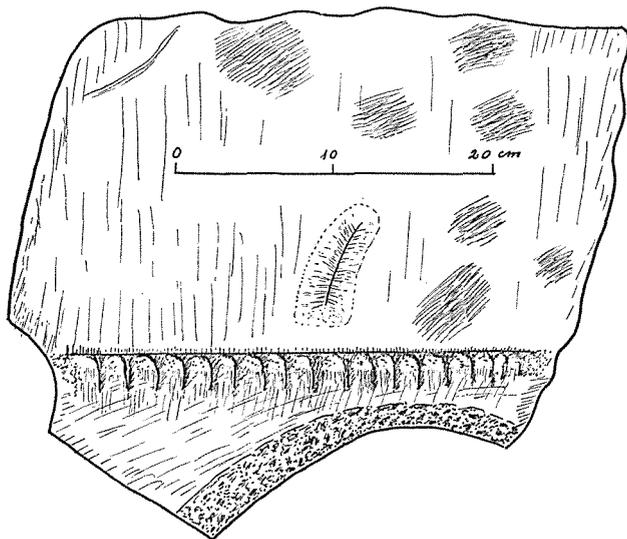


Fig. 5 — Desenho esquemático da pedra da Coraceira a Sul do Monte de Santa Luzia.

É pedra de granito de grão fino, com 26 cm de comprimento por 17 cm de altura máxima. O perímetro da ponta da porção cilindróide é de 37,5 cm e para trás aumenta para 42 cm.

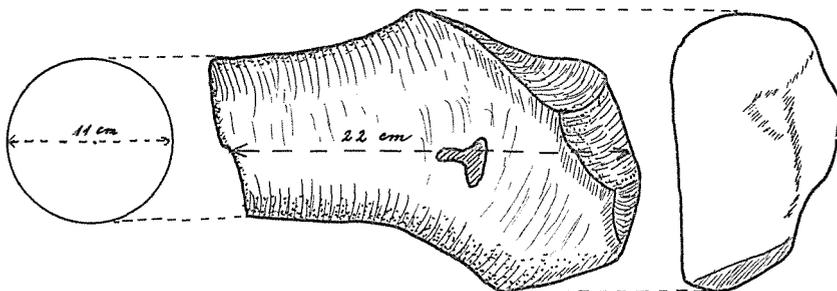


Fig. 6 — Pedra de granito de grão fino, de interpretação embaraçosa, e cujo significado deixamos em suspenso.

É embaraçoso atribuir significado a esta pedra.

A metade esquerda é cilindróide bem lisa, o que denota cinzelagem cuidada. Faz lembrar o corpo roliço dum porquinho de pedra. Mas pode também ser, talvez, uma porção de focinho a que se teria quebrado a ponta. Neste caso a outra parte mais volumosa poderá ser uma porção da cabeça esmucada por ablação de grandes lascas, que deixaram uma superfície quase circular e côncava com 9,5 cm de diâmetro.

De qualquer modo a interpretação desta pedra é embaraçosa e custa considerá-la como verdadeiro destroço de berrão.

BERRÃOZINHO DA QUINTA DE SANTIAGO (Freixo de Espada-à-Cinta)

Na Quinta de Santiago, termo da freguesia de Ligares e concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, propriedade do Sr. Almirante Sarmiento Rodrigues, António Júlio Carapuça Pires, hoje com 15 anos, disse-me que teria os seus 8 anos quando, na Choupada, à borda da Ribeira que atravessa a quinta, encontrou o porquinho de pedra e o trouxe para casa. Depois fixou-o com cimento no cimo duma parede e pôs-lhe na frente do focinho uma pequenina pia (Est. VIII, Figs. 20 e 21).

Em 30 de Março de 1976 na companhia do Sr. Elísio Capelas Avelar fomos ver o porquinho.

É um berrãozinho bem cinzelado, sem peanha e sem qualquer mutilação. Está íntegro, não mostra sinais de desgaste por rolamento em arraste pela corrente da Ribeira em maré de trovoada chuvosa, que levasse a pensar que o porquinho tivesse vindo, de mais ou menos longe, arrastado pela torrente.

Por isso, é mais de crer que seja de origem local. Talvez tenha aparecido na surribe de plantação duma vinha na Choupada, no sítio da Capela, sítio que fica à margem da Ribeira, e é assim chamado por ali ter havido uma capela consagrada a S. Tiago.

O berrãozinho é de granito de grão fino.

Registe-se que no termo da freguesia de Ligares não há granito. Naquelas redondezas só há granito em Freixo de Espada-à-Cinta, em frente à barragem de Saucelhe, e, fora do termo de Freixo, em Escalhão, no Souto da Velha e em Bruçó.

O berrãozinho tem de comprimento 31 cm. A altura no aprumo das patas anteriores é 14 cm, e no aprumo das posteriores um pouquinho mais, 14,5 a 15 cm.

Perímetros: nas axilas 30 cm, nas virilhas 32 cm.

O berrãozinho é de superfície lisa, bem cinzelado com o focinho roliço, sem se lhe distinguir, nem boca, nem narinas, nem olhos.

A parte posterior é roliça e um tanto proeminente.

Tem esboço de crista raquidiana, mais acentuada no alto da nuca.

Na face ventral apresenta na linha média, junto das virilhas, um saliente que pode ser considerado como o forro peniano.

Deve tratar-se de um macho, um berrãozinho, embora a traseira não mostre as típicas proeminências testiculares. Também não tem ânus.

O achador do porquinho, António Júlio Carapuça Pires, de 15 anos, que frequenta o curso liceal em Freixo, prontamente se dispôs a ceder o berrãozinho para ser resguardado em museu, porém a mãe, que entretanto chegou, opôs-se tenazmente a que o porquinho dali saísse.

Lá está, à espera de ser recolhido num Museu, onde é o seu devido lugar.

AS DUAS ZOOMORFIAS DE MAIROS (Chaves)

O Abade de Baçal, a pág. 545 do Vol. ix das suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, informa que, em Mairos, freguesia do concelho de Chaves, que faz fronteira com a Galiza, e fica a 16 km de Chaves, na casa da família Aires, na rua das Carcavelhas, «há metidos na parede, junto ao cimo, duas esculturas representando quadrúpedes no tipo dos porcos».

Delas me ocupei a pág. 396 do meu trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Trás-os-Montes*, cit., no capítulo «Os dois porcos (?) de pedra de Mairos». Já então pressentia que as esculturas não fossem de porcos, como depois tive ensejo de verificar quando pude ir a Mairos.

O Abade de Baçal diz que aquela casa lhe serviu de residência paroquial durante os sete anos (1889 a 1896) que parouquiou Mairos, e lhe disseram que aqueles quadrúpedes foram encontrados no sítio da Tróia.

Este sítio, que em 1934 visitei com o Prof. Mendes Correia e com o dedicado companheiro e amigo Rui de Serpa Pinto, é o Castro da Tróia, que, então, ainda tinha muralhas razoavelmente conservadas e onde colhemos alguns pedaços de cerâmica tipicamente castreja.

Em 27 de Outubro de 1975 pude ir a Mairos ver os tais «quadrúpedes do tipo dos porcos». Acompanharam-me, desde Chaves, o Sr. Padre Adolfo Magalhães e o estudante Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro.

Não se trata de esculturas de porcos, mas sim de animais diferentes, que o povo de Mairos considera, e com alguma razão, *lobo* e *raposa*.

Tais esculturas estão incorporadas no alto dos cunhais da casa ⁽¹⁾ perto do beiral do telhado (Est. ix, Figs. 22 e 23).

Um deles, o considerado *lobo*, está implantado no cunhal sobranceiro à escada de pedra que leva ao primeiro andar, e estava em parte encoberto pela folhagem de uma videira. (Figs. 23 e 25 das Est. ix e x).

Na outra esquina (Est. x, Fig. 26) está metida no cunhal a pedra com o animal esculpido que parece uma *raposa*.

Com uma escada, prontamente cedida, pude observar de perto e fotografar as duas pedras.

(1) O verraco de pedra da citânia do Monte de Santa Tecla, La Guardia, Galiza, segundo informação do ilustre galego e meu querido amigo D. Luis Bouza-Brey, está cravado na parede de uma casa, próximo do cunhal, a uns 70 ou 80 cm do chão.

A pedra de granito, que termina pela cabeça e parte dianteira do corpo do animal considerado *lobo*, está metida na parede e a faciá-la numa extensão de 45 cm, a que se segue a parte esculpida que salienta cerca de 30 cm, e representa a metade anterior do animal.

Como o desenho da Fig. 7 e a Est. x, Fig. 25 bem mostram, a cabeça é um tanto globosa, com olhos bem marcados e boca amplamente rasgada até atrás dos olhos. Não se lhe distinguem orelhas.

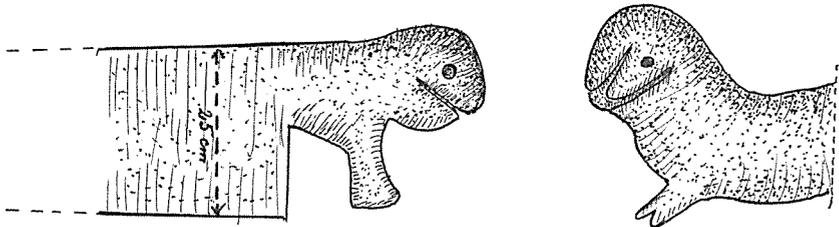


Fig. 7—Os dois lados da escultura zoomórfica que o povo de Mairós interpreta como representando um lobo.

No outro cunhal, como a Fig. 23 da Est. ix e a Fig. 26 da Est. x, bem mostram, salienta-se a cabeça e parte anterior do corpo da considerada *raposa*.

É escultura feita de granito e mede, desde a ponta do focinho até à extremidade da cauda, 94 cm. Tem olhos grandes, bem marcados, com 3,5 cm de diâmetro; boca, no início com 4 cm de abertura, amplamente rasgada até atrás dos olhos; queixo parcialmente mutilado bem como a pata anterior esquerda (Fig. 8 e Est. x, Fig. 24).

A porção posterior do animal está esculpida em relevo.

A cauda mede 40 cm de comprimento, tem no meio 5 cm de largura e termina adelgaçando para 3,5 cm.

Não tem pois a característica da cauda da raposa, que é farta e empenachada.

O ventre é arredondado, ou, melhor, abaulado, como animal em estado de prenhez.

A escada não era suficientemente alta para me permitir tirar medidas à cabeça.

O desenho da Fig. 8 e a Fig. 24 da Est. x mostram todo o animal e a fotografia mais a parte que salienta do cunhal.

De qualquer modo a impressão que se colhe é de que provavelmente se trata da representação de uma raposa.

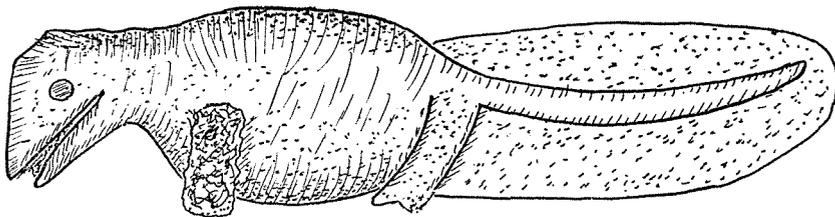


Fig. 8 — Escultura zoomórfica que o povo de Mairos considera como representando uma raposa.

São duas esculturas zoomórficas bem diferentes das estátuas dos porcos e touros, pelo que não podem considerar-se como berrões, mas nem por isso deixam de ter grande interesse arqueológico. Há que cuidar da sua defesa *in situ*, ou então recolhê-las ao Museu de Chaves. Informaram que havia pouco tempo ali apareceu um homem que ofereceu 5 000\$00 por cada uma daquelas pedras.

Disseram ao Abade de Baçal, na última década do século passado, que aqueles «quadrúpedes» foram encontrados no sítio da Tróia. Ora a Tróia é um grande castro que visitámos, como já disse, em 1934.

Trata-se portanto de duas zoomorfias castrejas.

Se de facto são representação de lobo e de raposa, pode pôr-se a hipótese de estas duas pedras terem pertencido a um curral em cujas paredes estivessem incrustadas, de cabeças salientes, como símbolos míticos protectores dos gados.

Ainda neste caso tudo leva a poder considerar estes dois animais como mais um documento a atestar o florescimento espiritual do culto zoolátrico em Trás-os-Montes.

CONCLUSÕES

No grupo das sete pedras aparecidas na Coraceira, terrenos circundantes e anexos ao Castro do Monte de Santa Luzia, há, como vimos, 2 berrãozinhos mutilados, 2 focinhos de porcos, um troço da metade posterior de outro berrãozinho e duas pedras estranhas de interpretação difícil e cujo significado deixamos em suspenso.

Aos 49 berrões indicados na Fig. 1, pág. 355 do trabalho citado *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, há que tirar dois, os de Mairós, o que reduz o número 49 para 47. Juntando-lhe os 5 novos berrões da Coraceira e o berrãozinho da Quinta de Santiago temos pois o total de 53 berrões.

Dado este grande número de berrões, mais de meia centena, a quase totalidade é de Trás-os-Montes, pois só 4 é que são da Beira Trasmontana, é lícito considerar a nossa tão castiça província de Trás-os-Montes como um importante núcleo do florescimento espiritual do culto zoolátrico, e até, possivelmente, como um centro de criação da cultura dos berrões.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
10 de Novembro de 1976

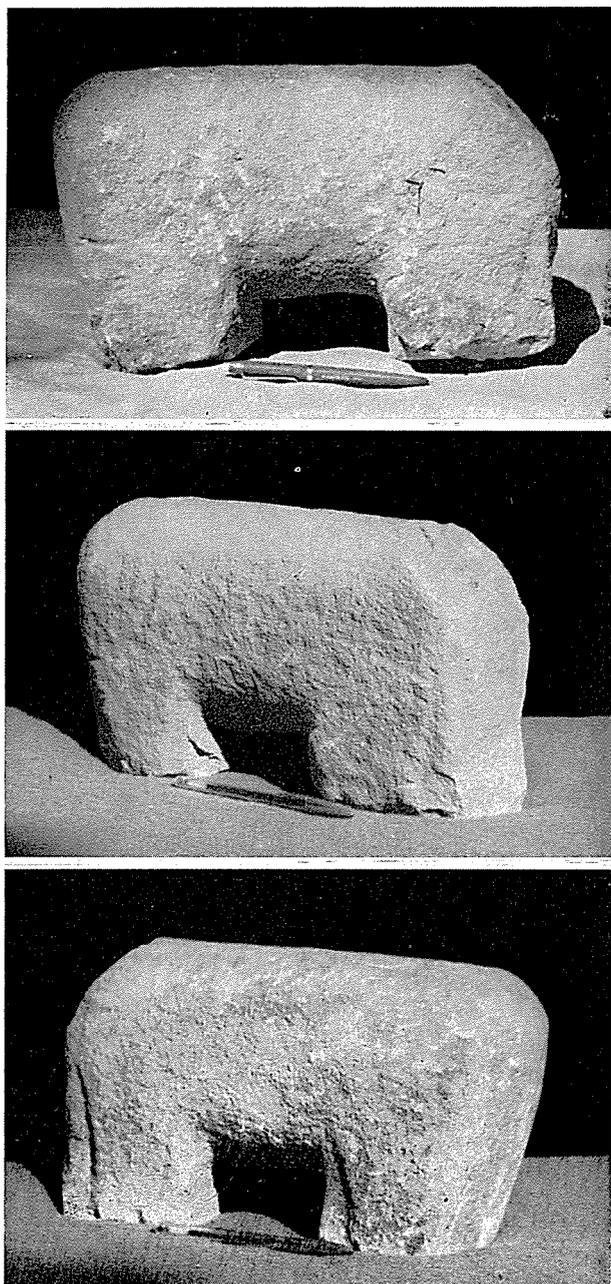


Fig. 9 — Berrãozinho do Cabeço da Coraceira a sw do Castro do Monte de Santa Luzia. A caneta das 2 fotografias inferiores mede 14,5 cm.

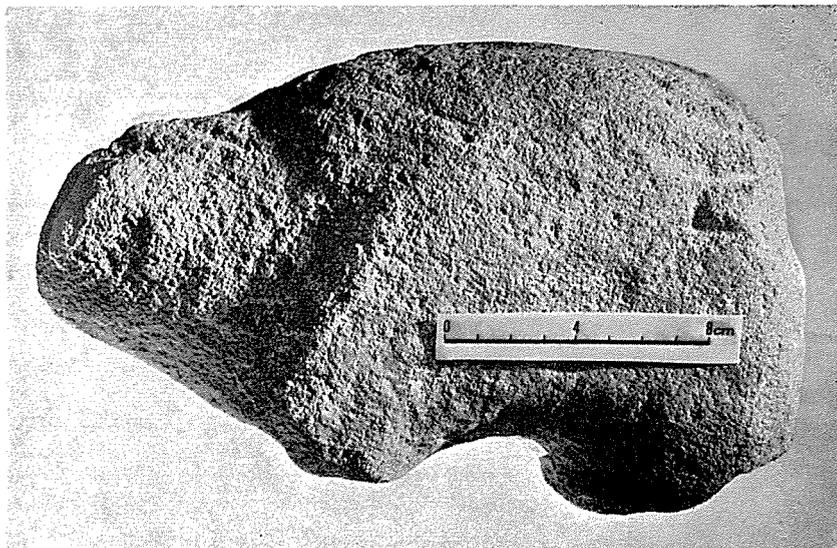


Fig. 10 — Berrãozinho do Cabeço da Coraceira.

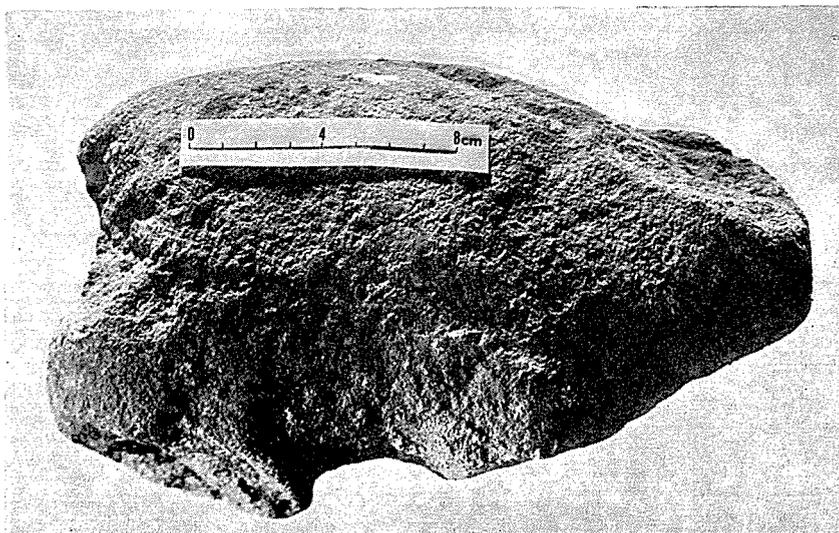


Fig. 11 — O berrãozinho da Fig. anterior visto do lado direito. Na traseira nota-se a curvatura de escavação em concha.

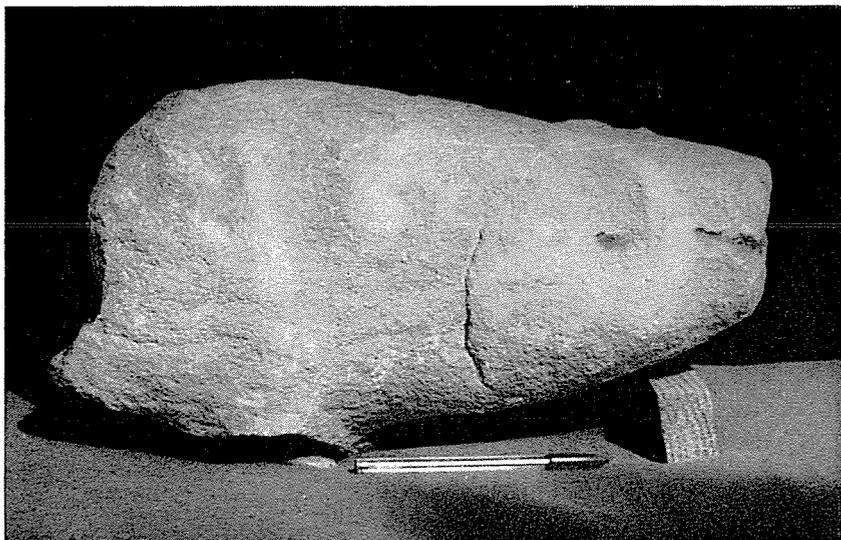


Fig. 12 — Focinho de porco achado no Cabeço da Coraceira a sw do Castro do Monte de Santa Luzia. A caneta mede 14,5 cm.

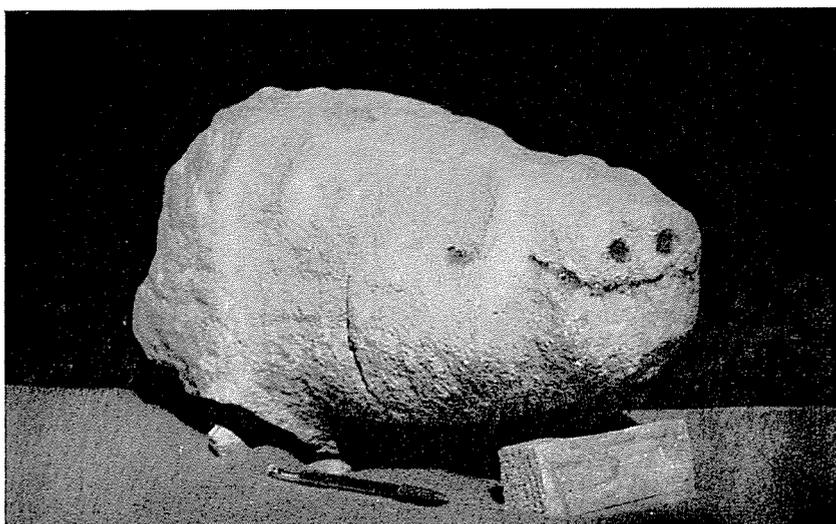


Fig. 13 — Outro aspecto do focinho da figura anterior.

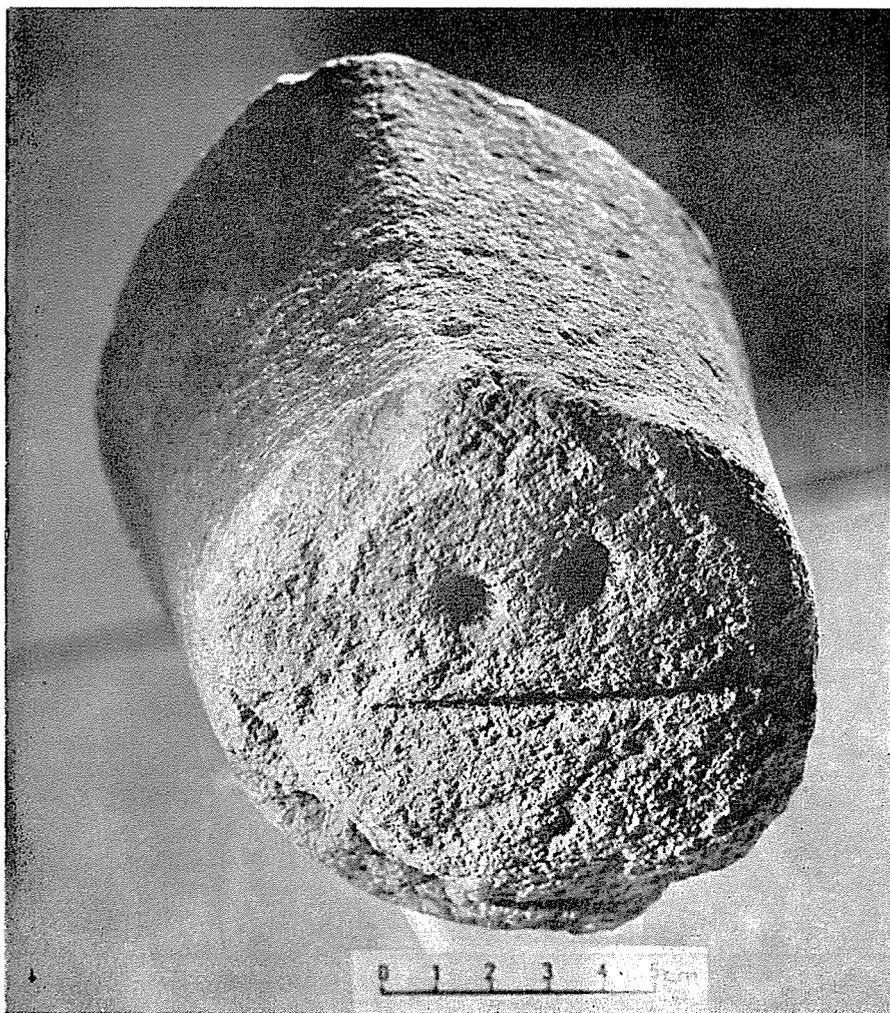


Fig. 14 — Focinho de porco achado no Cabeço da Coraceira a sw do Castro do Monte de Santa Luzia.

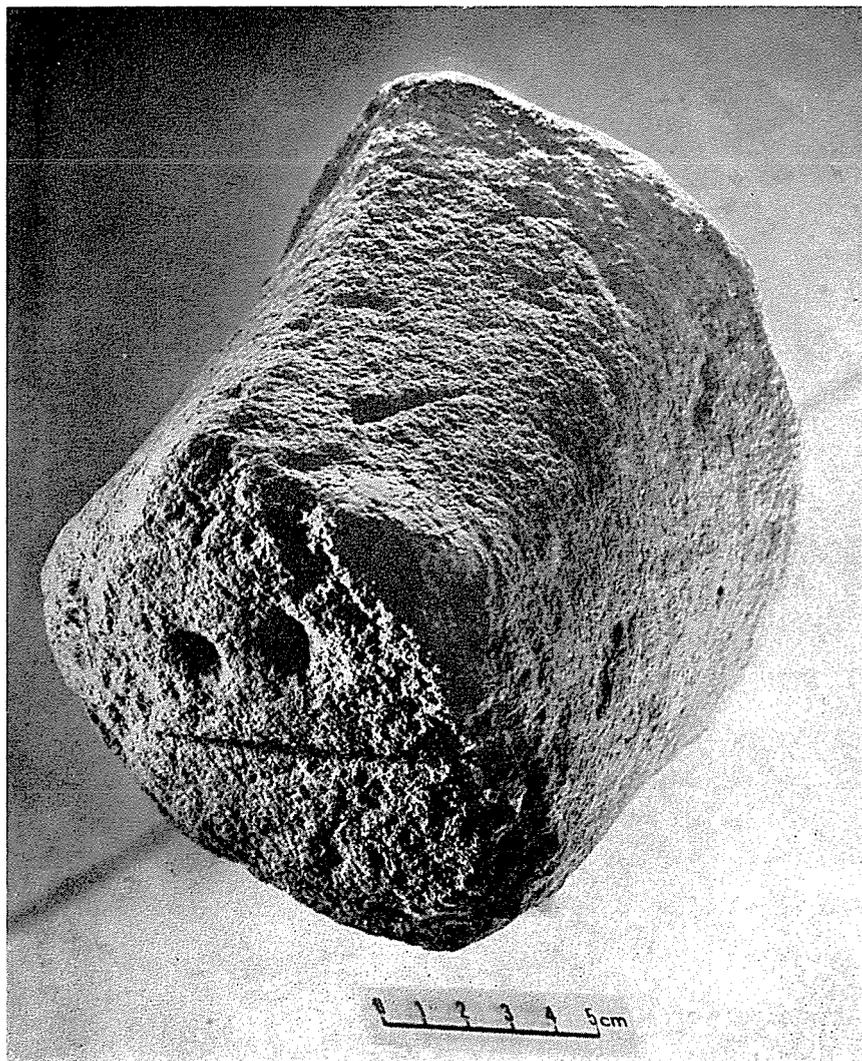


Fig. 15 — Outro aspecto do focinho da figura anterior, realçando a mutilação do bordo esquerdo do focinho.

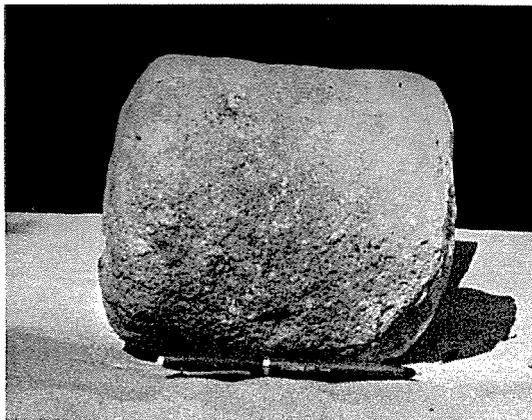


Fig. 16 — Troço cilindróide da parte posterior dum berrãozinho achado no Cabeço da Coraceira a sw, do Castro do Monte de Santa Luzia.

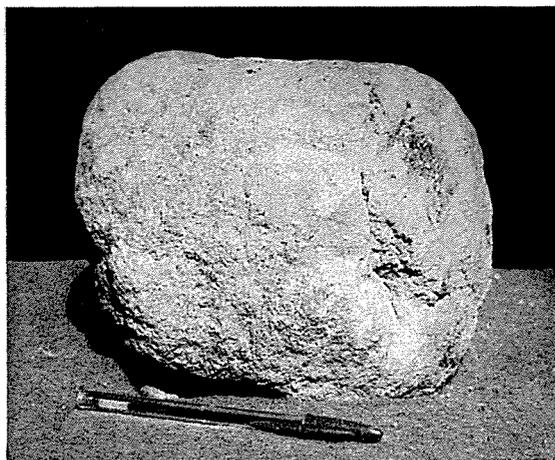


Fig. 17 — Outro aspecto da figura anterior mostrando as mutilações na traseira. A caneta mede 14,5 cm.

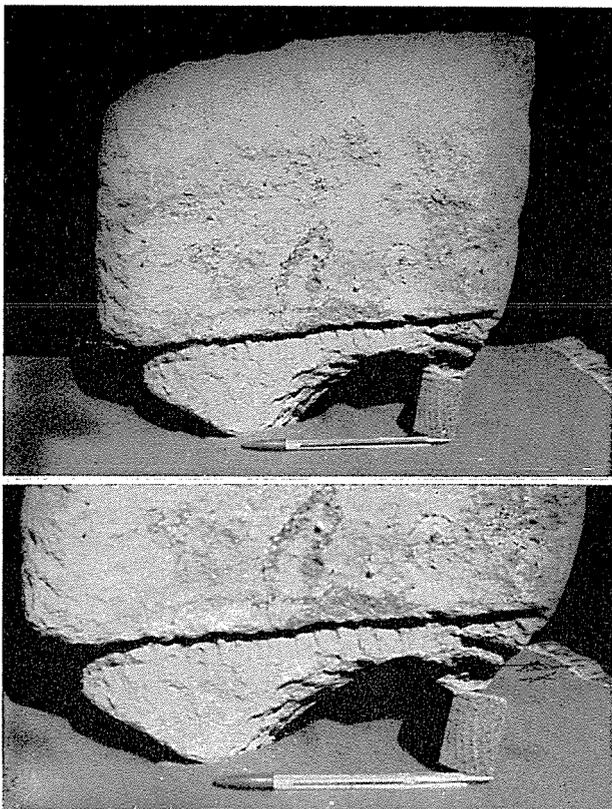


Fig. 18 — Pedra estranha achada na Coraceira a Sul do Castro do Monte de Santa Luzia com 34 cm de comprimento por 32 cm de altura máxima. A caneta mede 14,5 cm.

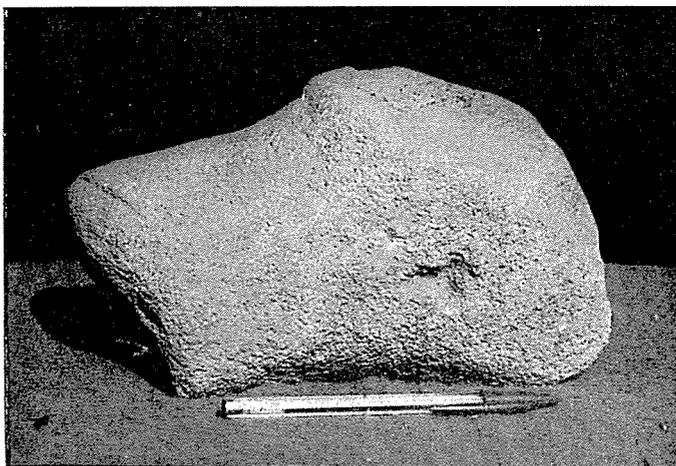


Fig. 19 — Pedra estranha, que, apesar da parte cilindróide, com 39 cm de perímetro, dificilmente se enquadra na morfologia porcina. Achada no Monte da Coraceira a sw do Castro do Monte de Santa Luzia.

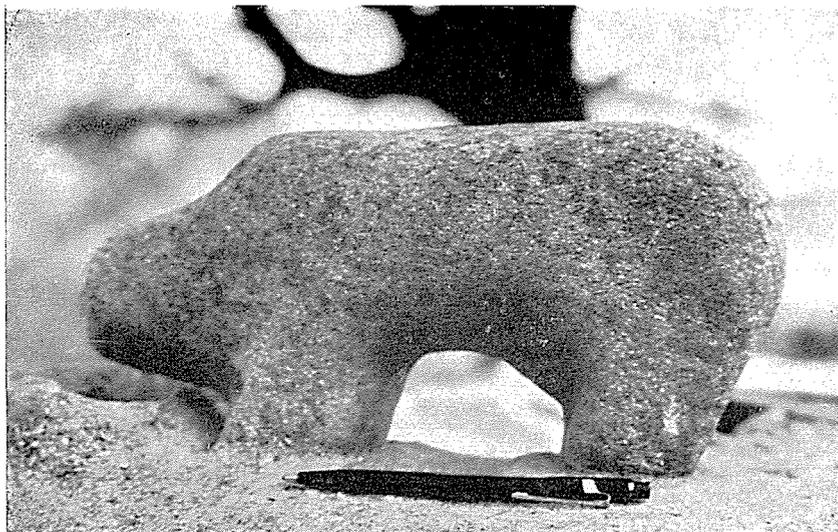


Fig. 20 — Berrãozinho da Quinta de Santiago, aparecido na Choupada, margem da Ribeira que atravessa a quinta.

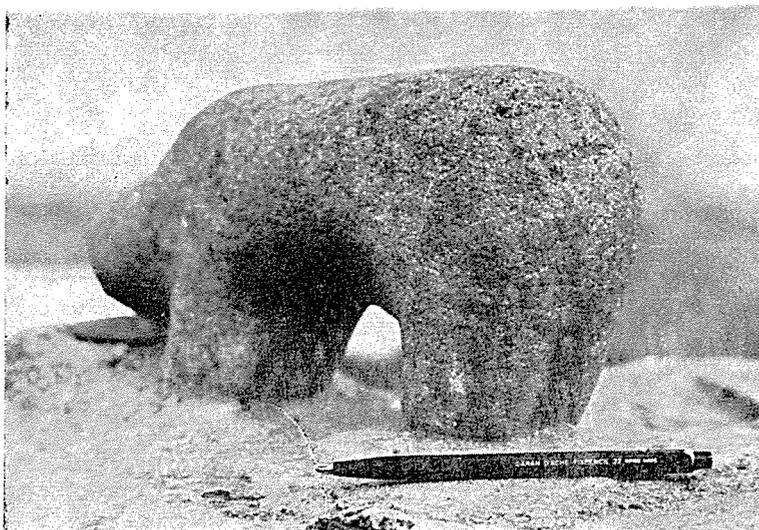


Fig. 21 — Outro aspecto do berrãozinho da figura anterior mostrando a goteira da separação das patas posteriores.



Fig. 22 — A casa da família Aires na rua das Carcavelhas. No alto dos cunhais estão implantadas duas pedras representando possivelmente lobo e raposa, como são interpretadas pelo povo de Mairós, e com alguma razão de ser.



Fig. 23 — Fachada da casa da figura anterior, mostrando no cunhal do primeiro plano a folhagem da videira que tapa a escultura do lobo, e, no outro cunhal, salienta, a cabeça do animal considerado como raposa.



Fig. 24 — Escultura de quadrúpede de grande cauda que tem sido considerada como representando uma raposa.



Fig. 25 — Cabeça e parte anterior da escultura que tem sido considerada como de lobo.



Fig. 26 — Cabeça e parte anterior da escultura que tem sido considerada como de raposa.

O Castro de Curalha

2.^a e 3.^a campanhas de escavações
1975 e 1976

POR

P.^e Adolfo Magalhães, Dr. Adérito Medeiros Freitas
e Prof. J. R. dos Santos Júnior

— «...Durante cerca de mil anos (entre os séculos VII a.C. e II da nossa Era) com apogeu nos últimos tempos da Idade do Ferro, existiu, em vasta área do Noroeste Peninsular, a cultura chamada «castreja», cujo limite meridional se situa nas margens do rio Vouga e que derivou duma expressiva combinação de vagas pós-hallstáticas com o fundo indígena de atardado Bronze Atlântico».

Prof. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Situado, apenas, a 5 km da cidade de Chaves, no cimo de uma colina sobranceira ao rio Tâmega, de fácil acesso e a pequena distância da estrada de Chaves a Braga, o castro de Curalha, a que o povo chama «Castelo», oferece, pelas suas características, a oportunidade de uma magnífica lição de cultura castreja neste Noroeste Peninsular.

Depois da sua primeira visita àquelas venerandas ruínas, o MESTRE sapiente que foi José Leite de Vasconcelos, apon-
tou-as como «*página eloquente da cultura castreja*».

Na verdade, empolga o nosso espírito todo o conhecimento relativo à vida rudimentar dos povos que nos precederam na região que ora habitamos. A satisfação desta curiosidade natural exige, da nossa parte, um estudo sistemático de todos os vestígios que ali deixaram os nossos antepassados, muitos dos

quais ainda dormem, há séculos, no subsolo daquelas vertentes. Desentulhá-los, interpretá-los, fazer reconstituições prováveis e sentir, ali, naquele amontoado fragmentado, o modo de vida desses nossos antepassados, é ler um dos capítulos mais fecundos desse passado longínquo e espicaçar a nossa ânsia de saber.

Todavia, o castro de Curalha foi bem delapidado, até pela Junta de Freguesia, em tempos não muito distantes. Cremos que não actuaram de má fé; eles ignoravam que estavam a destruir, talvez, páginas da sua própria história e ninguém lhes chamara a atenção para isso. O castro oferecia-lhes, ali à mão, aparelhada, a matéria-prima de que necessitavam para as suas construções e, eles, não recusaram essa oferta. Hoje, não a aceitavam! Hoje, o povo de Curalha guarda e estima aquelas ruínas. Hoje, e finalmente, o povo de Curalha tem pelo «seu castro» o carinho que durante tantos anos lhe tinha sido negado. Salvo uma ou outra pedra caída das muralhas e das paredes levantadas das casas postas a descoberto, todos os trabalhos realizados durante a campanha de 1974 se mantinham conservados.

Ao elaborar este relatório, não podemos deixar de recordar, com grande saudade, a falta do nosso amigo e colaborador, requerente connosco da respectiva autorização para a 1.^a campanha de escavações, que foi o Dr. Francisco Gonçalves Carneiro Júnior, falecido em Fevereiro de 1975. Ele foi o dedicado organizador da «Secção de Arqueologia» do Museu da Região Flaviense, onde vai dando entrada todo o espólio do castro de Curalha. Neste mesmo museu, durante uma singela mas expressiva homenagem dos seus numerosos amigos e admiradores, foi descerrada uma lápide comemorativa do 1.^o ano do seu falecimento.

Meios de que dispúnhamos na 2.^a campanha — 1975

«Dado que não nos foi possível, superiormente, a concessão de qualquer verba destinada à primeira campanha,

as escavações teriam ficado sem efeito se não fora a colaboração da Comissão Regional de Turismo de Chaves, que contribuiu com uma verba de 10 000\$00. Esperamos poder continuá-las em 1975, mediante uma ajuda dos serviços competentes» (1).

Efectivamente, e conforme as nossas intenções expressas no relatório da campanha de 1974, as escavações no castro de Curalha prosseguiram no mês de Agosto de 1975.

Não foi sem grande sacrifício, de dinheiro, tempo e esforços, que o grupo requerente se abalançou a realizar mais uma campanha de escavações.

Dispúnhamos, para o efeito, de uma pequena importância, resto da verba que nos fora concedida, no ano anterior, pela Comissão Regional de Turismo de Chaves. Magnífica colaboração foi-nos prestada pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Chaves, que pôs à nossa disposição um *jeep* para transporte, de manhã e ao fim da tarde, de pessoas e material. Esta atitude reflecte, sem dúvida, o grande interesse manifestado pelo seu presidente, Major Flávio Videira, na recolha de documentos arqueológicos que possam vir a contribuir para a reconstituição do passado histórico da famosa «Aquae Flaviae».

Nada se teria feito, porém, sem o entusiasmo e dedicação verdadeiramente excepcionais de um pequeno grupo de estudantes do ensino secundário, cujos nomes vão indicados neste relatório.

Duração da campanha

Não queríamos, de modo algum, quebrar a continuidade dos trabalhos. Se outro motivo não houvesse, bastaria o interesse e dedicação do grupo de estudantes pelo estudo das

(1) P.^o Adolfo Augusto de Magalhães, Dr. Francisco Gonçalves Carneiro e Dr. Adérito Medeiros Freitas, *Castro de Curalha — 1.^a Campanha de escavações 1974*, Braga, s. d., 20 págs. e 17 Figs.

civilizações «castreja» e «romana» de uma vasta região de que Chaves é o centro.

Os trabalhos, devido a todos os condicionalismos apontados, só se realizaram em escassos cinco dias, respectivamente, 18, 19, 20, 21 e 22 de Agosto.

Foram superiormente orientados pelo Prof. Dr. J. R. dos Santos Júnior, auxiliado pelo Padre Adolfo Augusto de Magalhães e Adérito Medeiros Freitas, todos requerentes da respectiva autorização.

Colaboraram, ainda, nesta 2.^a campanha de escavações:

Joaquim Augusto Caetano (pedreiro)
Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro (estudante)
Fernando José Magalhães (estudante)
João Manuel Xavier Araújo (estudante)
José Luís de Sousa Correia (estudante)
José Machado Ferreira Mangas (estudante)
Luís Manuel Xavier Guerra (estudante).

No último dia dos trabalhos estiveram ainda presentes os estudantes

Carlos Manuel da Costa Teixeira, e
Rui Jorge Xavier Guerra.

Trabalhos efectuados

Principiámos por colocar no lugar uma ou outra pedra caída das muralhas e muros das casas assinaladas no relatório da 1.^a campanha.

Os trabalhos de escavações propriamente ditos incidiram, porém, em duas zonas distintas do castro, previamente escolhidas:

- *Junto da porta de Sudoeste.*
- *Na zona central, junto do pinheiro manso.*

Trabalhos efectuados junto da porta de Sudoeste:

Neste sector, os trabalhos realizaram-se da parte da manhã. Da parte de tarde, e devido às temperaturas elevadíssimas que tivemos de suportar, os trabalhos prosseguiram no alto junto do pinheiro manso, cuja sombra nos protegia dos raios escaldantes do sol, permitindo-nos, assim, continuar as escavações nesta zona central do castro.

Todo o pavimento da porta do sw, constituído por terra e pedras de granito, algumas delas de grandes dimensões, encontrava-se levantado. Segundo informações de naturais de Curalha, teriam sido caçadores procurando retirar, de um buraco ali existente uma raposa.

Esta cavidade foi cheia, com pedras e terra, até à base da muralha que, aqui, assenta sobre massas graníticas na sua posição natural. De um e outro lado dos cunhais da muralha que limitam a porta, existem quatro cavidades de secção circular, pouco profundas, possivelmente apoios de uma porta ali existente (Fig. 1).

A reposição das pedras na muralha que ladeia a porta fez-se até cerca de 90 cm acima do nível conservado (Figs. 17, 18 e 19, Ests. II e III).

A muralha situada à direita da porta (quem sai) encontrava-se, internamente, em ruínas numa extensão de, aproximadamente, 4 metros, tendo sido por nós reconstruída desde a base (Figs. 18 e 19, Est. III. Neste trabalho de reparação da muralha fomos reconstituindo uma rampa de acesso à muralha ali existente. Esta, tem uma largura máxima, visível, de 1 m e mínima, na parte superior, de 80 cm (Fig. 1).

Espólio recolhido

Durante os trabalhos de limpeza e levantamento das pedras caídas junto da porta de sw, apareceram numerosos fragmentos cerâmicos de cor, espessura, forma e consistência diferentes:

- a) Numerosos fragmentos, alguns de boas dimensões, de telha caleira e de tijolo, espesso e de superfícies pla-

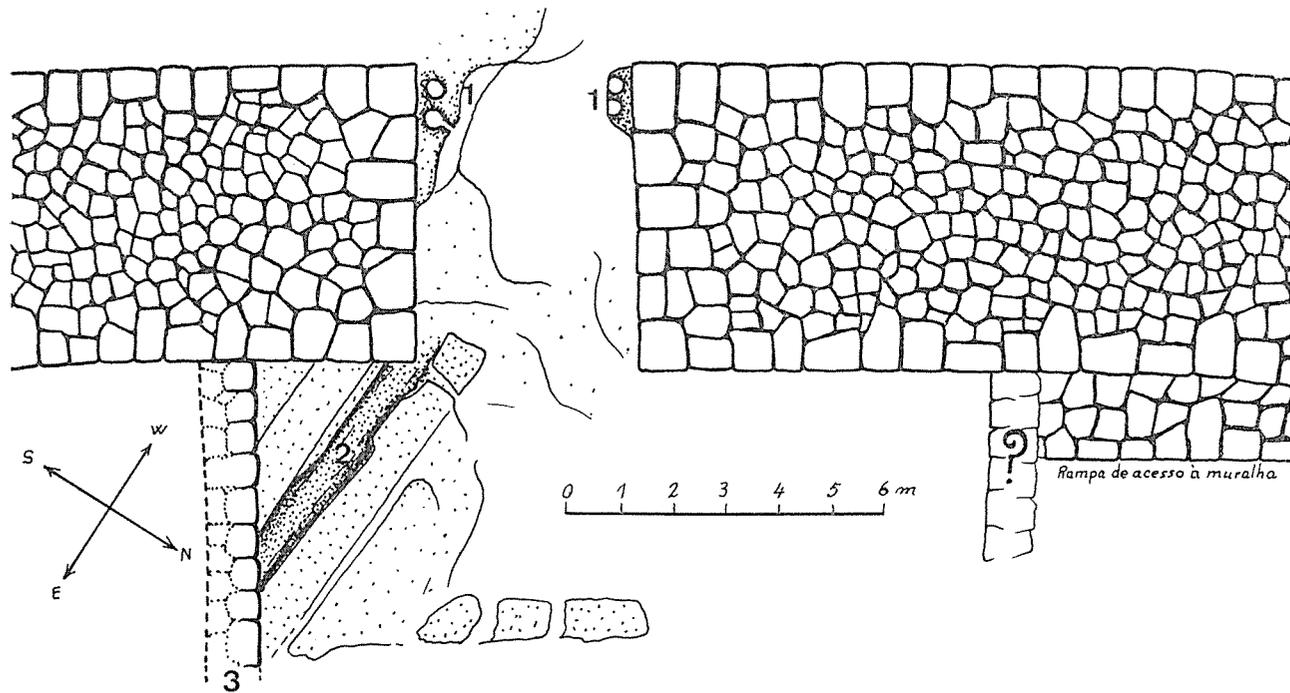


Fig. 1 — Planta esquemática assinalando os trabalhos realizados nas proximidades da porta do SW.
 1 — quatro cavidades circulares pouco profundas, a que se atribui o papel de apoio aos gonzos de portas; 2 — caleira pouco profunda que daria escoamento às águas das chuvas; 3 — parede (de casa?) a entestar na face interna da muralha.

nas e paralelas. A maior parte destes fragmentos possuíam cor castanha-avermelhada e muitos grãos de quartzo na sua composição.

- b) Um fragmento de um rebordo de vaso (Fig. 2 e Est. iv, Fig. 20), com 5 mm de espessura, ornamentado com numerosas pequenas depressões ovais situadas ao longo de uma saliência paralela ao rebordo da boca. Um pouco abaixo desta ornamentação encordoada, existe um pequeno orifício. O barro com que foi feita esta peça é abundantemente micáceo (moscovite) possuindo, em menor quantidade, pequenas areias de quartzo. Exteriormente é negro ou cinzento-escuro, mas internamente é de cor acastanhada.

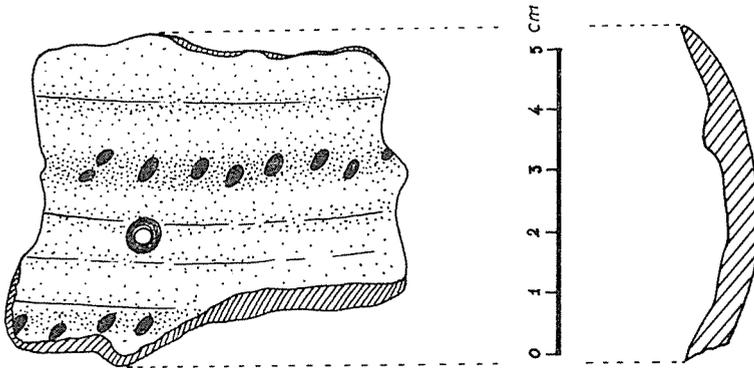


Fig. 2 — Fragmento cerâmico cinzento-escuro (rebordo de um vaso).

Numa tentativa para a reconstituição esquemática da boca deste vaso, obtivemos as seguintes medidas prováveis (Fig. 10) Diâmetro externo 10,3 cm; Diâmetro interno 9,5 cm.

- c) Um fragmento de outro vaso de barro, de cor castanha-avermelhada, com muitas mas pequeníssimas partículas de mica branca e algumas areias de quartzo, que, tal como no caso anterior, são de pequenas dimensões. Mede 11,5 cm de comprimento por 7,5 cm de largura

e uma espessura de 1,5 cm, o que, em relação ao fragmento anterior, lhe devia conferir notável resistência.

Os diâmetros prováveis da boca deste vaso, tal como está esquematizado na Fig. 9, são: Diâmetro externo, 15,2 cm; Diâmetro interno 12,1 cm.

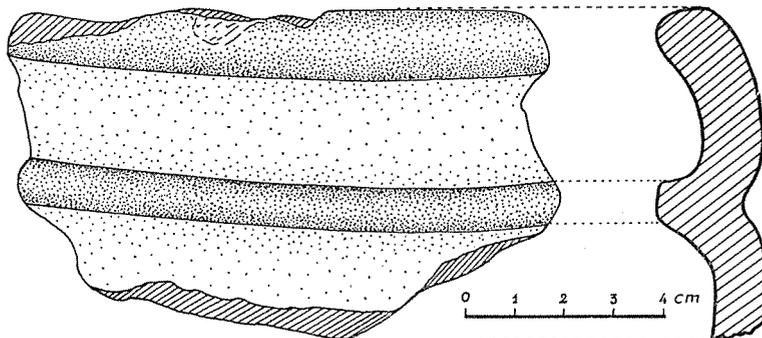


Fig. 3 — Fragmento cerâmico de cor avermelhada (rebordo de um vaso).

- d) Dois fragmentos também pertencentes a um outro vaso, cuja espessura varia entre 0,8 e 1,5 cm. Possuem cor levemente acastanhada e uma ornamentação que sobressai, paralela ao rebordo, semelhante a uma trança levemente saliente (em relevo). Na constituição do barro utilizado nota-se, como nos fragmentos anteriores, uma grande quantidade de pequeníssimas palhetas de mica branca. O conjunto destes dois fragmentos, quando justapostos, possui um comprimento máximo de 11,5 cm e uma largura máxima de 5,5 cm (Fig. 4 e Est. v, Fig. 22).
- e) Um fragmento, pertencente ao rebordo de outro vaso, de cor cinzento-acastanhado, micáceo, com uma espessura máxima de 0,8 cm e mínima de 0,5 cm. Dadas as suas pequenas dimensões — 4,5 cm de comprimento e 3,5 cm de largura — não nos foi possível fazer, ainda que aproximadamente, a determinação dos diâmetros prováveis da boca (Fig. 6).

- f) Dezanove fragmentos que, pela sua cor e espessura, nos pareceu pertencerem ao mesmo vaso. Todos estes fragmentos têm cor esbranquiçada, uma espessura média de 0,4 cm e faixas externas ornamentadas (Figs. 5, 7 e 8 e Figs. 23, 24 e 25 das Ests. v e vi).

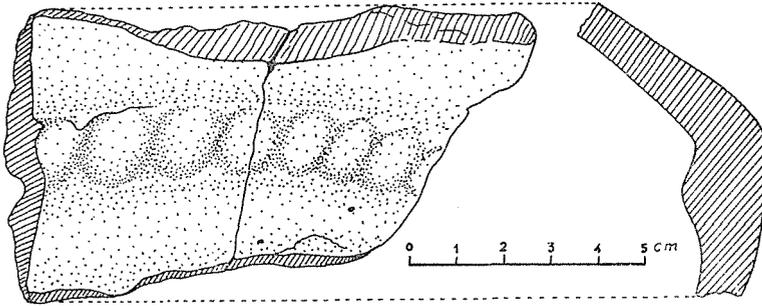


Fig. 4 — Fragmento cerâmico cinzento-acastanhado (rebordo de um vaso).

Nos desenhos das Figs. 4 e 8 e na Est. v, Fig. 23, podem ver-se tipos da ornamentação apresentada e no esquema da Fig. 5, o maior e o mais interessante

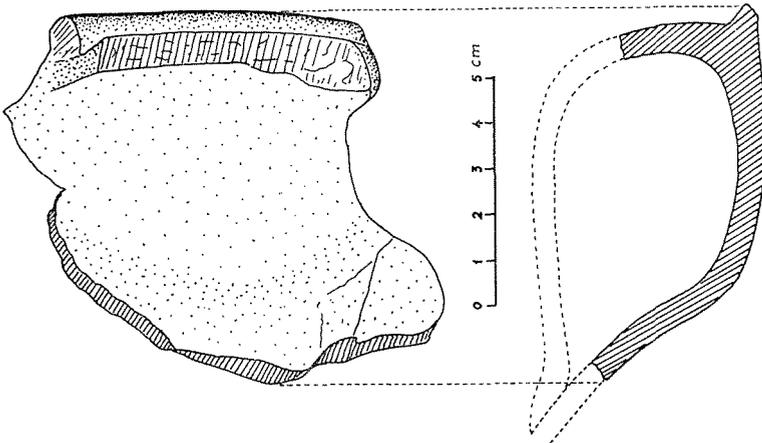


Fig. 5 — Fragmento cerâmico de cor esbranquiçada (rebordo e parte da asa de um vaso).

de todos os fragmentos deste vaso, uma porção do rebordo correspondente à boca, bem como parte de uma asa partida, cuja reconstituição foi tentada no referido desenho.

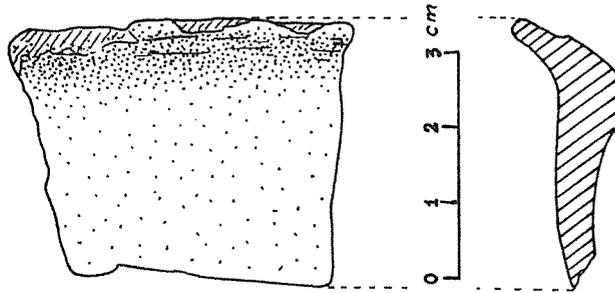


Fig. 6 — Fragmento cerâmico de cor cinzenta (rebordo de um vaso).

Além destes, muitos outros fragmentos cerâmicos foram encontrados mas, pelas suas reduzidas dimensões e incharacterís-

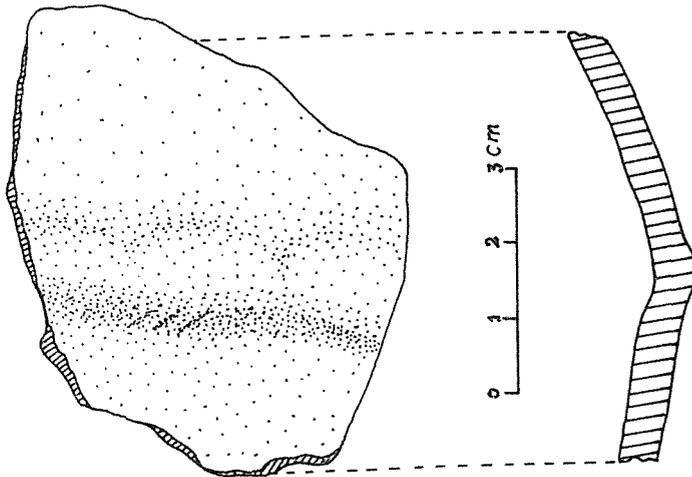


Fig. 7 — Fragmento cerâmico, de cor esbranquiçada, ornamentado, possivelmente pertencente ao mesmo vaso a que refere a Fig. 5. Por lapso o esquema da espessura ficou mais curto meio cm.

ticos, pareceu-nos não terem qualquer interesse para serem incluídos neste relatório. De qualquer modo, eles encontram-se no Museu Histórico-Arqueológico da Região Flaviense, como tudo o mais que foi encontrado no castro de Curalha.

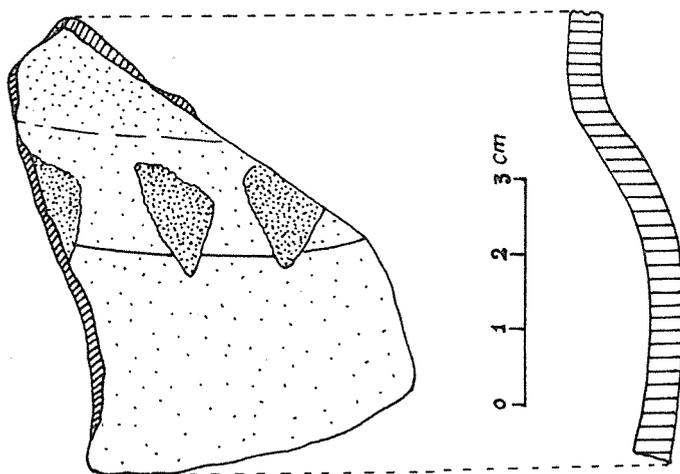


Fig. 8 — Fragmento cerâmico, de cor esbranquiçada, ornamentado, possivelmente pertence ao mesmo vaso a que se refere a Fig. 5.

Trabalhos efectuados na zona central do castro, junto do pinheiro manso

Como já referimos, e pelas razões apontadas, os trabalhos de escavações nesta zona do castro efectuaram-se da parte da tarde. Procurámos, assim, tirar o máximo rendimento para os poucos dias que tínhamos à nossa disposição.

Escavar esta zona central do castro despertou, desde o primeiro dia o nosso interesse. Nada nos foi possível fazer ali durante a campanha de 1974.

Transposta a porta de mais fácil acesso ao castro — a porta do Leste — pareceu-nos que, uma vez levantadas as

pedras amontoadas segundo um alinhamento semicircular em volta dos rochedos graníticos aí existentes e que dominam todo o reduto castrejo, iríamos encontrar uma passagem relativamente estreita para esta zona de castro; sobre os rochedos parecia ter existido uma casa do tipo circular, possivelmente posto de vigia, dada a sua magnífica situação.

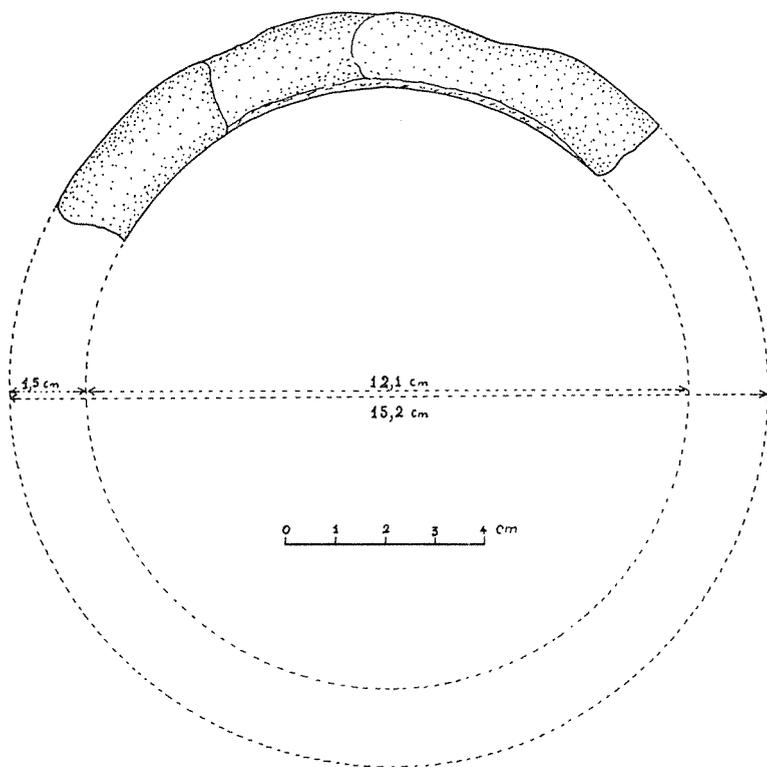


Fig. 9 — Boca do vaso a que se refere o desenho da Fig. 3 (reconstituição).

Os trabalhos efectuados durante a nossa campanha de 1976 vieram, pelos resultados até agora colhidos, testar a hipótese de casa circular.

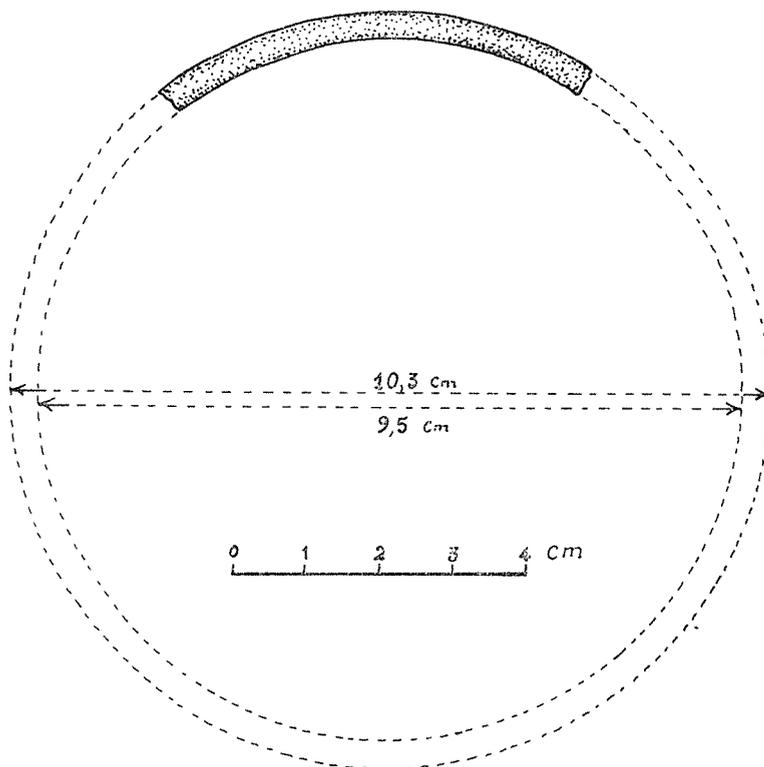


Fig. 10 — Boca do vaso a que se refere o desenho da Fig. 2 (reconstituição).

A passagem estreita ou corredor

Ao iniciarmos os trabalhos, só num ou noutra lugar se notava a presença de pedras colocadas numa posição limitante desta passagem (Fig. 11). Em tudo o mais existia, apenas, um enorme amontoado de blocos graníticos de diferentes formas e configuração.

Começámos por afastar todas as pedras que não nos ofereciam qualquer garantia de se encontrarem, ainda, na sua posição inicial. Quando a posição de alguma delas nos oferecia dúvidas, optávamos por mantê-la, convencidos de que a con-

tinuação de futuras escavações nos indique o que fazer. Na realidade, os limites eram aqui, num ou noutro ponto, mal

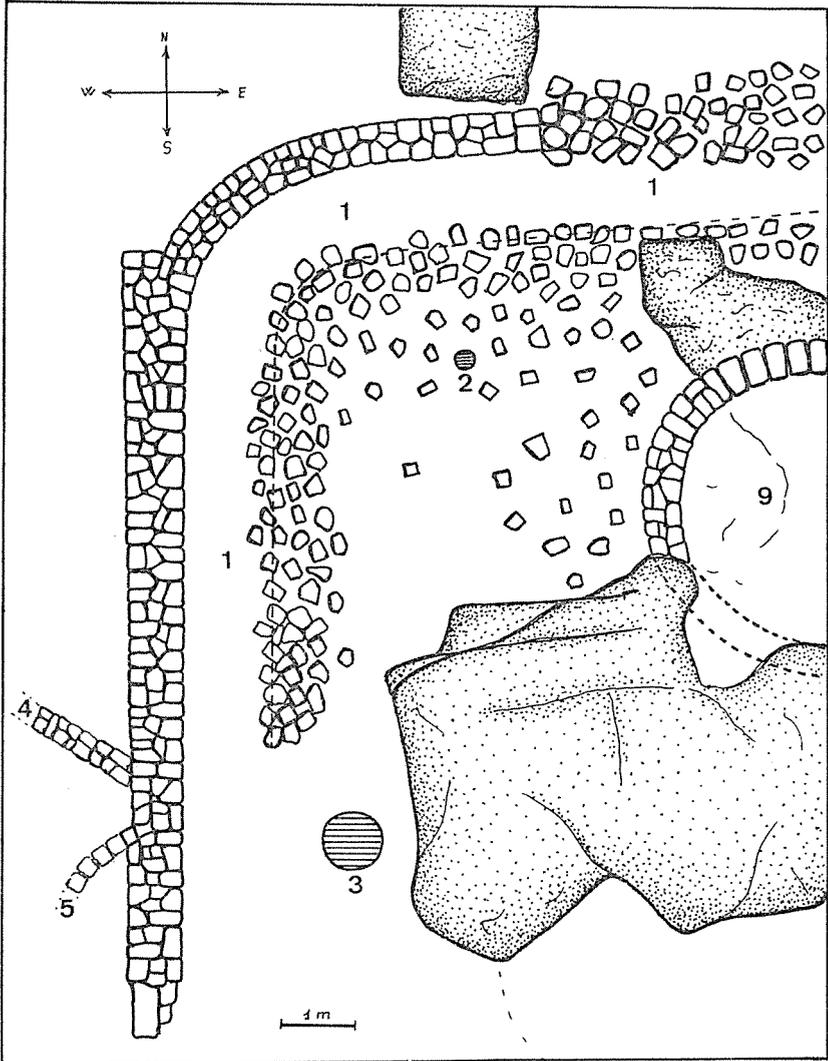


Fig. 11 — Planta do muro limitante, a Norte e a Oeste, do corredor de acesso (1) à zona central do castro, parcialmente reconstruído. À direita, planta parcial da casa circular (9).

definidos. Admitimos pois, a possibilidade de futuros trabalhos nos fazerem rever as descrições efectuadas e nos indicarem as alterações aconselháveis.

Quem entre no castro pela porta do Leste, aquela que permite um acesso mais fácil, o «corredor» aparece-lhe numa posição quase frontal em relação a esta porta. Curva, depois, para Sul formando estes dois ramos, entre si, um ângulo de, aproximadamente, 90° .

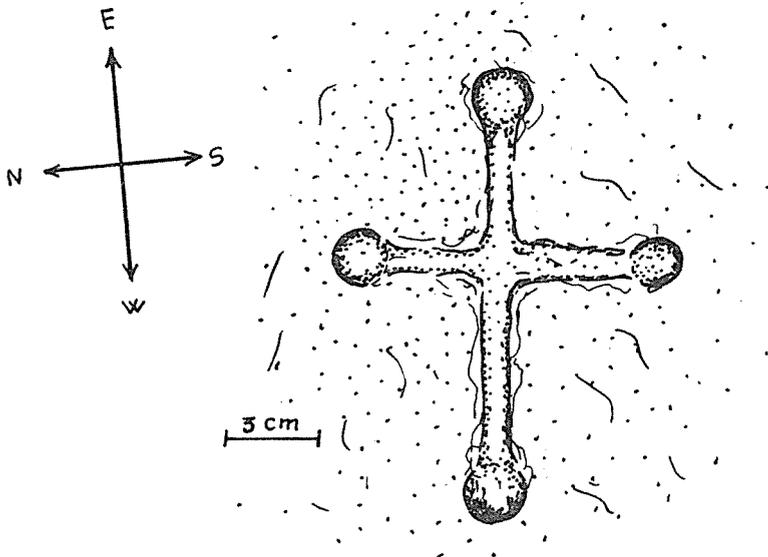


Fig. 12 — Representação esquemática da cruz gravada na rocha (granito), junto da casa circular 9.

Medidas: — O comprimento exacto desta passagem só pode ser conhecido quando todos os trabalhos tiverem sido, ali, realizados. Calculamos que esse comprimento seja de, aproximadamente, vinte metros.

Deste corredor, só o muro limitante a Norte e Oeste foi parcialmente reconstruído até uma altura variável. Essa reconstrução fez-se numa extensão de 16 metros (Fig. 11 e Figs. 27 e 28 das Est. VII e VIII). O muro que limita esta mesma passagem a

Sul e a Leste ainda não foi restaurado. Este é, no entanto, de menor comprimento. A largura do muro limitante a N e Oeste já reconstruído é variável. Enquanto que nuns troços mede 55 cm, noutros atinge 70, 76 e 85 cm.

Da base deste muro partem dois alinhamentos de pedra (esquemas 4 e 5 da Fig. 11), colocadas com uma certa regularidade que, segundo nos parece, devem indicar a existência, ali, de outras casas. Destes alinhamentos, um é rectilíneo devendo talvez pertencer a uma casa do tipo rectangular; o outro, mostra uma acentuada curvatura, que podia lembrar tratar-se de uma casa do tipo circular, hipótese pouco provável dada a sua interferência com o muro do corredor, e a sua pouca grossura.

Só futuras escavações, no entanto, indicarão se, na realidade, estes alinhamentos pertencem ou não a alicerces de antigas casas e se, por outro lado, elas pertencem ao tipo morfológico que, por hipótese, referimos.

Casa circular situada no cimo dos rochedos que dominam todo o reduto central do castro (Fig. 13)

Blocos graníticos nas suas posições naturais, desgastados pela acção de agentes variados, fissurados em várias direcções e elevando-se, alguns deles, a mais de dois metros de altura, ocupam a zona mais elevada do castro de Curalha, à sombra de um grande pinheiro manso e a curta distância da porta do Leste.

A passagem estreita ou corredor atrás referido contorna, em parte, este conjunto granítico (Fig. 11).

Sobre estes rochedos reconhecemos a existência de uma casa circular cujo diâmetro seria, aproximadamente, de 2 m. Dos muros limitantes desta casa restavam, apenas, um pequeno troço de 2,10 metros de comprimento, que se elevava cerca de 80 cm desde a base nos rochedos. Sobre estes, a posição do respectivo muro limitante encontrava-se, em parte, perfeitamente assinalada pela sua cor mais clara e sem plantas, prote-

gidos como estavam da acção directa dos agentes atmosféricos e dos seres vivos.

O pavimento desta casa era constituído por lajes de granito, com uma superfície plana, perfeitamente justapostas.

A porta, julgamos estar voltada para Este, isto é, para a porta da muralha que permitia, como já foi referido, um mais fácil acesso ao castro.

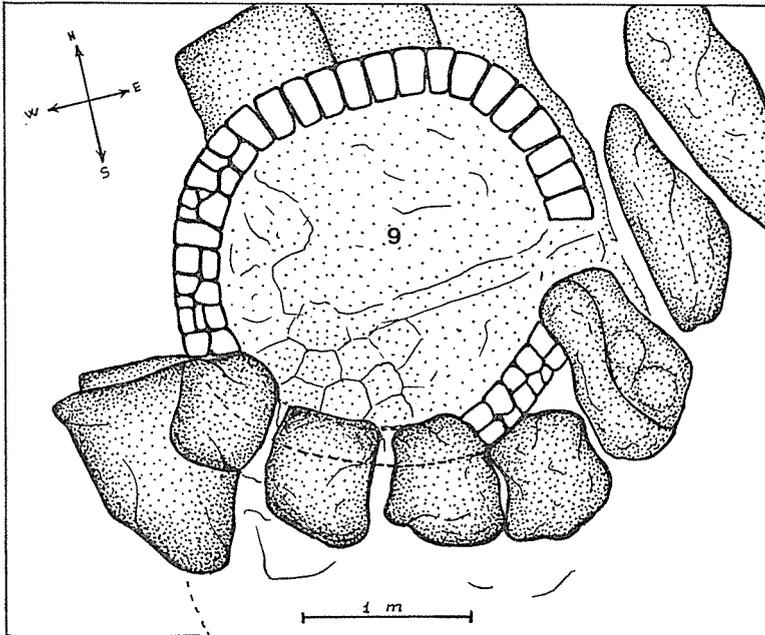


Fig. 13 — Planta esquemática da casa circular (9). Reconstituição.

Alguns dos rochedos (a Sul) elevados acima da plataforma natural correspondente ao pavimento da casa, eram aproveitados para parede natural limitante.

Sobre este pavimento rochoso, e, em parte, encoberta pelo muro limitante da casa do lado Norte, existe, gravada grosseiramente na rocha, uma cruz, cujos braços indicam, aproximadamente os quatro pontos cardeais. Na direcção N-S mede 11 cm e na direcção E-W mede 14,5 cm (Fig. 12 e Est. ix, Fig. 31).

Fragmentos de mós

Muito próximo do maciço granítico a que temos vindo a fazer referência e onde existia uma casa circular — possível posto de vigia — encontrámos, quase juntos, seis fragmentos de mós, todas feitas de granito (Fig. 32, Est. x).

O fragmento maior que se encontra na mesma fotografia, em último plano, foi por nós encontrado fora do castro fazendo parte de um muro de vedação de uma propriedade particular. Ocupava, nesse muro, quase a base.

Como o restante espólio já referido, estes sete fragmentos de mós encontram-se no Museu Histórico-Arqueológico da Região Flaviense.

3.^a Campanha de escavações no castro de Curalha Agosto de 1976

No dia 10 de Agosto de 1976, um «jeep» da Câmara Municipal de Chaves, por especial deferência do seu presidente Major Flávio Videira, mais uma vez conduziu uma leva de estudantes já iniciados nestas pesquisas e trabalhos arqueológicos, até ao castro de Curalha. O mesmo jeep voltava ao fim da tarde, para levar a Chaves os participantes nas escavações, fatigados e cobertos de poeira.

Compunham este grupo os seguintes elementos:

- Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro
- Fernando José Magalhães
- Rui Jorge Xavier Guerra
- Luís Manuel Xavier Guerra
- José Luís Sousa Correia.

Dois pedreiros profissionais de Curalha, bem treinados na sua profissão, foram elementos de grande utilidade na reposição, nas muralhas, das pedras caídas das mesmas. Foram eles:

- Luís de Sousa e
- João Teixeira.

No dia 12 de Agosto foi este castro de Curalha visitado por três jornalistas de «O Comércio do Porto». Admiraram a espessura das muralhas que atinge, por vezes, 4,25 metros de espessura e que, junto da porta de sw se eleva a 1,55 metros de altura. Apreciaram a importância destes trabalhos e a necessidade de mais amplos recursos para prosseguimento de novas campanhas.

Os trabalhos foram dirigidos pelo Padre Adolfo Augusto de Magalhães sob a orientação do Sr. Prof. Santos Júnior, responsável por estas escavações. Estas, por falta de verba, limitaram-se a quatro dias com início em 10 de Agosto.

Trabalhos realizados

Principiámos por cortar o mato nos lugares onde haviam de incidir as pesquisas. Limpou-se, também, todo o caminho que, desde a porta oriental, dá acesso à zona central junto do pinheiro manso e à porta de sw, onde prosseguiram os nossos trabalhos.

Nos dias restantes, o grupo de estudantes referido trabalhou intensamente no enchimento, com entulho, pedra miúda e terra, do miolo da muralha ao lado desta porta.

Fez-se o reconhecimento e a medição de uma larga porta oriental, a recompor num hiato de cerca de 5 metros, reservando para posteriores campanhas a reconstrução das ombreiras.

Neste curto intervalo de tempo, os trabalhos incidiram, também, no topo roqueiro, com baixo pano de parede circundante, o qual, primitivamente, teria sido possivelmente utilizado como atalaia ou posto de vigia.

Achados

Durante esta curta campanha de trabalhos de escavações do Castro de Curalha apareceram, à flor da terra, alguns fragmentos de cerâmica de cor castanha e preta, que foram

recolhidos para a secção arqueológica do *Museu Histórico-Arqueológico* da Região Flaviense.

Como já foi referido no relatório da campanha de 1974, o castro de Curalha apresentava excelentes condições de defesa: a Leste o rio Tâmega (que em tempos recuados foi objecto de culto idolátrico), que se atinge descendo uma encosta de forte declive e semeada de grandes rochedos de granito; nas restantes direcções, um sistema de fortificações artificiais constituído por duas e, mesmo, três muralhas de grande largura; além disso, na direcção da povoação de Curalha, por onde o acesso era mais fácil, existiu uma extensa área de pedras fincadas, dispostas a prumo e grosseiramente pontiagudas.

Dadas as condições de defesa apresentadas e os vestígios de casas quadrangulares, cujos muros de algumas delas foram reconstituídos, parece podermos concluir da existência de importante núcleo populacional.

Feito o relatório circunstanciado destes trabalhos, reconheceu-se a necessidade de prosseguir o refazimento dos largos panos de muralha circundante, sem o que não é possível um plano geral do conjunto.

A destruição, pelo fogo, do mato abundante que todos os anos cresce no recinto fortificado, é um trabalho prioritário que urge realizar. São necessários, porém, todos os cuidados para evitar a destruição do frondoso pinheiro manso; este trabalho deve pois, ser realizado com a vigilante colaboração dos bombeiros, para isso já solicitados.

Na última reunião dos cooperadores desta obra de escavações, aliás muito breve, registou-se a necessidade de:

- a) Proceder a um restauro regular do castro em campanhas anuais de pelo menos 15 dias. Para isso, pedir a concessão de uma verba de, pelo menos, 30 000\$00 (trinta mil escudos);
- b) Pedir o alargamento e nivelamento do caminho que, da base do monte, conduz às imediações da primeira muralha circundante. Cerca de 500 metros. Este caminho facilitaria não só as campanhas de escavações

- como o acesso aos numerosos turistas e aquistas que frequentemente ali se deslocam;
- c) Divulgar conhecimentos de arqueologia e, muito especialmente, «castrologia» entre as pessoas interessadas por este género de trabalho;
 - d) Dar conhecimento de todos os trabalhos realizados no castro de Curalha, publicando, anualmente, os relatórios efectuados.

O Dr. Modesto Rodrigues Figueiredo, galego ilustre de Pontevedra, polígrafo de muito mérito que a estudos da História e de Arqueologia pôs a sua viva inteligência e as suas notáveis qualidades de erudito, veio, de propósito, da Galiza, para prestar a sua colaboração aos trabalhos quer da 27.^a campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos quer da 2.^a campanha no Castro de Curalha. Também esteve connosco na 1.^a campanha da Curalha.

Aliás este ilustre galego já aquando do «Colóquio de Cultura Castreja» realizado em Carvalhelhos visitara o Castro de Curalha, e ali procedeu connosco a prospecções especialmente na porta do sudoeste que lhe mereceu grande interesse.

Tinha prometido comparticipar no 2.º Colóquio Arqueológico-Histórico de Chaves, que se realizou em 18 a 20 de Fevereiro de 1977, mas o seu falecimento inesperado em 12 de Dezembro de 1976, não permitiu tê-lo a colaborar no colóquio flaviense de Fevereiro de 1977.

Perdemos um amigo e entusiástico colaborador, e a Galiza perdeu um seu ilustre filho, investigador dotado de viva inteligência e notáveis qualidades de trabalho.

Além dos estudantes que têm vindo a participar activamente nestes trabalhos é com viva satisfação que registamos o desejo manifestado por muitos outros em colaborarem no futuro. E hoje, quando se procura a integração dos jovens em actividades de interesse nacional, é pena se as autoridades competentes não aproveitam estes valores que, sem outros interesses que não sejam os «culturais», sacrificam as suas férias trabalhando dias a fio, cavando, carregando pesadas

pedras, crivando terra, debaixo de escaldantes raios solares de um mês de Agosto! Na sacola que levam às costas, vão normalmente umas sandes e uma garrafa de qualquer bebida que, a certa altura, já nem mata a sede..., mas apenas arrasta o pó!

Ali, no cimo do monte semeado de ruínas, os estudantes adquirem a rigidez de carácter necessária para se amoldarem às mais difíceis vicissitudes da vida moderna. Tentando compreender as civilizações passadas, eles compreenderão melhor a comunidade em que se encontram integrados.

Já os filósofos das escolas pós-socráticas haviam evidenciado o significado na cultura do espírito do conhecimento do «habitat» dos homens do passado. Por maior e mais intensa que tenha sido a luta pela sobrevivência do Homem, ninguém pode eximir-se ao estudo do esforço dos homens no seu passado social.

Desenhos e fotografias do
Dr. Adérito Medeiros Freitas

20 de Fevereiro de 1977.



Fig. 14 — Um dos aspectos dos trabalhos junto da porta de sw. À direita, três estudantes põem a descoberto o muro de uma casa entestada na muralha.



Fig. 15 — Porta de sw. Aspecto dos trabalhos de reposição de pedras nas muralhas e arranjo do pavimento da entrada.

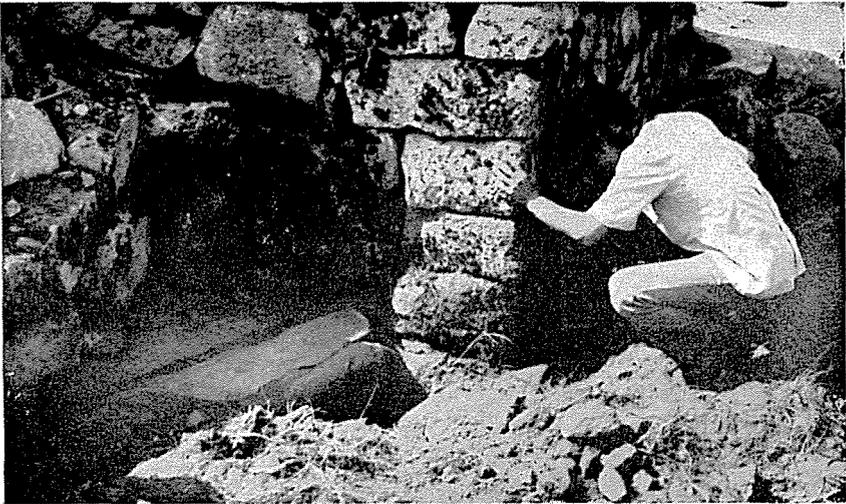


Fig. 16 — Porta de sw. À esquerda, em primeiro plano, caleira aberta na rocha viva, junto da parede de uma casa entestada na muralha.



Fig. 17 — Porta de sw. Sob a orientação do Prof. Santos Júnior, dois estudantes repõem pedras na muralha limitante da porta.



Fig. 18 — Outro aspecto dos trabalhos junto do cunhal interno da porta de sw. A face interna da muralha estava muito inclinada, ameaçando ruir. Foi reconstruída, desde a base, numa extensão de cerca de seis metros.



Fig. 19 — Aspecto final dos trabalhos junto da muralha da porta de sw. À direita, uma rampa de acesso à muralha, indicada pelas setas.

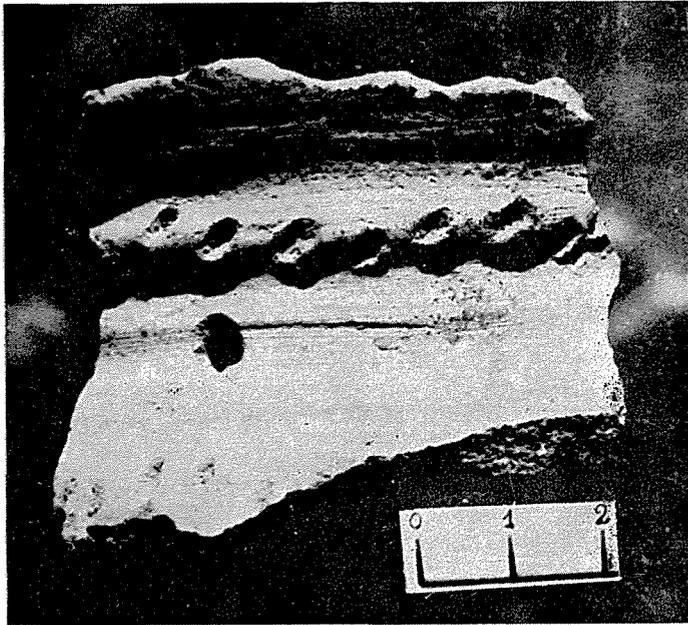


Fig. 20 — Fragmento cerâmico, ornamentado, de cor externa cinzento-escura, abundantemente micáceo.

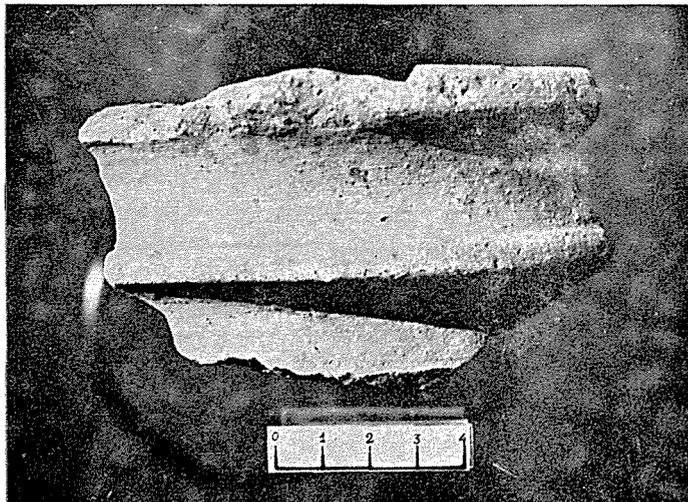


Fig. 21 — Fragmento cerâmico (reborde de um vaso), de cor castanho-vermelhada.

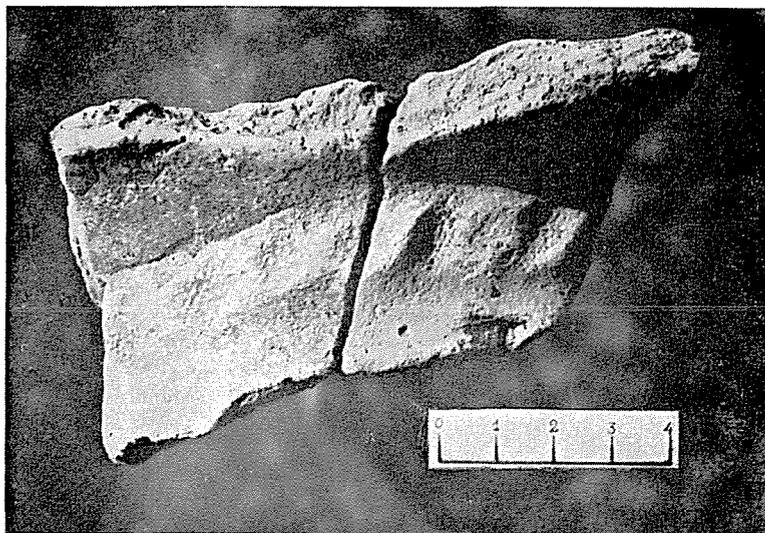


Fig. 22 — Dois fragmentos cerâmicos, justapostos, cinzento-acastanhados, pertencentes a um rebordo de vaso.

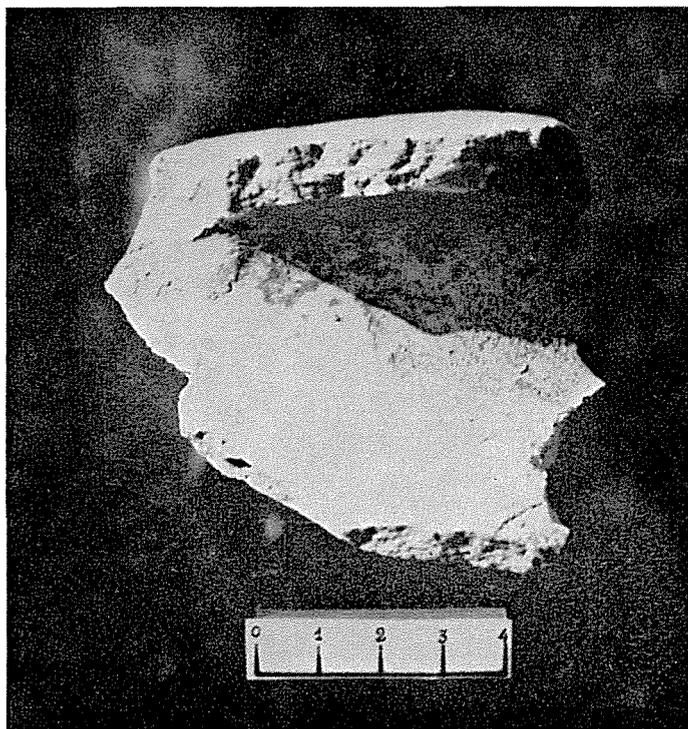


Fig. 23 — Fragmento cerâmico de cor esbranquiçada. Rebordo e parte da asa de um vaso.



Fig. 24 — Três fragmentos cerâmicos. Os dois, em cima, parecem pertencer ao mesmo vaso a que se refere o desenho da Fig. 5 e a Fig. 23. O outro, cinzento, pertence a outro vaso (Fig. 6).



Fig. 25 — 19 fragmentos cerâmicos, de cor esbranquiçada. Incluídos neste conjunto, encontram-se dois dos fragmentos da Fig. 24 e o fragmento da Fig. 23.

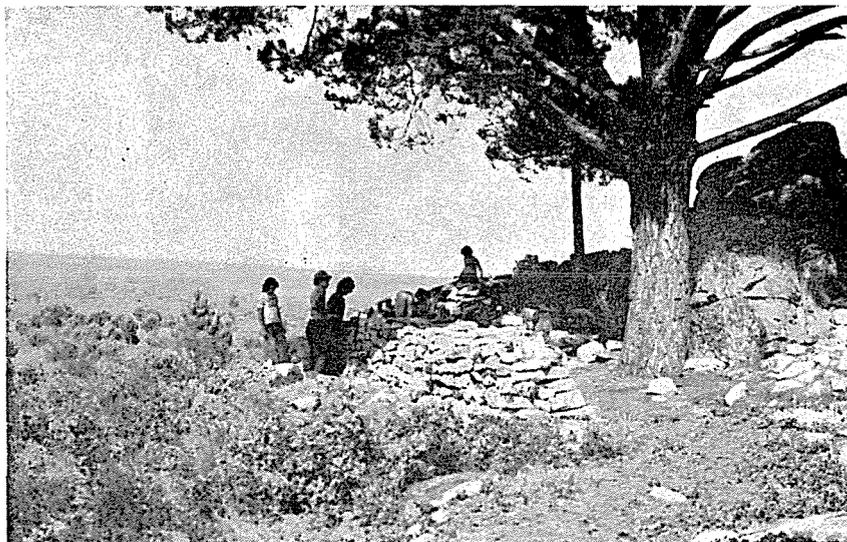


Fig. 26 — Um aspecto da zona central do Castro, junto do pinheiro manso onde, diariamente (tardes), incidiu uma parte dos nossos trabalhos.



Fig. 27 — Trabalhos de reconstituição de um muro que, a Oeste, limita a passagem estreita ou corredor de acesso à zona central do Castro.



Fig. 28 — Reconstituição do muro que, a Norte, limita a passagem estreita ou corredor. À direita, atento aos trabalhos, o Padre Adolfo Magalhães.

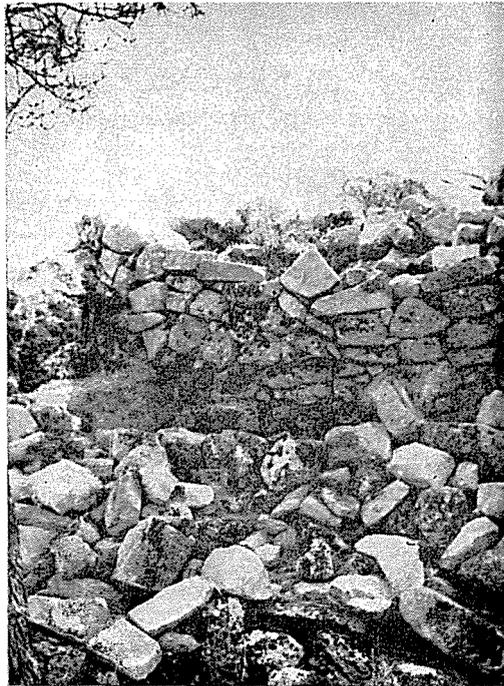


Fig. 29 — Muro da casa circular situada sobre os rochedos do pinheiro manso (ver planta esquemática da Fig. 13).



Fig. 30 — Reconstituição dos muros da casa circular, situada sobre os rochedos que dominam todo o reduto fortificado (ver planta esquemática da Fig. 13).



Fig. 31 — Cruz gravada no rochedo sobre o qual assenta a parede da casa circular da Fig. 13. Está coberta pelas pedras do muro da casa, admitindo-se pois, que seja contemporânea ou anterior à construção daquela.

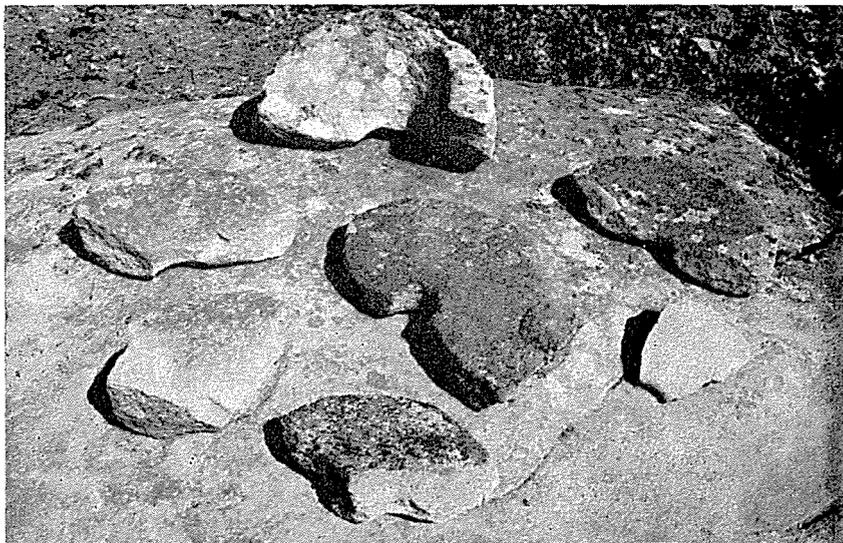


Fig. 32 — Sete fragmentos de mós, de granito, colhidas nesta segunda campanha de escavações do Castro da Curralha. A que se encontra no último plano, mais espessa e afundada, fazia parte de um muro de vedação de uma propriedade particular próxima do castro.

A cultura dos cereais no leste trasmontano

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. jub. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Há muitos anos que, especialmente no leste trasmontano, vinha colhendo elementos sobre a malha dos cereais, e, dum modo geral, sobre a trabalhosa faina da cultura dos mesmos, desde a lavra e a sementeira até à debulha nas eiras.

Em 1963, com a colaboração do Conde de Aurora, sócio efectivo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, distinto polígrafo e etnógrafo, fez-se a colheita de elementos para o estudo da debulha dos cereais pelos processos primitivos da malha e da trilha no norte de Portugal, no Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes.

Como Director do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, recebi da *Federação Nacional dos Produtores de Trigo*, agora *Instituto de Cereais*, um subsídio de 5 000\$00, para o estudo dos referidos processos primitivos da malha e da trilha.

Era então Presidente da Direcção da F.N.P.T. o Eng. Agr. Luís Quartin Graça, a cuja memória, e à sua política de expansão da cultura do trigo, se presta homenagem.

Com o confrade e velho amigo Conde de Aurora reparti a tarefa.

Ele, como ilustre minhoto, com solar em Ponte de Lima, iria estudar as malhas no Entre Douro e Minho, especialmente no Alto Minho, digamos, no Minho serrano.

Assistiu a malhadas de centeio e de trigo em Lindoso, Suajo, Lamas de Mouro, Castro Laboreiro, Vila Verde, Geraz de Lima, na Lixa e em Celorico de Basto.

Publicou o trabalho *Malhadas de centeio no Entre Douro e Minho*, que saiu na «Revista de Etnografia», Vol. VII, 1966, págs. 44 a 53 e 30 Figs.

Pela minha parte prossegui na colheita de elementos por Trás-os-Montes onde já estudara duas malhas, uma na Cardenha (Moncorvo), e outra na aldeia de Lavradas, freguesia de Bêça, concelho de Boticas (região de Barroso) de que me ocuparei com algum pormenor.

Vi malhadas no Pópulo, concelho de Alijó e em Carviçais, concelho de Moncorvo.

Assisti a trilhas de trigo em Terra de Miranda, em Duas Igrejas, Genísio, Sendim de Miranda e em Picote, aldeias todas pertencentes ao concelho de Miranda do Douro:

Foi meu companheiro o P.^o Dr. António Mourinho, ao tempo pároco de Duas Igrejas, que me prestou excelente ajuda, pelo que lhe testemunho o meu amigo agradecimento.

Fui a Celorico de Basto assistir a uma malhada com o intuito de registar em gravador de som a *canção do meio da eira*, de que já se tinha ocupado Jorge Dias no seu trabalho *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, sep. do n.^o 1 da revista «Terra Lusa», Lisboa, 1951, págs. 5 a 15, 2 músicas e 5 Figs.

Fui duas vezes a Mindelo (Vila do Conde) para ver malhar centeio e trigo, e a Soutelo (Vila do Conde) para assistir a uma *malha de rebimba*.

Tanto o Conde de Aurora como eu, colhemos muitas notas de grande interesse etnográfico, e tiramos muitas fotografias.

À minha parte fiz, em automóvel próprio, 1822 km que percorri em 18 dias de trabalho de campo.

Infelizmente a ida para Lisboa do Conde de Aurora onde fixou residência, e o seu falecimento, não lhe permitiu a coordenação dos muitos materiais que colheu, como distinto etnógrafo dotado de apurada sensibilidade.

O entusiasmo e o grande interesse do Conde de Aurora pelo estudo das malhas, manifestou-o em carta datada de 5 de Novembro de 1963 em que me dizia: «penso fazer um relatório circunstanciado». E a seguir, quanto ao prosseguimento da tarefa escreveu: «Não será melhor fazermos todas as *malhas de Portugal* — e para o ano acabarmos estas e ainda as das Beiras e Beira-Douro (Rezende, Lamego, Viseu, etc.) que nos faltam?»

Infelizmente o seu falecimento, pouco tempo depois de fixar residência em Lisboa, não permitiu que se tentasse concretizar o seu amplo e bem meritório projecto, referido na carta de 5 de Novembro de 1963.

Uma grande parte dos materiais que colhi entram no presente trabalho.

Em 1968 fui convidado para Professor da Universidade de Luanda, e de lá regresssei jubilado em Junho de 1972.

Os três anos e meio que estive em Angola fizeram suspender, em grande parte, o estudo dos materiais metropolitanos, e entre eles os das malhas, que só agora, em parte, pude ultimar.

Os materiais colhidos em várias freguesias do concelho de Vila do Conde, se Deus me der vida e saúde, aguardam oportunidade para redacção definitiva e sua possível publicação.

Considerações gerais sobre a cultura dos cereais no Leste de Trás-os-Montes

Poucas pessoas farão ideia justa dos trabalhos e canseiras inerentes ao cultivo dos cereais, e muito especialmente do centeio, que, desde longa data, foi o cereal mais cultivado nas ladeiras dos montes do Leste trasmontano e mesmo nas chãs.

O granjeio ou lavoura do cereal começa com as lavras a que se seguem a sementeira, a arica, a monda, a segada, a carreja para a eira, a malhada e a recolha nas arcas ou tulhas.

São cheias de interesse etnográfico as fases em sequência encadeada da cultura dos cereais, especialmente do centeio e do trigo. Tal matéria daria um grande livro.

A cultura dos cereais nos dois distritos trasmontanos de Vila Real e de Bragança é bem diferente.

No de Vila Real cultiva-se milho e centeio e pouco trigo.

No de Bragança cultiva-se actualmente muito trigo, algum centeio e muito pouco milho.

Durante séculos em todo, ou quase todo, o Leste trasmontano o cereal predominantemente cultivado foi o centeio.

Há mais de 50 anos que todos os anos, especialmente nos períodos de férias, tenho procurado estudar a Etnografia e a Arqueologia do Leste trasmontano, ou seja, do Entre Sabor e Douro, sobretudo nos concelhos de Moncorvo, Mogadouro e Miranda do Douro.

A maior parte das notas colhi-as na Quinta de S. Pedro ⁽¹⁾, pequenino povoado que antes do êxodo migratório tinha, ou melhor, chegou a ter, 32 fogos, hoje reduzidos a 19.

⁽¹⁾ A Quinta de S. Pedro é pequena povoação, situada na margem esquerda do Rio Sabor, anexa da freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro e distrito de Bragança. É frequente na região a designação de *Quinta*, para povoações de três ou quatro dezenas de fogos e às vezes

S. Pedro é anexa da freguesia de Meirinhos e concelho de Mogadouro. Ali, todos os anos, tenho passado um maior ou menor número de dias em várias quadras do ano, e, sobretudo, nos períodos de férias escolares.

Em conversas com lavradores proprietários de S. Pedro colhi grande parte das notas que me permitiram, juntamente com outros elementos, quer de observação directa, quer de informação, elaborar um conjunto de considerações gerais sobre o grangeio dos cereais no leste de Trás-os-Montes.

*

No Entre Sabor e Douro cultiva-se o trigo, o centeio, a cevada, pouca aveia, e, em algumas terras, milho miúdo ou painço, a que chamam *milho burreiro*, pardas (ou lentilhas ou garrobas) e ainda também tremoços, favas e grão-de-bico.

O centeio foi ali tão predominantemente cultivado, para farinar e fazer o pão, que o centeio em grão tem como sinónimo corrente a designação de o *pão*.

Assim, se um lavrador tem duas sementeiras, uma de trigo e outra de centeio, ao referir-se-lhes dirá do seu campo de trigo, «o meu trigo está bem bonito», e do seu campo de centeio dirá, por exemplo, «o meu *pão* está bem gafejado», isto é, com várias hastes ou colmos nascidos da mesma semente.

menos. Assim no concelho de Mogadouro, além da Quinta de S. Pedro, temos a Quinta da Roca, a Quinta de Santo André e a Quinta das Quebradas.

Como aluno da cadeira de Antropologia, pela mão e incentivo do Professor da cadeira, o querido Mestre, Doutor Mendes Correia, apresentei como estudante um trabalho especial, que depois li, em conferência, na Sociedade Portuguesa de Antropologia, e foi publicado: Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, *Estudo antropológico e Etnográfico da população de S. Pedro (Mogadouro)*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia», Porto, 1924, Vol. II, págs. 85-186, 17 figs. e v Est.

*

Antes de abordar as várias fases da lavoura do cereal convém esclarecer que o centeio foi, durante séculos, em todo ou quase todo o Leste trasmontano, o cereal mais cultivado ⁽¹⁾.

Hoje já são muitas as sementeiras de trigo, que, nos últimos 30 ou 40 anos, têm aumentado progressivamente, em detrimento do centeio.

O pão de centeio foi, desde longa data, por assim dizer a base da alimentação do trasmontano do Entre Sabor e Douro.

O trasmontano come muito pão. Uma família, o casal e dois filhos de meia idade, gastam por ano uma média de 70 alqueires de cereal, cerca de 900 litros. Antigamente quase todo centeio, hoje mais trigo do que centeio.

O pão, por via de regra é cozido em pães grandes, com cerca de dois quilos, a que poderíamos chamar boroas, e os mirandeses, por influência espanhola, chamam fogaças. É cortado às fatias, das quais com a navalha, que todo o trasmontano traz sempre consigo, vão cortando pequenas porções.

Em Duas Igrejas, freguesia do concelho de Miranda, e dum modo geral por toda a Terra de Miranda, um pedaço de pão é designado por vários nomes a saber: *Carôlo* é um pedaço de pão cortado à faca ou à navalha, é fatia de faces lisas e sensivelmente paralelas; *cachote* ou *cacho* é um pedaço de pão, esgaçado à mão do *pão*, boroa ou fogaça; *soquête* informaram que era a mesma coisa que *cachote*; *corôna* é a calote marginal

(1) O Prof. Bodo Freud, do Instituto Geográfico da Universidade J. W. Goethe, de Frankfurt, baseado nas «Memórias Paroquiais» realizadas em 1798, publicou, nas actas do «Convegno International — I Paesaggi Rurali Europei», realizado na Itália, em Perugia, em Maio de 1973, o trabalho *Les mémmoires paroissiaux comme source d'information sur les paysages agraires du Nord-Est Portugais au 18ème siècle*, Perugia, 1975, págs. 215 e 223.

Logo de entrada, na pág. 215, baseado nos elementos catados nas referidas Memórias Paroquiais, afirma que no fim do século XVIII era a cultura dos cereais a base de economia do nordeste de Portugal, e acrescenta: «À l'ouest de Trás-os-Montes prédomine entièrement la culture du seigle, alors que vers l'est se produit un glissement en faveur du blé».

da fogaça, digamos o encetadoiro do pão, a que na região de Moncorvo chamam *carocha*; *carolico* é um carôlo pequeno. Em Terra de Miranda conta-se que, um dia, uma cigana ao pedir esmola teria dito: — Dê-me um *carolico* de pão nem que seja do tamanho do coração de uma pulga.

Mas uma boa parte do pão é comido em *sopas* ⁽¹⁾, a que nalgumas regiões chamam *migas*.

Fazem-se *sopas* de ovo, de bacalhau, à espanhola, de tomate, de unto ou de chis e de água fria.

O cozinhado das *migas* é fácil de fazer.

Corta-se o pão às fatias e amolece-se com água e vários temperos que variam consoante a qualidade das *migas*.

Num estudo sobre a culinária trasmontana estaria bem a descrição de cada uma das qualidades de *sopas* ou *migas*. Aqui, e para não alongar o trabalho, limitar-me-ei a dizer como são preparadas as *sopas* de unto e as *migas* de água fria.

Para as primeiras aquece-se água numa certã com seus temperos: sal, umas folhinhas de loureiro e um raminho de salsa.

Quando a água está bem quente verte-se sobre o pão e deixa-se amolecer. Depois cobrem-se as *sopas* com sangue de porco cozido, cortado miudinho, o chamado *verde*. Aquece-se pingue muito bem quente e verte-se sobre o sangue e *sopas* da travessa. O pingue muito quente ao cair sobre as *sopas* arrefecidas rechina, isto é, faz o mesmo rugido dos estrugidos. Daí o nome de *sopas* de *chis*, alusivo a esse rugido: é, digamos, designação onomatopaica. Por último leva uma camada de rodelas de laranja e maçã cortada miudinha.

É acepipe altamente apreciado, que, como é natural, é próprio do *matadêlo*, ou seja, da matança do porco.

Numa tigela o pão às fatias é coberto de cebola miudinha. Rega-se com molho de azeite e vinagre, sal e clorau; depois

(1) Referente a este manjar, há um velho provérbio trasmontano que reza assim: *Boas sopas se farão com bom adubo e bom pão*. Vem referido a pág. 11 do trabalho do Dr. Hirondino Fernandes. *O rifoneiro e a alimentação*, Bragança, 1974, 16 págs. Neste trabalho o seu autor registou nada menos de 288 rifões.

água fria e deixa-se amolecer. Estas *migas* são próprias da quadra de Verão.

Nas considerações que faremos sobre a cultura dos cereais, trataremos especialmente da cultura do centeio, com uma ou outra referência ao trigo no que respeita, por exemplo, às mondas, pois o centeio, por via de regra, não é mondado.

São as seguintes as fases ou trabalhos inerentes a esta cultura. A lavra, a sementeira, a segada, a carreja para a eira, a malhada e a recolha do cereal nas arcas ou tulhas.

A LAVRA

A terra, mãe de todos os frutos, tem de ser convenientemente arroteada antes de se lhe lançar a semente. Tem que ser lavrada.

A parte algumas escassas plainas, ou chãs, em alguns altos, Trás-os-Montes, como o próprio nome indica, é formado por uma infinidade de montes, uns atrás dos outros, de encostas ou ladeiras mais ou menos empinadas.

As encostas ou ladeiras estão mais ou menos arregueiradas por pequenos vales ou *canadas*, onde, durante o Inverno, correm riachos em regime mais ou menos torrencial.

Quando a *canada* está rasgada sensivelmente no sentido leste-oeste, nela há duas encostas, uma do lado norte e outra do lado sul do curso de água da *canada*. A primeira, faceada ao sul, é a *soalheira*, bem batida do sol, a segunda, faceada a norte, é o *abicheiro*.

Pois bem, o trigo dá-se melhor na *soalheira* do que no *abicheiro*.

O centeio, ou *pão*, dá-se bem nos *abicheiros*.

Nas *chãs*, ou *plainas* dos altos, tanto o trigo como o centeio ali medram bem; no entanto essas terras são quase sempre reservadas para a sementeira dos trigos.

Um meu informador explicou:

— «Aproveitam-se as boas terras para o trigo porque este *graia* melhor que o centeio, e colhe-se mais proveito semeando

do-o nas chãs. O centeio semeia-se nas terras mais pobres das ladeiras».

De qualquer modo a terra tem que levar pelo menos *três voltas*, as *três aradas*, os também chamados *três ferros*.

A primeira lavra, a que em S. Pedro chamam *decrua*, faz-se do mês de Janeiro até fins de Março (1).

Na *decrua* das ladeiras, se a terra for de *adil*, isto é, em estado de pousio há pelo menos dois ou três anos, a lavra faz-se *a torna talhada*, ou seja *a direito*, pelos sucos do restolho, segundo as linhas de nível.

Se for restolho do segundo ano a *decrua* já tem que ser *subesguelhada* ou *cortada*, isto é, enviuzada ao suco do restolho, cortando-o.

Na lavra das ladeiras na parelha que puxa o arado, a besta do lado de baixo, *vai mais à subessa* e puxa mais do que a que vai do lado de cima.

Do mesmo modo, com a parelha que puxa o carro, no *arrouço*, ou seja nas voltas, se a volta se faz sobre a direita o animal da esquerda é o da *subessa*, é o que *arrouça* (faz dar a volta) o carro. Nas voltas em que o carro *arrouça* para a esquerda, o animal da direita é o da *subessa*, logo é o que puxa mais.

(1) A *decrua* é o primeiro acto de escachar a terra, tem que ser bem funda e feita a tempo e horas. Como já se disse, faz-se desde Janeiro até fins de Março.

A lavrador que se atarda a *decruar* aludem os dois seguintes rifões:

Quando o cuco canta	
E a rola rula	Arada de canto do cuco
Lavrador de m.....	A água a correr pelo suco.
C... na <i>decrua</i> .	

Costumam dizer que as *decruas* em Abril são dos preguiçeiros. Aliás um outro dizer bem corrente exalta o cuidado que deve pôr-se na *decrua* e na segunda lavragem subsequente, a *vima*, quando diz: *Decrua bem, vima melhor. A sementeira vá como for.*

Para terminar mais um conceito riftonário: *Chegando ao dia de S. Miguel semeia por onde quer e quiser.*

A segunda lavradela, *segunda volta* ou *segundo ferro* é a *vima*, que é feita em Abril ou Maio.

Agora as *tornas* ou *sucos* têm que ir subesguelhadas à *torna da decrua*, isto é, orientadas com certo grau de obliquidade. Por isso é que em algumas regiões, por exemplo no concelho de Moncorvo, chamam *entrevessa* a esta segunda lavra.

A última volta ou *terceiro ferro*, faz-se no mês de Outubro, é a *lavra da sementeira*, para *cobrir o pão*. É quando se *estruma*.

Então a *torna* ou *suco*, leva sensivelmente a mesma direcção da *decrua* (Fig. 1).

Nas *chãs* à terra que foi *vimada*, na altura da *sementeira* agradam-na antes de lhe dar o *terceiro ferro*.

Nas ladeiras não é possível agradar, pois a grade foge sempre ao baixo.

Para realçar a importância das duas primeiras voltas ou ferros, a *decrua* e a *vima*, é corrente o seguinte prolóquio:

*Decrua bem e vima melhor.
E à sementeira vá como for.*

Na *decrua* os *sucos* têm que ser *juntinhos* para que a terra fique bem *estourada*.

À *vima*, que cruza a *decrua*, é também conveniente lavar *miúdo*.

Geira de arada

O terreno que é lavrado num dia por uma junta de bois ou de vacas designa-se *geira de arada*.

Recorde-se o aforismo seguinte.

*Quem machos gabou
Nunca com vacas lavrou.
E quem vacas gabou
Nunca com bois lavrou.*

Uma *geira de arada* na ladeira leva em média 3 alqueires de sementeira.

Nas *chãs* e terras fundas leva 4 alqueires ⁽¹⁾ e até pode levar cinco.

O planalto de Mogadouro, de terras plainas ou pouco onduladas, produz muito trigo.

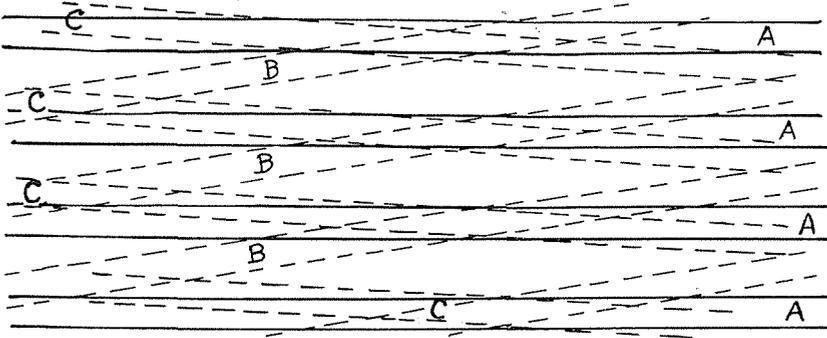


Fig. 1 — Esquema das três lavras em terras de *adil*, em pousio há pelo menos 2 ou 3 anos, para a sementeira do *pão* nas ladeiras. A — Primeira lavra ou primeiro *ferro*, a *decrua em torna talhada*, ou a direito, seguindo as linhas de nível ou os sucos do velho restolho. B — Segunda lavra, segundo *ferro*, ou segunda volta, a *vima*. As *tornas* ou sucos de arada, subesguelhadas em certo grau de obliquidade às *tornas* ou sucos da *decrua*. C — Terceira lavra, terceiro *ferro* ou *lavra da sementeira*, para *cobrir o pão*. Acentuou-se a obliquidade da 2.^a e 3.^a lavras para maior objectivação.

Em Vale Ferreiro, aldeia do concelho de Mogadouro, famosa pela produção de trigo, não há nenhuma geira de arada que leve menos de 5 alqueires «porque a terra pode bem com eles».

O mesmo informador acrescentou. «À borda e à direita do *caminho das atafonas*, ao chegar a Mogadouro para quem vai de Meirinhos, há uma grande tapada que deve levar os seus 25 alqueires de sementeira: é a chamada *geira do preto*. Diziam os antigos que um criado preto a lavrou num dia com duas juntas de bois».

(1) A capacidade da velha medida do alqueire é variável de concelho para concelho.

Apenas dois exemplos em concelhos pegados. O alqueire no concelho de Mogadouro tem 15 litros e no concelho vizinho de Moncorvo 13,3 litros.

A SEMENTEIRA

A sementeira é feita à mão, a lanço. O saco com o cereal é levado pendente do ombro esquerdo.

A sementeira, ou seja o lanço da semente à terra, faz-se às tiras ou faixas do terreno, as chamadas *embelgas*.

Se a *embelga* foi marcada pequena, terá uns 6 a 7 metros de largura, e o lanço da semente à terra faz-se em duas mãos de sementeira, uma para lá, a *abrir a sementeira*, e outra para cá, a *cerrar*.

Se a *embelga* é grande, com os seus 10 metros de largura ou um pouco mais, leva três mãos: neste caso a do meio é a *que cerra*. Alguns lavradores ainda lhe dão uma quarta mão, a que chamam *a cruzar o pão*. Esta última é feita ao través, em direcção normal às anteriores, e é *mais rala*, isto é, espalha-se menos semente ⁽¹⁾.

Esta quarta mão de sementeira faz-se para evitar que o *pão* fique *embelgado*, isto é, com manchas de cereal muito raro, com falhas.

A prática faz com que o lavrador ao semear lance à terra semente que *abonde*, contando inclusivé com as perdizes e coelhos, que podem causar danos em maior ou menor grau, especialmente nas bordas dos campos de sementeira.

Antes de lanço a semente à terra convém *embelgar* o campo, dando com o arado sucros paralelos convenientemente distanciados. Ficam assim marcadas as *embelgas*, que, muitas vezes, são marcadas com pedras ou com ramitos postos em linha.

⁽¹⁾ A sementeira deve ser bem tenteada, nem rara nem basta.

Há certas sementeiras em que não há que poupar a semente. Assim sucede p. ex. com o linho. Diz-se que depois de semear o linho se a sementeira foi bem feita «molha-se o dedo e têm que vir 7 grãos agarrados ao dedo».

Uma vez lançada a semente à terra faz-se a *terceira lavra*, a que chamam o *cobrir da semente*, tarefa que, como atrás se referiu, é feita em Outubro.

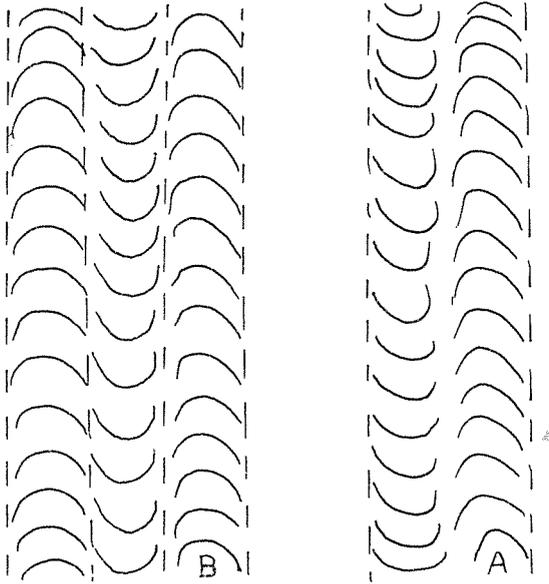


Fig. 2 — Esquema da sementeira do cereal feita à mão, a lanço. A — *Embelga* pequena, com 8 a 10 m de largura; a sementeira faz-se em duas *mãos* ou duas *corridas*, uma para lá, *a abrir*, e outra para cá, *a cerrar*. B — *Embelga* maior; a sementeira leva três *mãos*; a do meio é a que *cerra*.

A ARICA OU O ARICAR

O *aricar* é feito com o arado de *orelheiras*, ou *aivecas*, curtas.

Para isso são cortadas só à medida do *pispenheiro* ⁽¹⁾ ou um tudo nada acima.

⁽¹⁾ O *pispenheiro* é uma pequena peça de ferro de forma balanceolada, aguçada nas pontas, que atravessa a *rabela* do arado, e vai espetar pelas pontas nas *orelheiras* ou *aivecas*. As *orelheiras* ou *aivecas* são talas de madeira dura, que, em baixo, espetam entre a aba da *relha de ferro* e o

A *arica* é feita especialmente nas searas de trigo, mas o centeio, dizia o meu informador, «se lh'a derem, bem que a agradece».

São feitas duas *aricas*, uma nos Santos (1 de Novembro) e outra pelo mês de Fevereiro.

É nesta segunda *arica* que lançam o adubo químico. Na sementeira a terra foi adubada com estrume de curral.

O *aricar* é levar o arado pelo suco da sementeira.

Dizem que «o lavrador quando vai *aricar* deve ir borracho», para não ter dó do cereal que vai arrancando. Só se arranca o cereal e as ervas que estão no suco.

Com o trigo que foi aricado gasta-se menos dinheiro à monda.

É velho o refrão: — *Quem aricar não precisa mondar.*

A MONDA E O RESPONSO DAS MONDADEIRAS

A monda, como é bem sabido consiste no arranque das ervas daninhas, o joio, que cresce por entre o cereal.

É serviço de mulheres e faz-se durante o mês de Maio.

O rancho das mondadeiras é muitas vezes formado por 8 a 10 mulheres e sobretudo por raparigas.

É certo e bem sabido que quando algum homem passa à vista do rancho, seja perto seja longe, é *zirrado*, em grande algazarra, com o *responso das mondadeiras*.

É tão desbragada a linguagem do responso que, por natural decoro, não podem reproduzir-se na íntegra os insultos que as mondadeiras dirigem aos homens que passam.

A algazarra pode começar assim:

Zirra... zirra... zirra seu sendeiro.

Nos cornos do teu pai vai uma lebre.

Zirra... zirra... zirra... zirra...

pau da rabela. Espetadas nas pontas aguçadas do pispeneiro as *aivecas*, crescem para cima uns 25 a 30 cm e vão afastando para os lados a terra estourada pela relha, abrindo o rego ou *suco da arada*.

e logo recomeçam:

Zirra... zirra... zirra seu corno.

Zirra... zirra... zirra... zirra...

Se o homem, ou homens, que passam não respondem, as mondadeiras continuam a gritar zirras em sucessão contínua, com alusões descaradas e insultuosas à inversão sexual do ou dos visados, e insultos aos ascendentes, nomeadamente à mãe.

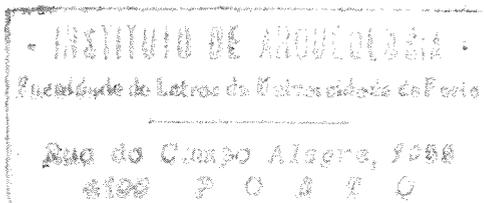
Se quem passa responde no mesmo tom, acoimando-as de más mulheres, com todas as letras, então as mondadeiras exasperam-se e a gritaria atinge proporções de desbragamento incrível.

Algumas vezes os homens que vão a passar ao longe, baixam as calças, voltam-se quer de costas quer de frente, acompanhando essas atitudes com frases grandemente ofensivas da honra das mondadeiras. Estas muitas vezes correspondem com atitudes similares, troçando os homens e fazendo-lhe negaças.

Gritam-lhe zirras sucessivos, em linguagem desbragada com alusão à jaqueta curta, a que falta um retalho e lhe faltam botões, tudo isto acrescido de palavrões insultuosos e a rimar com órgãos sexuais (¹).

É tão grande a necessidade que as mondadeiras têm de berrar o seu responso insultuoso e gritado em linguagem desbragada, com alusão descarada aos órgãos sexuais, que, quando passa a manhã e não viram nenhum homem a quem pudessem zirrar bem zirrado, são elas mesmas que se viram umas contra as outras.

(¹) A linguagem impudica, indecorosa, conta James Jorge Frazer a pág. 48 do seu livro *Le cycle du rameau d'or — Esprit des blès et des bois*, trad. de Pierre Sayan, Paris, 1935, Vol. I, ix + 348 págs.; Vol. II 360 págs., era corrente na festa dos remotos lavradores da Sicília, que pretendiam terem sido os primeiros a receber o dom ou dádiva do trigo, feito pela deusa Déméter. A festa celebrada no começo das sementeiras durava dez dias. Frazer escreve: «Il est d'usage, pendant cette période, que les gens s'invectivent en langage grossier, parce que Déméter rit d'une plaisanterie grivoise à l'époque où elle se lamentait sur la perte de sa fille».



Três ou quatro atiram-se a uma companheira, tombam-na, para verem se os pêlos do púbis têm a mesma cor do cabelo, ou para verem se são curtos ou compridos.

E logo se atiram a outra companheira para verem se os pêlos do seu púbis são mais curtos ou mais compridos que os da companheira anterior.

Conta-se que a um lavrador, dono do cereal, as mondadeiras, quando ele chegou à seara, atiraram-se a ele, baixaram-lhe as calças e desnudaram-no da cinta para baixo.

De vez em quando uma mondadeira sai da ranchada e vai satisfazer determinada necessidade fisiológica atrás duma parede. Se ela demora as companheiras achincalham-na em assoada.

Uma começa e as outras vão encadeando as respostas em alta gritaria. — Falta uma mondadeira!... grita uma.

Logo outra responde: — Foi a c Na boca traga o que lá foi deixar.

E outra grita em sequência: — Que lhe hemos dar de dote? ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ O responso das mondadeiras, pode dizer-se que é geral por todo o leste trasmontano, e, como é natural, com variantes locais.

Na Cardenha, freguesia do Concelho de Moncorvo, quando uma mondadeira se afasta da ranchada e demora, uma das raparigas grita a uma das companheiras: — Ó Maria, que lhe havemos de dar de dote?

A visada responde gritando: — Dêmos-lhe a Quinta da Portela. Cheia de m até à cancela.

Gargalhada geral, e todas gritam, à uma: — E a ti comadre como a ela.

Logo é demandada outra companheira: — Ó Rosa, e tu que lhe dás de dote? — Dou-lhe a quinta da Terrincha. Cheia de m até à frincha.

Outro dote: — Dou-lhe uma toalha de estopa; onde o diabo limpa o cu limpa ela a boca.

O *dar os dotes* observa-se em muitas aldeias trasmontanas quando no Entrudo é costume a mocidade fazer o *pregão dos casamentos*.

De noite, dois rapazes, armados em juízes, vão dando em casamento as raparigas aos rapazes. Colocam-se em dois sítios altos em lados opostos sobranceiros aos povoados e fazem os proclamos casamenteiros,

Outra responde: — Uma toalha de linho. Onde o diabo limpa o cu limpa ela o focinho.

A sequência dos dotes prossegue. — Que lhe hemos dar de dote? E logo outras propõem:

— Uma toalha de estopa. Onde o diabo limpa o cu limpa ela a boca.

— Uma terra aos barreiros. Onde vão c . . . os cães perdi-gueiros.

Uma mais afoita, grita: — Ela não vem? Todas em coro, gritam: — Não vem nem virá nem o diabo a cá trará.

Quando a mondadeira em falta aparece, todas, à uma, gritam em coro: Chi...a... Chi...a... Chi...a... arremedando o chiar do carro de bois em rodar vagaroso.

O estranho comportamento das mondadeiras entra na categoria dos ritos chamados de simpatia, e, tem, origem remota.

O responso das mondadeiras e outras práticas realizadas no decurso das segadas e malhas dos cereais, são esbatidas sobrevivências de velhos ritos ligados à fertilidade da terra e à boa germinação e desenvolvimento das sementes, num todo de homenagem ou culto ao espírito dos cereais.

O MARAFOLHAR

Quando o trigo novo, com uma altura, em média, de 25 a 30 centímetros está forte, é preciso *marafulhá-lo* (Moncorvo).

gritando por um *embude* do vinho, de bico largo, o que não só modifica o timbre das vozes, mas as torna altissonantes.

O Abade de Baçal, nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo IX, Porto, 1934, pág. 321, refere esta velha usança e escreve: «Depois de cada proclamação gritam os juízes. — Que lhe hemos dar de dote?

Gritam todos os rapazes: — Uma terra no Cierão, que não dá palha nem pão, ou uma terra no Lajedo. É boa: canta lá o cuco cedo, ou ainda uma burra branca e cega do Barnabés, p'ra que nem ela nem a burra tornem lá a pôr os pés.

E mais por este teor, ajeitando o dote em terrenos infrutíferos ou por formas ridículas e escarninhas».

Se o trigo se apresenta forte e viçoso corre o perigo de, quando espigado, vir a tombar ⁽¹⁾.

Para evitar que tal suceda, há que o *marafolhar*, isto é segá-lo pelas pontas.

Muitas vezes soltam para o trigal os borregos novitos que se encarregam de retouçar as folhas tenras das pontas do trigo.

A SEGADA

A segada dos cereais faz-se no mês de Junho, à roda do S. João.

Tanto assim é que são correntes estes dois prolóquios:

Em Junho ceitoira no punho.

Pelo S. João fouchinha na mão.

Actualmente muitas searas das *chãs* são segadas com má-quinas.

Antigamente as ceifas eram todas feitas por homens, os segadores, à *seitoira*, fouchinha de folha comprida e curva larga.

Há dois tipos de *seitoiras*.

As *seitoiras de pica*, (Figs. 3 e 4) com o bordo cortante picado ou serrilhado ⁽²⁾ e as *seitoiras de corte* com o bordo liso e afiado como o de uma faca a cortar bem (Figs. 5 e 6), a que na aldeia de Vilarinho da Mó, anexa da freguesia de Beça, concelho de Boticas, chamam *gadanho* ⁽³⁾.

⁽¹⁾ É corrente o ditado que reza assim: «Cereal deitado lavrador de pé». De facto as espigas bem desenvolvidas e bem gradadas tornam-se pesadas e, com ventania e condições metereológicas convenientes, o cereal pode cair. O certo porém é que as espigas bem gradadas são prenúncio de boa colheita.

⁽²⁾ Antigamente havia umas *seitoiras de pica* de folha delgadinha a que chamavam de *gorgodilhos* que cortavam melhor do que as *de corte*, além de que estas é preciso andar sempre a aguçá-las com a pedra.

⁽³⁾ *Gadanho* é pois a foicinha de corte liso que se afia com uma pedra. *Gadanha* é a grande foice de cabo comprido para segar erva ou feno, que em dada altura do cabo tem um espigão, a que, em Vilarinho da Mó, chamam *maniota*, onde se aplica a mão direita que imprime o lanço do corte.

As *seitoiras* de corte são as preferidas e, de quando em quando apuram-lhe o fio, com a pedra de afiar, que cada segador traz consigo.

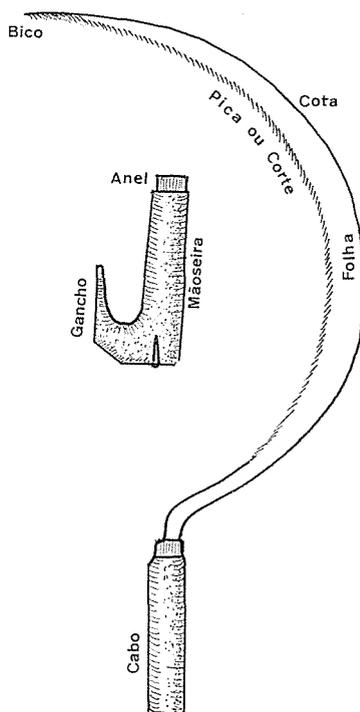


Fig. 3 — *Seitoira de pica* de S. Pedro. Antigamente havia umas *seitoiras de pica* de folha delgadinha, chamadas *gorgodilhos* que cortavam ainda melhor que as de corte. Estas é preciso, de quando em quando passar-lhe a pedra de afiar.

Se é certo que nas *chãs* e nos terrenos mais ou menos planos a ceifa dos cereais é feita com máquinas ceifeiras, nas encostas ou ladeiras, onde as máquinas não podem trabalhar, as segadas continuam a fazer-se à *seitoira*.

Antes de aparecerem as máquinas ceifeiras, todas as segadas eram feitas pelas ranchadas de segadores.

Faziam-se *camaradas* com um número maior ou menor de homens que se juntavam para fazer a segada, quer à geira, quer de *empreita*.

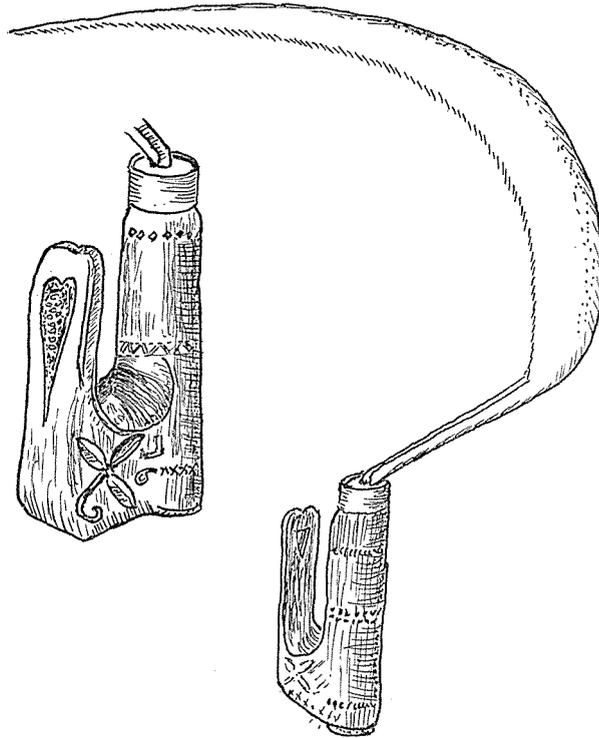


Fig. 4 — Decalque do esplêndido desenho de Fernando Galhano, de uma foicinha serrilhada e cabo de foicinha das Terras de Barroso, publicado a pág. 110 do trabalho *Objectos e alfaias decoradas* do Museu de Etnologia do Ultramar, I, Portugal metropolitano, Lx.^a 1968, 150 págs. e 140 figs. Fernando Galhano realça, em nota, que «a região barrosã ornamenta utensílios que em outras áreas não era costume ornamentar».

Os da *camarada* escolhem o companheiro que os vai orientar e os comanda, é o *mandaraxe* ou *manajeiro*, que, além de outras atribuições, é quem contrata, com o patrão para quem vão segar, as condições em que o serviço vai ser feito.

Quando a segada é feita de *empreita* o trabalho é justo por um tanto em dinheiro, e mais um certo número de encargos para o dono da seara. Em alguns casos entravam em contrato uns tantos litros de vinho, bacalhau, massa, arroz, feijão, azeite e pão.

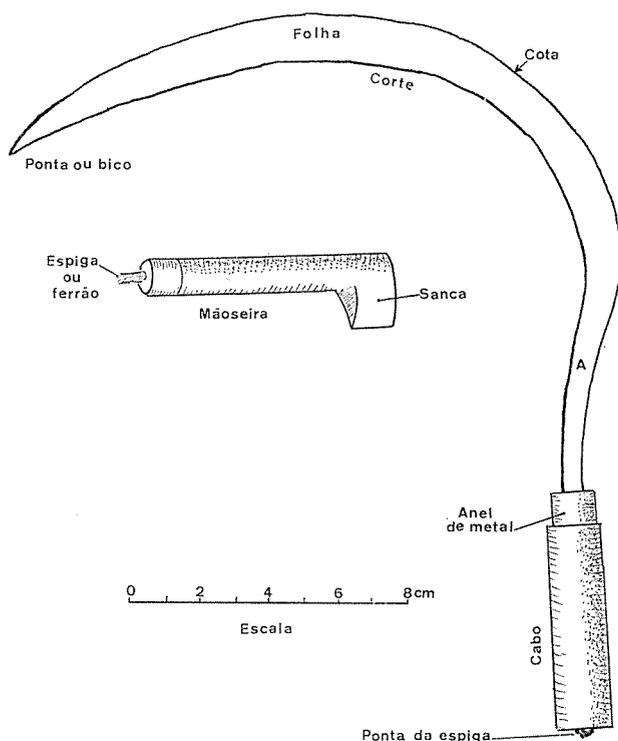


Fig. 5 — Foice ou seitoira de corte. Em A acaba o corte e começa a *espiga* ou *ferrão*. Os segadores muitas vezes acentuam a dobra em A para reforçar o enconchado da folha como se vê na seitoira da Fig. 6.

Quer dizer: o dono do cereal fornecia certas quantidades de produtos alimentares, que eram cozinhados a gosto, ou de conta, dos segadores.

Quando a segada é feita à geira os segadores recebem a sua jorna ou salário e comem à conta do patrão.

O trabalho dos segadores é duro, desgastante, feito muitas horas ao longo do dia, algumas das quais ao pino do sol. Por isso os segadores precisam de estar bem comidos e bem bebidos.

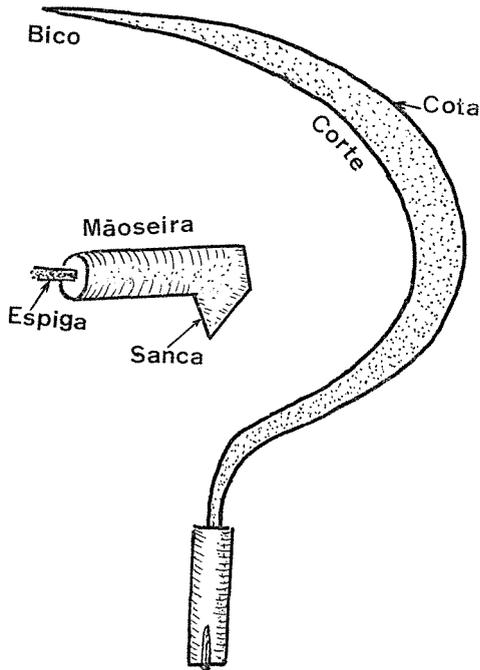


Fig. 6—Seioira de corte bastante encurvado da Quinta de S. Pedro. O cabo é atravessado, a todo o comprimento, pela espiga ou ferrão.

De madrugada, pelas quatro horas, após um leve *desinjum*, os segadores seguem para o campo. Mal ali chegam começa o corte e o serviço vai correndo até à posta do sol, entrecortado com as refeições do almoço, do jantar ao meio-dia, a sesta até às 2 horas da tarde, e da merenda pelas 5 horas.

O trabalho é duro, por isso bem pago: as geiras ou salário são altas.

No planalto de Mogadouro e Terras de Miranda, de terras *chãs*, há grandes colheitas de cereal, especialmente de trigo.

Nas encostas ou ladeiras também se cultivava o trigo mas mais vezes o centeio.

Muitas notas colhi-as na Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia anexa à freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro.

Na Quinta de S. Pedro, que chegou a ter 32 fogos, hoje reduzida, pela emigração, a 19, a terra é quase toda de ladeiras pendentes sobre o rio Sabor. Colhe-se pouco cereal. Ali as segadas fazem-se quase sempre por entre-ajuda, e é de brío servir boa comida e abundante aos que vêm ajudar, e vinho o que cada um quer beber.

Tanto nas grandes como nas pequenas segadas as refeições a servir aos segadores são várias, algumas obrigadas a carne ou a bacalhau e sempre em quantidade, de modo a que a comida sobeje. Assim se cumpre o rifão que diz: «o que sobeja é o que farta».

No planalto de Mogadouro e Terras de Miranda, lavradores colheiteiros de muitas centenas ou milhares de alqueires de cereal, para darem de comer aos segadores matavam ovelhas, carneiros, cabras e bodes, e, por vezes, uma vitela; isto além da carne de porco, especialmente presunto e salsichões, que era sacramental servir, sobretudo ao *desinjum* e à merenda.

As refeições eram, e ainda são, as seguintes: *desinjum*, almoço, jantar, merenda e ceia ⁽¹⁾.

O *desinjum*, de madrugada, por volta das quatro horas, servido em casa, consta de pão com um bocado de queijo de

(1) As refeições reforçadas são também as dos malhadores. Mas estes têm mais uma pequena refeição, a *parva*, pelas 10 h. É quase só o pretexto para se beber um copo de vinho ou «dar um beijo na cabaça», pois quase sempre é apenas servida uma fatia de pão com uma dúzia de azeitonas ou alguns figos secos.

A *parva* só era servida aos malhadores e também às mulheres ao *massarem* e espadelarem o linho.

Não consegui apurar se neste serviço em Trás-os-Montes as mulheres cantam, como no Minho o belo *coro das massadoras* (vd. Prof. Gonçalo Sampaio, *Cancioneiro Minhoto*, Porto, 1940, pág. 3.

cabra ou de ovelha, ou um traço de chouriço, ou umas rodelas de salsichão, ou uma fatia de presunto e um golo de aguardente. Às vezes também uma mão cheia de figos secos.

O almoço, pelas 8 horas, servido no campo, por via de regra, consta de umas *sopas* ⁽¹⁾, bacalhau cozido com batatas, pão e vinho.

O jantar, ao meio-dia, também servido no campo, consta de carne guisada com massa ou arroz de carne, salada de alface ou de tomate, pão e vinho.

Até às 2 horas é a sesta que muitos aproveitam para dormir. Depois de dormirem a sesta ao espreguiçarem-se e a esfregar os olhos costumam dizer: — Ah! agora é que o cigano sega. Não consegui averiguar a razão deste dito.

À merenda, pelas 5 horas da tarde, cabrito ou borrego assado, salada, pão e vinho. Algumas vezes, na vez da carne assada, bacalhau frito ou bolinhos de bacalhau.

À ceia, servida na casa do patrão, um caldo de couves, um guisado de carne, que pode ser de galinha, pão e vinho.

Nas grandes segadas, quando a camarada é grande, os segadores podem comer uma ovelha por dia. Certo é que a carne da ovelha, guisada, ou assada ou de arroz, era servida ao almoço, ao jantar, à merenda e à ceia.

Um meu informador, que trabalhou numa segada com mais sete companheiros, quase todos na casa dos 20 anos, contou-me que o dono do cereal todos os dias matava, para lhes dar de comer, uma *canhona*, ou seja uma ovelha velha e gorda.

(1) As *sopas* são feitas de fatias de pão acamadas num alguidar e amolecidas com água e seus temperos, azeite, sal, salsa e uns dentinhos de alho.

Os segadores comem todos do alguidar. É o que se chama *comer à rancha*.

Há várias qualidades de *sopas*. Uma p. ex. é aquela em que o pão é amolecido com a água de cozer galinha ou outra carne.

Já atrás, pág. 47, se fez referência a algumas qualidades de *sopas* ou *migas*.

A FAINA DA SEGADA

Na véspera do início da segada os segadores, pelo fim da tarde levam as *seitoiras* a casa do dono da seara e ali as irão buscar na manhã seguinte, ao *desinjum*.

O serviço da segada ou corte do cereal é orientado pelo *mandaraxe*, que dispõe os homens da *camarada* em linha. Ele forma à direita, e é o *rei*. Põe na ponta esquerda um dos mais fracos segadores, que é a *rainha*.

Cada segador empunha a sua *seitoria*, bem como os *didais* (cf. *dedais*), peça de couro com duas dedeiras onde enfia o mínimo e o anelar (há-as com três), uma tira de couro presa à base dos *dedais* passa pela costa da mão, roda o punho e termina por cordão de couro em arco que vai abraçar o polegar (Est. 1, Fig. 8).

As condições em que se vai fazer a segada apresenta duas modalidades, ao *eito* ou à *sucada*.

À *sucada*, como o próprio nome indica, quando na terra há sucos ou regos, por via de regra separados uns dos outros de 30 a 40 centímetros. Neste caso cada segador ceifa o cereal de dois ou três sucos.

Ao *eito*, quando não há sucos ou são muito espaçados, os segadores trabalham lado a lado em linha direita. Se algum se atrasa, logo um dos companheiros, em ar de chacota, comenta: — Aquele já traz a *ligareza* nas costas ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ *Ligareza* é sinónimo de preguiça.

No Souto da Velha, aldeia do concelho de Moncorvo, a *ligareza* é a cigarra. Quando um segador se atrasa, se calha a cigarra vir «fungar» por cima dele, logo os companheiros gritam: — Olhai se quereis ver. Aquele já «traí» a *ligareza* às costas.

Sucedem mesmo que, às vezes, a cigarra vem «fungar» na linha do corte. Quando o *rei* dá por ela sacode no ar uma manada e diz: — Eh rapazes vamos ao diante. Já sacodi a preguiça que anda sobre nós.

A *ligareza* ou cigarra é o símbolo da preguiça. Daí a lenda que me contaram assim. No Inverno a cigarra foi pedir um pão «prestado» à formiga. Esta perguntou à cigarra: — Que andaste a fazer durante a segada?

— Andei a cantar cantigas aos segadores. — Então vai lá: eles que te prestem o pão.

Se a segada é feita à *sucada*. O segador da ponta direita, o *rei*, é o que começa o corte. O segundo segue-se-lhe na traseira, à esquerda, a cerca de 2 metros atrás, e assim sucessivamente.

O último a começar a segar é o da ponta esquerda, a *rainha*, que é sempre fraco segador. Se a *rainha* vai ficando para trás os segadores da direita, de vez em quando, vão-lhe dando umas seitoiradas de ajuda ⁽¹⁾.

Quando a mão esquerda apanha um pouco de centeio ou trigo em quantidade bastante para fazer meia manada, faz-se-lhe a *chave* que consiste em *espipar* da manada duas ou três palhas, dobrá-las e enrolá-las aos toros. Fica a meia manada *enchavada*. Se se não fizer a *chave*, faz-se mal o molho.

Continua-se a segar para a mão esquerda até acabar de fazer a *manada* ou *manuja* ⁽²⁾.

Quando a mão esquerda já não pode abarcar mais palha está feita a *manada*, e, com a ajuda da *seitoira* deita-se a *manada* ao chão.

(1) Mesmo quando a meio da linha um vai ficando para trás do alinhamento do rancho dos segadores, é quase certo um gritar: — Aquele é como a Maria da Gouveia. Porquê? pergunta outro. Ao que um terceiro responde: — Porque é preguiceira.

(2) *Manuja* é palavra que significa a manada de *pão* que a mão consegue abranger em regra por 3, 4 ou 5 foçadas. Em mirandês o termo correspondente é, como em português *manada*. O conjunto de 3 ou 4 manadas forma em mirandês uma *gabelha*. O conjunto de 4 ou 5 *gabelhas* faz um *manôlho*. A raiz de *manôlho* e *manuja* é a mesma.

Manuja não aparecia no vocabulário da Academia; parece pois que se trata de mais um provincianismo a juntar ao vocabulário popular trasmontano.

Meyer Lübke, *Introdução ao estudo da glotologia romântica*. Lisboa, 1916, pág. 284, cita W. Schulze, que, por sua vez, cita a raiz comum *manuclus* por *panupulus*, que em romeno deu *manuchui*, em italiano *manochio*, no francês antigo *manoil*, em castelhano *manujo*, em português *molho* e em mirandês *manôlho*. Esta nota sobre *manuja*, apud P.^e Dr. António Mourinho.

Sobre a etiologia de *manada* veja-se a obra do Prof. Doutor José Gonçalves Herculano de Carvalho, *Coisas e palavras*, etc., cit., págs. 132 e segs.

Há sempre vantagem de fazer a manada grande, o que está em relação com o tamanho da mão esquerda. As manadas grandes levam pelo menos uma segunda *chave*.

Na segada ao *eito* cada segador deita sobre a primeira *manada* uma segunda e depois uma terceira, para fazer uma *gabela*.

Quando o pão é fraco duas ou três *manadas* fazem a *gabela*; mas se o pão é forte, e basto, cada *gabela* leva quatro e cinco *manadas*.

Se o segador, com a pressa, ou por distração, se esquece de juntar à primeira manada as que com ela formariam a *gabela*, fica a *manada* isolada, a que chamam *zôrro* ⁽¹⁾.

Os companheiros ao darem conta dum *zôrro* fazem pouco do segador, e, ora um ora outro, dizem-lhe.

— Olha se queres ver: deixaste aqui um *zôrro* a berrar.

— Olha o *zôrro* que ali deixaste. Acaba de o criar.

E o visado apressa-se a juntar ao *zôrro* mais duas ou três *manadas* para inteirar a *gabela*.

Como é natural há necessidades fisiológicas que levam o segador a abandonar a linha do corte.

Se o segador antes de se afastar vai pedir licença ao *rei*, quando volta os companheiros nada dizem, mas se ele abandona a linha do corte sem pedir licença, quando regressa fazem-lhe uma assoada tremenda.

Sobretudo se aquele que se afastou demora mais tempo do que se lhes afigura necessário à satisfação de imperiosas necessidades fisiológicas, começa a apupada, em parte semelhante ao que vimos passar-se com as mondadeiras.

Um dos da camarada grita: — Então fulano não vem?

Logo um companheiro responde: — Não vem nem virá, nem o diabo o cá trará.

E logo outro acrescenta: — Na boca traga o que lá foi a pôr.

E os gritos sarcásticos e achincalhantes sucedem-se ao sabor de inventiva de cada um.

(1) *Zôrro* é a designação corrente do filho natural, ou abandonado.

— Lá vem ele pelo lado do Valongo. Flauta às costas e os tomates debaixo do ombro.

— Lá vem ele pelo terreiro do paço! Com a flauta às costas e os testículos debaixo do braço.

— Milagre ele demorar! C... relhas. C... arados. C... pontas de carvalho. C... timões. C... bichas. E até c... testículos.

O segador gritante desta surriada não diz testículos mas sim o nome corrente dos mesmos a rimar com timões.

Quando por fim o afastadiço e retardatário já vem perto, dois segadores abandonam o corte e vão ao seu encontro. É «de lei serem o *rei* e a *rainha*». Põem-lhe uma *gabela* às costas, e, como se fosse um carro, um adiante, a puxá-lo, e outro de trás com uma pedra na mão como se fosse preciso calçar o carro muito carregado, vão gritando *chi...a, chi...a, chi...a*, simulando a chiadeira dos carros.

Chegados à linha do corte o retardatário pede licença ao *rei* para entrar no *eito*, que imediatamente lhe é concedida.

Mas a assoada continua.

A *rainha*, da sua ponta esquerda, grita bem alto: — Então meu rei, que lhe hemos dar de dote?

Cada um dos segadores vai gritando o dote que a seu gosto lhe vai atribuindo, em parte iguais, ou semelhantes, aos dotes apregoados pelas mondadeiras, que vimos atrás.

E diz um: — Dêmos-lhe uma toalha de linho. Onde o diabo limpa o cu, limpe ele o focinho.

A *rainha* grita: — O dote ainda não chega.

E logo se ouve outro segador dizer em altos brados: — Dêmos-lhe uma toalha de estopa. Onde o diabo limpa o cu limpa ele a boca.

Aos sucessivos gritos da *rainha* que «o dote ainda não chega», os dotes sucedem-se no meio de grande galhofa.

Vejam os mais alguns que, habitualmente, são concedidos aos afastadiços retardatários: — Dêmos-lhe uns cornos de carneiro, que lhe entrem pela boca e lhe saiam pelo traseiro.

— Dêmos-lhe um terra aos barreiros, onde vão c... os cães perdigueiros.

— Dêmos-lhe a Quinta da Terrincha, com cem carros de m . . . até à frincha.

E acrescentam: «P'ra ele, p'rá boca dele e p'ra quem não disser p'ra ele».

Depois dizem todos em coro: — «Amém... Amém... Todos o amolam e eu também». Em vez de amolam empregam com frequência palavras alusivas ao coito que, por natural decoro, não se publicam ⁽¹⁾.

Ao findar a ceifa de cada terra de cereal, no concelho de Mogadouro e Terras de Miranda quando restam poucos metros quadrados, os segadores juntam-se à roda do pouco que falta segar, e todos gritam:

— Eh rapazes! Vamos agarrar a lebre ⁽²⁾.

E com grande desembaraço, apressadamente, é num pronto que segam o resto daquela seara.

O que segou a última manada grita: — Eu é que agarrei a lebre.

Será ele o primeiro a beber do pipo ou da cabaça, que passa aos companheiros.

No Souto da Velha, concelho de Moncorvo, no remate da segada de cada terra de cereal as coisas passam-se de igual modo às que vão referidas, só com a diferença que no Souto

⁽¹⁾ Sei que há muitos anos, sob a presidência do querido Mestre Prof. Mendes Correia, reuniu, no seu gabinete, um pequeno grupo de etnógrafos portugueses e espanhóis, participantes de um congresso luso-espanhol para o Progresso das Ciências, e aventou-se a publicação de um trabalho destinado ao registo de nomes, pragas e ditos pornográficos e tudo quanto existe na linguagem popular de obsceno, torpe, desonesto e atentório do pudor. Tal publicação de tiragem restrita seria destinada exclusivamente a bibliotecas oficiais. Tal propósito não chegou a concretizar-se. Assisti a essa reunião e recorde que foi geral o parecer do interesse etnográfico de um trabalho de tal natureza.

⁽²⁾ Na quinta de S. Pedro quando está prestes a findar a segada duma seara e já resta pouco centeio para segar, há grande animação e os segadores gritam: — Cercai... cercai. Pegai daí rapazes, que hemos de caçar o coelho.

Ali o coelho é o animal que consubstancia o espírito do cereal.

da Velha a simbólica caçada final não é de uma lebre mas da raposa ⁽¹⁾.

Na Quinta de S. Pedro é também a raposa, o pretense animal simbolicamente agarrado no final de cada seara e às vezes o coelho, como referimos em nota de fundo de página.

Na Quinta de S. Pedro o último que sega o seu cereal diz:

— Pronto. Este ano fui eu que fiquei com a chave. P'ró ano *em mentes* eu a não der, ninguém começa a segada.

O JOGO DA ASSUCADA

A segada e a malha são trabalhos violentos, que podem dar ensejo, e muitas vezes dão, a medição de forças, em fases de animada competição, com a alegria própria das emulações desportivas.

Como complemento das segadas há que referir os desafios que às vezes dois segadores se lançam em disputa de quem sega melhor e mais depressa.

(1) A raposa é um dos animais (entre outros, a lebre, o coelho, o lobo, o cão, o rato, o cavalo, etc.) com que, por toda a Europa, se identifica o espírito do cereal. Crença que se manifesta de vários modos. Em Lobeira (Ourense-Galiza) o grande etnógrafo Xaquín Lorenzo Fernández, gentilmente me comunicou o velho costume do *feixe da raposa* que naquela aldeia serrana galega, terra da sua naturalidade, sistematicamente se praticava do seguinte modo: «Rematada e recolhida, quedan ainda anacos de palla misturados con derradeiros grans de centeo, que darian moito trabalho limpar. Istes restos sin separar as pallas dos grans, xúntanse e poñense dentro de un feixe de palla a que se lle fan tres atadelas, unha no meio e outra en cada remate, tomando así un aspecto fusiforme. Iste feixe recibe o nome de *raposa*, que gárdase no palleiro deica o intre da sementeira. Entón, unha vez esterçado e arado o terreo, desfaise a *raposa* e o seu contido mistúrase coa semente que se pón a seguir nos sucos da herdade».

Trecho transcrito do trabalho deste insigne etnógrafo, *O espírito das mes en Lobeira (Ourense)*, em publicação na Homenagem a Fermin Bouza Brey, a editar pelo Instituto de Estudos Galegos, P.º Sarmiento (Santiago de Compostela).

Quando dois segadores discutem o serviço de cada um, pode um deles dizer ao outro: — Milagre que vás na minha frente, não *enchavas* o pão.

Enchavar, é, como já foi dito, *arrodilhar* a primeira mancha com duas palhas. Por via de regra só se *enchava* uma vez, mas o segador que tem a mão grande pode *enchavar* duas vezes.

A conversa entre dois competidores muitas vezes começa assim:

— Ó que rica seitoira aqui tenho. Esta sim que é boa.

O outro responde: — Boa é; o que tem é um frouxo no cabo.

Isto, às vezes, é o que leva à aposta de uma *assucada*.

Outras vezes é um que diz em louvor da sua seitoira, e em ar de desafio.

— É seitoirina de cabo de loureiro!

Ao que o outro em tom de motejo e de menosprezo, riposta:

— Uns segam o pão e os outros lavam o dinheiro.

Estes diálogos, e outros similares, levam também muitas vezes ao desafio no *jogo da assucada*.

Um dos segadores, *que se finta nas suas tamancas*, desafia o companheiro e põe o dinheiro, p. ex. 50\$00 contra o desafiado. Este se aceita o desafio, larga também 50\$00, dinheiro que vai ser posto no chão, no fim das duas *assucadas* que vão ser segadas ao desafio. O primeiro que lá chegar é que levanta o dinheiro e o ganha.

Estas competições, quando os ânimos se exacerbam, levam a apostar a geira, isto é, todo o dinheiro de um dia de trabalho.

Os companheiros podem apostar por um dos competidores, por via de regra também 50\$00, desde que haja outro que ponha igual quantia pelo outro competidor.

É um jogo de emulação que quase sempre desperta vivo interesse da parte de toda a ranchada, mesmo dos que não apostam por fora.

Ao dono do cereal não agradam estas apostas do *jogo da assucada*. Não gosta, porque, com o desembaraço dos compe-

tidores na segada, o pão fica meio esfarrapado, mal *amanujado* e mal *enchavado*.

O dono do cereal quase sempre não permite a competição dizendo: — Não estou para fabricar pão para vós estragares. Muitas vezes acrescenta: — Serviços feitos à pressa não há nenhum bô. Se vos quereis desafiar ide fazê-lo para o vosso pão

Estes desafios parece que eram correntes e ainda certamente o serão, em várias regiões da Europa.

George Frazer no vol. I, pág. 191 do seu livro tantas vezes citado, ao referir-se à emulação entre os segadores atribuiu-lhe origem mitológica assim exposta: Na Frígida o canto próprio da segada e das malhas chamava-se Lityersés. Acrescenta que este Lityersés seria filho bastardo do rei Midas da Frigia, e habitava as Celênes. Diz-se que Lityersés desafiava as pessoas a ceifarem tão depressa como ele: se ganhava zurzia-os. Um dia teve a pouca sorte de o desafio ter sido com um homem mais forte que o bateu e o matou.

O mitólogo Federico Carlos Sainz de Robles, in *Dicionário mitológico Universal*, Madrid, 1944, pág. 446 (Apud Jorge Dias, *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, cit., pág. 9), refere esta lenda mitológica do modo seguinte: «Lityersés era um hábil segador que costumava desafiar os estranhos a ceifar com ele. Se os vencia matava-os com um golpe de foice. Um dia desafiou Hércules, que o venceu e o matou, arrojando-o depois ao Meandro».

Parece, pois, que o *jogo da assucada* tem origem mítica remota.

FAZER A ATADA

Depois da segada há que atar o cereal em molhos.

Apanham as *gabelas* e vão-nas deitando no braço direito.

Quanto mais comprido for o braço maior será o molho.

Um molho meão leva sete ou oito gabelas, mas se for grande pode levar dez, ou mesmo doze.

Os molhos do *pão*, isto é, do centeio, atam-se com um punhado de palhas que se *espipam* de uma das *gabelas*.

A esse punhado de cereal com as respectivas espigas, chamam *granheira*.

O trigo não se deve atar com a própria palha, ou seja com *granheiras* feitas com a palha do próprio trigo, porque o trigo é mais *salagre*, isto é, quebradiço. Tem que se atar com *banceilhos* de palha centeia do ano anterior, posta na água a amolecer.

Cada *banceilho* faz-se com duas *manadas* de palha centeia molhada, atadas pelas cabeças, ou seja pelas pontas da espiga.

Pode atar-se com dois nós seguidos o chamado nó de cão.

A *atada* do pão que se segou da parte da manhã começa a fazer-se cerca das onze horas, antes do jantar.

A essa hora os segadores levantam do corte e saem a atar.

Depois do jantar é a sesta: a segada suspende-se até às duas horas.

Ao fim da tarde, com cerca de uma hora de sol, os segadores largam as *seitoiras* e vão atar o que se segou da parte da tarde.

A atada tem que ser bem feita, como aliás todos os serviços.

Tanto assim é que dizem: Quem bem sega melhor ata. Quem bem ata melhor astra. Quem bem astra melhor malha.

A sequência dos preceitos deste prolóquio é uma apologia do serviço bem feito, e, ao mesmo tempo, estabelece regras inerentes à boa execução do encadeamento dos trabalhos, desde a ceifa no campo, até à malha nas eiras.

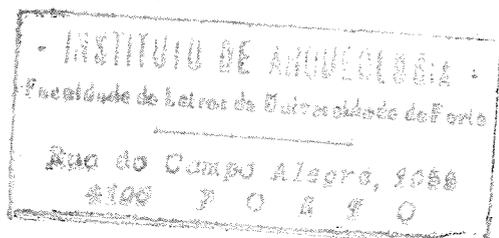
Ainda com a mesma finalidade conta-se que um segador teria dito: — Eu fui à segada. Seguei e atei mas não juntei.

Quando chegou a casa o patrão inquiriu do serviço que tinha feito. O segador respondeu: — Seguei e atei.

Logo o dono da seara contestou: — Segaste e ataste mas não juntaste, não segaste.

A razão deste dito é a seguinte:

Como pelo S. João são frequentes as grandes trovoadas, se o cereal ficou espalhado pelo campo, com a chuva fica molhado, e pode «levar caminho» por criar bolor.



Nas ladeiras, com as trovoadas fortes, as enxurradas podem arrastar os molhos para os ribeiros das canadas, o que já tem acontecido.

Depois de atados, os molhos são largados no chão e ficam espalhados por todo o campo.

Um certo número de molhos faz uma *pousada*. Na quinta de S. Pedro cada quatro molhos fazem uma *pousada*. No Souto da Velha, concelho de Moncorvo, a *pousada* tem cinco molhos. Mas em Felgueiras, freguesia do concelho de Moncorvo, por trás da Serra do Roboredo, cada *pousada* tem dez molhos.

Ao fim da segada ao avaliar a produção, faz-se a pergunta.

— Quantas *pousadas* deu aquela terra?

É que, pelo número de *pousadas*, calcula-se, com grande aproximação, o número de alqueires do cereal que aquelas *pousadas* vão render.

Em S. Pedro a *pousada* de pão regula dar um alqueire de centeio; no Souto alqueire e meio; em Felgueiras dois alqueires e a passar.

DESAFIOS NA ATADA

Ao atar o pão que foi segado pode também haver desafios entre os segadores, ou seja, ver qual é aquele que ata mais molhos e mais depressa.

Muitas vezes o *pimpão*, que foi batido na segada ao jogar a *assucada*, em que *lhe andavam sempre as espigas a ferver em cima das costelas*, isto quando o dianteiro ao deitar a manada ao chão, *lhe passava as espigas pelas costas*, em atitude de desforço, dirige-se ao competidor nestes termos. — Eu lá vos hei-de ver a atar.

Está lançado o desafio, que, se for aceite, a cada um dos competidores compete atar as *gabelas* da sua *assucada*.

Os *pimpões* do *desafio da atada* vão no meio de dois segadores da camarada, que desempenham, por assim dizer, o papel de fiscais.

Cada molho ao ser atado deve ter 8 a 10 *gabelas*. Se um dos *pimpões* começa a querer atar depressa, a despachar *ben-*

celhos e a fazer molhinhos de 3 ou 4 gabelas, para ir na dianteira, os dos lados cispam-lhe um daqueles molhitos e obrigam-no a metê-lo no novo molho que vai fazer, e que deve ter, como se disse de 8 a 10 gabelas.

No fim da atada um dos competidores ou mesmo um dos fiscais faz a pergunta:

— Ó pimpão, quantos molhos ataste?

Cada atador no começo da atada mete no cinto 30 a 40 bencilhos de duas pernas, com o nó para cima do cinto, o que permite *espipar* rapidamente o bencilho do cinto que segura pela ponta na mão esquerda. Depois com a biqueira da bota do pé esquerdo levanta a manada pelos toros, mete a mão direita por baixo da gabela que *arrebanha* para cima do braço esquerdo. Quando o número de gabelas faz o molho em grossura conveniente a mão direita «cispa» a outra ponta do bencilho, trá-lo à ponta que ficou sempre segura na mão esquerda, e a seguir, num pronto, ata o molho.

Como cada molho a atar leva um bencilho, ao findar a tarefa cada um dos desafiados diz: — Amarrei tantos molhos, pois são estes os bencilhos que sobejaram dos que pus à cinta. E di-los e mostra-os.

É de regra os companheiros ripostarem: — Então vamos lá contar os molhos.

É frequente, que, por partida, lhe tenham surripiado, à falsa fé, uns tantos molhos, 7 ou 8 por exemplo.

Esta partida umas vezes redonda em chacota, com risadas à mistura, mas, às vezes desencadeia zangas e dá zaragata.

Ao atar os molhos, se estes são grandes, como as espigas do trigo são *ásperas* a cara do lado direito, na *barbela*, fica inflamada porque se espetam nela as *arganas* das espigas.

Um dos segadores-atadores, e todos o são, informou-me que, devido a tal inflamação da *barbela*, já tem andado aos quinze dias sem poder fazer a barba.

Também é frequente começar a *espirgotar* as unhas dos dedos da mão esquerda, gastas ao pegar no chão os molhos do cereal.

JUNTAR

Como se disse, depois da atada, os molhos ficam espalhados pelo campo. Há que os *juntar*.

Quando a segada é de *ajuste*, os segadores deixam o *pão*, atado mas espalhado, ou, quando muito, em montões. É o dono da seara que vai por trás a compô-los em *cordões*, aos *mornais* ou às *balsadas*.

Se o *pão* não está bem sasonado, por estar ainda meio verde, costumavam pô-lo primeiro aos *cordões* e depois em *balsadas*. Nos *cordões* e nas *balsadas* o *pão* fica uns dias a *cumprir*, isto é, até ficar seco.

O *juntar* é pôr os molhos em *cordões*, em *balsadas*, ou em *normais*, onde fica amontoado, defendido da chuva e das enxurradas e a *amadurar*.

Nos *cordões* os molhos são deitados no chão em fiadas postas lado a lado.

O primeiro molho é estendido no chão, tendo o cuidado de pôr por baixo das espigas umas boas pedras, de modo que as espigas não fiquem pousadas na terra. O segundo molho põe-se em fiada com as espigas pousadas sobre os toros, uma pouquinho atrás das espigas do primeiro molho. Obedecendo à mesma sobreposição das espigas segue-se a fiada de mais uns tantos molhos a formar o *cordão*. Por via de regra ao lado deste *cordão* fazem-se os outros *cordões* em fiadas paralelas.

Actualmente informam que já poucos lavradores fazem a *junta em cordões*, amontoam-se logo em *balsadas*, ou mesmo em *mornais*.

Nas *balsadas* os molhos são postos em castelo sobre duas fiadas basilares e paralelas, distanciadas de dois a três metros.

Estas duas fiadas basilares ficam com as espigas voltadas para fora.

Por cima de cada fiada basilar coloca-se uma fiada de molhos um pouquinho recuados de forma que as espigas dos

molhos da segunda fiada não tapem as espigas do molho subjacente, e possam receber a incidência directa do sol.

Cada uma das fiadas seguintes fica igualmente recuada para que todas as espigas fiquem bem assoladas.

Ao fim de alguns dias, por via de regra quatro ou cinco, quando o *pão* já está seco, desfazem-se as balsadas para com os seus molhos se fazerem os *mornais*, como lhe chamam em S. Pedro, e aos quais no Souto chamam *relheiros*, e noutras terras, como por exemplo em Vilar do Rei, concelho de Mogadouro, chamam *sarnelhas* ou *cernelhas*.

Nos *mornais* começa por se fazer o *cordão* com os molhos postos em fiada, como atrás se referiu. É a chamada fiada do meio.

Segue-se a colocação dos molhos da primeira fiada lateral, com as espigas postas sobre o cordão. A segunda fiada, do outro lado, é posta ao correr do cordão, com as espigas postas sobre as espigas da primeira fiada lateral.

As fiadas laterais levam por cima camadas sucessivas de molhos, até, uma altura em que estes se coloquem sem grande esforço.

As espigas da última fiada devem ficar postas sobre a *granheira* ou *banceilho* dos molhos do outro lado.

Nos *mornais*, como acabamos de expor, ao contrário do que sucede com as *balsadas*, as espigas ficam todas voltadas para dentro e tapadas umas com as outras.

Se o *mornal* estiver bem feito, com os molhos bem acamados, por muito que chova não lhe entra pinga de água.

Nos *mornais* ou *relheiros* diz-se, *fica o pão a cumprir*, isto é, fica a ganhar o conveniente grau de maturação.

No Souto em cada *relheiro*, no geral arrumam-se 20 pousadas, ou sejam cem molhos, visto que ali por cada cinco molhos contam uma *pousada*. Cada *relheiro* carrega um carro.

Quer os *relheiros* quer os *mornais* podem fazer-se com mais ou menos molhos, conforme o *pão* que há no campo; no entanto o seu número de molhos é tal que possam ser levados para a eira numa carrada.

A CARREJA PARA A EIRA

O transporte do cereal, ou carreja, é feito em carros de bois, de vacas ou de muares, onde pode ir o carro.

Nas ladeiras, onde não possa ir o carro, o transporte é feito às cargas por bestas, burros ou muares.

Um bom macho pode carregar nove ou dez molhos.

Um burro carrega 5 ou 6 molhos.

Os molhos são arrumados na eira em *mêdas* de base circular, de diâmetro maior ou menor consoante a quantidade do cereal.

As *mêdas* atingem 6 e 7 metros de altura e algumas vezes mais.

Geralmente cada lavrador arruma toda a sua colheita numa só *mêda*.

Nas trilhas as *mêdas* dispõem-se à roda do terreiro onde se vai trilhar.

Actualmente com as máquinas debulhadoras as *mêdas* dispõem-se em duas filas, deixando a meio espaço bastante para trabalhar a debulhadora.

A MALHA

A debulha dos cereais actualmente, dum modo geral, e em todo o Trás-os-Montes, é feita por máquinas debulhadoras.

Noutros tempos, e também dum modo geral, era feita com malhos (1), e daí o nome de malhas que ainda hoje se mantêm. Assim é corrente o ouvir dizer: — Amanhã chega a máquina e vamos começar a malhar o nosso trigo.

O que se malha?

(1) Um homem do Souto da Velha, valente e esforçado trabalhador, disse-me com certa ufania: — Noutro tempo andei aos três meses com a *mangueira* (designação local do malho) na mão, desde o S. Pedro (29 de Junho) até ao depois do Santo Antão (primeiro domingo de Setembro) todos os dias, não sendo aos dominhos.

Malha-se o centeio, o trigo, a cevada, a aveia, as pardas, também designadas lentilhas ou garrobas, as favas, o milho (o milho e o milho miúdo), os feijões e o grão-de-bico.

As malhas fazem-se nas eiras, também chamadas *prados* ou *veigas*.

AS EIRAS

Num grande número de aldeias as eiras são extensas porções de terreno, grandes baldios da comunidade, que, além de servirem para a debulha dos cereais, se destinam também à pastagem dos gados. Em muitas aldeias é o chamado *prado*, *vale* ou *veiga*.

Nessas eiras, cada lavrador, pelo mês de Maio, vai marcar o sítio onde há-de erguer a sua *mêda*.

A marcação é feita com duas mancheias de palha ou de monte postas em cruz, com uma pedra em cima.

Nos concelhos de Mogadouro, e de Miranda do Douro, a produção cerealífera, especialmente trigo, é grande, por isso, em cada aldeia há, quase sempre, várias eiras.

No entanto quando o prado é grande, como por exemplo em Vilarinho dos Galegos e em Fonte de Aldeia, as eiras estendem-se ao longo do grande prado.

Na Vila de Mogadouro as eiras são no extenso terreiro do *Toural*.

Em Vale de Porco (Mogadouro) há três eiras: uma é a *eira de cima* e as outras duas são as *eiras da Urraca*.

Em Duas Igrejas (Miranda do Douro) há três eiras: as *eiras do vale do Muniu*, onde há anos, estive a ver trilhar; as eiras do Amador ou *da Senhora do Monte*, que são as maiores, e as *eiras do Caniço*, ao fundo do povo, e ao lado da estrada.

Em Palaçoulo (Miranda do Douro) as eiras são em dois sítios: umas no *Vale do Chagonicas* e as outras no *Vale do Nagonalho* (corrupção de Chagonalho).

Em Genísio são as *eiras da Maçaneira*, prado enorme, onde, em Agosto de 1963, vi trabalhar ao mesmo tempo dez trilhas.

Em Sendim de Miranda há três eiras grandes, as *eiras de baixo*, as *de cima* e a *do sumagre*, «onde antigamente se trilhava o sumagre para a curtimenta» e ficou-lhe o nome. Há ainda mais eiras pequenas a saber: *as eiras dos Grijos* (vocábulo que em sendinês significa gregos) que ficam no caminho de Travanca, *as eiras do tio Calrros* e *as da tia Monteiro*.

Em Fonte de Aldeia (Miranda) são *as eiras do Valongo*, no prado que se estende, em pelo menos 700 ou 800 metros, ao longo e ao lado da estrada.

Em Prado de Gatão (Miranda), há, a norte do povo, *as eiras do prado*, e a sul *as eiras do Carvalho*. Antigamente havia rivalidade entre o Povo dos bairros do norte e do sul. Chamavam aos do norte *pedrutos* e aos do Carvalho *carvalhutos*.

Na Quinta de S. Pedro (Mogadouro) há duas eiras pequenas calcetadas a pedra, as *eiras de cima* e as *eiras de baixo*.

Em Meirinhos há as *eiras do cemitério*, *as da Santa Cruz*, *as do Tumbarinho* e *as de Além*. As últimas são as maiores.

Na vila de Moncorvo, no Montesinho junto da vila havia uma eira particular, empedrada a grandes lajes de xisto, em volta da qual os lavradores faziam as suas *mêdas* e nela malhavam o seu cereal.

O dono da eira tinha lá uma tarara para a limpa do cereal, pelo que cada lavrador pagava dois alqueires por cada cem que a tarara limpava.

Nas regiões graníticas abundam os rochedos, uns mais ou menos boleados, e outros um tanto aplanados. Destes alguns, mesmo ao rés da terra ou dela mais ou menos salientes, são muitas vezes, escolhidos para neles se improvisar a eira.

Assim sucede, por exemplo na Cardenha (Moncorvo).

No Souto da Velha, também do concelho de Moncorvo, uma porção do seu termo é de granito. Ali há uma grande laje, chamada a *Laje do Rei*, situada aos Palheiros de Mós, sítio que fica a meio dos termos do Souto e de Carviçais, a qual durante muito tempo foi utilizada como eira para a malha do cereal.

A MALHADA NAS EIRAS

A malhada nas eiras compreende uma série de serviços que se podem esquematizar na seguinte sequência: preparar o *eirado*; astrar a borda; astrar o *eirado*; primeira malha ou *primeira corrida*, que termina pela malha da borda depois de virada pelas mulheres; virar o *eirado*; segunda malha ou *segunda corrida*; malha do *molho do patrão*; tirar e arrochar o colmo; abrir a palha, tirá-la e arrochá-la; vassourar a eira para amontoar o grão; padeja ou limpa; ensacar e levar à tulha.

Malhar toda a gente é capaz de malhar.

Mas o malhar bem é uma arte, como escreveu o grande galego e distinto etnógrafo Xaquín Lorenzo Fernandez, no trabalho *O Espírito da més en Lobeira (Ourense)* cit., a publicar num tomo do Instituto de Estudios Gallegos Padre Sarmiento (Santiago de Compostela), em honra e homenagem à memória de Fermin Bouza Brey.

Não resisto a transcrever o que sobre tal arte escreveu Xaquín Lourenzo. «O bo mallador coñecese en que cumpre tres condicións. En primeiras, debe saber *empinar o malho*, é decér, facer que ao ter este erguido a *mangueira* e o *pírtigo* estíen formando unha liña vertical, sen que o *pírtigo* se desvie cara ningún lado. Logo ten que ser um bo *boureador*, isto é, lograr que o mallo faga un xordo e forte bruído ao bater na més; pra elo non abonda con faguelo cair con forza, senon que é preciso que o *pírtigo* caia sabor da palla ben horizontal, batendo todo il ao mesmo tempo. En derradeiras, e isto non depende somente de il, ten que gardar un ritmo perfecto cos seus compañeiros, pra que o seu mallo se mova xuntamente no espazo que lhe corresponde, sen tropezar cos demáis e batendo con perfecta sincronía; esi conséguese que as mallas fagan o bruído longo e grave que se coñece coa voz onomatopaica de *bourear*».

Neste naco de boa prosa galega, está descrita, numa perfeita síntese, a arte de bem malhar, que entre os grandes e

bons malhadores portugueses obedece às mesmas regras, descritas pelo emérito etnógrafo galego referido.

Como tive ensejo de estudar, com algum pormenor, duas malhadas de cereal em Trás-os-Montes, uma na Cardenha, concelho de Moncorvo, outra na Serra de Barroso, em Lavradas, aldeia anexa da freguesia de Bêça, concelho de Boticas, e a trilha nas eiras, ou prados, da Terra de Miranda, Miranda do Douro, julgo conveniente descrever cada uma destas malhadas e a *trilha*, o que dará ensejo de, no decorrer das mesmas, tirarem-se ilações de ordem comparada.

Veremos que, embora nas duas malhadas as linhas gerais sejam as mesmas, há nelas alguns aspectos particulares de marcado interesse etnográfico. Outro tanto sucede nas *trilhas*.

Atribuo particular realce aos coros, *dos Malhadores e do Manjaricão* da Cardenha.



Fig. 7 — Seitoira de corte e didais.

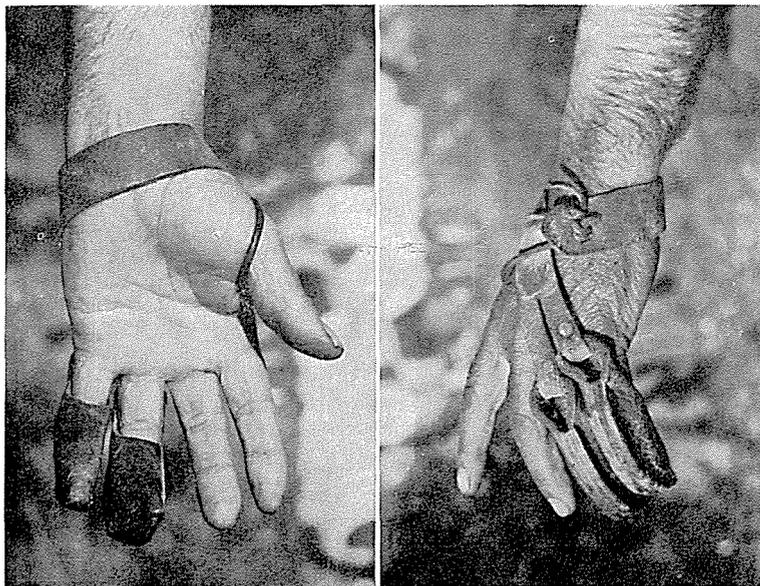
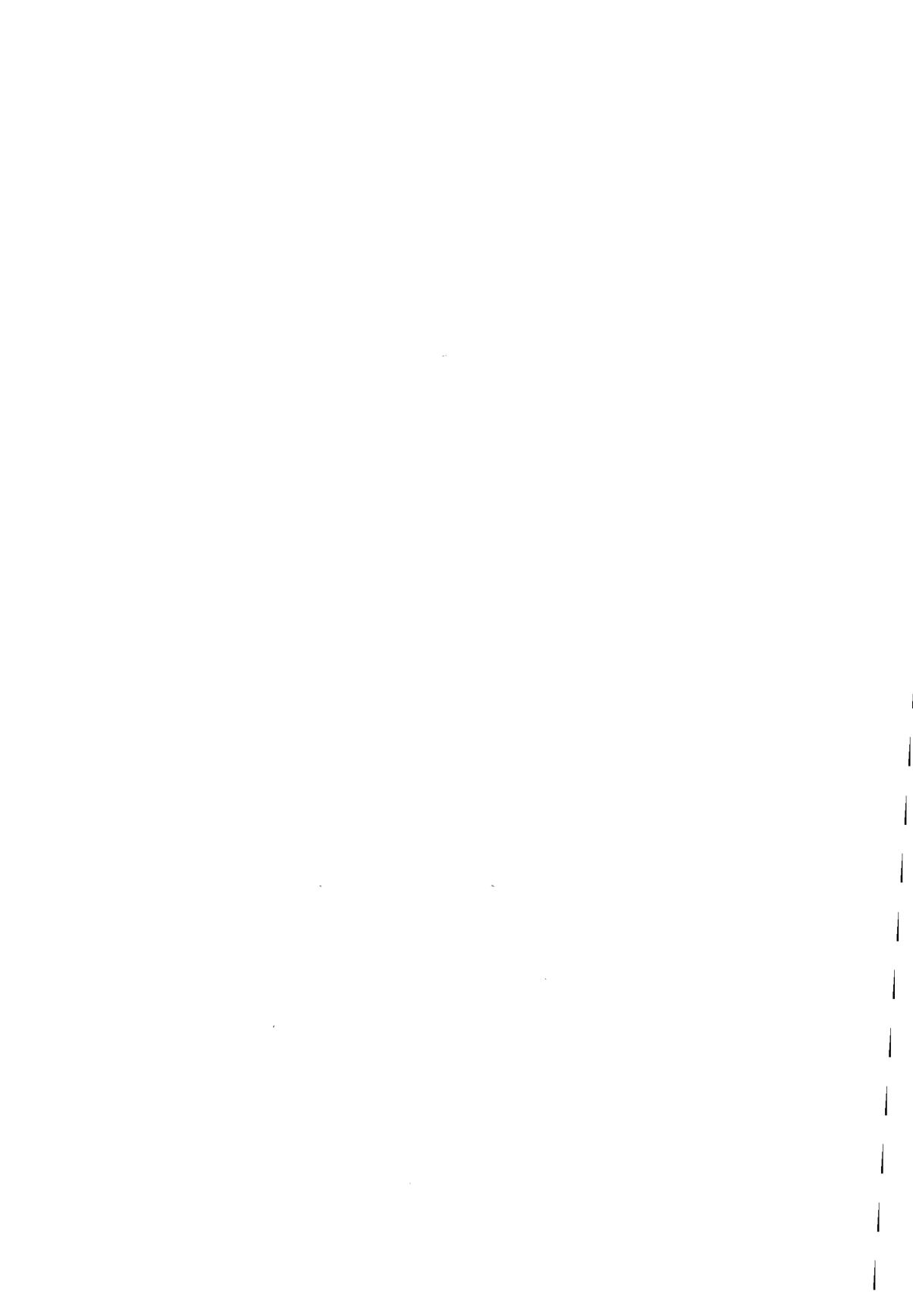


Fig. 8 — *Didais* de couro, a proteger os dedos mínimo e anelar da mão esquerda com remate ao polegar e ao punho.



Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores

Há muitos anos que em pesquisas etnográficas por terras do leste trasmontano ouvia falar no *coro dos malhadores*, canção que os lavradores da Cardenha costumavam cantar nas eiras, a quando da malha dos cereais.

A Cardenha ⁽¹⁾ fica no extremo nordeste do concelho de Moncorvo a confinar com a Gouveia, freguesia do vizinho concelho de Alfândega da Fé. É freguesia do concelho de Moncorvo e fica no pequeno planalto do maciço granítico que se levanta entre o Vale da Vilarça e o vale do rio Sabor.

O ensejo da ansiada visita à Cardenha para estudar a malha e o *coro dos malhadores*, proporcionou-se em Julho de 1952.

Ali fui, levando como companheiros o Padre António Mourinho, pároco de Duas Igrejas, Miranda do Douro, que ao estudo de Etnografia e da Arqueologia e História de Trás-os-Montes se tem dedicado há muito e leva publicada uma importante série de trabalhos, e o Maestro Afonso Valentim, ao tempo regente do Orfeão Universitário do Porto. Em colaboração com estes dois dedicados companheiros e amigos se

(1) A Cardenha é uma das maiores aldeias do concelho de Moncorvo. Há quem escreva *Cardanha*. Parece que a justa grafia é *Cardenha*, aliás em concordância com o que consta quanto à origem da terra. Diz-se lá que, em tempos remotos, a povoação ficava perto do rio Sabor, lá para baixo, ao fundo da ladeira. As culturas do planalto teriam obrigado a gente da povoação da ladeira a construir no alto casinhotos para guarda de alfaias agrícolas e abrigo de pessoas e gados. A estes casinhotos, de construção, por via da regra, pouco cuidada, chamam-se em muitas terras trasmontanas *cardenhos*. Estes teriam sido construídos junto da fonte que brota água límpida durante todo o ano.

Mais tarde, quando a povoação abandonou o fundo da ladeira, quem sabe se fugida ao paludismo do vale do Sabor, e veio instalar-se no planalto, o sítio seria um amontoado de *cardenhos*. Daí o nome da povoação e da freguesia, a Cardenha actual.

publicou o trabalho ⁽¹⁾ que a seguir se reproduz nas suas linhas gerais acrescido de alguns elementos complementares.

A EIRA NA CARDENHA

Na Cardenha não há uma eira vasta e comum, como sucede em tantas aldeias de Trás-os-Montes, onde as eiras, ou *eirados*, são extensas porções de terreno, grandes baldios da comunidade, que além de servir para debulha dos cereais, se destinam também à pastagem do gado.

Em muitas aldeias, como atrás já dissemos, é o chamado *prado*, *vale* ou *veiga*.

Na Cardenha a eira, em que se fez a malhada a que assistimos, era a superfície plana de grande rochedo de granito que se estendia ao rés da terra.

À borda da eira erguia-se a *mêda* de forma sensivelmente cónica com 4 a 5 metros de altura.

Da *mêda* se vão retirar os molhos e com eles astrar o *eirado*.

PREPARAR O EIRADO

A superfície da pedra onde se vai malhar é o *eirado*.

Há que o limpar convenientemente varrendo-o com *vas-souras de gesta* (cf. *giesta*) do terriço, pedras ou areias e quaisquer detritos vegetais.

O número de eirados a malhar em cada dia depende do tamanho da laje de pedra onde se faz a malhada. Se a laje da eira é grande o número de eirados é pequeno, nas eiras pequenas, como é natural o número de eirados será maior.

⁽¹⁾ *Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores* por Maestro Afonso Valentim, Regente do Orfeão Universitário do Porto, Padre António Mourinho, Pároco de Duas Igrejas — Miranda do Douro, e Doutor Santos Júnior, Professor da Universidade do Porto, in «Douro Litoral», Rev. da Junta Provincial do Douro Litoral, N.º VII e VIII da 6.ª série, Porto, 1955, págs. 3 a 19, 4 desenhos, 1 música e VII Est. com 13 Figs.

ASTRAR A COBELA

É, pode dizer-se, o primeiro acto da preparação do *eirado*, área marcada no chão da eira onde se vai malhar, quase sempre de forma rectangular ou subquadrada.

Começa-se por uma borda, a *borda de cima*.

Os molhos tirados da mêda são trazidos à rasta até ao alinhamento da borda. Ali são desatados e o cereal convenientemente estendido, de modo que as espigas fiquem voltadas para o meio do *eirado*. É a primeira fiada ou fiada marginal, a *cobela* a que pode chamar-se margem ou borda cimeira do *eirado*.

ASTRAR O EIRADO

O astrar do *eirado* é espalhar o cereal em fiadas paralelas à fiada da *cobela*, com as espigas todas voltadas para o lado da borda cimeira do *eirado* (Fig. 9 e Est. II, Figs. 20 e 21).

A primeira fiada estende-se com as espigas sobrepostas às espigas da *cobela*. As espigas da segunda fiada colocam-se sobre os toros da primeira fiada. Nas fiadas seguintes as espigas dispõem-se sempre estendidas em cima dos toros das fiadas precedentes.

Quando o *eirado* está completo ou *astrado*, todo ele é um estendal de espigas; só se vêem os toros das fiadas cimeira e fundeira.

O MALHO DA CARDENHA

Antes de iniciar a descrição da ardorosa faina da malhada, vamos ocupar-nos do tipo de malho usado na Cardenha, que está largamente difundido pelo leste trasmontano.

O malho é a velha peça do instrumental agrícola, largamente difundida no uso dá debulha dos cereais, formado por dois paus ligados por um conjunto de correias que permitam o jogadoiro de um dos paus, «o batente», na ponta do outro,

que é empunhado pelo malhador, e que pode designar-se «o pegadoiro».

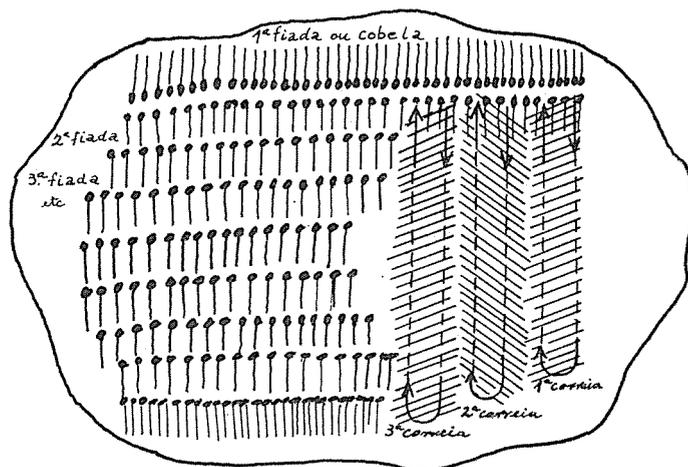


Fig. 9 — Eirado na Cardenha com o cereal posto às fiadas e indicação da decrua feita às correias. Cada fiada sobrepõe-se à anterior deixando as espigas a descoberto, o que não se marcou no desenho para não diminuir a sua objectividade esquemática.

Sendo na sua essência simples, apresenta no entanto modalidades e designações das suas diferentes partes que variam de terra para terra ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ O Prof. Doutor José Gonçalo C. Herculano de Carvalho, em 1953, então Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, publicou um extenso e muito bem documentado trabalho sobre os muitos e variados tipos de malhos e as designações locais dos mesmos e das suas partes constituintes. Nesse valioso trabalho são muitas as referências a áreas trasmontanas. O trabalho intitula-se *Coisas e Palavras — Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Dissertação de doutoramento em Filologia Românica na Universidade de Coimbra, in «Biblos», Rev. da Faculdade de Letras de Coimbra, Vol. xxix, Coimbra, 1953, 365 págs., 61 Figs. e XIII mapas.

Ao Museu do Instituto de Antropologia ofereci os seguintes 8 malhos: de Rebimba, de Mindelo, Vila do Conde, 1963; de Bimba, da Vila Pequena,

O malho na Cardenha tem a designação de *mangueira*, e, como mostra o desenho da Fig. 10, tem o batente, a que chamam *pau* ou *malho*, quase tão comprido como o pegadoiro a que chamam *haste*.

O *pau* ou *malho* é feito de um ramo de árvore relativamente delgado de preferência de zambulho. A *haste* é um pau roliço, de preferência de castanho.

Chama-se *fato* ao conjunto das peças de couro que ligam o *malho* à *haste*, cujos nomes estão indicados no desenho da Fig. 10, o que dispensa pormenorização.

Nas Figs. 11 e 12 se mostram os desenhos do *fato* de dois malhos que observei na Quinta de S. Pedro, concelho de Mogadouro, do mesmo tipo do malho de Lavradas, com o pau de bater ou malhar, o *pítigo*, delgado e comprido, quase tão comprido como a *hástea* ou *mangueira*.

DECRUA

Os malhadores, em duas filas frente a frente, empunham as *mangueiras* e vão fazer a *primeira corrida*, a *decrua*, malhada que é feita a «puxar» ⁽¹⁾. Este serviço por ser tão violento

Couto de Ornelas, Boticas, 1963; de pirtigo de Oliveira, casa de Arnosa, Celorico de Basto, 1963; de Vilarinho da M6, de Beça, Boticas, 1964; de Negrões, Barroso, Montalegre, 1964; de Sudro, Louredo, Vieira do Minho, 1965; de Canadelo, Marão, Amarante, 1965; de Perafita, Montalegre, 1968.

(1) Embora esta primeira corrida ou malhada seja feita com certa violência, a «puxar», como é frequente dizer-se, a delgadez do *malho* ou *pau da mangueira* não permite que este, ao bater, faça grande ruído, de modo a atoar ao longe.

No Minho é quase geral, especialmente no fim das eiradas, os malhadores esforçarem-se, num verdadeiro jogo de competição, por darem «estoiros», o mais fortes que possam ser, de modo a ouvirem-se ao longe.

O Dr. Augusto César Pires de Lima informou-nos que, em Santo Tirso, no fim da malhada da *eirada*, era costume ficarem dois malhadores,

é, que, por exemplo, no Souto da Velha, durante ele não é permitido aos malhadores falarem. Sucede o mesmo na Cardenha. É um preceito quase geral os malhadores não falarem na primeira malhadela. Em muitas aldeias não só os malhadores malham a puxar e calados, mas até ficam aborrecidos quando alguém se põe a falar ao pé deles.

Deste modo a *decrua* assume aspecto de acto solene, realizado em silêncio de falas, em plena concentração de forças físicas ao ritmo do tram... tram... do bater dos malhos.

Há neste silêncio de falas dos malhadores, até, e também, no silêncio que devem guardar as pessoas presentes, um estado de concentração, que se pode dizer tem ressaibos de religiosidade.

Malham o cereal ao través, isto é, o *pau da mangueira* ou *malho*, quando, ao bater, cai, deve fazê-lo em direcção normal ao eixo das hastes do cereal (Est. II, Figs. 20 e 21).

A malha é sempre feita às *correias*, ou seja, em faixas correspondentes sensivelmente ao comprimento do *pau das mangueiras*.

Cada *correia* leva duas passagens, uma para lá, ao baixo, e outra para cá, ao cima, como indica na Fig. 9.

como que ao desafio, a ver qual deles *troava* mais alto. No Vol. 3.º dos seus *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*, publ. da «Junta de Província do Douro Litoral», Porto, 1948, este mesmo distinto etnógrafo, diz, a pág. 275, que, embora as malhas se ouçam a grande distância, isso deve estar longe da légua ou mais (?), de que fala Alberto Pimentel (vide Santo *Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 234, cfr. Rev. Lusit., Vol. VI, pág. 139: apud A. C. Pires de Lima, trab. cit. pág. 275).

No Minho algumas eiras têm enterrada, geralmente a meio, uma velha caixa. Assim é que ao malharem no sítio onde a mesma está, o bater dos malhos atoa mais forte, e, conseqüentemente, ouve-se de mais longe.

Na Cardenha um bom malhador é aquele que no máximo de esforço levanta bem ao alto o *pau* ou *malho* como se vê (Est. III, Fig. 20), nos homens do primeiro plano. Se o esforço é menor, como sucede na *entrevessa*, o *pau* ou *malho*, como se vê na Est. III, Fig. 23, fica caído, e então dizem que o *pau* está de «rabo de enguia».

As correias devem iniciar-se do lado para onde estão voltadas as espigas, isto é, a malha de cada correia inicia-se sempre do lado da *cobela*.

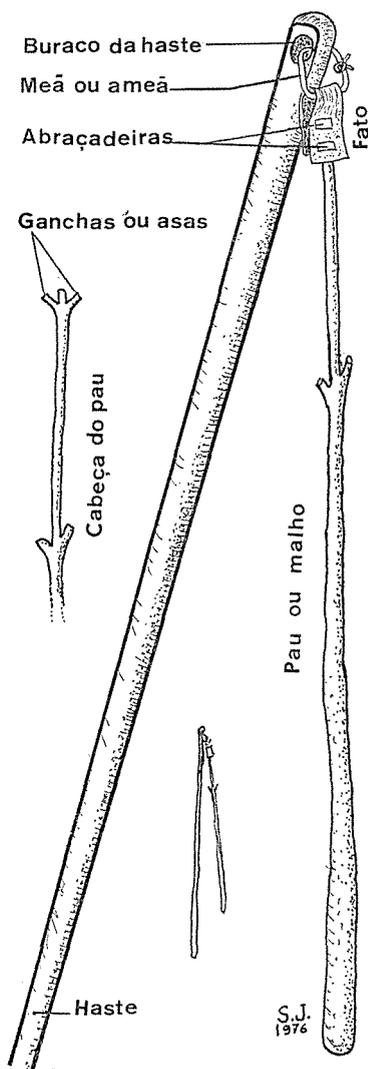


Fig. 10 — Mangueira da Cardenha (Moncorvo).

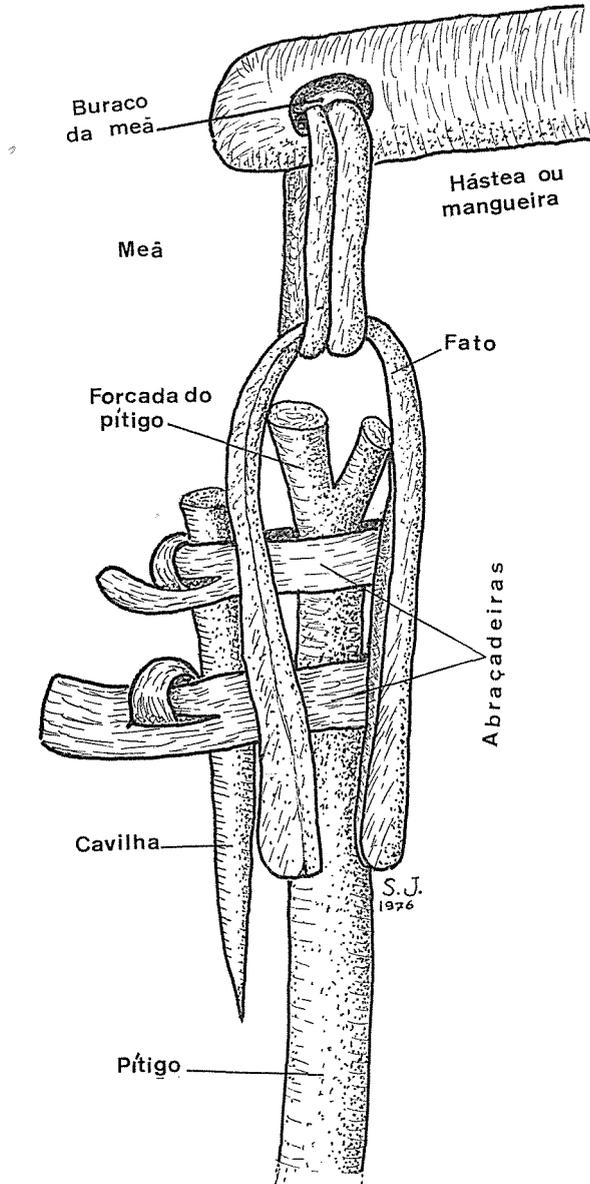


Fig. 11 — Pormenor do malho da Quinta de S. Pedro (Mogadouro). A *hástea* ou *mangueira* pode ser de figueira brava, de vime ou de olmo; as melhores são de castanho. O *pítigo* pode ser de várias madeiras rijas: o melhor é de zambulho, por ser pesado e não rachar facilmente.

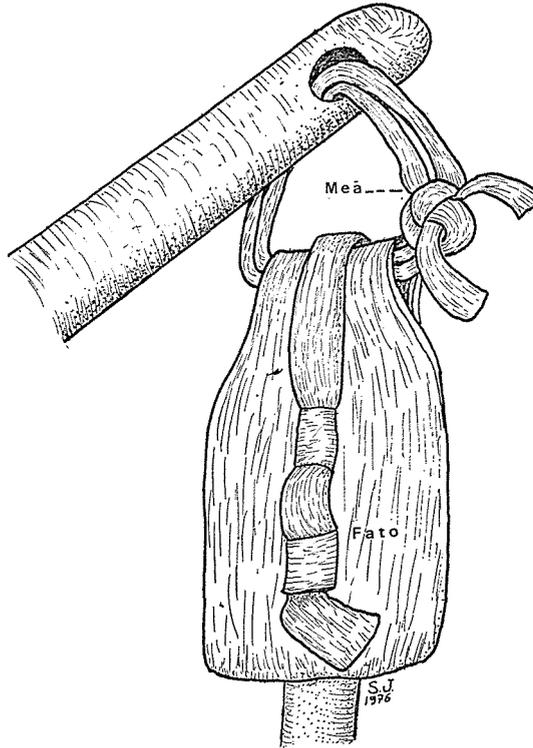


Fig. 12— Este *fato* de um malho da Quinta de S. Pedro era formado por duas camadas de *sobeio*, e uma tira de reforço por o *fato*, de gasto de tanto malhar já ameaçar rotura.

Terminada a última *correia*, está pronta a *decrua*. Assim se designa esta primeira malhadela.

VIRAR E DECRUAR A COBELA

O *virar a cobela* é serviço que compete às mulheres ⁽¹⁾.

(1) Se são 6 malhadores, é de regra serem 3 mulheres para virar a palha. É de regra malhar dois eirados até à *parva* (pequena refeição pelas 10 horas); outros dois até ao jantar (meio-dia); mais dois até à merenda; e outros dois até à noite, não limpando. Se tem de se limpar o pão, só se malha um eirado depois da merenda.

Estas pegam no cereal às braçadas, voltam-no de modo a que a parte de baixo fique para cima, e estendem-no sobre a primeira fiada. Ao mesmo tempo que voltaram o de baixo para cima invertem a posição das espigas que agora ficam voltadas para o cimo ou borda do *eirado*.

A primeira fase da malha termina pela decrua da *cobela*, que é sempre malhada por *todos os malhadores*, com toda a força, em manifesta exteriorização de valentia.

O malhador que não for malhar a *cobela* já sabe que não bebe.

É sacramental no fim de malhar a *cobela* haver uma rodada de vinho.

VIRAR O EIRADO

É serviço de mulheres (Est. III, Fig. 22).

Pegam no cereal às braçadas e voltam-no, de modo que a parte que estava para baixo fique voltada para cima, e, assim, ficar sujeita à acção directa do malho na *segunda corrida*.

Ao mesmo tempo invertem a posição das espigas, que estavam voltadas para o bordo cimeiro, ou da *cobela*, ficam agora voltadas para a borda de baixo do *eirado*.

ENTRAVESSA

É a segunda malhadela, ou *segunda corrida*, também feita às *correias* como na *decrua*. É serviço mais brando e suave. Nesta segunda volta o bater dos *malhos*, ou *paus da mangueira*, é muito menos forte do que na *decrua* (Est. III, Fig. 23).

É na *entruvessa* que os malhadores cantam o seu notável coro de que nos ocuparemos a seguir.

O CORO DOS MALHADORES

Na Fig. 13 publica-se a música deste coro que foi escrita pelo Maestro Afonso Valentim.

Coro dos Malhadores

Cardenha - Moncorvo

1953

$\text{♩} = 63$

A que to-bi-a pa-tor-ra a que-
to-bi-a pa-torra stá de baixo do tor-
rão e a que-to-bi-a pa-tor-ra stá
A que to-bi-a pa-torra stá de baixo
do torrão Mas si! Si! Si! mo-
linha com panca. das mo-li dinha com pan-
ca-das Eue the deu o gafan-bão mo-i-
dinha com panca das Si! mo-i- dinha
com panca das Eue the deu o gafan-bão Mas si! Si!
Si!

D.C.

Fig. 13 — Música do coro dos malhadores da Cardenha (Moncorvo).
Música recolhida e escrita pelo Maestro Afonso Valentim.

Com as notas colhidas na malhada a que assistimos na Cardenha, eu e os colaboradores, Padre António Mourinho e Maestro Afonso Valentim, apresentamos uma comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, na sua sessão científica de 15 de Dezembro de 1953.

Um grupo de estudantes que faziam parte do Orfeão Universitário do Porto, sob a regência do seu Maestro, Afonso Valentim, teve a gentileza de aceder ao nosso convite e cantar algumas quadras do coro que ouvíramos aos malhadores da Cardenha.

Suponho ter sido a primeira vez que o Orfeão Universitário colaborou num trabalho de investigação científica.

A primeira quadra cantada foi a seguinte:

A quetobia (cf. Cotovia) patorra
Stá debaixo do torrão,
Moidinha com pancadas
Que le deu o gafanhão.

que no coro se canta assim.

A quetobia patorra,
A quetobia patorra
stá debaixo do torrão;
e a quetobia patorra
stá debaixo do torrão,
mas ai!
ai!... ai!... ai!...
moidinha com pancadas,
moidinha com pancadas
que le deu o gafanhão;
moidinha com pancadas,
ai moidinha com pancadas
que le deu o gafanhão:
mas ai!
ai!... ai!... ai!...

Seguem mais algumas quadras que frequentemente são cantadas pelos malhadores.

Lá baixo vem a raposa
Pela rodeira do carro;
Traz os olhos na carcota ⁽¹⁾
E ó cu debaixo do rabo.

Ó Senhora da Assunção
Vestidinha d'amarelo;
Ela vai ribeira abaixo ⁽²⁾
Visitar a do Castelo.

E a Senhora do Castelo,
Vestidinha de amarelo,
Vê-la vai ribeira acima
Visitar a d'Assunção.

Ó Senhora do Castelo
Eu p'ró ano lá hei-de ir.
Ou casado ou solteiro
Ou criado de servir.

Viva o nosso amo d'hoje
Viva os anos que deseja,
Viva também uma rosa
Que recebeu na igreja.

Ó Senhora do Imparo (cf. Amparo)
Imparei os homens todos;
Imparai-os p'rá taberna
E às mulheres p'ró céu dos lobos ⁽³⁾

(1) Nuca ou cachaço. Os mirandeses chamam-lhe *cucote*.

(2) Este verso às vezes é cantado na seguinte modalidade: Vê-la vai ribeira abaixo.

(3) Este «céu dos lobos» tem o mesmo significado desdenhoso do correntio «céu dos pardais».

Minha Virgem d'Assunção,
 Que estais lá no cabecinho,
 Que dais aos vossos romeiros
 Que não cabem no caminho?

Minha Virgem d'Assunção
 Que estais lá no cabecinho,
 Deitai o peitinho de fora
 Dai de mamar ao menino.

Viva quem aqui chegou
 Por ora não digo quem;
 Chegaram aqui dois olhos
 A quem os meus querem bem.

Quero-te bem rapariga
 Por seres acautelada;
 Quem se acautela não perde
 Quem perde não ganha nada.

Por estas 10 quadras, todas em linguagem decente, e algumas bem lindas por sinal, registei mais 18 quadras com alusões, ou veladas ou declaradas, aos órgãos sexuais, quer masculino quer feminino, bem como ao coito. Algumas descaradamente pornográficas. De todas a única que nos atrevemos a publicar é a seguinte:

O lagarto é pintado
 Da cabeça até ao meio.
 Não sei com'as mulheres *pode*
 Com tanta carne no seio.

Registe-se que a licenciosidade da letra das tais 18 quadras só é permitida no coro dos malhadores, cantado nas eiras.

Se em qualquer outra ocasião alguém cantar qualquer das mesmas quadras, ou outras similares, o facto é manifestamente censurado, e quem o fizer é considerado atrevido e desbragado. Quer dizer, na ocasião da malha, na *entravessa*, aos malhadores é permitido cantar quadras indecorosas, algumas

descaradamente pornográficas, o que, naturalmente, leva a pensar no culto fálico ⁽¹⁾.

As mulheres que trabalham na eira, as que por acaso assistam aos serviços, ou as que acidentalmente por ali passem, ouvem-nas sem terem o direito de se agastar, embora, como é natural, não lhes agrade, por indecorosa e impúdica, a letra das quadras mais desbragadas.

É sem dúvida notável o *coro dos malhadores* da Cardenha, e muito impressiona o facto de ser cantado nas malhas, que é justamente considerado um serviço violento ⁽²⁾.

Há que realçar o facto de este cantar se associar ao trabalho violento da malha, embora, o seja na segunda volta, a *entravessa*, de malhar mais suave.

Associado a trabalho violento, embora na fase abrandada, será por isso que às vezes se inicia o canto de um dos versos com um *ai* inicial, e que a meio, e no final, como se referiu, se repetem igualmente *ais* em tonalidade um tanto dolorida.

⁽¹⁾ Sobre o culto fálico, vide José de Pinho, *Survivance du culte phalique dans les fêtes en l'honneur de S. Gonçalo de Amarante*, in C. R. du XV Congrès Int. d'Anthrop. et d'Archéologie Préhistorique, Portugal, 1930, pág. 668-673, Paris, 1931.

⁽²⁾ O Prof. Leite de Vasconcelos, no seu livro *De terra em terra — Excursões arqueológico-históricas através de Portugal (Norte, Centro e Sul)*, Vol. I (Norte e Centro de Portugal), Imprensa Nacional, Lisboa, 1927, 236 págs. e 81 Figs., alude ao canto nas malhas. Na pág. 75 lê-se: «A vida campestre de Chaves pertence o que vou dizer.

«Quando se malha o centeio nas eiras, cantam-se muitas cantigas, monotonamente, como:

- Ó minha mãe eu casei-me (um canta)
- Ó filha diz-me com quem (respondem os outros três vezes)
- Casei-me c'um peneireiro (continua o primeiro)
- E ó filha peneira-o bem (dizem os outros, também três vezes).

«Vê-se que o trasmontano é resistente ao trabalho, porque, apesar da rudeza da malha, e da grande fadiga que lhe causa, ainda pode cantar. Sem dúvida o estimula o ritmo do canto, mas o mesmo podia acontecer noutras províncias onde nunca observei tal costume. E até perguntando uma vez no Baixo Douro a um trabalhador se cantavam nas malhas, ele respondeu-me muito admirado: — Cantar nas malhas? Credo!»

A canção dos malhadores quebrando ritmada a monotonia do *tan... tan...* dos manguais, é uma manifestação gritante da alma trasmontana, tão resistente e optimista ao calor abrasador do sol picante de Julho e Agosto, como aos frios enregelantes de Janeiro.

O MOLHO DO PATRÃO

No último eirado de cada patrão, o derradeiro molho, fica no meio do eirado, ao alto e por desatar.

Decruam e entravessam, e, no fim, um dos malhadores, bem alto, para que o patrão, que está na eira, não deixe de ouvir, pergunta ao mais velho dos malhadores do grupo:

— Quanto vale o *molho do patrão*?

A resposta por via de regra não se faz esperar.

O seu preço umas vezes é feito em dinheiro, quarenta ou cinquenta escudos, outras vezes é feito em vinho, uma *romeia* ⁽¹⁾, ou quando muito um cântaro.

Os malhadores, de soslaio, vão olhando o patrão que, por via de regra, se conserva calado, manifestando um certo alheamento ao preço posto e às piadas, que todos os malhadores, e até as próprias mulheres, lhe vão dirigindo mais ou menos abertamente, tendentes a espicaçar-lhe o brio.

Por fim o patrão aceita o preço posto ao *seu molho*, isto é, *põe a si mesmo a multa* ⁽²⁾ indicada pelo mais velho malhador do rancho, o que implica a obrigação do pagamento da mesma, em regra feito de boamente.

(1) A *romeia* ou *remeia*, velha medida de capacidade de líquidos, vale meio cântaro; é, portanto, a quarta parte do almude. Este, por via de regra, tem 25 litros e a *romeia* a quarta parte. A capacidade do almude pode variar de terra para terra. No concelho de Moncorvo o almude é de 25 litros, mas já no concelho pegado de Mogadouro é de 32 litros, e ali cada *remeia* tem pois 8 litros.

(2) A propósito da multa, ocorre-nos transcrever o que Jorge Dias no trabalho *Sacrifícios simbólicos associados às malhas* já atrás citado, escreve a pág. 7: «É costume os camponeses alemães, durante as ceifas e malhas, agarrarem qualquer estranho, amarrarem com um vencilho e só o soltarem quando ele paga uma multa. Isto mesmo se faz ao dono do cereal quando este aparece na eira».

Depois de o patrão *aceitar a multa* ou, como mais frequentemente dizem, *pôr a multa*, é uma gritaria de todos os demónios.

— Vamos ao molho!... Vamos ao molho!... Vamos ao molho!... gritam os malhadores em grande algazarra.

E todos malham bravamente o *molho do patrão*, até o esfarraparem. Aquele molho simbólico, o último da mêda, depois de furiosamente batido pelas *mangueiras*, fica, por assim dizer, estrancinhado (1).

(1) Jorge Dias no parágrafo citado aludindo a passagens do livro de Wilhelm Mannhardt, *Mythologisch Forschungen*, Estraburgo, 1884, escreve a pág. 12: «Na região de Treves, Alemanha, acreditavam que o lobo se escondia no último feixe, e, a fim de o matar, batiam-lhe até a palha ficar desfeita», Mannhardt, ob. cit. pág. 321 e segs. Em França também havia a crença de que o lobo aparecia na ceifa, e era costume gritarem todos ao ceifeiro que cortava a última gabela: «Tu attraperas le loup». (Mannhardt, cit. pág. 320).

Na mesma pág. 12, em nota de fundo de pág., Jorge Dias escreve: «segundo se pode ver nas obras de Frazer e de Mannhardt, foram correntes em várias regiões da Europa frases como estas: «Tu apanhaste o lobo»; «O lobo morde-te»; «Tu és o lobo»; ditas àquele dos ceifeiros, ou dos malhadores, que ficava para trás em último lugar».

Em Miranda do Douro o ceifeiro que fica para trás é o *rabão* ou o *leva a chave*.

Ao último molho vem referido por G. Frazer *L'esprits des blés etc.* cit., pág. 127 do Vol. I o seguinte: Em Langenbielau, na Silésia, o último molho, designado o *velho*, malha-se à parte: com a farinha desse cereal, com manteiga e ovos, faz-se um pão. Este pão é considerado abençoado e tem virtudes curativas, pelo que só as pessoas do dono do cereal têm o direito de o comer.

Do mesmo autor e no mesmo livro, Vol. I, pág. 195 lê-se: Na Silésia a mulher que ata o último molho é alvo de brincadeiras grosseiras. É deitada no chão aos empurrões e amarrada ao último molho que acaba de atar; fica a ser a boneca do trigo (*Korn popel*). Frazer, Vol. I, pág. 256 conta que na Alta Baviera os últimos molhos que se malham são chamados *cabras de palha* ou simplesmente *cabras*. Juntam-se estes molhos em montão, e os malhadores, postos em duas filas malham-no. «Tout en manuant le fléau, ils chantent une chanson dans laquelle ils disent qu'ils voient la *chèvre de paille* parmi les tiges de blé».

Aqui o espírito do cereal está consubstanciado numa cabra.

No Souto da Velha, rica aldeia do concelho de Moncorvo que fica entre o Felgar e Carviçais, também duas boas aldeias do mesmo concelho de Moncorvo, o *molho do patrão* tem algumas particularidades que cumpre realçar. Ao fazer a última eirada da colheita o cereal é astrado da maneira habitual, simplesmente a meio do eirado é posto o último molho, e ao alto.

Faz-se a primeira malhadela ou *decrua* como nos mais eirados, mas com todo o cuidado para não tocar naquele *bicho* posto ao alto. É curiosa esta designação de *bicho*, sem, no entanto, especificarem o mesmo.

— E aí daquele que lhe tocar.

Segue-se a *entravessa*, malhar suave do eirado.

No final os malhadores dispõem-se à roda daquele molho posto ao alto, até que um grita: — Eh! rapazes vamos a malhar o *bicho*.

E todos com frenesi desatam a malhar furiosamente aquele molho até o esfarraparem completamente.

Depois de bem esfarrapado um dos malhadores deita-se ao chão de costas e com uma perna no ar vai gritando:

— Ai que mataram o meu vizinho.

E logo os que estão à volta perguntam, e segue-se o diálogo.

— Quem foi?

— Foi uma vaca.

— Como se chamava?

— *Andúvia* e tinha um vitelinho.

— E como se chamava o vitelinho?

— *Andovinho*.

E todos os malhadores em coro altissonante gritam em sucessão repetida, ande o vinho..., ande o vinho..., ande o vinho..., ande o vinho...

E logo virá a cabaça ou o pipo.

É certo que o vinho nunca falta na eira e cada um bebe a mais não querer.

Ao começar a malhada de uma eirada os malhadores do Souto da Velha formam à borda, lado a lado, e enquanto não vier a *cabaça* ou o *cabação* (grande cabaça com a capacidade,

por vezes, de 10 ou 12 litros) para cada um beber umas goladas, não começam a malhar.

Em Vale de Porco (Mogadouro) o *molho do patrão* é posto, não no último eirado, mas no eirado do meio-dia do último dia da malhada.

Na hora do meio-dia põem o eirado bem astrado para aquecer enquanto os malhadores vão jantar. Debaixo do molho, posto ao alto no meio do eirado, fica uma cabaça com vinho, bem abrigada pelo molho para não aquecer.

No regresso do jantar é que vão ao molho e esfarrapam-no, depois de a cabaça andar em roda, e cada um beber as suas fartas goladas.

TIRAR DO COLMO

Acabada a *entravessa* há que tirar o colmo.

É serviço das mulheres que vão apartando o colmo mais direito (Est. iv, Figs. 24 e 25).

E às mulheres não lhe falta que fazer com os serviços das palhas que estão a seu cargo.

Na Cardenha, se são seis os malhadores, é de regra serem três mulheres a tratarem das palhas.

A norma é malhar dois eirados até à parva (cerca das 10 horas); outros dois até ao jantar (meio-dia); mais dois até à merenda (pelas 17 horas) e outros dois até à noite, não limpando. Se se tem de limpar o *pão*, só se malha um eirado depois da merenda.

As mulheres afadigam-se na escolha do colmo. Em algumas terras quando têm um bom braçado de colmo os homens vão tirar-lho, para o levarem à borda do eirado e ali se fazerem os *colmeiros*, atados com *benceilhos* de duas pernas. Cada *benceilho* é feito de duas manadas de colmo inteiro de palha centeia, que, posta de molho, se deixa facilmente amarrar pelas pontas. É da palha centeia que se fazem os *benceilhos*, porque essa palha é mais *encorriada*, e não quebra tanto como a do trigo.

Ao atar o colmo, ao rematar a atadura, as mulheres da Cardenha, com a *estaca ou arrocho de ponta* (Fig. 14), arrocham firmemente a atadura.

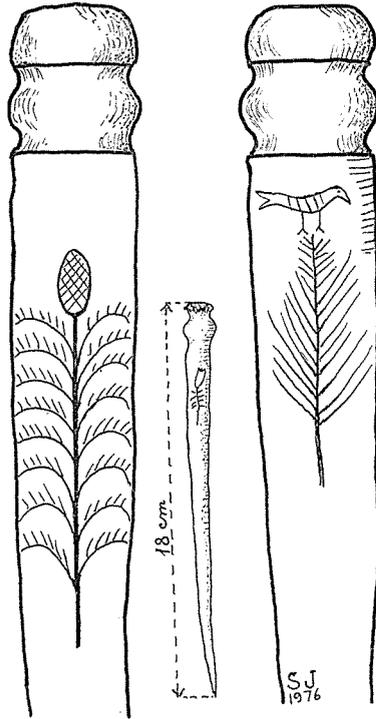


Fig. 14 — *Estaca ou arrocho de ponta*, quase sempre feito de buxo, usada pelas mulheres da Cardenha para amarrar com benceilhos as *faixas de palha*.

Estendem o *benceilho* no chão e deitam-lhe em cima duas braçadas de colmo. Em seguida puxam as pontas do *benceilho*, aproximam-nas, apertando bem o colmo, muitas vezes a joelho; com as duas pontas fazem torcida, dão-lhe duas voltas conjuntas. Depois com a *estaca ou arrocho de ponta* obrigam a torcida a dar mais duas voltas e metem-lhe as pontas, bem firmes, debaixo do *benceilho*.

Isto feito puxam o *arrocho* que metem na cinta, no cóis da saia, à maneira de punhal.

Está feito o *colmeiro*, cuja palha há-de servir para encher os colchões, para chamuscar os porcos no matadêlo, para fazer os *benceilhos* p'ró ano atar as palhas e para colmar as casas, como sucede por exemplo nas terras de Barroso e em muitas aldeias de outras serras do norte do nosso país.

ABRIR A PALHA

Os homens com *forcadas* ou *espalhadoras* vão arrebanhando a palha de todo o eirado e amontoam-na ao comprido e a meio do eirado, a fazer o cordão. Quando o eirado é grande fazem dois ou três cordões (Est. v, Figs. 26 e 27).

Ao procederem a este serviço, ao arrebanharem a palha, abrem-na e sacodem-na algum tanto, para que o grão interposto caia.

TIRA DA PALHA

Na Cardenha a *tira da palha* é feita pelos homens com *forcadas*. Estas são ramos de freixo, olmo, lodão ou amendoeira, terminados por alguns galhos, 2, 3, 4, e às vezes 5, que, forçados por cordéis ou liames, se deixaram secar em convergência e curvatura convenientes (Fig. 15).

Os homens com as *forcadas* vão arrastando para fora do eirado a palha que tinha sido posta em cordão. A palha ao ser arrastada vai sendo *dobrada*, isto é, vai sendo virada para ir caindo o grão.

ARROCHAR A PALHA

A palha tem que ser transportada para o palheiro. Para isso há que a amarrar em *faixas*, isto é, em feixes de *palha balga*. Este serviço compete às mulheres.

Primeiro fazem os *benceilhos*. Com duas pequenas manadas de colmo humedecido e amarradas pelas pontas das espi-

gas fica feito o *benceilho* de duas pernas. Muitas vezes os *benceilhos* têm três e quatro pernas para que as faixas possam levar mais palha.

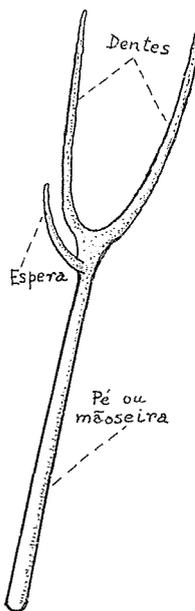


Fig. 15 — Forcada de um ramo de freixo, da Cardenha.

Do mesmo modo que vimos suceder com os colmeiros, estendem o *benceilho* no chão, e deitam-lhe em cima umas boas braçadas de palha.

Em seguida puxam as pontas do *benceilho* apertando bem a palha com a ajuda da *estaca* ou *arrocho de ponta*.

JOÃO AFONSO, ACOANHAR OU TIRAR O COANHO E O CANTO DO MANJARICÃO

Ninguém na Cardenha nos soube explicar o significado deste João Afonso, contado ao *acanhoar*, ou seja, vassourar o eirado com *coanhas*.

Apenas averiguamos que ao começar esta fase da faina no eirado costumam cantar uma quadra, de que registamos as duas modalidades seguintes:

Estava o João Afonso	Andando o João Afonso
Tropicando no arado ⁽¹⁾	Tropicando no arado,
Veio lá um lobo pardo	Veio um lobo pardo
E agarrou-lhe o rabo.	E agarrou-se-lhe à <i>ateiró</i> .

Não souberam explicar esta alusão ao lobo pardo.

O último verso da primeira quadra termina muitas vezes por um vocábulo trissílabo que, em linguagem soez, é uma das várias designações correntes do órgão sexual masculino.

Outras vezes esse último verso é igual ao da segunda quadra, ou seja: E agarrou-se-lhe à *ateiró*.

A *ateiró* é uma peça do arado, que, pela extremidade inferior, encaixa e faz corpo com a ponta da *rabela*, ou *rabiça*, e que, passando num vasado do *temão* ou *timão*, se ergue para cima e para diante. A *ateiró* pode ser de ferro ou de madeira. Da posição da *ateiró*, mais descida ou mais subida resultará a maior ou menor abertura do arado e daí o rego ou suco resultar mais ou menos fundo.

É bem possível que, na quadra, a *ateiró* figure com o significado de órgão sexual masculino, o que pode levar a pensar em mais uma alusão ao culto fálico.

(1) *Tropicar* no arado é o martelar com que o lavrador alivia ou aperta as cunhas da *ateiró* do arado, para dar a este maior ou menor abertura e, conseqüentemente, o rego ser mais ou menos fundo. O *tropicar* é feito com o olho da machada que todo o lavrador leva sempre no jugo dos seus bois, metida num gancho de ferro.

Conta-se que determinado grande proprietário trasmontano, quando se falava da cera que os operários e, dum modo geral, os servidores, fazem sempre que podem para fazer render o serviço, costumava dizer: «o pica-pica dos pedreiros e o rapa-rapa dos trolhas já há muito os percebi eu; agora as pancadinhas que o lavrador, a cada passo, dá no arado, essas é que não há forma de as entender».

Muito interessante a alusão ao *lobo pardo* que simboliza o espírito do cereal ⁽¹⁾.

O *acanhoar* é serviço que compete conjuntamente aos homens e às mulheres.

Estes, com as *forcadas*, levam para a borda da eira alguma palha miúda e as espigas que quebraram ao malhar, e, desprendidas do colmo, ficaram misturadas com o grão.

Para este serviço ficar bem feito fazem várias passagens com as *forcadas* e, depois, com o *engaço* (ancinho de dentes de pau).

Atrás dos homens vão as mulheres com *coanhas* ⁽²⁾ *de gesta* a limpar por maior o eirado das espigas soltas e de algum palhuço miúdo.

⁽¹⁾ Como é bem sabido, e o facto foi especialmente posto em realce por George Frazer no seu livro *Esprits des blés et des bois* (tradução francesa), Paris, 1935, (dois volumes), cit., o espírito dos cereais aparece muitas vezes simbolizado materialmente, digamos corporizado, num animal, quer doméstico, como o galo, ganso, cão, carneiro, cabra, porco, vaca ou cavalo, quer silvestre, como lobo, raposa, lebre, etc.

Jorge Dias, no seu belo trabalho *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, sep. do n.º 1 da Rev. «Terra Lusa», Lisboa, 1951, citando passagens do livro de Wilhelm Mannardt, *Mythologische Forschungen*, Estrasburgo, 1884, escreve a pág. 12: «Na região de Treves, Alemanha, acreditavam que o lobo se escondia no último feixe e, a fim de o matar, batiam-lhe até a palha ficar desfeita. (Mannhardt, ob. cit. pág. 321 e segs.). Em França também havia a crença de que o lobo aparecia na ceifa e era costume gritarem todos ao ceifeiro que cortava a última gabela: — «Tu attraperas le loup» (Mannhardt, ob. cit., pág. 320). Na mesma pág. 12, em nota de fundo de pág., Jorge Dias escreve que, segundo se pode ver nas obras de Frazer e Mannardt foram correntes em várias regiões da Europa frases como estas: «Tu apanhaste o lobo»; «O lobo morde-te»; «Tu és-o lobo»; ditas àquele dos ceifeiros, ou dos malhadores, que ficava para trás em último lugar». Em Miranda do Douro o ceifeiro que fica para trás é o *rabão* ou o *leva-a-chave*.

⁽²⁾ A *coanha* é uma tosca vassoura de *gesta* (cf. *giesta*) — uma *gesta nacida*, ou ramos da mesma com as pontas naturais — que serve para *acoanhar*, ou seja para tirar do grão a palha miúda e o côsco. Este é formado por cabeças ou pedaços de espigas, praganas ou palhuço miúdo.

É de regra que as mulheres quando andam a acanhoar cantem o *manjaricão*.

Atrás dos homens vão as mulheres a acoanhar, com *coanhas*, toscas vassouras de *gesta* (cf. *giesta*), — uma *gesta nacida* ou ramos de *gesta* com as pontas naturais. Acoanhar é tirar do grão a palha miúda e o côsco. Este é formado por cabeças ou bocados de espigas, praganas e palhuço miúdo.

O CANTO DO MANJARICÃO

O *acoanhar* não pode ser feito a correr. Tem de ser feito de vagar e com calma. É de regra que não só as mulheres, mas toda a gente, homens e mulheres em trabalho na eira, cantem o *manjaricão*, o que lhe dá carácter de verdadeiro coro.

Na altura da nossa ida à Cardenha em Julho de 1952 não se pôde colher a música do *manjaricão*. Ali voltei em 1956. Com um aparelho de registo sonoro colhi a música em fita electromagnética. Mais tarde o Sr. José Neves, distinto professor do Conservatório de Música do Porto, ouvindo o nosso registo escreveu a música que agora se publica (Fig. 16).

A música do *manjaricão* é lenta e compassada. Quadra bem com o vagaroso cuidado com que tem de fazer-se o trabalho do *acanhoar*.

A lentidão do canto como que marca o ritmo do passar leve das *coanhas* por sobre o grão, para o limpar do palhuço e do côsco.

O *manjaricão* foi-nos cantado pela Sr.^a Maria Veríssima, que devia ter a linda idade dos seus 80 anos; estava ainda bem conservada e com uma linda voz.

Qualquer quadra serve para o *canto do manjaricão*. No entanto são preferidas as que se referem a esta planta, de folhas que tão bem cheiram.

No trabalho que em 1955 publicamos sobre *A malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores*, cit., indicamos apenas 3 quadras como as que, mais correntemente se conta-

vam. São as três primeiras da série que damos a seguir, que completamos em mais sete, todas alusivas ao manjaricão.

I

O manjaricão é mimo
Eu também já fui mimosa.
Se não estivesse ofendida
Não se mostrava queixosa.

II

Ai Jesus que assim faz calma
Na eira aos malhadores:
Quem fora ramo de murta
Qu'assombrara o meu amor.

III

Manjaricão da janela
Já te podes ir sequendo:
Já morreu quem te regava;
Eu já me vou enfadendo.

IV

Junquinho verde ouvi-me,
Manjaricão escutai-me,
Rosa Branca respondei-me,
Amor-perfeito falai-me.

V

Manjaricão da janela
Não dá cheiro nem semente,
É como a língua da mulher,
Quanto mais fala mais mente.

VI

Manjaricão da janela
Regadinho com vinagre,
Nem eu era do teu gosto
Nem tu da minha vontade.

VII

Manjaricão miudinho
Já meu peito foi teu vaso.
Já tendes novos amores
Já de mim não fazeis caso.

VIII

Manjaricão miudinho
Dá-me a tua mão p'ra subir,
Eu sou muito vergonhoso,
Pela porta não hei-de ir.

IX

Manjaricão miudinho
Posto no vaso do rei,
Tira de mim o sentido
Qu'eu de ti já o tirei.

X

O manjaricão é triste,
Alegre quando tem flor.
Logre quem te lograr,
Triste de mim se não for.

Com estas quadras, ou quaisquer outras entoam a *canção do manjaricão*, cantada em coro, quer só pelas mulheres, quer por toda a gente, homens e mulheres, em trabalho na eira.



Fig. 16 — Música do canto do manjaricão que se canta nas eiras (Cardenha — Moncorvo) ao tirar o *coanho*. Música escrita pelo Sr. José Neves, distinto Professor do Conservatório de Música do Porto ouvindo o registo sonoro em fita electromagnética que colhemos na Cardenha.

Quando os homens tiram o *coanho* do eirado informou-me o Sr. Acácio Morgado, proprietário na Cardenha, que também eles cantam, e de regra, a seguinte quadra:

Ó do estrupe estrupe,
 Ó do estrupicalho.
 Sardinha quer molho
 E o bacalhau quer alho.

VASSOURAR A EIRA

Depois do acanhoar vem o *juntar*, *rodar*, *amontoar* ou *avassourar* (Est. vi, Fig. 28).

Os homens vão juntando o cereal com o lombo dos *engaços*.

Quando o eirado é grande e o cereal é muito, a *amontoa* faz-se com o *rôdo*. Este é formado por uma tábua de *sólho* em cujas extremidades fizeram entalhes, para receber, em cada um deles, uma volta de corda, cujas pontas convergem e vão amarrar a uma *forcada*, à qual puxam dois homens, um de cada lado no alinhamento das cordas: para elém da *forcada*, e às pontas das cordas puxa um terceiro homem. Um quarto segura a tábua mantendo-a em posição conveniente para perfeito arraste e amontoamento do cereal.

As mulheres com *vassouras de gesta* vão varrendo a eira e juntam e amontoam o grão: fazem o *monte* ou o *mó* (Fig. 28).

A vassoura, também feita de giesta, é, no entanto, bem diferente da *coanha*. A vassoura é feita de alguns ramos de giesta, bem amarrados em molho, depois do que se lhe cortam as pontas, à mesma altura, com um podão ou machada.

PADEJAR

A *padeja* ou *limpa* é feita pelos homens que, com as pás, atiram o cereal ao ar, quase na vertical, quando sopra «um ventinho» (Est. vi, Fig. 29).

Ao mesmo tempo algumas mulheres *acoanham*, protegidas com o *carapuço*, saco posto pela cabeça à maneira de *capucha*, que as defende da chuva do grão (Fig. 29) (¹).

(¹) No Souto da Velha (Moncorvo) ao padejar o *pão* as mulheres andam a *coanhar* a *manta* do cereal caído, e ainda com algum palhuço. Com vassouras de *gesta* andam a *acoanhar* ou *baleiar* (cf. *baleiar*) o *pão*.

As mulheres protegiam-se com um lençol posto pela cabeça, amarrado ao pescoço, de tal maneira que tapasse a cara para a livrar da *moinha*: só se lhe viam os olhos. Informação de António Venâncio natural do Souto e há muitos anos residente na Quinta de S. Pedro.

Ao *padejar*, a palha miúda e o côsco são levados pelo vento, e, voando, vão-se juntar num montinho a um lado.

Mas há sempre um ou outro pedaço de espiga ou de palha mais grossa que o vento não leva, e vem cair em cima do monte do grão, o *mó*.

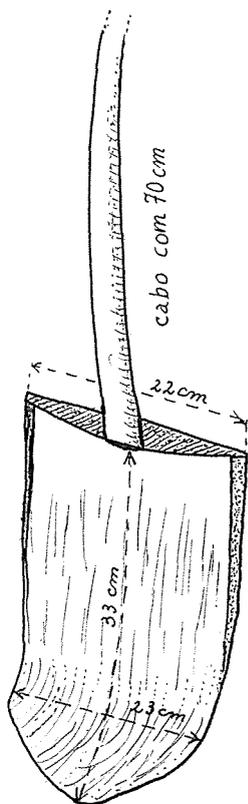


Fig. 17 — Pá encochada da Quinta de S. Pedro (Mogadouro) para limpar a parva. Peça inteira feita de um taboão de castanho escavado à enxó.

As mulheres vão-no incessantemente *acanhando*.

Rabo do mó é o montinho de moinha e do palhuço *acanhado* pelas mulheres de cima do mó, à medida que prossegue o *padejar*.

Quando vai ao ar a última pá do grão e moinha do *mó*, as mulheres acabam de fazer o *rabo do mó*, o homem que, nessa altura, estiver mais perto das mulheres é o que ganha um maço de cigarros.

Não conseguimos que nos explicassem a razão deste brinde ou galardão ao homem que mais perto estiver das mulheres. A menos que isto seja vaga reminiscência de qualquer especial prerrogativa, que, noutro tempo, o homem tivesse sobre a mulher que lhe estivesse mais à mão ⁽¹⁾.

Lembremos que nas ceifas e nas malhas há costumes e usanças cujo simbolismo está ligado a primitivos ritos da vegetação e do culto dos cereais.

A fertilidade da parte do cereal colhido, que se guardaria para semente, é condição basilar de uma boa colheita no ano próximo, é garantia da permanente renovação, mantida anos e anos sem fim, em acto de germinação exuberantemente procriadora.

Uma boa semente do cereal representa não só a garantia da hora que passa, mas também do dia de amanhã.

Uma boa semente é a fartura e a segurança do futuro, mantida em potência germinal.

Ora este milagre de latência vital na semente, mas latência com extraordinária potencialidade de vida, a prosseguir em colheita próxima, tal latência, misteriosa ao espírito do homem primitivo, só poderia conseguir-se com práticas de magia, na qual os ritos imitativos ou de simpatia, desempenhavam papel de suma importância.

Não representará hoje o singelíssimo maço de cigarros, ganho pelo homem que mais perto estiver das mulheres ao acabar o padejamento do *mó*, qualquer velha e larga prerrogativa que, noutros tempos, lhe seria dado exercer sobre a mulher que lhe ficasse mais à mão?

⁽¹⁾ Lembremos o que George Frazer conta a pág. 195 do seu cit. livro *L'esprit des blés et des bois*, que transcrevemos na nota 3 de fundo da pág. 33, e em que na Silésia a mulher que ata o último molho é alvo de brincadeiras grosseiras. É deitada ao chão aos empurrões e amarrada ao último molho que acaba de atar; fica a ser a boneca do trigo (*Korn popol*).

Será ousada uma tal interpretação?

O certo porém é que nas malhas e nas ceifas há muitos usos e costumes cujo simbolismo deixa transparecer claramente a preocupação aguilhoante da germinação da semente e da fertilidade das sementeiras.

É bem sabido que os ritos imitativos ou de simpatia aparecem a cada passo em velhas usanças ou costumes arcaicos, desempenhando muitas vezes papel de grande e bem significativa importância.

MEDIR, ENSACAR E LEVAR À TULHA

Por fim há que medir o cereal aos alqueires para sacos que um carro de bois levará a casa, para ali serem despejados na tulha ⁽²⁾.

No geral cada saco leva cinco alqueires.

REGIME DE TRABALHO DOS MALHADORES NA CARDENHA

Nas observações que fiz em 1952 cada malhador recebia logo de manhã na sua cabaça, uma canada de vinho (dois litros). É do ritual dar um «beijinho» na cabaça no fim de cada eirado.

O serviço começa pelas 6 horas da manhã.

(2) O distinto e malogrado etnógrafo espanhol António Castillo de Lucas, grande especialista sobretudo no rifoneiro popular, informou-me que em Guadalajara no dia em que se mete o trigo em casa é sacramental matar um galo, facto que aquele distinto etnógrafo considerava como ligado ao rito da morte. Pode admitir-se que se trata de mais um caso em que é o galo que consubstancia o espírito do cereal.

De um modo geral em Trás-os-Montes após a descarga do último cereal na tulha, com esta bem cheia, o patrão oferece aos malhadores e pessoal de ajuda uma boa ceia e vinho a fartar.

No Souto da Velha (Moncorvo) era sacramental servir sopas de vinho de fatias de pão trigo adoçadas com mel, servidas numa grande bacia com 7 ou 8 litros de vinho e mel à proporção.

O dono do cereal dá o *matabicho*, por via de regra na própria eira, ao começar a faina; a *parva* é servida à meia-manhã, aí pelas 10 horas, e a *merenda* à meia-tarde, pelas 17 horas.

A estas refeições servem quase sempre figos, queijo, azeitonas e pão; com aguardente ao matabicho; com vinho nas outras duas.

O almoço, pelas 8 horas da manhã, o jantar, ao meio-dia, e a ceia, das 19 para as 20 horas, são de conta dos próprios malhadores. Umaz vezes vão comer a suas casas, especialmente quando as eiras são perto do povo, outras vezes a família leva-lhe o comer à eira.

Do meio-dia às duas pára o trabalho na eira. Com o almoço gastam meia hora ou pouco mais. O resto do tempo, até às 14 horas, aproveitam-no para dormir a sesta nos *cobertos* da eira.

À hora de pegar ao serviço todos acordam e a faina prossegue. Se, porém, algum, por mais *dorminhão*, continua a dormir, os outros não o acordam. Vão andando com o serviço. Se o *dorminhão* não acordar prestes, no fim da *decrua* um deles veste uma saia de mulher, a *fazer de padre*. Com uma vassoura a fazer de hissope e um regador de água, vão-se todos a ele e molham-no bem molhado.

O dorminhoco sabe que de pouco lhe valeria tentar resistir. Abandona-se aos seus algozes, que a seguir o colocam numa *lona*, ou manta de sarapilheira. Quatro pegam às pontas. Com o padre atrás, e todos em lúgrebe cantochão, lá vai o dorminhoco bamboleante até ao meio da eira, para onde o atiram no meio de grande algazarra.

O serviço termina, como disse, das 19 para as 20 horas. Quando, porém, há serviço na eira até mais tarde, que obriga a serão, então é ao patrão que compete dar a ceia. Esta é constituída por caldo ou migas, batatas ou arroz com bacalhau, ou então carne de *badana* ⁽¹⁾ ou *capado* ⁽²⁾ com batatas ou com arroz.

(1) *Badana* é a ovelha velha com mais de seis anos.

(2) O *capado* é o bode velho castrado.



Fig. 18 — O astrar do eirado. Os homens acarretam os molhos do centeio da mêda que põem à borda do eirado.



Fig. 19 — Enquanto uns trazem os molhos, um homem desata-os e abre o centeio pondo-o em camadas sobrepostas.



Fig. 20 — A *decrua* é feita a puxar. Braços bem ao alto e mangueira levada bem atrás.



Fig. 21 — Outro aspecto de *decrua*. Repare-se na posição de esforço dos homens do primeiro plano. Pernas e troncos flectidos coadjuvam a energia braçal no bater forte do malho.



Fig. 22 — O virar do eirado é serviço que compete às mulheres.



Fig. 23 — Segunda malhadela, a *entravessa*, feita depois de virar o eirado. Pode bem a perceber-se pela posição dos braços dos malhadores, que a *entravessa* é um malhar brando e suave. É nesta fase que os malhadores cantam o seu notável coro.



Fig. 24 — As mulheres vão colhendo às braçadas a palha menos quebrada, o colmo.



Fig. 25 — Uma mulher continua a escolha do colmo. A outra lá leva à cabeça um feixe de colmo que depois, fora da eira, é acertado e amarrado com *bencilhos*.



Fig. 26 — O abrir a palha para fazer o cordão.



Fig. 27 — Os homens com os forcados vão pondo a palha em cordão.



Fig. 28 — Vassourar da eira. As mulheres com vassouras amontoam o grão no meio da eira, fazendo o monte ou o mó.



Fig. 29 — A *padeja* ou *limpa* faz-se atirando o cereal às pazadas. As mulheres protegidas com o *carapuço* vão *acanhoando* alguma espiga ou palhuço.

O vinho e o pão sempre servidos com largueza.

Em toda a parte, quer em Trás-os-Montes, quer no Minho ou nas Beiras, as refeições dos malhadores são sempre abundantes e substanciais.

O Dr. Jaime Lopes Dias no volume VIII da sua *Etnografia de Beira*, Lisboa, 1953, pág. 146, ao falar da *malha do centeio* e da *debulha do trigo* diz que no Castelo (Sertã), por se tratar de serviço violento, costumam dizer: «quem malha fica malhado» e «quem debulha fica debulhado». Refere em seguida as refeições, que são as seguintes: «pela manhã tomam a desjejua: pão, sardinhas fritas, azeitonas, queijo ou passas (figos secos) e aguardente; às 9 horas almoçam; ao meio-dia jantam; às 14 horas petiscam; à tardinha merendam; e à noite ceiam, entrando nestas refeições carne de chibato ou carneiro, toucinho, paio, grão, feijão branco, filhós e vinho em abundância».

Na malha do cereal na Cardenha, além de várias particularidades que foram indicadas, há que realçar o *Coro dos malhadores* e o *Canto do manjaricão*, que conferem à malha da Cardenha notável interesse etnográfico.

É mais uma dupla manifestação folclórica tipicamente regional, por desconhecida fora de Trás-os-Montes, que, junta a tantas outras, igualmente típicas da nossa tão castiça província do nordeste, conferem a Trás-os-Montes a bem merecida designação de relicário etnográfico.

Malha do centeio em Lavradas (Barroso)

Como atrás referi, tive ensejo de estudar com pormenor duas malhadas, uma na Cardenha e outra em Lavradas.

Da primeira trata o capítulo precedente e neste ocupar-nos-emos da malha em Lavradas.

Lavradas é uma típica aldeia barrosã, sobranceira a Carvalhelhos, e situada a uns 850 a 900 metros de altitude. Pertence à freguesia de Bêça, concelho de Boticas, e fica na extrema deste concelho a confinar pelo nor-noroeste com a aldeia de Lamachã, pertencente à freguesia de Negrões, concelho de Montalegre.

Lavradas tinha 80 fogos e os seus habitantes, lavradores serranos, dedicam-se à criação de gado (a vitela de Barroso é justamente afamada), cultura de centeio, de batatas e ainda de um pouco de milho, nalguma canada mais funda e com possibilidade de regadio.

O centeio era, porém, a cultura principal, e a naturalmente indicada para as «plainas» ou «chãs», que ali forma como que um degrau de planalto da Serra de Barroso. O terreno condula suavemente para o lado do poente, onde se erguem os dois picos fraguentos dos «Cornos das Alturas de Barroso».

Em meados de Agosto de 1957, a convite do meu amigo D. Francisco Gonzalez, Presidente do Conselho de Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos, fui passar um dia a Lavradas, para assistir a uma malha de centeio, desde cerca das 9 horas da manhã até ao findar da tarde.

O cereal era do Sr. António Arcos, importante lavrador-proprietário barrosão, que em cada ano, colhe uma média de 500 a 600 alqueires.

O Sr. António Arcos assistiu à malhada e auxiliou-me na colheita das notas que serviram à elaboração do trabalho

Malha do centeio em Lavradas (Barroso) (1) e de que este capítulo é um sumário. Aproveito o ensejo de testemunhar mais uma vez o meu agradecimento ao Sr. António Arcos pelas gentilezas que teve connosco e pelo valioso auxílio prestado na colheita das notas etnográficas relativa à faina da malha do seu cereal.

AS EIRAS DE LAVRADAS

Lavradas tem duas eiras, a do *Túmbio*, em baixo, ao deslido da povoação, com os penedos chamados do *Túmbio*, que deram o nome à eira, e a do *Torrão*, no alto sobranceiro ao povoado.

Uma e outra são baldios da comunidade que, além de servirem para a malha do cereal, se destinam também à pastagem do gado. Nelas pode malhar quem quiser.

Aqui ou ali cada lavrador amontoa o centeio em *mêdas*, dispondo os molhos em sobreposição radial, de tal modo que a *mêda* resulta de forma semi-esferóide ou, melhor, semi-ovóide. O tamanho da *mêda*, diâmetro e altura, resulta, como é natural, da quantidade e disposição dos molhos nela amontoados. Por via de regra têm 3 a 4 metros de altura, mas há-as com 5 e 6 metros.

A MALHA

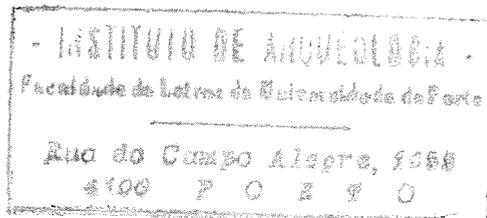
Para a malhada convém dia de sol aberto para que a espiga esbagoie com facilidade.

Vizinhos e amigos têm conhecimento do dia aprazado para a malha.

Nesse dia, já com sol alto, o dono do cereal trepa acima da *mêda* e grita: — À ei...ra, À ei...ra.

Este apelo congregante é fortemente gritado e muito espaçado, lentamente espaçado. A palavra eira é gritada compas-

(1) Santos Júnior, *Malha do centeio em Lavradas (Barroso)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Vol. xix, Porto, 1962, págs. 47 a 68, 4 desenhos e XII Est. com mais 24 Figs.



sadamente nas suas duas sílabas. A primeira, o *ei*, é gritada tanto mais alto e mais prolongada quanto possa ser, seguida pelo *ra* final, arrastado e em decrescendo suave ⁽¹⁾.

O pessoal junta-se e começa aquela faina ardorosa, em serviço de ajuda, feita sob a ardência picante do sol de Agosto, mas nem por isso menos cheia de vibração, de entusiasmo e de alegria.

ENCHER A EIRA OU FAZER A EIRADA

É o primeiro acto da malhada.

Um homem trepa à *mêda* e vai deitando abaixo os molhos que as mulheres arrastam, um em cada mão, até ao sítio onde foi marcada a *eirada* (Est. I, Fig. 34).

Ali os homens desatam os molhos e estendem o centeio às fiadas.

A primeira fiada, que forma a borda da eirada, do lado da *coroa da eira*, é a chamada *burra*. O arranjo desta primeira fiada chama-se *botar a burra*, e as espigas ficam voltadas para o lado da *eirada*, que vai fazer-se em fiadas sucessivas paralelas à *burra*, mas com as espigas postas para o lado da *burra* ou *coroa da eirada* (Fig. 35).

Cada uma das fiadas chama-se *carreira*.

A *primeira carreira* é estendida sobre a *burra* de tal modo que as espigas fiquem postas sobre ao colmo da *burra*, e assim

⁽¹⁾ O D. Francisco Gonzalez, querido amigo, que assistiu comigo à malhada, recordava-se de, há bons 50 anos, na aldeia da sua naturalidade, Laiantes, concelho municipal de Maside, Ourense, ouvir o dono do cereal, pela manhã, gritar bem alto: — *Mulheres à eira, a rebober a coeira*. Em Portugal e na Galiza um mesmo costume de gritar um chamamento congregante daqueles que, voluntariamente, vinham prestar serviço por simples ajuda. É bem certo que o norte de Portugal e a Galiza, sob múltiplos aspectos, se podem considerar regiões irmãs. Têm tantas afinidades e são tão semelhantes muitos usos e costumes dos seus campesinos, que ao abordar há anos tal similitude num pequeno artigo, o intitulei: *Portugal e a Galiza irmã*, in Rev. «Apolínia», Ano I, n.º 5, Porto, 1933.

as espigas desta ficam tapadas e debaixo do colmo da *primeira carreira*.

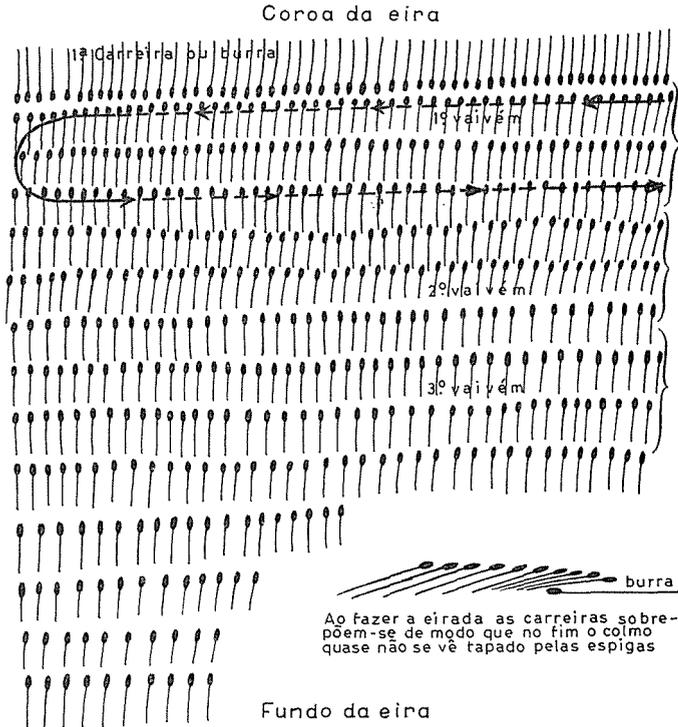


Fig. 30 — *Eirada* em Lavradas com o centeio posto às fiadas, com a indicação da malha feita ao *veivém*. Cada fiada ou *carreira* sobrepõe-se à anterior, como mostra o esquema do canto inferior direito. Isto não se marcou no desenho para não diminuir a sua objectividade esquemática.

As carreiras (Est. II, Fig. 36) são bem sobrepostas. Entre uma e outra há um recuo de um palmo ou pouco mais, de tal modo que as espigas de cada fiada se seguem quase umas às outras. Deste modo, no fim, a *eirada*, vista de cima, é uma camada quase contínua de espigas, que recebem o embate do *pirto do malho*; o *colmo* subjacente é poupado à violência das pancadas. Este é, além de outros, um dos primeiros cuidados a ter com o colmo, indispensável à cobertura das casas.

O MALHO DE LAVRADAS

Antes de descrever a malhada, vamos ocupar-nos do tipo do malho usado em Lavradas, largamente espalhado por todas as aldeias de Barroso, e mesmo para outras muitas terras não barrosãs.

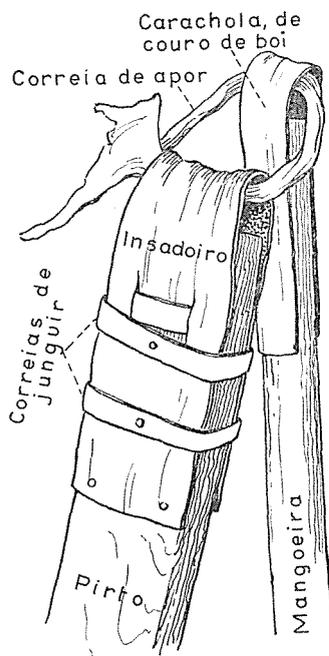


Fig. 31 — Malho de Lavradas com *carachola* de couro de boi.

O *malho*, designação geral do todo, é constituído pelo cabo ou empunhadura, a *mangoeira*, geralmente de bido ⁽¹⁾, e pelo *pirto*, grosso pedaço de carvalho, ligados pela *correia de apôr*, tira de pele de boi (tamoeiro), que no extremo da man-

(1) O *bido* ou *bidoeiro* é a árvore *Betula alba* Lin., da família das Betuláceas. É relativamente abundante na Serra de Barroso, e é frequente vê-la nas margens dos cursos de água e à borda dos lameiros.

goeira passa na *carachola* e vai passar no *insadoiro* da extremidade proximal do *pirto*.

Como os desenhos das Figs. 31 e 32. bem mostram, há algumas diferenças nos malhos desenhados.

Entre elas avulta a que diz respeito à *carachola*, que num, Fig. 31, é de couro e no outro, Fig. 32, é formada por uma porção de corno de cabra enfiada no extremo da *mangoeira*, vasada por um furo que também atravessa a *mangoeira* e dá passagem à *correia de apôr*.

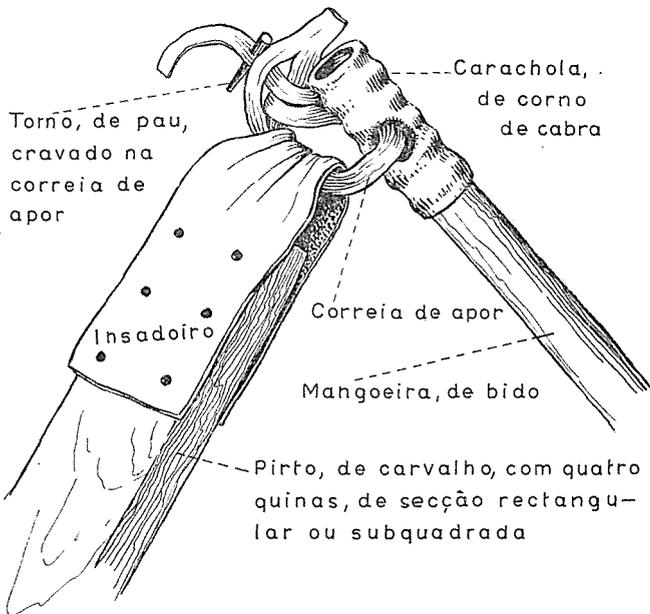


Fig. 32 — Malho de Lavradas com *carachola* de corno de cabra.

Os malhos de *carachola de corno de cabra* são mais antigos; dantes todos eram deste tipo.

O Prof. J. G. Herculano de Carvalho ⁽¹⁾ registou o nome de *carachola* dado à argola cimeira da *mangoeira*, a que atri-

⁽¹⁾ J. G. Herculano de Carvalho, *Coisas e Palavras — Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*, cit.

buiu o nome genérico de *casula*; a pág. 15 do seu trabalho escreve: «O uso da *casula* de chifre é hoje, ao que parece, extremamente raro». Indica algumas localidades onde esta peça é constituída por chifre de boi, enfiado na extremidade da *mangoeira* e perfurado juntamente com ela. Não fala em corno de cabra, que, como vimos, era de norma nos malhos antigos de Lavradas.

MALHA AO VAIVÉM

O *vaivém* é a primeira malhada ou primeira *corrida da messe*.

Os malhadores postos em fila, lado a lado, isto é, ombro a ombro, formam na borda cimeira da *eirada* uma linha de frente, cujo comprimento depende do número dos malhadores (Est. III, Fig. 36 e Est. IV, Fig. 41).

Malham pois todos do mesmo lado e as *corridas* são feitas aos *vaivéns* paralelos à coroa da eira (Fig. 30).

No *vai* dão 7 a 14 malhadelas a pé firme e logo um *passinho* curto em frente. Assim vão prosseguindo, passo a passo, até à outra borda da *eirada*.

Uma vez ali chegados inicia-se o *vem*, feito às *arrecuas*, só com uma malhadela e um passo atrás ⁽¹⁾.

Se a *eirada* é grande e o número de *vaivéns* é também grande, especialmente nas horas de maior calor, em que mais apetece a pinga, um dos malhadores passa palavra aos companheiros e, ao levantar ao alto a *mangoeira*, grita *fi...co*.

O *fi* é vibrante e de duração tal que, quando o *pirto* vem bater na messe da *eirada*, a pancada coincide com o remate da palavra gritada.

Todos dão uma pancada forte e ficam parados encostados às *mangoeiras* (Est. V, Fig. 42).

⁽¹⁾ Em Vilarinho da M6, pequena aldeia barrosã, da freguesia de Bêça, concelho de Boticas, que fica a cerca de 3 km para norte das Águas de Carvalhelhos, e a leste de Lavradas cerca de outros tantos quilómetros, a cabeceira da *eirada* é a *burra*. A primeira malha é a *decrua* e à segunda malha chamam «pé mudado, pancada dada».

Vai uma rodada de pipo e depois de todos beberem a sua pinga o *vaivém* prossegue.

É de norma começar sempre o primeiro *vaivém* pela *coroa da eirada* ou, seja, pelo lado da fiada da *burra* ou *cabeceira*.

O último *vaivém*, o do fundo da *eirada*, a que chamam *correr o fundo*, isto é, aquele que vai malhar a última *carreira*, é sempre acompanhado por uma mulher que, posta ao lado do malhador da ponta, ampara o pão com uma ampla e ramuda vassoura de *bido*, ou por duas mulheres segurando uma manta (Est. III, Fig. 38 e 39). Deste modo evitam que o grão, ao esbagoar das espigas batidas pelo *pirto*, salte para longe.

As mulheres actuam de modo semelhante na malhadela do primeiro *vaivém*, ou seja da primeira *carreira*, da *coroa da eirada*.

TIRAR A ESPIGA

Antes do virar da messe compete aos homens *tirar a espiga*, o que fazem com *engaios de dentes de pau* (Fig. 33), amontoando-a aos *cordões*.

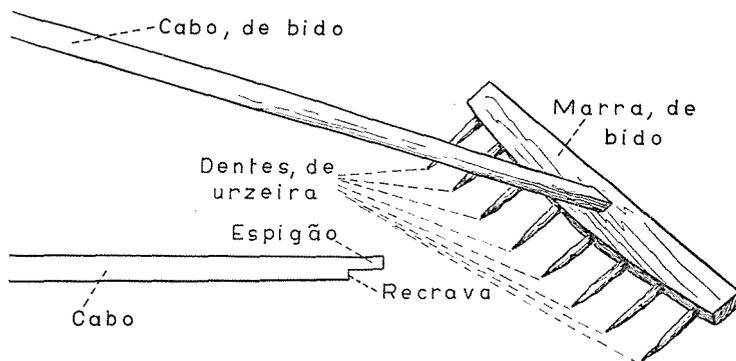


Fig. 33 — Engajo de Lavradas.

Depois empurram-na para a borda do eirado com a *marra dos engajos*, isto é, com os dentes virados para cima (Est. VII, Fig. 47).

Na Fig. 67 publica-se o desenho do engaço da Quinta de S. Pedro, como comparação; é mais robusto e com maior poder de arrasto. Este é o tipo geral no concelho de Mogadouro.

VIRAR A MESSE

O *virar da messe* é virar a palha com o debaixo para cima. É apanhada às braçadas e posta às carreiras, mantendo o paralelismo e o alinhamento das anteriores.

É serviço de mulheres. Os homens no entanto, às vezes, ajudam, «deitando a mão».

ESPALDEIRAR

É a segunda malha, *espaldeirar* ou a *corrida da messe virada*.

É um malhar suave. Os malhadores quase se limitam a deixar cair os *pirtos* dos *malhos* com o seu próprio peso, sem lhe imprimirem à força de braços e de flexão do tronco, aquela violência própria da primeira malha ao *vaivém*, com os malhadores todos alinhados a um lado e puxando a bom puxar.

O *espaldeirar* (Est. VI, Fig. 45) contrasta de modo flagrante com a primeira malha ou primeira corrida, pois é um malhar brando, feito com suavidade.

Nesta segunda malha, por via de regra os malhadores também se dispõem em linha, todos a um lado. No entanto, às vezes, distribuem-se em duas linhas e malham frente a frente compassadamente (Est. IV, Fig. 40).

Chamam a isto *malhar lado a lado*, ou, seja, uns a um lado e outro do outro lado. Parecia melhor chamar-lhe malhar frente a frente.

VIRAR E MALHAR A BURRA

Terminada a *corrida da messe* as mulheres vão virar a *burra*.

Colhem o centeio da *burra* às braçadas, puxando-o debaixo das fiadas que o tapavam, isto é, das *primeiras carreiras* que lhe haviam sido sobrepostas.

Agora fica o cereal da *burra* em cima da palha já malhada. Segue-se a malha da *burra*.

MALHA DA ESPIGA

As espigas, que foram tiradas antes do *virar da messe* e foram amontoadas a um lado da eirada, são agora malhadas com os malhadores postos em roda, ou em arco, quando o monte é grande (Est. VII, Fig. 46).

LEVANTAR A EIRADA E TIRAR O COLMO

Terminada a debulha do grão há que tirar a palha e juntar o grão; é o que se chama *levantar a eirada*. É serviço de mulheres o levantar o colmo; compete aos homens atá-lo.

As mulheres apanham o colmo às braçadas: sacodem-no e põem-no ao alto para acertar; *derrabam-no* nas *pontas* e nos *toros*, isto é, sacudindo-o bem e com a ajuda da mão, limpam o colmo da palha miúda e traçada, de modo a que fiquem na braçada só as hastes que não foram quebradas ou esmagadas pelo bater dos pirtos.

O colmo de três ou quatro braçadas, *igualado* e *derrabado*, é junto e forma um *braçado* ou *panada*, ou seja quanto a mulher pode abarcar com os dois braços de encontro ao peito.

A mulher leva a *panada* ou *braçado* de colmo e vai deitá-lo no *bancelho* ou *bencelho* estendido adiante em cima da palha.

Um homem prontamente colhe as *pontas* do *bencelho*, *ata o molho* do colmo e leva-o para fora da *eirada*, onde outro homem o desamarra e volta a *derrabar*. Torce o *bencelho* bem torcido, e de novo amarra o molho forçando o aperto com o joelho. Põe o molho ao alto e bate-o para *igualar*.

Fica o colmo pronto para ser levado no carro (Est. ix, Fig. 51), e convenientemente arrumado no palheiro. Ali o conservam bem defendido da chuva para a cobertura das casas e, no decorrer do ano, servir para enchimento de colchões, fazer *bencelhos*, chamuscar os porcos na matança, etc.

TIRAR A PALHA

Depois de as mulheres terem tirado o colmo, os homens colhem a palha solta, e a que foi *derrabada*; com os dentes do *engaço* de pau sacodem-na e vão-na pondo aos cordões. Depois empurram-na para a borda da *eirada* com a *marra do engaço*, isto é, com os dentes virados para cima. Tal e qual como haviam feito ao *tirar a espiga* (Est. vii, Fig. 47 e Est. x, Figs. 52 e 53).

CONHAR A ESPIGA E CONHAR O GRÃO

Depois de levantar a palha da *eirada*, fica o grão espalhado por todo o eirado de mistura com bastantes espigas e alguma palha miúda.

As mulheres com *conhas* ou *coanhas* ⁽¹⁾ vassouras de *bido* ou de codeço, varrem ao de leve, e por maior, as espigas e a palha miúda, que vão arrastando para a borda.

Este serviço é o chamado *conhar a espiga e conhar o pão*.

LIMPAR O GRÃO

Por fim há que limpar o *pão*, ensacá-lo e levá-lo à tulha.

Em Lavradas já há muitos anos que a limpa do cereal é feita à máquina com a tarara.

(1) A pronúncia desta palavra era feita de tal modo que hesitei em escrever *coanha* ou *conha*. Pedi a pessoas presentes para me ajudarem na destrição. Permaneceu a hesitação. As mais das vezes o *a* mediano, se é silabado, é-o tão brandamente que se afigura *conha* e não *coanha*.

Antigamente era feita com crivos.

Não se julgue, porém, que o centeio era crivado; era, sim, despejado de alto, a pouco e pouco, pela borda dos crivos.

Descreveram-me tal serviço do seguinte modo.

Quatro ou cinco mulheres, ou mesmo mais se o monte do centeio era grande, e, sobretudo se havia que aproveitar vento de feição, munidas de crivos, colhiam o cereal e, ao lado, «procuravam o correr do vento».

Com o crivo bem erguido ao alto iam sacudindo pela borda o centeio, a pouco e pouco.

Deste modo o vento levava a *moinha*, e o pão caía limpo de praganas e de palha moída.

Claro que este serviço estava condicionado pelo vento, que não devia ser nem de mais nem de menos ⁽¹⁾.

A ÚLTIMA EIRADA

Em Lavradas em cada dia de malhada fazem-se três, ou mesmo quatro eiradas. Por via de regra três.

As eiradas, como é natural, podem ser maiores ou menores. As grandes podem dar 60 alqueires de centeio. A norma é fazerem-nas um pouco menores, dando entre 40 e 50 medidas, ou alqueires. O alqueire, na região tem a capacidade de 13 litros.

(1) O meu malogrado amigo D. Francisco Gonzalez, que foi excelente companheiro naquele dia da malhada em Lavradas, disse-me ter ouvido em Layantes (Galiza), sua aldeia natal, a seguinte história.

Uma velha galega, muito devota de S. Bento, estava a limpar o pão com o crivo pela maneira acima referida. Como o vento fosse pouco implorou a intercessão do Santo, nestes termos: *Airito... Airito... meu S. Benito*. O certo é que, diz a história, o vento foi aumentando gradualmente de intensidade, com grande satisfação da velha, que toda se desfazia em louvores ao Santo da sua devoção.

Mas o vento começou a soprar forte com uma ou outra rajada de quando em quando, pelo que não só a *moinha* era levada mas o próprio grão era arrastado pela ventania desabrida em redemoinhos.

Foi então que a velha, arrenegada, teria imprecado o Santo num misto de súplica e de praga: *Poco y poco... Santo ou cuerno!?*

O Sr. António Arcos, importante lavrador-proprietário de Lavradas, que acompanhou a faina da malhada, e nos auxiliou na colheita dos apontamentos que serviram de base à elaboração deste capítulo, colhe em cada ano 500 a 600 medidas, o que dá umas 12 eiradas, e quatro dias de ardorosa faina da malhada.

No último dia a malha da última eirada dá ensejo a uma divertida e movimentada prisão do dono do cereal, o *patrão*. Este, como veremos, é preso pelos homens.

A patroa é presa pelas mulheres.

PRISÃO DOS PATRÕES

No fim da última eirada, depois de malhar a *espiga* e a *burra*, os homens vão-se ao *patrão* e prendem-no com *bencelhos* bem amarrados: um nas pernas e outro arrojando os braços ao tronco; quatro homens dão-se as mãos e o amarrado vai estirado em cima dos braços dos homens, com os pés para diante, como se fosse um morto levado em *padiola*.

Atrás segue um homem empunhando, bem erguida, uma cruz feita de palha (Est. XIII, Fig. 159).

Todo o restante pessoal segue em acompanhamento, cantando um «cantar de padres».

Levam o dono do cereal, o *patrão*, até à porta da adega, que abrem com os pés do pseudo-morto.

E vem a vinhança a faltar, e tanto bebe o morto (que tira o vinho) como os vivos daquele ruidoso acompanhamento.

As mulheres vão a casa prender a patroa. Esta consegue a liberdade distribuindo rebuçados e servindo uma boa pinga. Tudo termina em alegria esfusiante. É uma festa.

Algumas vezes, e assim sucedeu no dia em que estivemos em Lavradas, o dono do cereal é agarrado, amarrado com *bencelhos* e levado, em *charola* em cima duma manta que os homens seguram pelas bordas (Est. XIII, Fig. 58), até ao pipo.

Informou o Sr. António Arcos que às vezes os homens, de «marotos», afroixam a manta e deixam cair o patrão, que vai dar com as costas no chão.

Nem sempre o transporte em procissão do dono do cereal se faz até à porta da adega.

Algumas vezes, e assim sucedeu no dia em que estivemos na malha de Lavradas, limitam-se a levá-lo até ao sítio da eira onde está o pipo à sombra.

Vai preso em *charola* até junto do pipo. «Este fica de fiador». Libertam-no, mas fica garantido que o fim da festa será na adega.

O COLMO

O colmo da palha centeia foi durante séculos factor da maior importância na economia dos barrosoes.

Com o colmo se cobriam as casas, constituindo uma excelente cobertura para a defesa das neves e dos frios agrestes no inverno, e dos calores desabridos no verão.

Assim como a telha hoje é considerada símbolo do abrigo na casa, assim também o colmo foi e ainda é, em parte, considerado pelos barrosoes elemento primordial para a cobertura das casas, e como tal considerado o elemento simbólico da casa barrosoa.

Infelizmente em casos de incêndio, fácil e prontamente nele se ateia o fogo.

Tem havido incêndios em aldeias de Barroso em que têm ardido quase todas as casas da povoação.

Quando arde uma casa, é quase certo que em todas as casas que ficam do lado para onde sopra o vento se ateará o incêndio. As fagulhas ardentes, ao caírem nas coberturas de colmo, em poucos minutos fazem de cada casa uma enorme fogueira.

Assim sucedeu em 1942 na aldeia de Carvalho, que confina pelo sul com o termo de Lavradas, e em 1957 na própria aldeia de Lavradas.

Por isso muitos proprietários vão cobrindo as casas com telha. No entanto em 1957 ainda em muitas aldeias barrosãs a quase totalidade das casas era ainda coberta de colmo.

Precisamente a seguir às malhadas, ainda no mês de Agosto ou por todo o mês de Setembro, cada um trata de *colmar* convenientemente a casa, metendo porções de colmo nos sítios onde for preciso.

É necessário garantir a defesa contra a chuva e o frio durante o inverno que se aproxima, quando não já começado: «primeiro dia de Agosto, primeiro dia de inverno», diz-se em Barroso.

Mas não basta só *colmar*; é indispensável *latar*, ou seja, colocar sobre o colmo, e ao través, paus compridos que se firmam com pedras.

O serviço de *latar* é tão importante que, em Barroso, corre o seguinte aforismo, que me foi dito quando, no mesmo dia em que assisti à malhada, vi consertar a cobertura da casa que vai reproduzida na Fig. 63 da Est. xv.

Colmaste.

Não lataste?

Não colmaste.

São muitas as voltas que leva a palha para a preparação do colmo, a saber: os *bencilhos* para a atadura; apanhar o colmo às braçadas; em cada *braçada* *derrabar* por cima, isto é, *derrabar* a espiga ou as pontas, e *derrabar* por baixo, ou seja, *derrabar* o *toro*, ou pé; bater a *braçada* para igualar; juntar três ou quatro *braçadas* em um *braçado* ou *panada*; atar o molho e levá-lo para fora da *eirada*; desamarrar; torcer o bencilho para lhe dar força; apertar o molho com os joelhos e atar; bater para *igualar*; por fim nova *derrabadela* ao toro.

Assim fica pronto o molho. A cada um destes molhos dão o nome de *colmo*: o todo toma o nome da parte.

Os *bencilhos*, a que algumas vezes ouvi chamar *bincelhos* e até, uma ou outra vez, *bancelhos*, são feitos de duas mãos-cheias de colmo humedecido — as *pernas* — que atam pelas pontas com um nó especial.

O fazer os *bencelhos* é serviço de mulheres. Depois de atadas as pontas é repuxado ao peito, pisando uma ponta e puxando a outra para cima.

O *bencelho* de atar o colmo é curto; só tem duas *pernas*.

O de atar a palha solta é mais comprido; tem 3 ou 4 *pernas*.

REGIME DE TRABALHO DOS MALHADORES

O serviço da malha pode fazer-se *a seco* ou *a de comer*.

Quando *a seco*, a *parelha*, isto é, homem e mulher do pessoal jornalheiro, ganhava em 1957, data em que fiz estas observações, 45\$00 diários.

Quando *a de comer*, o serviço é feito de graça, por ajuda, e ao dono do cereal compete servir as refeições que se indicam.

Matabicho, às 8 horas

Um pedaço de bacalhau cru, da peça, pão e vinho.

Almoço, às 10 horas

Ao almoço é servido um caldo de couve ou de vagens, bem engrossado com batatas e massa. Depois um prato substancial, que, por via de regra, é bacalhau cozido com batatas. Pão e vinho são à discrição.

Em cima de um pouco de palha estenderam alvas toalhas e nelas se colocaram grandes pratos com a comida. De cada prato comeram 4 ou 5 pessoas, acoradas ou sentadas à sua volta.

No leste trasmontano, pelo menos nos concelhos de Moncorvo e de Mogadouro, e este comer de várias pessoas do mesmo prato, chamam *comer à rancha*.

Jantar, às 4 horas da tarde

Caldo de feijão, batatas e vagens; carneiro guisado com batatas e presunto; arroz de feijão e repolho; salada de tomate às rodelas com cebola. O pão e o vinho estão sempre à mão: «é quanto cada um quer».

Estas as refeições que foram servidas aos malhadores do Sr. António Arcos naquele dia.

Um prato que habitualmente é servido a substituir qualquer dos citados é massa guisada com fressura de carneiro.

A acompanhar tanto o almoço como o jantar, costumam servir salada, que pode ser a referida de tomate, mas é muitas vezes de pepino ou pimentos assados.

É sacramental uma espécie da salada feita do sangue de carneiro cozido cortado às rodelas, com rodelas de cebola e azeite.

O Sr. António Arcos colhe em cada ano 500 a 600 medidas de centeio e na sua malha tem 50 a 60 pessoas *a de comer*.

Naquele ano de 1957 teve 35 homens e 20 mulheres.

Mata habitualmente dois bons carneiros e na malhada gasta, por via de regra, 10 a 12 almudes de vinho, ou seja, meia pipa.



Fig. 34 — Um homem em cima da mēda vai deitando abaixo os molhos que as mulheres levam à rasta para fazer a *eirada*.



Fig. 35 — Um homem compõe o centeio da primeira *carreira*, sobrepondo-o à espiga da *burra*.



Fig. 36 — Ao encher a eira ou ao fazer eirada, os molhos são desatados e o cereal posto às carreiras. Estas sucedem-se, amplamente sobrepostas umas às outras em fiadas paralelas à burra, que se vê à direita com os toros voltados para o lado de fora da eirada.



Fig. 37 — O Sr. António Arcos, grande lavrador-proprietário de Lavradas segura um malho de *carachola* de corno de cabra.



Fig. 38 — Malha ao *vaivém*. Os malhadores, ombro a ombro, formam uma linha de frente. Estão a malhar a borda do eirado do primeiro *vaivém*. A manta, que duas mulheres seguram, evita que o centeio salte para longe e se vá perder na palha da mêda que se vê à direita, rematada pelo *carachucho*, que a defende da infiltração das águas das chuvas.



Fig. 39 — Malha na fase do *vem*. Chegados à borda da eirada no *vai*, inicia-se a malha às *avessas* com uma *malhadela* e um passo atrás. As mulheres com a manta vão acompanhando o recuo dos malhadores, amparando o grão que salta.



Fig. 40 — Último vaivém do fundo da eirada, a que chamam *correr o fundo*, ou malha da última *carreira*. Uma mulher posta ao lado dos malhadores da ponta, ampara o *pão* com uma ampla e ramuda vassoura de bido.



Fig. 41 — No vaivém ao malhar uma borda, as mulheres, em cima da parede, seguram a manta que ampara o grão saltado.



Fig. 42 — Depois de um *fi...co*, gritado por um dos malhadores, segue-se uma rodada de pipo.



Fig. 43 — O pipo também vai às mãos das mulheres, que dele bebem boas goladas.



Fig. 44 — O virar da messe. O centeio é virado com o debaixo para cima e posto em novas carreiras.

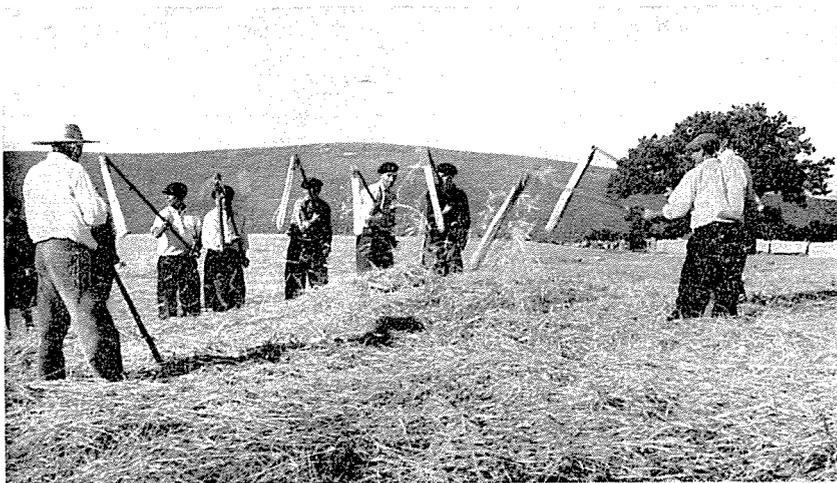


Fig. 45 — A segunda malha, ou *corrida da messe virada*, é um malhar suave, e chama-se o *espaldeirar*.

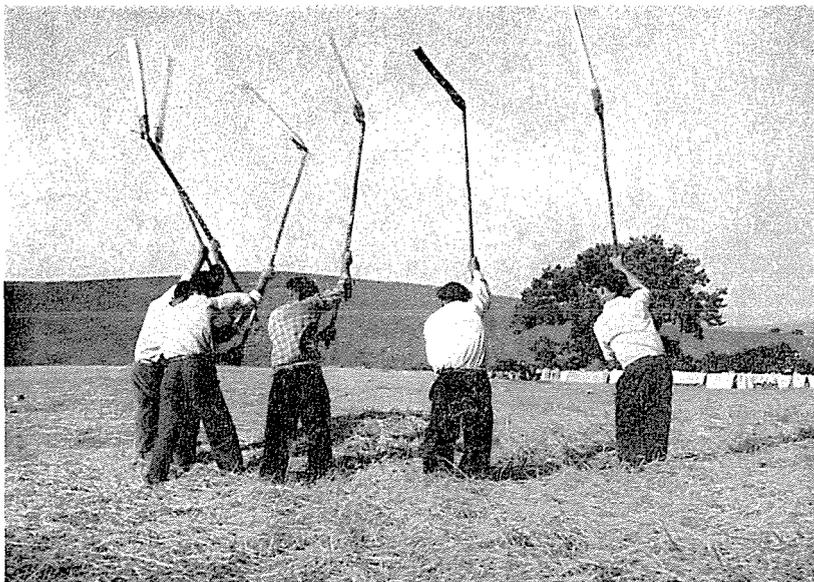


Fig. 46 — *Malha da espiga com os malhadores postos em meia roda.*



Fig. 47 — *A palha ao ser empurrada para fora da eirada, por vezes forma grande amontoado.*



Fig. 48 — Depois da *tira da palha* segue-se a *tira do colmo*, que as mulheres apanham às braçadas, e os homens amarram em grandes molhos e levam para fora da eirada.



Fig. 49 — O colmo depois de amarrado com o *bencilho* é *derrabado*, isto é, à mão ripam-lhe a palha solta que haja por entre os toros do colmo.



Fig. 50 — A atada do colmo com *bencilho* de duas pernas, com ajuda do joelho a comprimir a palha.



Fig. 51 — O colmo é posto ao alto e batido no chão para igualar.



Fig. 52 — Na *tira da palha* os homens com os dentes dos *engaços* colhem a palha solta que vão sacudindo e amontoando.



Fig. 53 — Numa segunda fase da *tira da palha* os homens com a *marra dos engaços*, de dentes virados para cima, empurram-na para fora da eirada.



Fig. 54 — A palha é levada às costas, em *faxas*, faixas de *palha balga*, para se arrumar em mêdas e, alguma pouca, se guardar em palheiros.



Fig. 55 — Um *bancelho* de quatro pernas estendido para receber a palha balga, amontoada à borda da eirada.



Fig. 56 — O final de cada *eirada* é o *conhar* da espiga e o *conhar* do grão; serviço feito por mulheres com *conhas* de *bido* ou de *codeço*.

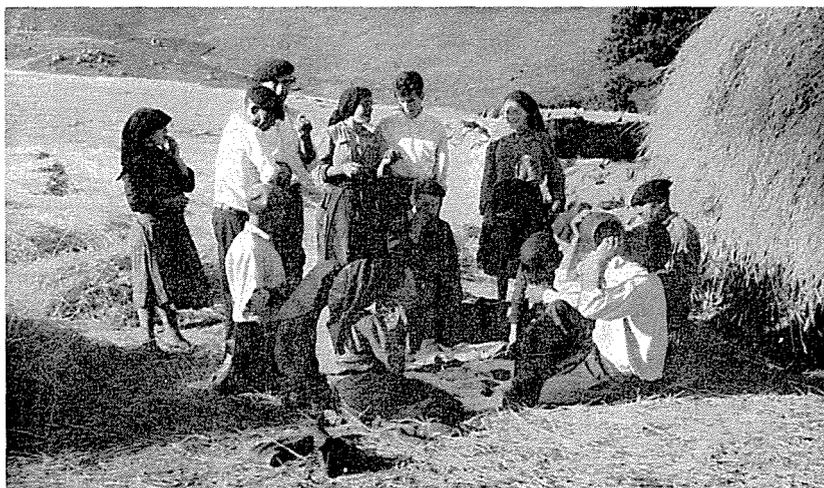


Fig. 57 — À meia-tarde uma pequena merenda foi pretexto para umas *goladas* de vinho, bebidas pelo *pipo*.



Fig. 58 — Prisão do patrão que quatro homens levam em cima duma manta. À direita um homem e uma mulher agarram o filho do dono do cereal.

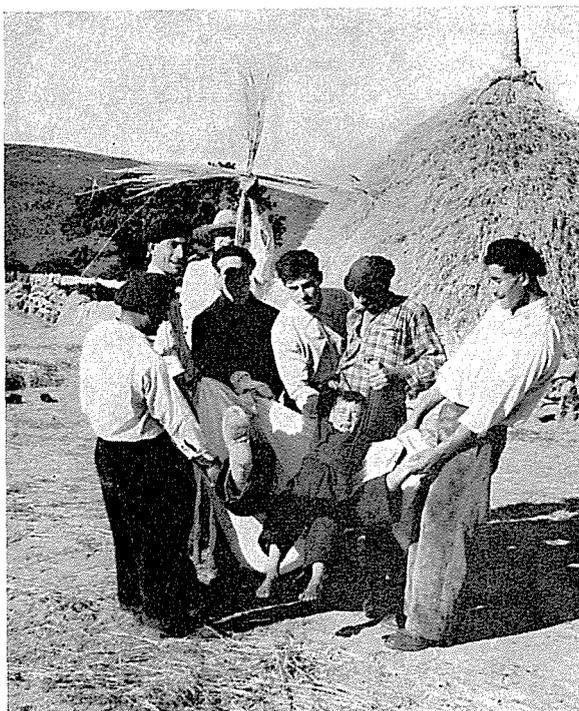


Fig. 59 — O filho do dono do cereal também vai preso na manta; repontou com a brincadeira. Atrás um homem segura uma cruz de palha.

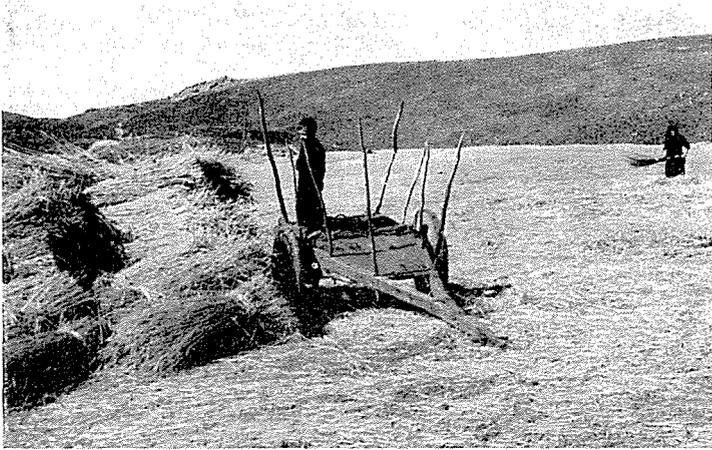


Fig. 60 — Rima de molhos de colmo prontos a serem carregados.



Fig. 61 — Carro de bois com altos fueiros ou estadulhos, para permitirem carga alta: a corda no estrado para amarrar com solidez a carga.



Fig. 62 — Carro de bois na eira de cima de Lavradas, ou eira do Torrão, pronto a receber as faixas de palha.



Fig. 63 — Na cobertura de colmo desta casa as partes mais claras são de colmo novo entremeadado e sobreposto ao colmo velho, escurecido pelas invernaadas.

A cultura dos cereais e a trilha em terra de Miranda

As terras de Miranda do Douro, no extremo setentrional do nordeste trasmontano, são tão castiças, são tão ricas de velhos usos e arcaicos costumes populares, que bem lhe cabe a designação de relíquia da etnografia trasmontana, tão preciosas e cheias de beleza são algumas das suas singulares manifestações folclóricas.

A Terra de Miranda do Douro tem características de vária ordem que a tornam região «sui generis».

A terra é quase toda chã, de plainas pouco onduladas, integrada, em continuação setentrional, no chamado planalto de Mogadouro, onde é vasta a cultura dos cereais.

Tem, além do mais, características de ordem geológica, climática, e bem assim de ordem linguística, dada a natureza tão expressiva do seu singular dialecto.

Tais características de ordem geológica, orográfica, agrológica, climática e linguística, condicionam um bellissimo conjunto de usos e costumes, do maior interesse etnográfico.

Tais costumes têm sido realçados por vários autores, nomeadamente pelo grande Abade de Baçal e pelo P. Dr. António Mourinho, dedicado companheiro e guia por Terra de Miranda, em estudos de Arqueologia e Etnografia, que tantas vezes fizemos em amigável colaboração, e me acompanhou no estudo das trilhas em Duas Igrejas e em Génísio.

Julgo que o estudo, embora sucinto, do modo como ali cultivam e debulham os cereais, bem merece ser tratado à parte.

PREPARAÇÃO DA TERRA — A LAVRA, A SEMENTEIRA E A ARICA

Em Miranda, como nas mais regiões atrás estudadas, há que dar à terra uma série de *voltas*, ou lavras.

A primeira *volta* é o *relvar* (*decrua* se lhe chama noutras regiões), que em Miranda se faz por todo o mês de Fevereiro ou Março, raras vezes em Abril.

É lavradela funda, e, como é natural, mais ou menos funda «consoante o lavrador a quer impor, e o terreno o permite».

A segunda volta é a *vima*.

O *vimar*, ou segunda lavradela, faz-se em Abril ou em Maio, conforme o tempo o proporciona.

Se se *relvou* ao comprido do chão, a *vima* faz-se a cortar um pouco os sucos da *relva*, puxando a *torna a um deslado*. Fica a terra *assucada* para receber as chuvas de Maio.

A terceira volta, o *pôr o assêrro* ou *terciar*, é a terceira lavradela, feita em Setembro.

O *assêrro* compreende duas fases. A primeira é o *gradar* e depois é o *assucar*, ou seja *pôr o assêrro*. Em seguida espalha-se o estrume, ou o adubo, e volta a lavar-se metendo o arado pelo *sêrro*, ou seja, pelo lombo de entre dois sucos.

«Escachado o lombo do suco, o *pão* fica nos dois sucos dos lados, agora tapado pelo *assêrro*, e, nasce às carreiras.»

O uso de *pôr o assêrro* veio de Espanha há uns 30 ou 40 anos. Constantim e Sicouro, até à raia, foram os primeiros a *pôr assêrro*, à moda dos espanhóis.

«Quem quiser lavar bem tem que orientar os sucos de tal modo que levem a água à ponta, a fim de evitar que quando venha a chuva não *regate*.»

A quarta volta ou *da sementeira* faz-se pelo mês de Outubro, «consoante o tempo o dá, fugindo da terra molhada».

Daí os velhos adágios:

Semeia-me no pó

De mim não tenhas dó.

Semearás em pó

Colherás mó.

Semearás na lama

Não colherás nada.

Semeia-me no pó

De mim não tenhas dó.

Semeia-me na lama

E vai chorar p'rá cama.

A quinta volta é o *achanar* ou *arrastrar a terra*.

Faz-se quando o *pão* está a querer nascer, e consiste numa passagem de grade, ao de leve, a quebrar os *sêrros* ou seja, as cristas do *assucado*.

Quando o cereal, trigo ou centeio, começa a nascer, e está ainda pouco fora da terra, é bom *achanar* «p'ra que o pão nasça melhor».

A sexta volta é a *arica*.

O *aricar* é meter o arado no suco da *lavrage*, para que a terra caia aos lados a cobrir o cereal, e a erva seja arrancada.

É conveniente *aricar* o que foi posto de *assêrro*, embora a seara que não levou a quinta volta também se possa *aricar*.

Em Miranda o melhor *arico* é o de Dezembro.

Em algumas terras, em Fevereiro, dão segundo *arico* «consoante a erva que bota».

A arada do *aricar* é pouco funda, e faz-se com o arado muito cerrado.

A MONDA

A monda, ou seja o arranque das ervas nos trigais, é feita pelo mês de Maio, por mulheres e raparigas.

A seara que foi *aricada* pouco precisa de ser mondada, mas quando é preciso também se monda.

O *responso das mondadeiras*, vimos que era manifestação de exaltada exuberância em algumas regiões dos concelhos de Mogadouro e de Moncorvo. Segundo a informação de dois mirandeses, Adolfo Sampedro, lavrador, e Alfredo Ventura, Carpinteiro, ambos de Duas Igrejas, actualmente as mondadeiras mirandesas não zirram insultuosamente os passantes; limitam-se a agarrar um rapaz que por ali passe, tiram-lhe as calças, mexem-lhe nos órgãos sexuais: dizem que o fazem «para cantar os galos (!!).

Acrescentaram que hoje vai caindo em desuso o arrancar as calças aos rapazes que passem junto da monda.

A SEGADA

Cada proprietário, logo no começo da segada, vai às eiras e escolhe a área que pretende para a *trilha* do seu pão, e

marca-a com *chinos* de palha, isto é, com dois punhados de palha postos em cruz e uma pedra posta em cima.

Nas segadas, quase sempre feitas com *fouces de corte*, há sempre um número maior ou menor de segadores formando a companhia, com o seu maioral ou manajeiro (em mirandês *manixeiro*) que na linha do corte vai a segar sempre na ponta direita; o da ponta esquerda é o *rabichono*, *rabicho*, ou *rabão* ou ainda *rabicheiro*.

Quando a terra é plana, as mais das vezes segam à *sucada*.

Em algumas aldeias nas terras mais ladeirentas segam *ao eito*, e chamam-lhe *etaia*.

Quando as searas são grandes há necessidade de contratar segadores. O manajeiro, maioral ou chefe da companhia, depois de ajustar o preço e demais condições da segada, dirige-se ao patrão nestes termos: — Aqui tem, e lhe fica, a minha fouce, para amanhã *empeçarmos*.

A segada começa cedo. De madrugada, antes do nascer do sol, o manajeiro e os mais segadores, vão a casa do patrão buscar as *fouces* e *desinjuar*.

O *desinjum* é refeição ligeira. Por via de regra um naco de pão trigo, queijo, e um pouco de aguardente ou vinho.

O almoço, pelas 8 horas, é servido no campo, e consta quase sempre, de *sopas (migas)* de pão trigo, com garbanço (grão-de-bico) ou feijão, amolecidas com água de cozer carne de porco, e, a seguir, uma grande pratada de batatas e bacalhau cozido. Pão e vinho são à vontade de cada um.

O jantar, pelo meio-dia, é também refeição abonada. Começa por umas *sopas* como as referidas ou similares, e depois arroz ou massa com carne e presunto cozido. Quase sempre uma salada de tomate, de pepino ou de alface. Vinho e pão sempre à mão.

A merenda é refeição ligeira, cerca das 5 horas da tarde; umas fatias de presunto, ou uns traços de chouriça ou rodelas de salsichão, umas fatias de pão, e vinho quanto cada um queira beber.

A ceia é em casa do patrão. Pode ser uma malga de bom caldo, umas batatas cozidas e salada. No fim da ceia, quase sempre dão tremoços. Pão e vinho sempre de sobejo.

Geralmente cada segador leva duas *assucadas*.

A orientação da segada faz-se sempre em tal direcção que o vento sopra pelas costas, para evitar que as espigas venham bater na cara dos segadores.

Em tais condições de vento quando se chega ao cabo da seara com a faixa das *assucadas* segada pela fila dos segadores, há que voltar à ponta por onde começou a segada, «há que voltar atrás».

Nesta *volta atrás* os segadores vêm a pé, com a fouchinha ao ombro, ou pendurada no cinto, ou na mão. Neste caso vão-lhe dando um pouco de pedra para lhe dar bom fio.

São uns minutos de descanso de costas direitas, que alguns aproveitam «para irem dando pedra à fouce».

Quem rompe o corte é sempre o *manajeiro*, que forma à direita.

Depois de dar dois passos em frente entra outro segador. De cada dois passos dados por cada segador, logo entra outro.

Entra por fim o da ponta esquerda, o chamado, como já se disse, *rabichono*, *rabicho*, *rabicheiro* ou *rabão*.

Quando um segador é fraquito e vai ficando para trás, os companheiros costumam criticá-lo dizendo:

— Este é bom *aguadilheiro*, porque come muito e devagar, sega pouco e ata mal.

A segada é sempre assim: com uma ou duas fouçadas o segador apanha um pouco de *pão* que logo *enchava*, isto é, *arredulha-o* com duas palhas; aquele *pão* fica firme e seguro pela *chave*. Mais duas ou três fouçadas ou seitoiradas, e faz a *manada*, que deita para trás no chão.

O segador que vem atrás, à esquerda, deita a sua *manada* em cima da anterior, e faz a *gabela* (em mirandês *gabielha*).

Se à primeira *manada* não juntam segunda, fica a primeira isolada, a que chamam *zorro*.

E, como vimos na descrição das segadas das páginas anteriores, logo vêm os ditos chistosos.

— Pobre *zorrito*, andam-nos a deixar para trás, para os outros acarinhar.

Quando o calor é muito e a sede aperta, um dos segadores começa a cantar:

Eu sou d'além do rio
Da cidade de Alquiça.
Meu pai era amigo do vinho,
Eu saí da mesma raça.

Este último verso por vezes substituído pela variante: Eu amigo da cabaça.

Logo todos, em coro altissonante, gritam: ora venha a cabaça... ora venha a cabaça... ora venha a cabaça...

O patrão logo se apressa a trazer a cabaça, que vai passando de mão em mão, para cada um, com boas goladas, molhar a goela e apagar a sede.

Quando um segador da *companha* tem necessidade de sair do *corte*, «quer ir baixar as calças», como eles dizem, pede licença ao maioral ou *manajeiro*.

Se arranca da *etaia* da segada sem pedir licença repete-se a assoada com os impropérios ultrajantes e injuriosos no género dos que descrevemos nas segadas atrás referidas, e descritas com algum pormenor.

Grita um: — Falta um segador!

Segue-se o diálogo chocarreiro e coprolálico.

— Ele onde foi?

— Foi a c . . . para não segar.

— Ele ainda não vem?

— Não vem nem virá, nem o diabo o cá *trazerá*.

Quando o arredo aparece e se vai aproximando do *corte*, todos gritam simulando o chiar dum carro.

Chi...a, chi...a, chi...a. Ei boi! Ele já vem descarregado.

E é com esta assoada que o homem reentra no *corte*.

Tal como vimos suceder nas segadas atrás descritas, também em Miranda é frequente seguir-se a atribuição dos dotes.

— Que lhe hemos dar de dote? grita um.

Segue-se o diálogo:

— Podemos dar-lhe a Quinta de Nogueira (1).

— Ó que rico dote!

— E quanto poderá valer essa quinta?

— Poderá valer 900 contos (foi este o valor que lhe foi atribuído em 1961, data em que colhi estas notas).

— Pois com esse dinheiro podem comprar-se 900 carros de m. . . . , p'ra ele, p'rás ventas dele e p'ra quem não diga p'ra ele.

Tudo isto gritado em vozeria altissonante, mormente da parte de tarde, «quando já tenham uma pingota».

Seguem-se dotes similares alusivos a outras quintas, ou grandes propriedades, sempre com o mesmo remate coprolático.

A segada, nas suas linhas gerais, é como já foi atrás descrita. O cereal sega-se às manadas (2) que se juntam em *gabelhas* que se atam com algumas palhas, a que chamam *garinheiras* ou *banceilhos*, em *manôlhos* (molhos) de quatro ou cinco *gabelhas*.

O juntar é pôr os *manôlhos* em *bornales* ou *mornales*, *relheiros* ou *morênas*, sempre com as espigas para dentro e os *toros* para fora.

(1) A Quinta de Nogueira, é uma grande propriedade que foi dos Marqueses de Távora, donatários de Mogadouro e de muitas outras terras trasmontanas.

É propriedade toda murada de grande mata de carvalhos, e amplas terras de sementeira. Diz-se que o muro que a veda tem duas léguas de comprimento. Fica em termo do concelho de Mogadouro, sensivelmente a meio caminho da vila de Mogadouro à estação de Santiago, do Caminho-de-Ferro do Vale do Sabor, Pocinho - Duas Igrejas (Miranda do Douro).

(2) No vocabulário típico da segada na Cardenha (Moncorvo), como se disse a pág. 4 do trabalho *A malha do cereal na Cardenha e o coro dos malhadores*, cit., registou-se a palavra *manuja*, que significa a

Por fim vem a carreja para a eira.

Os *manôlhos*, tipicamente carregados nos carros, vêm para as eiras e aí são acastelados em montes cónicos, as *mêdas* ou *bornales*.

O *bornal* ou *mornal* é a mēda do cereal na eira.

Os primeiros molhos estendem-se no chão, com as espigas para dentro, num redondo maior ou menor, consoante o tamanho da colheita.

Colocam-se camadas sucessivas de molhos no enchimento do redondo, sempre com as espigas para dentro. Camada a camada leva-se o *bornal* até à altura que se deseja.

O *bornal* termina no alto pelo *fêcho*, que pode ser com as espigas para dentro ou com as espigas para fora. Actualmente faz-se o *fêcho* com as espigas para fora. Fica o *bornal capeado*, (Fig. 70 da Est. II) como se diz em Duas Igrejas, ou com *carapêta* ou *carrapêta*, como se diz em Sendim de Miranda.

A TRILHA

A debulha do trigo, do centeio, da cevada e das lentilhas, garrobas ou pardas, é sempre feita o *trilho*, melhor, era sempre feita o trilho.

Embora actualmente a debulha dum modo geral esteja a ser feita, e cada vez mais, pelas máquinas debulhadoras, é

porção de cereal que a mão esquerda, ao segar, vai abarcando até não poder mais. É, digamos, uma mancheia ou *manada*.

Em mirandês o termo é *manada* que se juntam em *gabelhas* e estas em *manôlhos*.

A raiz de *manôlho* e *manuja* é comum. *Manuja* não aparece no Vocabulário Português da Academia. Parece, portanto, ser um novo elemento provinciano a juntar ao vocabulário trasmontano.

Meyer Lubke, *Introdução ao estudo da glotologia românica*, Lisboa, 1916, pág. 284, cita W. Schulze, que, por sua vez, cita a raiz comum *manuclus* por *panuclus*, que em romeno deu *manuchui*, em italiano *manochio*, no francês *manoil*, no castelhano *manujo*, em português *molho* e em mirandês *manôlho*.

Sobre a etimologia de *manada* veja-se a obra de Dr. Herculano de Carvalho *Coisas e palavras*, cit., págs. 132 e segs.

habitual trilhar sempre um pouco de trigo para semente, porque a máquina deixa o grão muito trincado, que não é bom para semear.

Só quando a quantidade de qualquer dos produtos citados é pequena é que são malhados com um simples pau, sem malho ou mangual.

Antes de descrever a trilha convém fazer rápida descrição do *trilho*, que quando é mais largo toma o nome de *trilha*.

O trilho é uma espécie de tabuleiro feito de três tabuões de madeira de pinho ou de negrilho, em prôa levantada, isto é, um tanto encurvado para cima na parte dianteira, para que, ao arrastar, não apanhe a palha pela dianteira e a leve na frente (Fig. 64).

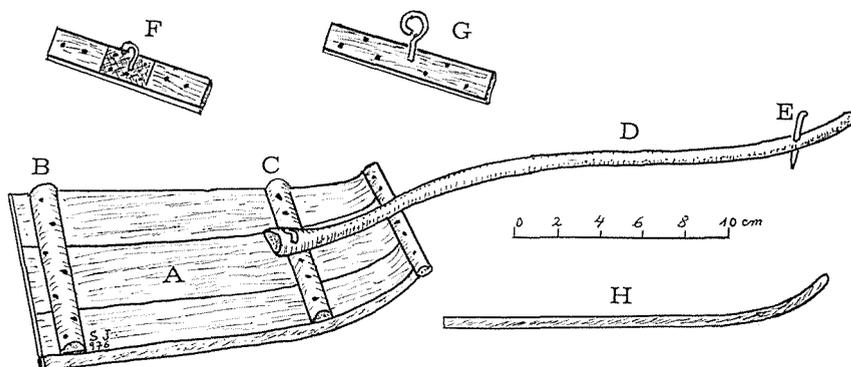


Fig. 64 — Trilho de Terra de Miranda. A — lastro; B e C — cadênas, grossas travessas fortemente cravadas no tabuão do lastro; D — tirante ou cambicho; E — cavilha; F — jugo com gancho de ferro cravado em chapa também de ferro; G — jugo com gancho de ferro para engate do cambicho; H — perfil do lastro do trilho.

A face inferior é cravejada de pedras de quartzo ou de sílex, lascadas em forma de lâmina de gume acerado, que ao repassar sobre os molhos espalhados em redondo, vai cortando a palha e as espigas, triturando-as (Est. iv, Figs. 74 e 75).

Há trilhos em que a face inferior em vez das pedras lascadas têm lâminas de ferro cravadas nos tabuões.

Os trilhos são puxados por parelhas de burros, cavalos, gado muar ou juntas de vacas. No trilho vai sempre um caçoilo (Est. x, Fig. 87) ou um grande pedaço de cortiça para aparar os excrementos dos animais que puxam o trilho.

O tabuleiro do trilho é mais estreito à frente do que atrás.

As três grossas tábuas que formam o tabuleiro do trilho são mantidas em perfeito ajuste por três travessas (em mirandês *cadênas*), nelas fortemente cravadas.

A travessa do meio liga-se o *cambiço*, vara resistente a que junte a parelha pela canga, presa pela cavilha.

Na Quinta de S. Pedro, freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro, vi há anos um trilho que tinha a face inferior erizada de pequenas lâminas de ferro. Na travessa dianteira tinha um pau roliço, espetado ao alto a que ali chamam *balcão*. Em Miranda ao mesmo pau que se vê em alguns trilhos chamam *pião* (Est. v, Fig. 77).

É uma vara cravada na travessa ou *cadêna* do meio, a que se prende o tirante ou *cambiço* para junguir a parelha. Àquela vara em S. Pedro chamam *balcão*, *tramouceu* ou *tramoucela*, e em Miranda *pião*.

O *cambiço* tem um grande buraco que enfia no *pião*, e este um pequeno buraco onde se mete um pau por cima do *cambiço* para que não se escape.

Os trilhos dantes vinham da Espanha prontos, isto é, cravejados de pedras em lâmina cortante. Cá só se lhe punha o *cambiço* e o *pião*.

Actualmente há carpinteiros mirandeses que já os fazem. As pedras é que vêm de Espanha e são compradas a quilo.

Da *mêda* ou *bornal* tiram-se os *manôlhos* que são *esparbados* (espalhados) em redondo e desatados, formando um disco maior ou menor, consoante o pão a trilhar, fazendo a *parva*.

A toda a roda da *parva* dispõem-se molhos por desatar, com as espigas para dentro, formando a *cobela da borda*, a fazer parede.

Sobre a primeira camada do trigo, *esparbado* em camada espessa, coloca-se o trilho a que se juncue a junta ou parelha. Uma pessoa em cima do trilho, de pé, ou sentada no *talho*, banquinho geralmente de três ou de quatro *pias* (Est. v, Fig. 76), toca os animais e vai-os orientando em rodeios sobre a *parva*.

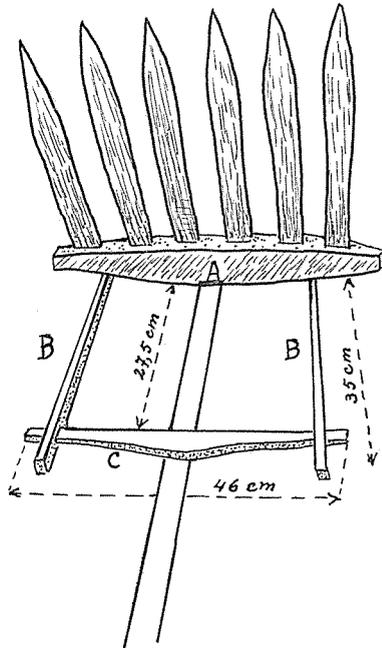


Fig. 65 — *Bnda* feita de castanho, para carregar *palha trilha*. A — mesa; B B — cabritas; C — travessa; cabo com 1 metro de comprimento.

O trilho ou mesmo os trilhos, pois na mesma *parva*, quando é grande, podem andar, sempre à roda, dois ou três trilhos, sem tocar na cobela da borda, que está a fazer parede. Vão também ao meio, diminuindo ou alargando as voltas para que toda a palha fique cortada.

Há sempre dois ou três homens ou mulheres a virar a palha com *bndas* (Fig. 65), com *espalhadeiras* ou *tornadeiras* (Fig. 66) serviço a que os mirandeses chamam *bolber la parva*.

A meio da trilha da *parva* os molhos da *cobela da borda* são desatados e espalhados pela *parva*.

Quando a palha pela tarde já estiver moída, faz-se o último *bolber da parva*.

Quando a trilha é de 300 pousadas a *parva* no fim chega a atingir um metro de altura.

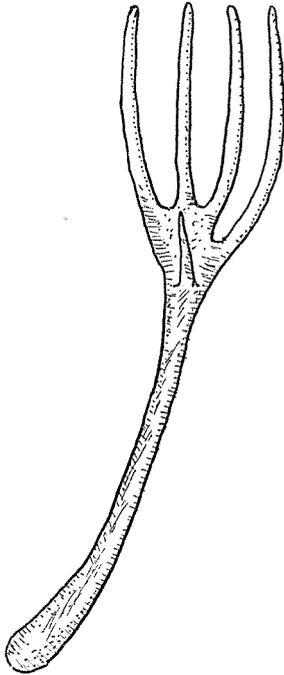


Fig. 66 — *Espalhadeira* ou *tornadeira* (Duas Igrejas, Miranda do Douro), feita de um galho de olmo com quatro dentes. Comprimento total 1,13 m; dentes com cerca de 30 cm, e o pequeno dente da *espera* com cerca de 10 cm.

É com as *bendas* que se tira a palha trilhada separando-a do grão. É também com elas que se faz o *bendear*, ou seja baldear a palha para os carros e palheiros (Figs. 100 e 103).

Uma vez acabada a trilha, *aparbona-se* o trilhado, junta-se tudo em cordões ou *sembas*.

Se está a ameaçar chuva *aparbona-se* tudo em 4, 5 ou 6 *sembas*, que são outros tantos cordões em cumieira. No meio das *sembas* o vale é bem varrido. Depois, com bom tempo e

vento de feição, juntam-se todas as *sembras* numa só, que é *apaleada* com *palas* e *espalhadeiras*. As mulheres vão *baleando* o mó (*môlo* em mirandês) com *bardeiros* de gingeira para irem tirando os *garabanhones*.

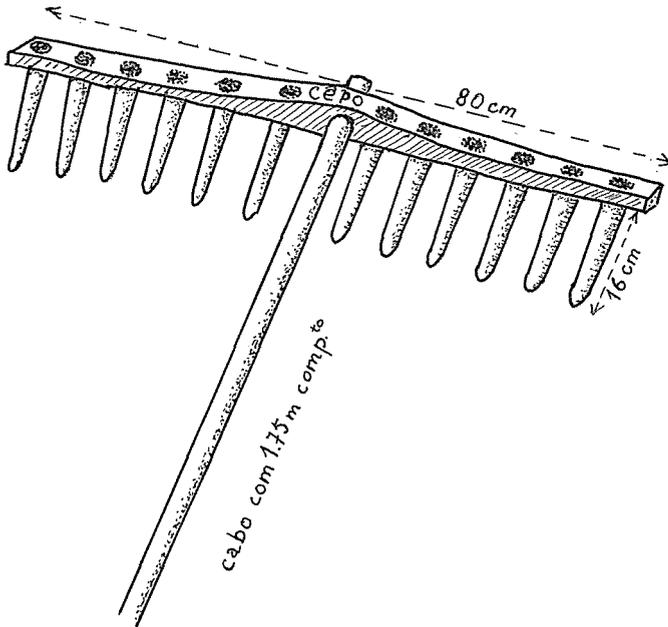


Fig. 67 — Engaçador da Quinta de S. Pedro (Mogadouro), do mesmo tipo das *rastras* de Miranda, para tirar a palha do eirado. O *cêpo*, de olmo, tem cravados os dentes. Estes são da grossura de dedos, e geralmente de amendoeira ou de olmo.

Tirada do eirado a palha moída ou trilhada com as *rastras* (Est. xv, Figs. 96 e 97), fica a parva pronta para ser limpa. Há que a juntar. As mulheres vão varrendo a parva ao redor a juntar o grão com algum palhuço, ajudadas pelos homens que, com a cota dos engaços o vão rodando e amontoando em montículo oblongo, a *semba da parva*.

A orientação deste montículo é riscada tendo em vista o lado provável de onde soprará o vento, que pode ser ou *galego*

ou *de cima*. Este sopra do nascente, o *galego* vem do noroeste, da banda da Galiza.

O vento *de cima*, em terra de Miranda, no verão costuma soprar pelas manhãs de Julho e Agosto. Nos mesmos meses o *galego* costuma soprar a partir do meio-dia.

A limpa ou o padejar faz-se à pá (*pala* em mirandês), com *tornadeiras* de mais dentes e com *bendas*, atirando ao ar a *parva*, palha misturada com o grão. Com vento de feição o palhuço e os *garabanhones* (palha miúda e espigas) são levados, e o grão cai no *mó* (*môlo* em mirandês). Os *garabanhones* podem limpar-se com os dentes dos rastros e a este serviço chamam *scangar*.

Quando pretendem *apalear* imploram a vinda do vento, dizendo:

«Aire que tengo trilhá-o pão.
Aire que tengo a parva junta.
Aire que tengo o pão trilháu.»

Ao redor do montão andam mulheres com *baleios* ou *bardeiros* de gingeira brava, *gesta nacida*, ou esteva, a *balear* (a varrer) algum palhuço miúdo que caía juntamente com o grão, e vão-no juntando em montão, a *rabeira do môlo*, que vai ser passada por uma *saranda*, crivo de folha de zinco com buracos por onde passa o trigo e retém as palhas.

O *pão do mó* é *assarandado*, depois medido, ensacado e levado em carros para arrecadar nas tulhas.

Os sacos, por via de regra, são de lã caseira, fiada urdida e tecida em Terra de Miranda; algumas vezes são de linho, mas estes são mais raros.

O trigo e o *pão* (ou seja o centeio) quando vão para o moinho volta a ser *sarandado*, desta vez com um crivo, e, muitas vezes, lavado.

O dia da limpa, ou seja o dia da recolha do cereal à tulha, é uma das três festas maiores do lavrador mirandês.

As outras são a tosquia dos gados e a matança dos porcos.

A estas fainas andam ligadas algumas canções populares.

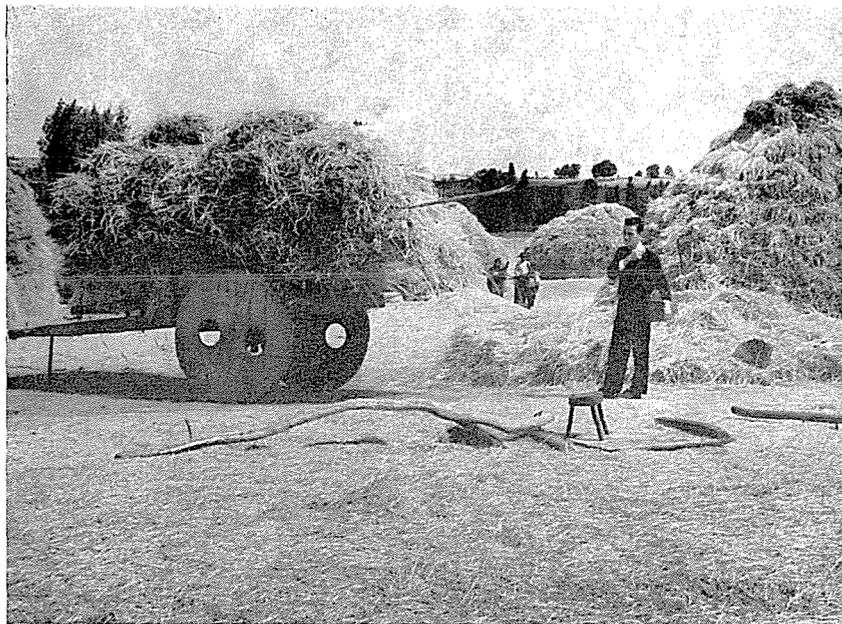


Fig. 68 — Na eira, ou *vale* de Genísio, um carro de bois carregado de molhos para fazer a mêda, de que já está feita a base.



Fig. 69 — Na eira de Vale Monio (Duas Igrejas) da grande mêda da esquerda foram tirados molhos que um homem disporá em camada circular, *esparbando* o pão. A mêda da direita em bernal capeado. No primeiro plano dois trilhos.

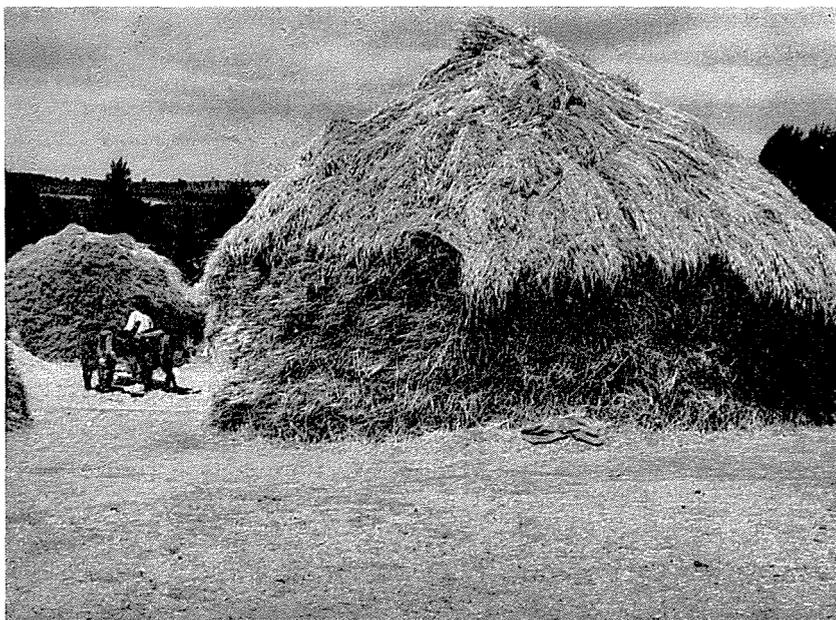


Fig. 70 — Grande bornal capeado. (Genísio).



Fig. 71 — Uma trilha já adiantada, com 50 a 60 cm de altura.



Fig. 72 — Em Duas Igrejas um carro de palha.



Fig. 73 — Mulheres a escolher o colmo (Duas Igrejas).

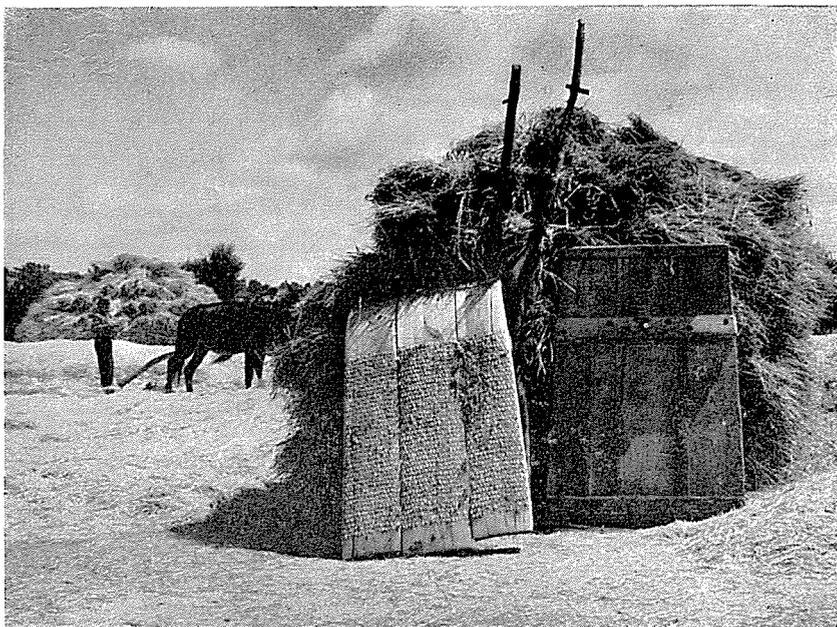


Fig. 74 — Dois trilhos encostados a um *bornal*. Por trás dos trilhos e ao alto vêem-se as pontas dos *cambiços*.



Fig. 75 — Face inferior dum velho trilho a que já faltam muitas pedras.

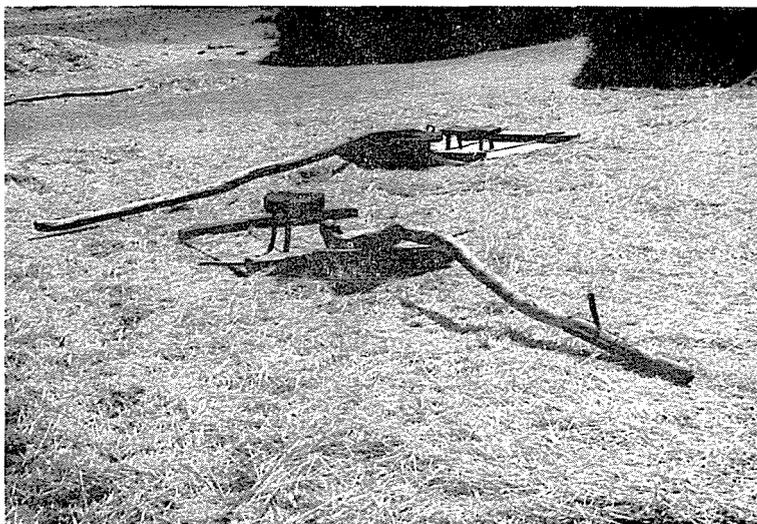


Fig. 76 — Dois trilhos: um com *talho* de três *pias* e o outro com talho de 4 *pias*, ou seja banquinhos de 3 ou 4 pernas.

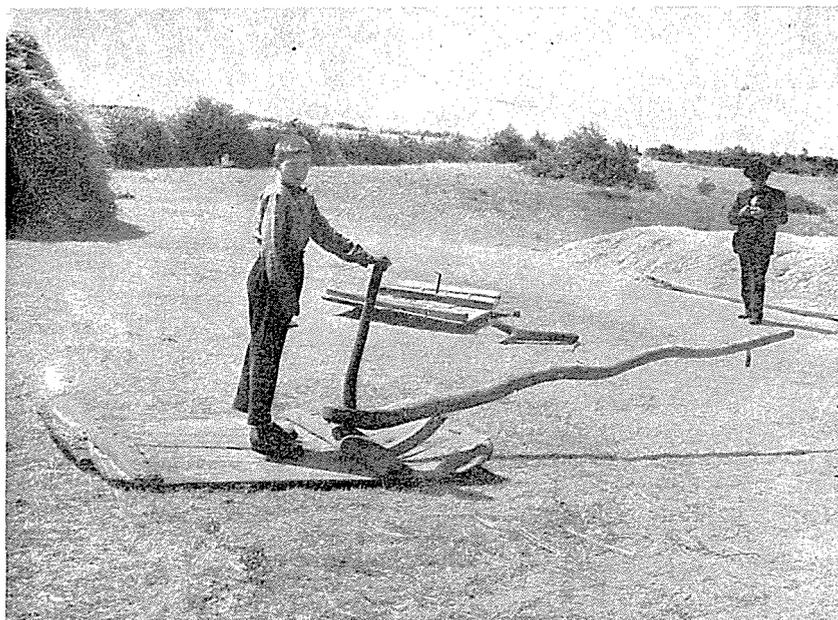


Fig. 77 — Trilho com *pião*, onde o rapaz apoia a mão, e *cambiço* enfiado no *pião* (Genísio). À direita o P. Dr. António Mourinho prepara-se para tirar uma fotografia.



Fig. 78 — Grande bornal do qual já se tiraram muitos molhos, logo desamarrados e espalhados na parva, na qual já se arrastam dois trilhos.

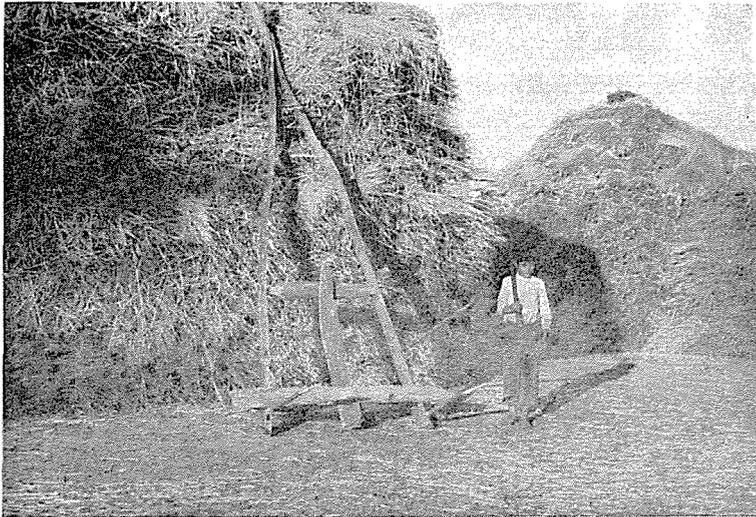


Fig. 79 — Escada que se coloca de ponta no estrado do carro de bois, com o terço posterior para fora da traseira, o que permite aumentar a carga de molhos de pão e sobretudo da palha galba.

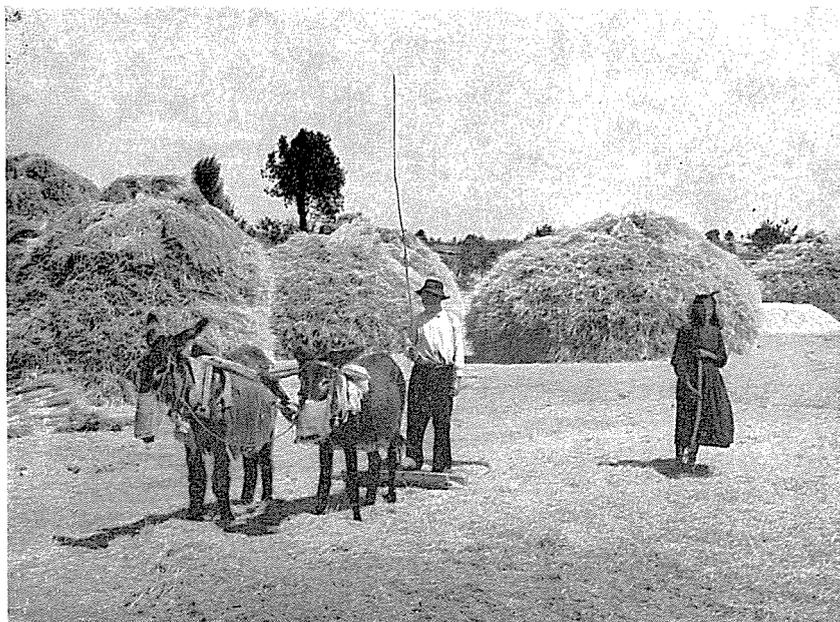


Fig. 80 — Trilha no início. Os burros levam nos focinhos *focinheiras* (em mirandês *sufineiras*) por causa das moscas.



Fig. 81 — Parelha de burricos junguidos ao trilho. A mesma da figura anterior, agora vista de perfil.



Fig. 82 — Neste trilho, puxado a muares, vai o lavrador de pé e dois filhos pequenos sentados à traseira do trilho (Genísio).



Fig. 83 — Uma parelha de muares com *sufineiras*. (Genísio).



Fig. 84 — Uma trilha já adiantada com o trilho puxado por muares e duas mulheres a *bolber a parva*.



Fig. 85 — Outro aspecto da trilha da figura anterior, agora com duas mulheres e um homem a *bolber a parva*.



Fig. 86 — Aspecto da eira do Vale Monio, Duas Igrejas.



Fig. 87 — Em Vale Monio, trilha puxado por uma parelha de cavalos. A mulher vai sentada no *talho de 3 pias*, tendo à direita um *caçoilo* para aparar os excrementos dos cavalos (*cagalhões*, lhe chamam em mirandês).

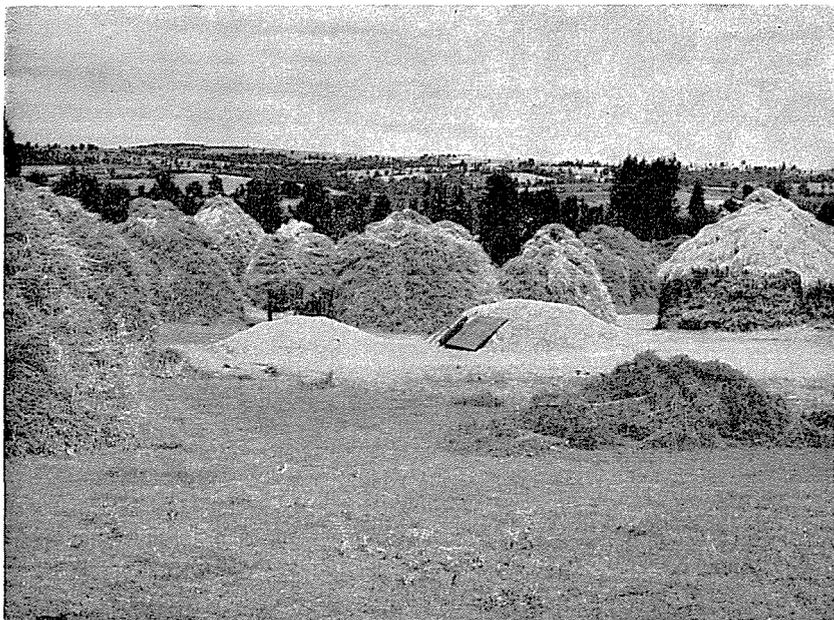


Fig. 88 — Um aspecto das eiras de Genísio, pelo menos com 10 *bornales*, o da direita *capeado*. A meio o *môlo* ou *mó* do pão com o *trilha* a ele encostado. À esquerda o monte da *munha*.



Fig. 89 — Acabada a *trilha* os homens estendem a *parva* aos *cordões*, as *sembas*.

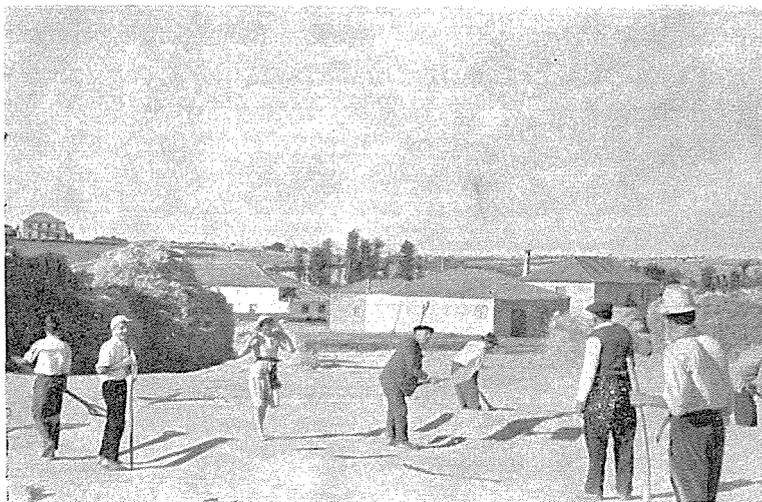


Fig. 90 — O *apalear* do trigo nas eiras de Vale Monio (Duas Igrejas). Esta fotografia e a seguinte foram tiradas pelo P. Dr. António Mourinho.

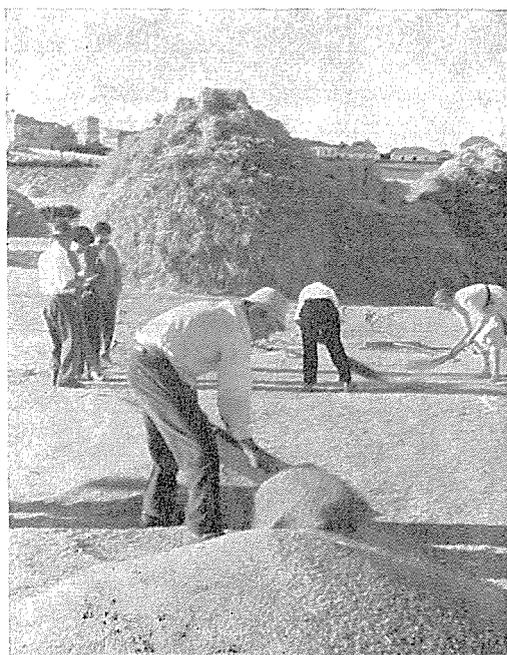


Fig. 91 — Nas eiras de Vale Monio, baleiando o eirado para juntar o grão no *môlo* ou *mó*, que se vê no primeiro plano.

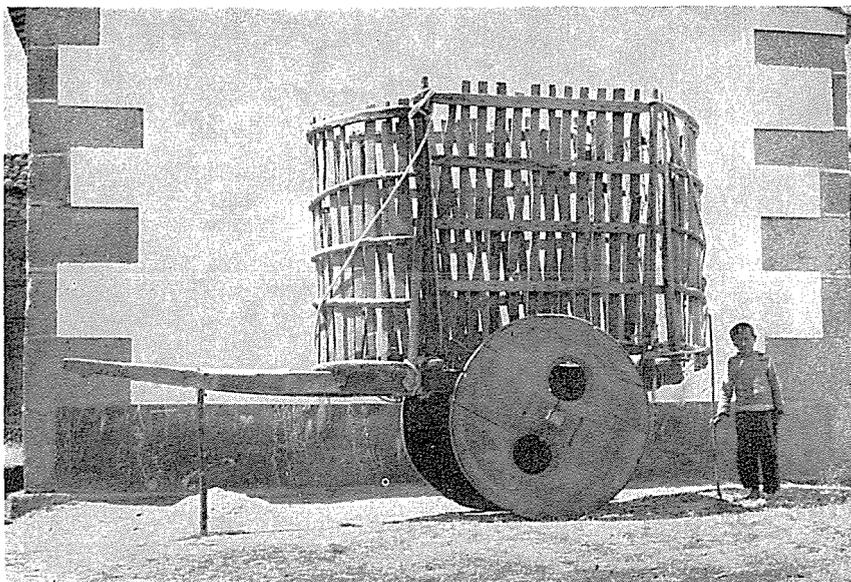


Fig. 92 — Carro de bois com as sêtas.

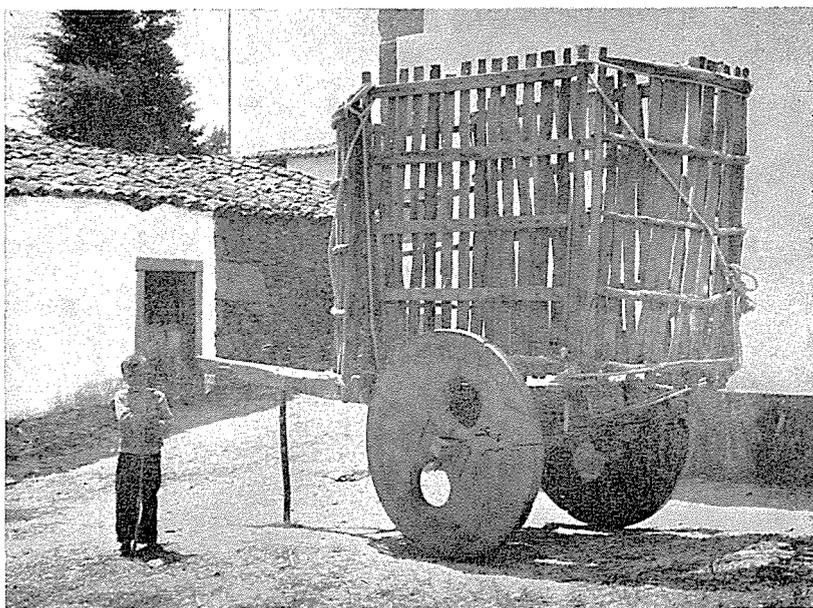


Fig. 93 — O mesmo carro da figura anterior com o gradeado das sêtas reforçado por cordas.



Fig. 94 — Outro aspecto do carro com as sêtas para carregar a palha trilhada (Duas Igrejas).



Fig. 95 — Carro com sêtas, pronto a receber a palha trilhada do montão que se vê à traseira do carro.



Fig. 96 — Duas grandes *rastras*, a da esquerda com 15 dentes e a da direita com 21. A meio o homem empunha uma *espalhadeira*.



Fig. 97 — Grande *rastra* com 23 dentes e cabo curto.



Fig. 98 — Duas *bendas*, a da direita de dentes roliços e *cabritas* em redondo (Duas Igrejas).

Fig. 99 — *Espalhadeira* ou *tornadeira* de seis dentes (Duas Igrejas).





Fig. 100 — O *bandear* da palha para as *sêtas* do carro.

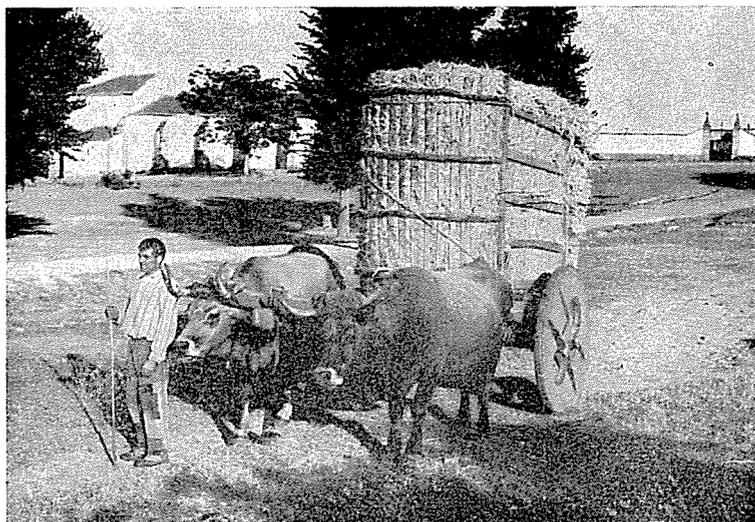


Fig. 101 — Um carro com as *sêtas* atochadas de palha trilha.



Fig. 102 — Descarga da palha junto do palheiro (Duas Igrejas).



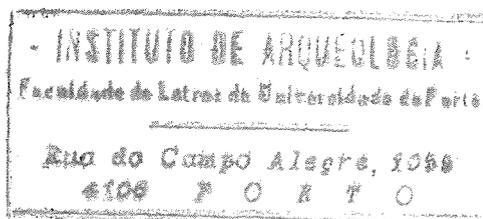
Fig. 103 — O *bendear* da palha por o portelo do palheiro (Duas Igrejas).

Entre elas é típica a *canção das três comadres*, as quais, em merenda abonada, apanharam grande bebedeira e cantavam com toda a alegria,

Pedro que te falta?
Repica tua gaita.
Tens o pão na tulha
E o vinho na bodega.
Tens a melhor moça
Que havia nesta terra,
Cega dum olho,
Manca duma perna.

Chega o marido de uma delas, que, tendo-as encontrado borrachas e sem juízo, deu uma grande sova em todas três.

Pelo que se expôs no referente à cultura dos cereais e à trilha em Terra de Miranda, parece justificado o propósito de lhe haver dedicado um capítulo à parte.



Conclusões

Na cultura dos cereais em Trás-os-Montes, há, como é natural, muitas coisas que são a repetição daquilo que se observa em qualquer outra parte onde se cultivam cereais.

Há sempre que lavrar suficientemente a terra e estrumá-la no acto da sementeira.

Depois há um certo número de voltas, ou granjeios, a fazer, consoante a natureza do cereal, as condições da terra e até do tempo, quando decorre sêco ou chuvoso.

Cereal crescido e grado há que o ceifar, levar às eiras e malhá-lo.

As segadas nas searas, com todos os seus trâmites, e as malhas nas eiras, com um conjunto de velhos e bem interessantes costumes, são, em Trás-os-Montes, capítulos da faina cerealífera de extraordinária riqueza etnográfica.

As malhas e as vindimas são as festas maiores dos nossos lavradores. Em muitas terras podem juntar-se-lhe mais duas, a tosquia dos gados ⁽¹⁾ e a matança dos porcos.

Logo a primeira lavradela pode variar na sua orientação, consoante se trate de terra de restolho ou de terra de *adil*, isto é, de pousio de um ou de dois anos.

As várias voltas, ou *ferros*, que a terra há-de levar, variam com as terras; os nomes de cada uma dessas voltas ou lavras variam também de região para região, às vezes até em concelhos vizinhos.

Essas voltas ou lavradelas têm vários nomes que nas páginas anteriores foram referidos e descritos, a saber: *decruar*,

(1) Na tosquia do gado ovino há um curioso *coro dos tosquiadores*, que ouvi e registei em gravador de som, na freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro.

O ritmo deste coro condicionava a sequência das tesouradas de cada um dos tosquiadores, ao cortarem o velo de cada ovelha.

Deste modo o trique-traque do tesourar é ritmado pelo cantar, um tanto lento, do referido coro. Espero poder publicá-lo na primeira oportunidade.

relvar, entressar, lavrar para a sementeira ou lavra de cobrir o pão, pôr o assêro, acharar e aricar.

A sementeira não oferece grandes modalidades, a não ser quanto ao número de lanços de sementeira, consoante a largura das *embelgas*, como atrás se referiu e se mostra na Fig. 2.

Cada segador além da seitoira que empunha na mão direita, protege dois ou três dedos da mão esquerda com os *didais* (Est. I, Figs. 7 e 8).

Na *monda*, que é feita especialmente ao trigo, merece especial realce o *responso das mondadeiras*, a que nos referimos com algum pormenor, embora muitos dos ditos gritados pelas mondadeiras em *zirrados* ofensivos aos passantes, sejam tão descaradamente licenciosos e tão eleivosamente maldizentes e pornográficos, que não se podem publicar.

As alusões aos órgãos sexuais e ao coito são tão flagrantes, que, tal *responso*, não pode deixar de ser considerado como exuberante manifestação do culto fálico.

A segada, como vimos, pode ser feita à *sucada* ou a *eito*, e o corte ser feito com *seitouras de pica* ou com *seitouras de corte* (Figs. 3, 4, 5 e 6). As últimas são, actualmente, as mais usadas, e quase todas importadas da Espanha.

Nas segadas são curiosos os pedidos de vinho feitos pela ranchada dos segadores, com referência à vaca que se chamava *andúvia* e ao seu vitelinho que, logicamente, se chamaria *andovinho*. E os segadores gritam em uníssono: *ande o vinho... ande o vinho... ande o vinho.*

A ranchada dos segadores tem sempre um *mandarache* ou *manajeiro*, que contrata e orienta o serviço. Na linha do corte é ele o que forma à direita, é o *rei*, e o da ponta esquerda é a *rainha*.

No Souto da Velha, Moncorvo, na fileira dos segadores o da direita é o *rei*, o da esquerda é o *rei porco* ou *rainha*, e o

do meio é o *zangalho*, termo que significa coisa ordinária, de pouco ou nenhum préstimo.

São curiosas as assoadas feitas ao segador que se demora, quando para satisfazer imperiosa necessidade fisiológica, se afasta do grupo e vai agachar-se atrás duma parede. Vimos que sucedia o mesmo com as mondadeiras. Alguns dos dotes atribuídos nas assoadas são de tal licenciosidade pornográfica que não podem publicar-se.

Tais assoadas podem considerar-se como prática aguilhoante de porfiada prestação de serviço, e com ressaibos do culto fálico, dadas as alusões directas aos órgãos sexuais.

É geral o rito da caça simbólica de um animal, *coelho*, *lebre* ou *raposa*, ao ceifarem os últimos escassos metros quadrados do que resta para acabar uma seara. Rito de significado justamente interpretado como prática alusiva ao espírito do cereal, materializado em qualquer dos referidos animais.

A debulha dos cereais e outros produtos agrícolas, actualmente é, quase toda, feita por máquinas debulhadoras.

Noutro tempo era toda feita com malhos; daí o nome de *malha* que ainda se mantém. Assim é corrente ouvir dizer: — Amanhã chega a máquina e vamos começar a malhar o nosso trigo.

No leste trasmontano malha-se o centeio, o trigo, a cevada, a aveia, as pardas (também designadas lentilhas ou garrobas), as favas, o milho (quer o milhão, quer o milho miúdo, também chamado milho burreiro), os feijões e o grão-de-bico.

Dum modo geral só os cereais é que são debulhados à máquina, embora algumas vezes o sejam também a malho, a trilho ou à pata de gado.

As favas, os feijões, o grão-de-bico e as pardas são sempre malhados, às vezes com um singelo pau.

O centeio, pelo menos uma boa parte, é quase sempre malhado, para se aproveitar o colmo.

E mesmo uma certa porção de trigo é também frequentemente malhada para que o grão malhado, fique em boas condições para semente. Isto porque a máquina debulhadora, por vezes, traça os grãos, e, por isso, não prestam para semear.

As malhas são a grande festa com que remata a cultura dos cereais. É a colheita do produto de muitos meses de trabalho, de gastos e de canseiras; é a recolha do cereal que garantirá, durante o ano «o pão nosso de cada dia».

Vem a propósito recordar a canção mirandesa das três comadres que no dia da recolha do cereal à tulha cantam radiantes.

Pedro que te falta?
Repica tua gaita.
Tens pão na tulha
E o vinho da bodega.
Tens a melhor moça
Que há nesta terra,
Cega dum olho
E manca duma perna.

Se é certo, como vimos, que nas segadas há práticas rituais de simbolismo ligado ao espírito dos cereais, as malhas, neste particular, ocupam lugar de primazia, pela abundância e riqueza simbólica de vários dos seus actos.

Pondo de lado referências aos vários tipos de malhos, e modalidades de outros aprestos usados nos serviços das eiras, engaços, forquilhas ou espalhadoras, bendas, pás, rodos, baleios, rastras, etc., vamos destacar alguns aspectos a que se pode atribuir raridade ou especial significado.

Comecemos por realçar o *coro dos malhadores da Cardenha*, que é, supomos, o único caso, pelo menos até agora registado, em que os malhadores cantam, acompanhando e ritmando o canto, ao compasso do bater dos pirtigos na messe ou parva.

Há é certo o *canto do meio da eira*, bem estudado em Celorico de Basto por Jorge Dias, no trabalho *Sacrifícios sim-*

bólicos associados às malhas, cit., no qual, a pág. 6, diz que tal canto é entoado ao meio-dia depois de malhada a primeira eirada. É pois uma canção de aspecto folgazão com a prisão do patrão, que levam em charola até à adega e onde todos bebem a mais não querer.

O *coro dos malhadores* ocupa lugar de certo realce pelo conjunto de circunstâncias atrás referidas, e de que agora só lembraremos as referências que em muitas das quadras cantadas se fazem aos órgãos sexuais, referências que entram na categoria dos ritos de simpatia, como adjuvância da garantia da plena germinação do cereal que está a ser malhado.

Uma particularidade das malhas na Cardenha, referida na pág. 88, e que tem ar de solenidade, é o *silêncio das falas* dos malhadores, e até, e também, o *silêncio das pessoas presentes* que se abstêm de falar. Todos se mantêm num estado de concentração que imprime à *decrua* um ar solene, com seu quê de religiosidade.

Outro facto observado nas malhas da Cardenha é o *canto do João Afonso*, cantado ao *acanhoar* ou tirar o *coanho*, com alusão ao lobo pardo, e bem assim o *canto do manjaricão*, também cantado no decorrer do *acanhoar*.

Outra nota que merece citação é a de, ainda também na Cardenha, quando ao *padejar* vai ao ar a última pá do grão da *mó*, o homem que estiver mais perto das mulheres é o que ganha um maço de cigarros. É de crer, como atrás referi, que isto seja remeniscência de velha prerrogativa que o homem tivesse sobre a mulher que lhe estivesse mais à mão.

O *molho do patrão*, que não só em Trás-os-Montes, mas também de uso corrente nas malhas de algumas regiões do Minho, apresenta modalidades ou pequenas variantes, mas em todas realça o velho rito do culto ao espírito do cereal. Foi suficientemente descrito nos vários casos citados, pelo que se julgam desnecessárias mais referências.

A *prisão do patrão* é outra prática bastante corrente no fim da última eirada não só em Trás-os-Montes, mas também no Minho.

Em Lavradas, os malhadores no fim da última eirada vão-se ao patrão e prendem-no bem amarrado com *bencilhos*, um nas pernas e outro arrocando os braços ao tronco. Quatro homens dão-se as mãos, e o amarrado vai estirado em cima dos braços dos homens, com os pés para diante, como se fosse um morto levado em padiola.

Atrás um homem empunha, bem erguida uma cruz de palha.

Todo o restante pessoal segue em acompanhamento «cantando um cantar de padres». Esta prisão do patrão, com mais propriedade, se podia chamar o *enterro do patrão*. Levam-no como se fosse um morto, até à porta da adega, que abrem com os pés do patrão. E vem vinhaça a fartar e tanto bebe o morto, que tira o vinho, como os vivos daquele ruidoso acompanhamento.

A *prisão da patroa* é feita pelas mulheres, que lhe entram pela casa dentro para a prender. Consegue a liberdade distribuindo rebuçados e servindo uma boa pinga. Tudo termina em alegria esfusiante. É uma festa.

O rito da *prisão do patrão*, e até de estranhos estende-se por vários países da Europa, como Jorge Dias, com vasta erudição, refere a pág. 7 do seu trabalho *Sacrifícios simbólicos associados às malhas*, várias vezes cit., acentua que o *enterro do patrão* e outros costumes europeus, mais ou menos similares, «não serem hoje mais do que simples brincadeiras, levemente impregnadas de superstição, são ainda bem claros, por vezes, os vestígios do sacrifício ou da morte de um estranho, ou do dono do cereal, como sobrevivência de autênticos sacrifícios humanos».

Em muitos povos primitivos actuais acredita-se piamente na necessidade de sacrifícios humanos, para garantia de abundantes colheitas de cereais.

É importante tarefa levar a cabo o estudo e registo do que ainda resta de tantas e tão curiosas práticas, que, pelo

seu simbolismo, atestam esbatida sobrevivência de velhos ritos, por vezes bárbaros e sangrentos, ligados à fertilidade da terra e à boa germinação da semente, num todo de homenagem ou culto ao espírito dos cereais.

De tais barbaridades se ocupou Jorge Frazer no seu livro *Les esprits des blés et des bois*, cit., baseado em textos de antigos autores gregos e romanos.

Pelo que estes autores deixaram escrito, sabe-se que, por exemplo, os celtas da Gália, pelos fins do séc. II e princípios do I a.C., faziam de 5 em 5 anos verdadeiras carnificinas, em festas religiosas impregnadas de singular e bem estranha magia, com as quais tinham em vista estimular a vegetação, garantir a fertilidade da terra e a boa germinação das sementes.

Jorge Dias, a pág. 8 do trabalho acima citado, extratando Frazer diz que naquelas festas correntes nos celtas da Gália, «as vítimas eram geralmente criminosos, mas se os não havia em número suficiente aproveitavam os prisioneiros de guerra, pois quanto maior fosse o número de vítimas maior seria a fertilidade obtida».

A germinação das sementes era para o homem primitivo um fenómeno misterioso, transcendente.

A morte da planta com a chegada do inverno e a sua revivescência com a chegada da primavera deve-os ter impressionado profundamente.

O mistério da germinação, então impenetrável à razão humana, muito naturalmente deve ter conduzido a uma atitude de admiração, respeito e veneração, com seu quê de temor, pelo receio de tão estranho e tão maravilhoso atributo germinativo poder desaparecer do grão da semente.

A admiração e o temor conduzem ao sentimento religioso, e daí o aparecimento de práticas mágicas rituais.

A realização, em íntimo sentido de veneração, dos ritos consagrados pelo uso, vinha apagar as dúvidas ansiosas dos homens, assustados pela perspectiva de más colheitas e, por consequência, da fome.

De todas as plantas que o homem cultiva para a sua alimentação, os cereais são, sem a menor dúvida, os de maior importância.

Por isso é natural que a religião das comunidades agrícolas primitivas se encontrasse marcada ou influenciada, pela preocupação da perenidade de todas as plantas de cultura, ou da sua revivescência, muito especialmente dos cereais.

Em muitos povos são frequentes os testemunhos da veneração pelos recursos naturais, animais e plantas, base da sua alimentação.

Em muitas comunidades agrícolas actuais encontram-se comportamentos ligados a ritos e a práticas de magia, que são, sem dúvida, sobrevivências, mais ou menos diluídas, de velhos usos e venerandos costumes.

A misteriosa e enigmática fecundidade das sementes tinha de ser garantida pela magia de simpatia, por meio de práticas alusivas aos órgãos sexuais, por vezes com manifestações de trasbordante realismo.

Neste particular, é bem demonstrativo o que se passa, ou pelo menos passava, em certas aldeias do concelho de Barcelos na *arriga do linho*.

Antes de começar a faina do arranque do linho, um rapaz e uma rapariga, por via de regra um par de namorados, abraçam-se numa ponta do linhal, tombam-se, engancham as pernas e vão rolando qual por baixo qual por cima. Assim enlados esmagam uma boa porção do linho, não deixando o rapaz de abraçar fortemente a moça.

Em várias passagens do nosso trabalho dissemos que algumas práticas se podem interpretar como relacionadas com o velho culto fálico.

A este tema diz respeito o que se lê a págs. 51 e 52 do vol. I do livro de G. Frazer, tantas vezes citado.

Diz Frazer que antigos autores contam que na Grécia e em Creta se celebrava a *feira da eira*, independentemente da malhada. Tal festa constava de certos ritos míticos praticados exclusivamente por mulheres, «qui festoyaient buvant de

grands coupes de vin tout en se livrant à des plaisanteries grossières, et paradaient des gateaux en forme des organes mâle et femelle de la génération. Si ces derniers détails sont conformes à la vérité, on peut supposer que ces indécences, comme certaines obscénités, qui, semble-t-il faisaient partie des grands mystères d'Eleusis, ne constituaient pas seulement l'explosion passagère de passions licencieuses, mais des pratiques délibérés, accomplies, comme des rites destinés à exciter la fertilité du sol au moyen de la magie imitative ou homéopatique».

O agarrar o coelho, a lebre ou a raposa, ao segar o último cereal numa seara, é um velho rito, em que qualquer destes animais consubstancia o espírito do cereal, espírito com a transcendente capacidade de ressuscitar depois de morrer às mãos dos ceifeiros.

O simbolismo de algumas práticas costumeiras nas malhas, atestam a sobrevivência de velhos ritos, ligados à fertilidade da terra, à boa germinação da semente e pleno desenvolvimento da planta, num todo de homenagem ou culto ao espírito dos cereais.

O espírito do trigo ou de qualquer outro cereal pode existir sob a forma de vários animais.

Segundo George Frazer, tantas vezes citado, (*Les esprits des blés et des bois*), no capítulo VIII do Vol. I «L'esprit du blé comme animal», págs. 241 a 275, diz que o espírito do trigo, em várias regiões da Europa Central e Setentrional, pode assumir a forma de vários animais tais como: lobo, cão, cabra, raposa, lebre, gato, vaca, boi, touro, cavalo e porco; menos vezes em forma de aves, tais como a codorniz, o ganso e o galo.

Acredita-se que o espírito do trigo, ou de qualquer outro cereal, sob a forma de qualquer dos animais referidos, está presente no cereal, e imaginam que durante a segada o animal vai fugindo diante dos segadores. Quando a segada está a terminar, o animal, não tendo mais para onde fugir, acoita-se no último recanto da seara, que os segadores cercam e o

animal é morto simbolicamente ao segar a última manada do cereal.

Aquele que ceifa a última manada, em alguns países, é-lhe dado o nome do animal respectivo: «lobo do centeio», «porco do centeio», «cabra da aveia», etc., e tal nome conserva-o todo o ano.

Em algumas regiões da Europa, muitas vezes o animal é representado por um boneco feito com o último molho, que é transportado em cima do último carro da colheita, acompanhado por todos em gritaria esfusiante de alegria.

Aquele boneco é designado «lobo do centeio», «cabra do trigo», etc. consoante o animal e a cultura de que se trata.

Umaz vezes crê-se que o animal foi morto pelo último lanço da fouchinha. Noutros casos, porém, julga-se que o animal vive todo o tempo em que o cereal estiver por malhar, e então só é morto quando os malhadores se encarniçam com furor contra o último molho, o *molho do patrão*, que é violentamente batido por todos, até a palha ficar desfeita. Neste caso o malhador que deu a última pancada com o pirtigo do seu malho é que, em algumas regiões europeias, toma o nome do animal que simbolizava o espírito do cereal.

Conta Frazer que muitas vezes se faz um boneco alegórico ao animal simbólico do espírito atribuído à cultura em questão.

Então o malhador que deu a última pancada no molho final, leva o boneco, acabado de fazer, a uma propriedade ou eira vizinhas, onde a malha esteja por fazer e ali o deixa, na crença de que aquele boneco, que leva em si o espírito do cereal, nele bem incorporado, o passará para o cereal que ainda está por malhar.

O grande interesse etnográfico das malhas é manifesto e daremos a lista de alguns trabalhos que se têm ocupado deste assunto.

Um excelente trabalho sobre a malha, é, sem dúvida, aquele que constituiu a tese do doutoramento em Filologia Românica, na Universidade de Coimbra, do Dr. José Gon-

çalo C. Herculano de Carvalho, e se intitula *Coisas e palavras — Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*, in «Biblos», Vol. xxix, Coimbra, 1953, 365 págs., 61 Figs. e xii Est.

Outros trabalhos têm sido publicados sobre esta interessante matéria, a saber:

Sacrifícios simbólicos associados às malhas, por Jorge Dias, in «Terra Lusa», n.º 1, Lisboa, 1951, 15 págs. e 5 Figs.

Costumes do concelho de Vila do Conde — O malho, por Elisero Pinto, Conservador do Museu Etnográfico do Grémio da Lavoura de Vila do Conde, sep. de «Douro Litoral», Boletim da Comissão de Etnografia e História — Oitava série, vii-viii, Porto, 1958, 9 págs. e 3 Figs.

Uma malha em Celorico de Basto, por Fernando Galhano, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Vol. xviii, fasc. 3-4, Porto, 1961-1962, págs. 353 a 357 e 6 Figs.

Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores, por Maestro Afonso Valentim, Padre António Mourinho e Doutor Santos Júnior, in «Douro Litoral», n.º 7 e 8 da 6.ª série, Porto, 1955, 19 págs. e 17 Figs.

Malha do centeio em Lavradas (Barroso), por J. R. dos Santos Júnior, in «Trabalhos de Antropologia e Etnografia Etnologia», cit., Vol. xix, fasc. i, Porto, 1962, págs. 47 a 68 e 28 Figs.

Malhadas de centeio no Entre-Douro-e-Minho, por Conde Aurora, in «Revista de Etnografia», Vol. vii, tomo i, Porto, 1966, págs. 44 a 53, 30 Figs., sendo 29 fotografias e 1 desenho.

Estes trabalhos mostraram-nos aspectos de grande interesse, quer linguístico, quer etnográfico, e levam a crer que será preciosa a colheita quando se fizer o estudo integral do que ainda resta das malhas, estudo a ser feito em extensão e em pormenor.

Tem o maior interesse científico tudo quanto se prende com o velho costume das malhas e das trilhas dos cereais.

Em consequência da natural e progressiva utilização das máquinas debulhadoras, a caminho duma inevitável e bem compreensiva generalização, as malhas estão sentenciadas a uma degradação progressiva.

Há pois que estudar, e com urgência, o pouco que ainda resta.

O trabalho que agora realizamos é uma contribuição, embora modesta, para o estudo do riquíssimo filão etnográfico da cultura dos cereais em Trás-os-Montes, e em especial do leste trasmontano.

Praza a Deus que se consigam conjugar todos os elementos necessários à realização da tarefa, que se impõe, de estudar integralmente aquilo que ainda resta, e subsiste, nomeadamente em aldeias serranas, onde se sabe que as malhas estão a cair em desuso, e, em mais ou menos tempo terminarão, talvez, por desaparecer.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Antigo Prof. de Antropologia e de Sociologia
da Faculdade de Ciências do Porto

V Á R I A

Castro de Carvalhelhos

Campanha de 1976

Os trabalhos nesta campanha iniciaram-se no dia 6 de Agosto e foram até ao dia 18.

A Empresa das Águas de Carvalhelhos subsidiou os trabalhos.

Tal como no ano passado forneceu ferramentas, um «dumper», pagou ao pessoal e dispôs-se a pagar o serviço de uma máquina escavadora, que, infelizmente, não pôde vir continuar o desaterro dos fossos, especialmente do fosso exterior.

Houve dificuldade em conseguir pessoal trabalhador.

Começou-se com uma rapariga de 16 anos e quatro rapazes, dois dos quais de 14 anos, um de 16 e outro de 18. Depois entraram mais dois, um de 18 e outro de 19 anos.

Como já escrevi em trabalhos anteriores, tem sido sempre grande a minha relutância em utilizar máquina escavadora em escavações arqueológicas, serviço que tem de ser feito com todo o cuidado, e que, por isso, não pode, nem deve, fazer-se à pressa, de afogadilho.

Porém a grande fundura dos fossos, que na escavação por desentulhamento atingiu cerca de 9,50 metros, no ponto onde se suspendeu o trabalho, e a total ausência de espólio arqueológico, impõe máquina escavadora para o prosseguimento do desaterro.

Os fossos foram rasgados na rocha viva xistosa, e, após a conquista do castro, foram intencionalmente atulhados com

terra e pedras, como bem mostra a testeira do desaterro dum troço do segundo fosso (Fig. 2).

O atulhamento dos fossos, dado o aspecto irregular do seu enchimento, teve como finalidade quebrar aquelas três linhas de defesa.

*

Com o pouco e fraco pessoal de que se dispôs, nos dois primeiros dias reparou-se a estrada de acesso automóvel ao castro, arregueirada pelas enxurradas da invernia.

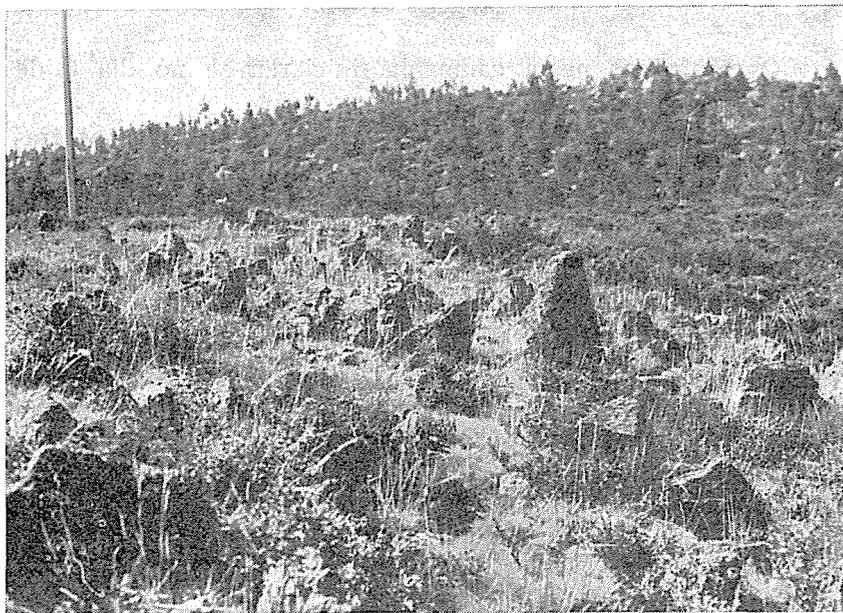


Fig. 1 — Um aspecto do ouriçado de pedras fincadas e do monte crescido entre elas.

Aquela estrada foi mandada abrir por D. Francisco Gonzalez, que foi o grande impulsionador das Águas dos Carvalhos, e durante muitos anos, enquanto foi vivo, Presidente do seu Conselho de Administração.

Começou-se por limpar a típica zona das *pedras fincadas* (Fig. 1) ouriçado de pedras espetadas a prumo, que, como a fotografia bem mostra, estavam parcialmente tapadas pelo monte que crescia entre elas.



Fig. 2 — Testeira do enchimento do segundo fosso do Castro de Carvalhelhos. O grande tamanho de algumas pedras, e a sua distribuição, permitem concluir que com aquele atêro se neutralizou intencionalmente aquela linha de defesa.

Com as chuvas do inverno amontou-se no fundo dos fossos terra e algumas pedras que tiveram de se retirar, tarefa trabalhosa, pois os fossos atingem em média 6 a 7 metros de fundura.

Enquanto se aguardava a chegada da máquina escavadora, que, afinal, não chegou a vir, procedeu-se à limpeza geral, no castro, do monte que crescia junto das muralhas, dentro e à volta das casas castrejas, bem como nos caminhos abertos para os visitantes.

Todos os anos o castro é visitado por umas centenas de pessoas, especialmente pelos aquistas da estância termal de Carvalhelhos.

O monte, que dum ano para o outro cresce viçoso, é formado por carqueja — *Genista tridentata* Samp. — ; urze — *Erica umbelata* Lin., a que também chamam queiroga; urzeira ou urze torgueirinha — *Erica cinerea* Lin. — cuja raiz lenhosa e muito desenvolvida é o torgo; a margaça — *Halimium scabrosum* Samp. — conhecida também pelos nomes de margaço branco ; e silvas — *Rubus* sp? — ; e por outras plantas rasteiras, especialmente gramíneas. Tudo teve de ser cortado à tesoura de poda e à enxada ou arrancado.

*

Como atrás se disse, a máquina escavadora não veio, apesar de insistentemente solicitada, para prestar serviço no prosseguimento do desentulhamento dos fossos, a que, em Agosto de 1975 se deu grande incremento, como relatei no trabalho *Castro de Carvalhelhos — Campanha de escavações em Agosto de 1975*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. xxii, fasc. 4, Porto, 1975, págs. 559 a 566 e 4 Figs.

A inesperada fundura dos fossos tem impressionado os arqueólogos, quer nacionais quer estrangeiros, que têm visitado o castro.

No *Colóquio de Cultura Castreja*, realizado em Carvalhelhos de 4 a 11 de Outubro de 1972 ⁽¹⁾, em que se reuniu um

(1) Este colóquio foi realizado por a nossa sugestão ter tido pronta anuência, com franco e rasgado incentivo dos, então Administradores da Empresa das Águas de Carvalhelhos, senhores Orlando Gonzalez e António Setas, e da comparticipação do Instituto de Alta Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkan, das Câmaras Municipais de Chaves e de Sabrosa e da Companhia Portuguesa de Electricidade. Foi possível a conveniente organização de sessões de trabalho e de visitas de estudo ao Museu de Chaves e não só ao castro de Carvalhelhos, mas também aos castros de Sabrosa e de S. Vicente da Chã (Pisões).

Também foi possível a publicação dos trabalhos apresentados e discutidos no colóquio, que foram publicados no fascículo 3.º do Vol. xxii da

grupo de arqueólogos portugueses e espanhóis, numa das sessões em que fiz considerações sobre *As notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos*, foi sugerida a conveniência de se prosseguir no desatilhamento de mais alguns troços dos três fossos, que constituíam importante linha de reforço às notáveis condições de defesa do castro, formada pela bordadura de pedras fincadas, pelos três fossos e pela dupla muralha.

Será o que procurarei fazer numa próxima campanha de trabalho, que espero realizar no verão do ano corrente.

A Empresa das Águas de Carvalhelhos mais uma vez subsidiou os trabalhos em Agosto de 1976, que não se realizaram segundo a plano previsto, por ter faltado a máquina escavadora.

Ao Conselho de Administração da Empresa apresento, uma vez mais, o meu reconhecido agradecimento.

Oxalá que na campanha de 1977, projectada para o mês de Agosto, possamos ter ao nosso serviço uma máquina escavadora como a que nos prestou excelente serviço na campanha de 1975, para se continuar o desentulhamento parcial dos fossos.

Ao Conselho de Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos, testemunho os meus agradecimentos pelos valiosos auxílios que tem prestado aos trabalhos de estudo e valorização do castro sobranceiro às justamente afamadas Águas Santas de Carvalhelhos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Janeiro de 1977

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

*Antigo Director do Inst. Antrop «Dr. Mendes Correia»
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia*

revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1973, com 284 págs. e 82 Figs. A despesa da publicação deste fascículo, foi coberta, na maior parte, pela Empresa das Águas de Carvalhelhos, em louvável atitude mecénica.

O terraço fluvial do Chão dos Palheirinhos e o seu possível interesse arqueológico

O *Chão dos Palheirinhos* é um pequeno terraço fluvial da margem esquerda do Rio Sabor, em termo da Quinta de S. Pedro, pequenina aldeia, actualmente só com dezanove fogos, anexa da freguesia de Meirinhos e concelho de Mogadouro. Fica sobranceiro ao rio e a uma altura do mesmo de 92 metros, média de três medidas feita com altímetro. Podemos pois considerá-lo como terraço de 90 metros.

O terraço está semeado de quantidade de calhaus rolados, grandes e pequenos, com predomínio dos grandes.

O Chão dos Palheirinhos é pequeno, terá, quando muito, um hectar.

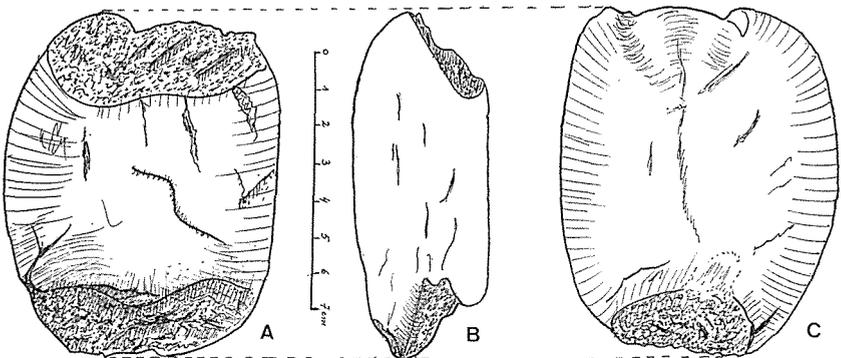


Fig. 1 — Peso do redo por lascado num calhau rolado amigdalóide com o lascado bem patinado, achado no terraço fluvial do Chão dos Palheirinhos, Quinta de S. Pedro, Meirinhos, Mogadouro.

Tem a particularidade de ser propriedade do S. Pedro, patrono da aldeia; por isso se lhe chama muitas vezes a *terra do Santo*.

O terraço é terreno lavradio: os mordomos do S. Pedro o põem em leilão para ser arrendado. Será agricultado por quem pagar a maior renda em alqueires de cereal.

Após estas ligeiras notas etnográficas direi que entre os muitos calhaus rolados do terraço encontrei o peso de rede que vai desenhado na Fig. 1. Foi lascado nos dois topos de um calhau rolado amigdalóide, de xisto metamórfico.

As fracturas do lascado estão muito bem patinadas, o que lhe confere um certo grau de ansianidade.

A designação de *Chão dos Palheirinhos*, parece vir de longa data, mesmo muito remota, em que ali habitaria escassa população local, que moraria em palheirinhos, ou seja pequenas casas cobertas de palha.

Há quem queira supor que o *Chão dos Palheirinhos* teria sido a remota antecessora da actual povoação da Quinta de S. Pedro. Simples hipótese que é difícil considerar plausível.

Seja ou não local de povoado antecessor do actual S. Pedro, não quis deixar de registar o aparecimento dum peso de rede muito bem patinado, num tão alto terraço da margem esquerda do Rio Sabor.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
31 de Janeiro de 1977

SANTOS JÚNIOR

Árula romana a Júpiter Conservador, aparecida em Lagoaça, Freixo de Espada-à-Cinta

É um minúsculo e gracioso altar de granito de reduzidas dimensões, apenas 24 cm de altura, por 12 cm de largura e 75 mm de grossura.

Segundo informa o Senhor Prof. Doutor J. R. dos Santos Júnior, querido amigo e companheiro de lides etnográficas por estas terras do Nordeste, desde há muitos anos, foi encontrada pelo Sr. Luís Carpinteiro da freguesia de Lagoaça, concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, já 25 ou 30 anos, quando procedia ao saibramento de uma vinha, a cerca de 800 metros

daquela povoação, para Poente, ao lado da Estrada nacional Fornos - Mogadouro e a menos de 200 metros a Sul da Estação do Caminho-de-Ferro, também de Lagoaça, em sítio do termo que dá pelo nome de Vale Travesso.

O dito Sr. Luís Carpinteiro ofereceu-a ao Sr. Professor Santos Júnior que, por sua vez, em 9 de Dezembro de 1976 a ofereceu e depositou pessoalmente com mais 44 peças arqueológicas no Museu do Abade de Baçal, em Bragança, para onde as fez transportar em camionete.

A sua pequena dimensão impressiona, à primeira vista, se pensarmos em um altar dedicado ao deus máximo dos Romanos, e principalmente o seu aspecto rústico, aliviado por um ligeiro rebordo na parte superior e a expressão do pequeno *fóculus* cavado no topo superior, com apenas 18 milímetros de profundidade e 30 milímetros de abertura máxima.

A leitura da inscrição votiva parece não oferecer dificuldades, nem sequer dúvidas, pois as letras são claramente incisas e ligeis, leitura que eu interpreto como a seguir exponho.

I O V I

O. M C.

O. R. C.

L. L. P.,

IOVI O.(ptimo) M.(aximo) C.(onservatori)

O.(mnes) C.(ives) R.(omani)

L.L.(ibentissime) P.(osuerunt) O que, traduzido para português significará o seguinte: *A Júpiter Optimo Maximo Conservador todos os cidadãos romanos de muito bom grado puseram (este altar).*

Na primeira linha, temos a palavra única I O V I, dativo de JÚPITER, o deus supremo dos romanos, cujo culto nos parece ter sido trazido para toda esta zona de Entre Douro e Sabor por soldados romanos.

Na segunda, três letras seguidas de pontos o que indica que faltam outras letras para completar as palavras O.(ptimo) M.(aximo) C.(onservatori).

Este epíteto *Conservador*, quer dizer «conservador ou protector dos homens» (1). Com este mesmo epíteto *Conservador* já tinha aparecido há muitos anos outra ara, nesta região, perto

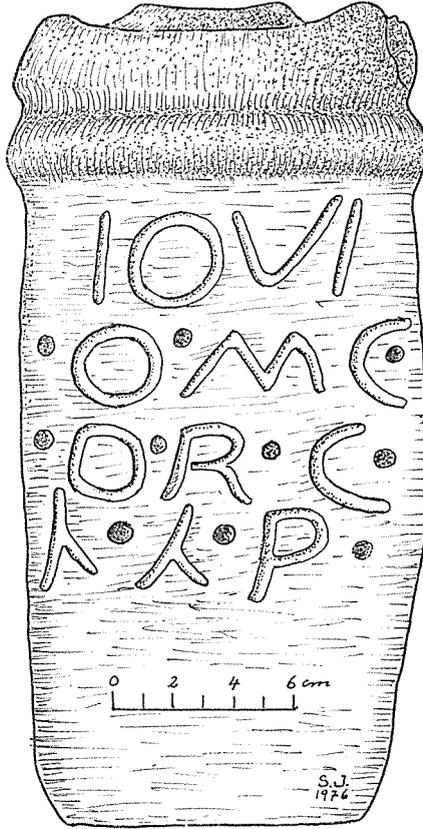


Fig. 1

de Carviçais, a pouco mais ou menos 10 quilómetros de distância, num local chamado Martim Tirado (2).

(1) J. Leite de Vasconcelos, «Religiões da Lusitânia», III, 225.

(2) Op. cit., e Abade de Baçal, «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança», Vol. IX, 147.

Na terceira linha, são também três maiúsculas separadas igualmente por pontos O. R. C. cuja interpretação mais viável nos parece ser esta: O.(mnes) C.(ives) R.(omani). Estes «*Cives Romani Omnes*»: todos os cidadãos romanos seriam soldados

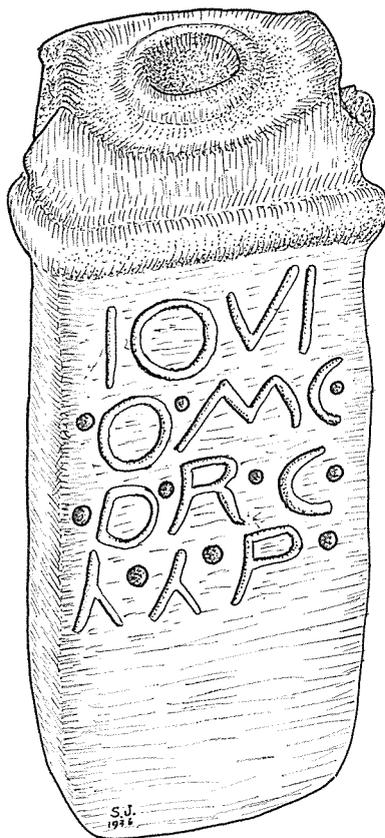


Fig. 2

ou colonos vindos de Roma ou de Itália e como tais se consideravam *cives romani*, cidadãos romanos, adoradores de Júpiter, o deus supremo dos romanos, cujo culto foi levado a todo o Império pelas legiões em primeiro lugar, e em alguns pontos tomou o nome do deus supremo da região, como o *Dolicheno* da Síria Comagena; nas Astúrias, o *Júpiter Candâmius*, o

Júpiter Solutórius, é também, segundo Leite de Vasconcelos, uma invocação só da Lusitânia Espanhola (op. cit. 226); *Júpiter Depulsor*, de que apareceram até a data duas lápides somente, uma em Braga (Dume) e outra no concelho de Mogadouro, em Saldanha, são também invocações só da Península Ibérica. E tanto *Depulsor* como *Solutorius*, são, no dizer do mesmo Leite de Vasconcelos (op. cit., 226) significativos do que «livra dos males», em ocasião de desgraças.

Estes «*Omnes Cives Romani*» seriam soldados componentes de alguma legião ou Coorte que por este planalto das faldas das serras de Reboredo e de Mogadouro estiveram acampados, entre as quais, as Legiões VII e X, e a Cohors IV Galorum, andaram por estas paragens (1).

As letras da 4.^a linha que são três, cada uma com seu ponto à frente «L. L. P.», lembram-nos os tipos de LL arcaicos da escritura de Pompeia segundo Cagnat, e também de alguma monumental romana segundo Battle e o P também cursivo de Alburno, que nós interpretamos: «L.L.(*ibentissime*) P.(*osuerunt*): de muito bom grado puseram (este altar) (2).

Geograficamente, falando do culto a Júpiter pela documentação epigráfica, até hoje aparecida nesta região de Entre Douro e Sabor e circunvizinhas, são deste distrito de Bragança 10 lápides, sendo 5 dedicadas a *Júpiter Optimo Máximo*, 2 a *Júpiter Conservador* e 1 a *Júpiter Depulsor*.

Estas apareceram assim distribuídas: a *Júpiter Optimo Máximo* 1, é de Moncorvo, julgo que do Castro de perto da Junqueira; 1 da Carrazeda de Anciães, em Riba Longa; 1 em Babe, perto de Bragança; 1 em Travanca de Vinhais; 1 em Vale Telhas, Mirandela. Em Chaves e Vila Real, temos mais 3;

(1) A. Schulten, *Los Cántabros y Astures y su Guerra con Roma*, Col. Austral, Madrid, 1967, págs. 126, 215, 218); Revista da Faculdade de Letras do Porto, Série de História, Vol. III, 1973, 1-9; Coronel Mário Cardoso, *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento*, Guimarães, 1947, págs. 225-227.

(2) José Manuel Roldan Hervás, *Repertório de Epigrafia y Numismática*, Seminário de Prehistória y Arqueologia, Universidad de Salamanca, 1969, 9-10.

1 em Vilarelho de Três Minas; 1 em Vilar de Maçada; e mais 1 em Monção de Vila Real ⁽¹⁾. Na zona asturiana, ao Norte da terra de Miranda e de Aliste, apareceram 4 ⁽²⁾. Do lado Sul do Douro Internacional, na vizinha Salamanca, apareceram 3 ⁽³⁾.

Todos os deuses do Panteón romano receberam culto na Península Ibérica. Porém o deus mais venerado foi Júpiter, logo seguido de Diana.

Pelo número de inscrições já aparecidas nesta zona do Nordeste Português, verificamos que é uma das mais densas em documentos dedicados a Júpiter. Frequência de muitos soldados nesta região?... abundância de mercadorias? de funcionários administrativos vindos de Roma? — Numa região onde não havia comércio, nem grandes zonas agricultáveis, por falta de água no verão, nem grandes explorações mineiras, a não ser a exploração do ferro junto do Felgar, onde Leite de Vasconcelos deu conta de vária economia epigráfica, juntamente com o falecido Abade Tavares, só nos parece mais provável a abundância de soldados das legiões, de passagem de Astorga para o Sul, Lancóbrica, Emínio e Egitânia. E, dada a grande frequência de castros em toda a zona do Noroeste Peninsular, em que nesta parte do Douro e Sabor estão encravados, os ditos castros estão romanizados muitos e outros sem sinais de qualquer pègada de romanos. Por outro lado, notamos que a maior parte destas inscrições surgiram fora dos castros pré-romanos, em zonas normais de fácil exploração agro-pecuária, o que nos parece bastante sinal, indício de confraternização populacional gentílico-romana, porque os castros sem sinais de romanização são em número bastante reduzido.

Não adiantamos qualquer opinião cronológica sobre a provável data desta árula de Lagoaça. O tipo cursivo da letra

(1) J. Leite de Vasconcelos. Op. cit., 222.

(2) Francisco Diego Santos, *Epigrafia Romana de Astúrias*, Oviedo, 1959, págs. 23, 25, 27, 28.

(3) Juan Maluquer de Motes, *Carta Arqueológica de Salamanca*, Salamanca, 1956; 133, 142. Na lista de inscrições latinas daquela província, o autor aponta-nos apenas dois nomes de Júpiter, um *Optimo Máximo* e outro simplesmente *IOVI (a Júpiter)*.

parece indicarnos I ou II século, mas é preciso fazer-se um estudo de conjunto mais pormenorizado pois cada sítio pode ter o seu problema e com certeza a sua época, por isso, nos ficamos no campo da mera hipótese.



Fig. 3 — Árula a Júpiter, de Lagoaça, face anterior. Esta fotografia enviada pela Senhora Directora do Museu de Bragança onde a árula se encontra em depósito.

Aproveito esta oportunidade para registar aqui, a título de notícia inédita e ainda incompleta de um caso interessantíssimo de romanidade, na terra de Miranda. Acaba de aparecer nos últimos dias de Abril, longe de qualquer localidade castreja, em um campo raso um autêntico depósito de lápides luso-romanas sepulcrais, todas de mármore azul e branco e todas de tipo discóide com símbolos astrais suásticos, menos uma de que só apareceu ainda parte da cabeceira

fracturada na ocasião, e de que a outra parte ainda jaz sepultada no local com mais outras pedras da mesma natureza.

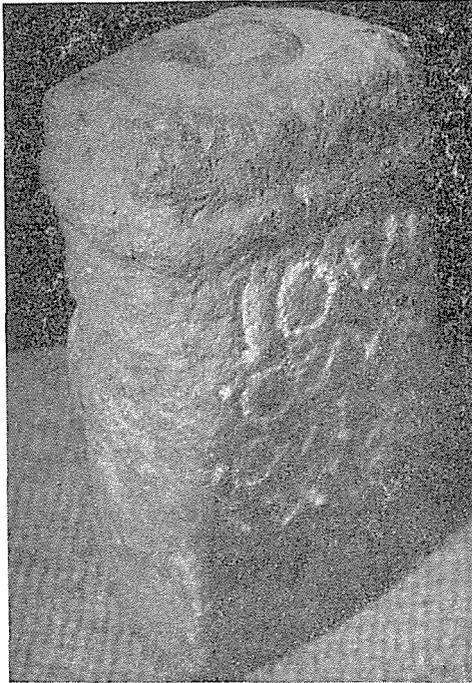


Fig. 4 — Árula a Júpiter, de Lagoaça. Fotografia a mostrar o topo superior com fóculus.

Um tractor, quando lavrava a terra com relhas fundas, pôs a descoberto, logo à primeira vez nada menos de três estelas, sendo uma anepígrafa, outra com inscrição fracturada e outra tipo discóide encimada por símbolo astral suástico de doze raios e com a inscrição que se lê à primeira vista:

M A R C O

L I C I N

F A N X L, o O último da primeira linha tem ponto no centro.

Passado um dia, o dono da propriedade, com alavancas de ferro, ele e a família, voltaram ao local e arrancaram mais

quatro lápides, tendo fracturado algumas quando as arrancavam. Todas elas estavam numa fossa com menos de dois metros quadrados de superfície. Haviam feito com lápides funerárias romanas, a base, os lados e a cobertura de um sepulcro. Ainda no mesmo local as alavancas tocam mais pedras, entre as quais ainda se encontram as partes dos fragmentos já saídos e o respectivo proprietário já foi avisado para não tornar ao local, sem que seja acompanhado de pessoa competente para orientar as escavações e poder-se fazer uma observação concreta sobre o assunto.

Dê qualquer maneira, é um achado de estelas funerárias não frequente, pois já saíram sete e ainda lá estão mais. Não há dúvida que certos locais da terra de Miranda foram intensamente romanizados. Duas Igrejas foi um deles.

Duas Igrejas, 30 de Abril de 1977.

ANTÓNIO MOURINHO
da Sociedade Portuguesa de Antropologia

O queijato das barbas de Quintã (Campeã-Marão)

O *queijato*, corrupção de cajato ou cajado, é um bordão, pau de carvalho com moca do raizeiro no topo inferior, que, como veremos, é símbolo de autoridade na fiscalização do perímetro florestal comunitário da pequenina aldeia de Quintã. É chamado *das barbas*, por ter, tanto em baixo como em cima, tufos de crinas de cavalo postos em cruz (Figs 1 e 2).

A Quintã é uma pequenina aldeia, actualmente com quarenta fogos, agasalhada pelas sombras do soberbo Marão.

Alcançou a independência como paróquia civil e religiosa há dois séculos. Para isso, reza a tradição que, nesses tempos, se deslocou a Roma um ascendente meu, Damázio Martins Barreiro, cujo nome se encontra gravado, para eterna memória, na base da cruz que está plantada no adro da igreja, junto da porta principal. Foi a pé, e diz-se que levou um ano a ir e vir.

Esta minúscula freguesia é formada apenas pela aldeia de Quintã.

Está encastoadada no extremo leste da veiga planáltica do concelho e distrito de Vila Real. Gozou de bem merecida fama e foi invejada, através dos tempos, pelas aldeias circunvizinhas.

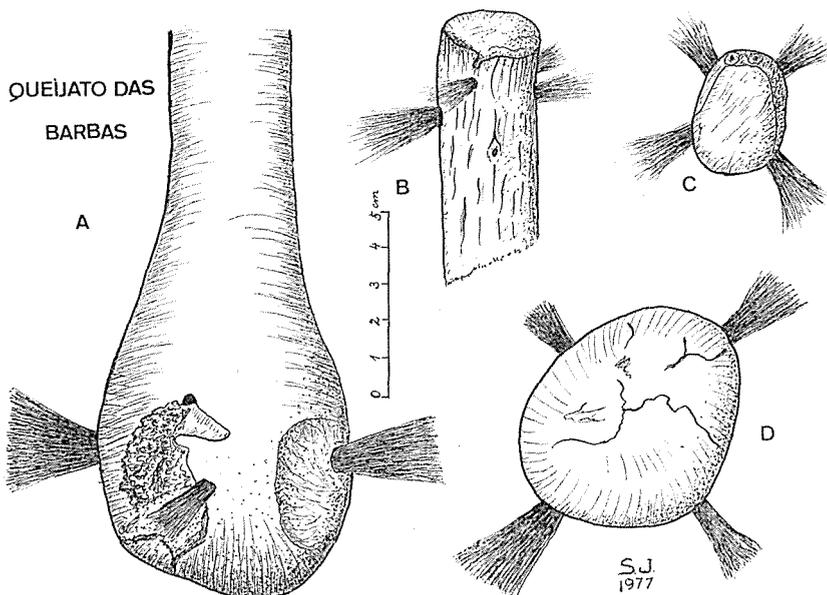


Fig. 1 — Extremidade inferior (moca) tôpos superior e inferior do «queijato das barbas» de Quintã (Marão), concelho de Vila Real, Trás-os-Montes.

A gente dessas aldeias, em sentido pejorativo, chamava, e ainda hoje chama, *calçonicos* aos de Quintã.

Já nas outras aldeias os homens usavam calças, os de Quintã continuavam a usar os velhos calções de alcapão.

Daí o chamarem-lhe *calçonicos*, designação que ainda hoje se mantém, e ao que os de Quintã respondem de pronto:

Calçonicos de Quintã,
Tanto pobres como ricos,
Já todos usamos calças,
Já não somos calçonicos.

A Quintã foi muito invejada pelas aldeias circunvizinhas.
E porquê?



Fig. 2

Pelos seus campos mimosos e suculentos, pela bastante
daquele punhado de lavradores que jamais conheceram a fome,
mas que sempre foram poupados; pela sua forma de vida em
comunidade cerrada, com estreitos laços de sangue e na defesa
comum dos mesmos interesses.

Ali desconhecia-se a geira ou salário. Ainda há poucos anos trabalhavam em verdadeiro comunitarismo, todos por um e um por todos.

Baptizados na mesma pia, casados na mesma igreja, labutavam pelo mesmo pão, repartindo-o igualmente por quantos pedintes ali vinham, quer de perto quer de longe, conhecidos ou desconhecidos.

Em todas as casas havia a *malga dos pobres* e o *prato dos pobres*, para com eles repartir o pouco ou muito que houvesse à hora da refeição.

Já não é do meu tempo a existência da vezeira, pastoreio em conjunto das ovelhas e cabras de todos os vizinhos. Mas bem ciente estou das *retadas* ⁽¹⁾ do moinho da Barroca, da água da levada torna-a-torna, das partilhas da água da Fonte e das poçadas da água das duas minas da Candorga e da poça do Brandufe ⁽²⁾.

(1) A *retada* do moinho do povo é o dia, o meio dia ou as tantas horas que tem cada vizinho para moer o seu cereal. A *retada* normalmente é de um dia. No entanto em razão de partilhas familiares, a sorte subdividiu-se e em alguns casos é apenas de duas ou três horas.

Retada significa geira ou meia geira e não se aplica somente ao moinho.

(2) A propósito conta-se que determinada mulher useira e vezeira a roubar lenha junto da *Poça do Brandufe*, foi ali apanhada, no rapinço, por um vizinho de Quintã empunhando o *queijato das barbas*.

Este investiu a gatuna da lenha atemorizando-a para que não voltasse a devastar a mata do *Monte do Povo*.

A mulher amedrontada pediu clemência.

O homem pôs como condição beber a água toda a jorrar da nascente. — Bebes a água toda quanto nasce e depois deixo-te ir embora.

A mulher bebeu duas ou três vezes boas tarraçadas, mas a água continuava a nascer como se nada fosse. O homem insistia — Só te deixo ir embora se beberes a água toda. A mulher lá foi bebendo mais uns golitos até mais não poder. Como a insistência do homem persistisse a mulher lamentava-se e desatou num choro desesperado. Quando o homem viu o caso amadurecido deixou-a ir em paz.

O caso é histórico e, o certo é que a mulher emendou-se.



Mas o brio e a honra da gente da minha aldeia está na mata frondosa e linda que a circunda e quase a envolve, constituindo a sua coroa de glória.

As matas de carvalhos são já coisa rara em todo o Trás-os-Montes. Algumas que ainda existem ocupam o sopé dos nossos montes e agasalham-nos as culturas. A folhagem dos carvalhos é considerada como o estrume mais mimoso que a terra consome.

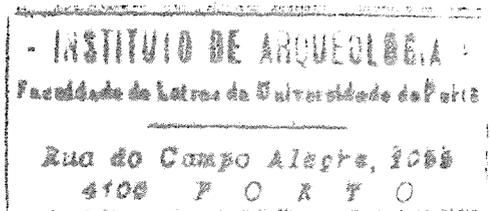
As nossas matas de Quintã eram, e são ainda hoje, lugar de encanto e poesia.

Ali há recantos de excelsa beleza, onde nem falta a nascente de água pura nem as lendas de moiras encantadas. É a Malhada de Vaqueiros e o Coto, a confinarem a leste com Torgueda, S. Miguel da Pena e com o *minaroco* da Tapada dos da Eira; são os Brandufes, onde aquela água pura e com fama de medicinal vai cantando a sua canção eterna, correndo por entre os musgos, escondida entre freixos, carvalhos, castanheiros, bidoeiros e pinheiros, num abraço fraterno de toda a flora, como que reunida em concílio naquele paraíso terreal, sob a autoridade e o respeito daqueles musgos velhinhos, seculares.

Ali, em pleno verão, a frescura da sombra é um regalo nas horas da sesta. Aquele arvoredado com as suas barbas velhinhas, respeitáveis, é a honra daqueles lavradores, que lhe prestam culto sagrado, dando-lhe amizade, respeito e cuidado na sua defesa.

Mais para cima vê-se a mancha verde escura dos pinheiros, como quem prolifera à *lagordaça*; geração nova, mas há muitas décadas começada, povoamento de uma Junta de Freguesia, modelo de ideais, com a mira no progresso, olhando para o futuro, com a certeza de que viriam a ser, em nossos dias, as miragens que os nossos velhos apenas sonharam.

Quintã foi e é um exemplo com o seu baldio, a que sempre ouvi chamar *O Monte do Povo*. É exemplo pela defesa dos carvalhos espontâneos e pelo povoamento total da área de que dispunha.



Por isso o povo criou regras que vêm sendo cumpridas através de muitas gerações.

Sem ordem não pode haver progresso.

Sem zelo não se defendem interesses.

O *Baldio de Quintã* foi aproveitado, primeiramente em parte e agora totalmente.

O que se fez?

Desde há muitas dezenas de anos o povo obrigou-se a proteger os carvalhos que nasciam espontaneamente.

Quatro vezes por ano, uma em cada estação, o baldio fornece uma leira de mato a cada família. Vai uma pessoa de cada casa, faz-se a demarcação dos lotes que, no fim, são sorteados por numeração. Cada um toma conta da sua leira. Há a preocupação de fazer com que as leiras sejam de igual valor.

Uma vez no ano, no princípio dos grandes gelos faz-se uma partilha de lenha na *Mouta*, onde é abundante o carvalho e a urze.

Foi nesse lugar que principiou a obra de fomento paroquial. Em ano incerto, resolveu-se que, para enriquecimento do baldio, cada morador deixasse dez ou doze carvalhitos, dos melhores, em cada uma das leiras.

Como a rotação da partilha da lenha é completa no ciclo de sete anos, durante esse período o terreno ficou povoado de carvalhos, a que passaram a chamar *velhos*.

Daí em diante seria punido severamente todo aquele que se atrevesse a cortar um só carvalho velho, aquando da partilha da lenha.

Alguns anos foi determinado, para maior aproveitamento e enriquecimento do *Monte do Povo*, que cada morador deixasse mais alguns carvalhos novos.

Depois fez-se a sementeira de um pinhal para benefício público a noroeste da povoação. Ficou a denominar-se o *Pinhal do Povo*.

Dali saiu o primeiro corte, com belíssimos exemplares de pinheiros bravos, para sobradar e forrar a igreja paroquial.

Depois a Junta foi semeando alguns bocados, e a acção da natureza completou a florestação do nosso monte.

A ACÇÃO JURÍDICA DO QUEIJATO DAS BARBAS

Como já dissemos, as matas, quer as particulares quer as comunitárias, do *Monte de Quintã*, foram e são motivo de inveja para os vizinhos e orgulho dos naturais.

Há povos ali à roda onde a lenha é escassa. Antes da emigração maciça para França os roubos nas nossas matas eram diários e numerosos.

Por essa razão, desde há muitos anos, foi criado um sistema de policiamento das matas. Cada vizinho é obrigado a ir o seu dia, em rotação constante, vigiar os ladrões, evitando o desbaste e protegendo a nossa riqueza florestal.

Com o rendimento da nossa floresta, só da parte baldia, fez-se a pavimentação da rua a cubos, reconstruiu-se o cemitério e doirou-se toda a igreja, que é um verdadeiro mimo. Fez-se a exploração da água e até o próprio *Monte do Povo*, foi rodeado com uma «rota» enorme em toda a sua periferia, com que se facilitava o pastoreio e se defendiam as pastagens do abuso dos povos circunvizinhos. A «rota» é um fosso, ou valado, com metro e meio de fundura e outro tanto de boca que circunda o *Monte do Povo*. Lembra os antigos fossos das fortificações.

Assim como o poder dos reis é simbolizado pelo cetro, bastão da autoridade real, também em *Quintã* o símbolo da autoridade policial é constituído por um bastão de carvalho, com moca no fundo e nó saliente no cimo, à altura do rosto de um homem. No fundo e no cimo, esse respeitável cajado leva dois tufos de pêlos de crinas de cavalo, em forma de cruz, salientes para os quatro lados cerca de dois centímetros. Eis o *Queijato das Barbas* (Figs. 1 e 2).

A pessoa que vai policiar é portadora desse célebre *Queijato* já cheio de história, feito lendário até. Anda pelas casas, de porta em porta. Cada morador no fim do seu dia de guardar

entrega o cajado na casa do vizinho que irá de guarda no dia seguinte ⁽¹⁾.

O *Queijato das Barbas* dá ordens através de quem o empunha. Seja homem ou mulher, velho ou novo aquele que o empunha dá voz de prisão e o atrevido roubador da lenha não tem outro remédio senão obedecer. A lenha é deixada e a rapinante conduzido à presença do regedor.

Algumas vezes têm sido obrigados os ladrões, para emenda de seus abusos a entrar no povo com o molho da lenha às costas.

Alguns, pelos rogos dos delinquentes, movidos à compaixão, toleram que a pessoa não sofra qualquer vexame. Porém se o povo tem conhecimento, sofre tais invectivas das línguas maldizentes, que lhe fica para excramenta. E tarde voltará a ser indulgente para os atrevidos que nos molestam e nos depauperam. É que todos sabemos como é que o dono da mata procede para o desbaste cuidadoso em aproveitamento do supérfluo. Agora o ladrão, quando entra na mata, corta sem consciência, não pensa no embelezamento nem no prejuízo. Atira-se como o lobo ao rebanho, apressadamente, como quem tem fome, e como quem espreita o dono.

O *Queijato das Barbas* age com personalidade jurídica; é temido e respeitado. A sua denúncia faz fé, pela honra que as suas barbas representam. Vai nelas o brio e a honra de um povo. Faz fé por si próprio e não carece de testemunhas.

(1) O *Queijato das Barbas* lembra o *Cambito*, que é um símbolo de fiscalização e, ao mesmo tempo, elemento de prova, ou indicador, de que a mesma foi feita. O *Cambito* é um pau com galho na ponta que, em Rio de Onor, é levado todos os dias por um dos membros do *conselho* na vigilância dos *coutos*, lameiros que se estendem à margem do rio e são o grande orgulho dos rionorenses.

Para certeza de que o vigilante vai até ao limite dos lameiros o *mordomo* entrega-lhe um *cambito* que ele leva e deixa espetado, em sítio combinado, na última lameira ou dependurado numa árvore, trazendo o outro *cambito* que lá deixou o vigilante do dia anterior. Um dos *cambitos* é, em geral de choupo e o outro de castanho.

Ver Jorge Dias, *Rio de Onor — comunitarismo agro-pastoril*, Porto, 1953, págs. 172-173.

Quando alguém é surpreendido a roubar lenha na mata, só a fuga o pode salvar. Mas, se daquela escapou, na próxima pagará em dobro.

Foi assim, com estas e outras usanças, que a minha freguesia de Quintã, se conservou como agrupamento muito unido, num ambiente de belas manifestações comunitárias. Goza de uma personalidade especial. E é apontada e apedrejada pelos vizinhos, tal como os garotos fazem à nogueira que tem nozes.

P.^o ANTÓNIO DA EIRA E COSTA
da Sociedade Portuguesa de Antropologia

II Colóquio Histórico-Arqueológico da Região de Chaves

Em 18, 19 e 20 de Fevereiro de 1977, realizou-se em Chaves o 2.^o Colóquio Histórico-Arqueológico da região de Chaves, que, além dos trabalhos que foram apresentados e discutidos, pretendeu ser, por assim dizer, como que o proémio da grande manifestação científico-cultural e cívica, na qual se julga conveniente comemorar condignamente os 1900 anos de AQUAE FLAVIAE, fundada pelo Imperador romano Flávio Vespasiano no século I.

Os dois flavienses Padre Adolfo Magalhães e Dr. Mário Carneiro foram incansáveis na organização deste 2.^o Colóquio, como o foram também na organização do 1.^o Colóquio, em Fevereiro do ano passado.

Estes dois flavienses, da mais pura gema, acalentam no seu espírito a esperança da possibilidade de se realizar em 1978 uma congregação científico-cultural em comemoração do 19.^o centenário da Fundação de AQUAE FLAVIAE.

A estes dois flavienses ilustres há que juntar o Sr. Nuno Gil Pires, prestigioso Presidente da Câmara Municipal de Chaves,

que igualmente sente a conveniência de se festejar com o justo e devido relevo a citada efeméride, quase bimilenária, e está consciente do grande interesse político de tal comemoração.

É de crer que outras entidades da região, Junta Provincial, Turismo e agremiações locais, juntem os seus esforços no sentido de se conseguir que o Governo patrocine a projectada comemoração.

No 2.º Colóquio que, como o 1.º, foi presidido pelo Prof. Santos Júnior, foram apresentados e discutidos os trabalhos que a seguir se indicam.

18 de Fevereiro às 21 horas:

Excelência e utilidade dos estudos arqueológicos, pelo estudante Luís Araújo Pizarro.

Princípios de museologia: o Museu da Região Flaviense, por Amílcar Costa.

Efemérides históricas de Chaves, desde a sua fundação romana no século 1.º, por Padre Adolfo Magalhães.

Breves considerações sobre as gravuras rupestres do Outeiro Machado (Abobeira), por Prof. Santos Júnior.

19 de Fevereiro às 21 horas:

O Castro de Curalha (versos de Padre Adolfo Magalhães), poesia lida pelo Sr. Amílcar Costa.

«Aquae Flaviae» sob o domínio de Roma, por Padre Adolfo Magalhães.

Chaves desde as origens até à invasão muçulmana, pelo Rev.º Cónego Dr. Luís Vaz, da Sé de Braga.

20 de Fevereiro às 15 horas:

Aspectos da região de Chaves através de documentos epigráficos, pelo Prof. Dr. António Rodriguez Colmenero, catedrático da Universidade de Bilbao.

O bispo Idácio em Chaves, por Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, assistente da Faculdade de Letras do Porto.

A estátua sem braços de Faiões: recente achado arqueológico, por Dr. Victor Jorge, assistente da Faculdade de Letras do Porto.

SANTOS JÚNIOR

Subsídios

Para publicação do presente fascículo, o 1.º do Vol. 23.º da sua revista, a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia solicitou subsídios a várias entidades.

À Direcção-Geral do Património Cultural, em face dos orçamentos elaborados em Novembro de 1976, pediu-se um subsídio de 137 500\$00 esc. que, em 2 de Março de 1977, foi despachado por Sua Excelência o Secretário de Estado da Cultura, com o encargo de serem reservados 250 exemplares, para o Fundo de Fomento Cultural.

Fui com os originais às tipografias para se combinar o início da publicação.

Com o agravamento do preço do papel e de outros encargos tipográficos foi necessário pedir uma verba suplementar de 17 500\$00 esc., que também foi concedida pela Direcção-Geral do Património Cultural.

A esta Direcção-Geral são devidos bem merecidos agradecimentos, o que muito sinceramente testemunhamos ao seu ilustre Director-Geral, Sr. Dr. José João Cochofel, que sempre atendeu os nossos pedidos com solicitude cativante.

Não quero deixar de lembrar que para a publicação do fascículo anterior, o 4.º do Vol. 22.º, onde saiu o extenso trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, a Direcção-Geral do Património Cultural concedeu um subsídio de 110 000\$00 esc.

A benemérita Fundação Calouste Gulbenkian concedeu um subsídio de 30 000\$00 esc. para ocorrer a vários encargos com a publicação e distribuição do presente fascículo.

Este subsídio vem juntar-se a outros concedidos em anos anteriores, pelo que a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia manifesta à Fundação, na pessoa do seu ilustre Presidente, Sr. Doutor José Perdigão, e do preclaro Director do Serviço de Ciência, Dr. José Ribeiro dos Santos, o seu reconhecido agradecimento pelos auxílios generosamente concedidos.

SANTOS JÚNIOR

Henri Breuil — Abbé Breuil

(centenário do nascimento 1877-1977)

Abbé Breuil, que foi um dos maiores, senão o maior dos arqueólogos europeus deste século, nasceu em 28 de Fevereiro de 1877 na «Ville de Mortain» na Mancha Francesa.

Estudou com afinco múltiplos problemas arqueológicos, nomeadamente a Arte Pré-histórica.

Foram tantas as estações de arte rupestre que visitou e estudou em vários países da Europa mas também noutras regiões, nomeadamente em África, que isso lhe grangeou a respeitosa e admirativa designação de «Papa da Pré-história».

Deixou o seu nome ligado a um grande número de grutas pré-históricas com pinturas e gravuras rupestres, entre as quais avultam as de Altamira, Lascaux, Rouffignac e Niaux.

Na última grande guerra, quando a França foi dominada pela Alemanha, Abbé Breuil exilou-se.

Esteve em Portugal onde, com os seus compatriotas Dr. George Zbyzenski e Henri Vaultier, realizou vastos reconhecimentos arqueológicos e importantes trabalhos sobre o Paleolítico no sul de Portugal.

Fez brilhantes lições na Faculdade de Letras de Lisboa. A sua estadia em Portugal metropolitano e em Angola foi profícua para a cultura portuguesa.

À memória de Abbé Breuil, sócio honorário da nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, se presta a devida homenagem ao seu saber e aos relevantes serviços que prestou à arqueologia portuguesa.

SANTOS JÚNIOR

Achado arqueológico em Vilarelhos

(Alfândega da Fé)

A Direcção-Geral do Património Cultural (M.E.I.C.), em 20 de Junho de 1977, comunicou-nos que no local designado N.ª Senhora dos Anúncios, freguesia de Vilarelhos, concelho de Alfândega da Fé, fora encontrado um vasto campo de sepulturas, e que na mesma capela se encontravam depositados uma «lápide funerária em mármore com vestígios de duas (sic) inscrições latinas e um busto de granito de grão fino ligeiramente fracturado na base».

Embora sucintas, estas indicações permitem supor tratar-se de estação arqueológica de certo interesse, em pleno vale da Vilarça, aliás rico em achados arqueológicos, dos quais, além dos castros que bordejam o vale, citarei apenas os achados da Quinta da Terrincha, e as notáveis gravuras rupestres da Quinta de Ridevides.

Solicitado a fazer o estudo do achado de Vilarelhos, espero lá me deslocar numa próxima oportunidade e apresentar o plano de trabalhos que se julgue conveniente levar a cabo.

SANTOS JÚNIOR

Depósito(?) de lápides luso-romanas

(Duas Igrejas — Miranda do Douro)

O distinto etnógrafo e arqueólogo P.^e Dr. António Mourinho, no seu trabalho em publicação no presente fascículo, sobre *A Árula de Fornos*, a pág. 173, refere um achado arqueológico, a que chama «caso intersantíssimo da romanidade em Terra de Miranda».

Em campo raso, no termo de Duas Igrejas, apareceu um autêntico depósito de lápides luso-romanas sepulcrais, todas de mármore azul e branco, e todas do tipo discóide com símbolos astrais suásticos.

Uma com a seguinte inscrição:

MARCO
L I C I N
F.AN:XL

O P.^e Dr. António Mourinho informa terem aparecido 7 lápides e que ainda lá estão mais.

Trata-se de um achado de certo interesse arqueológico que interessa salvaguardar e estudar, estudo que o P.^e Dr. António Mourinho é capaz de fazer com toda a proficiência, e gostosamente se procurará publicar no próximo fascículo da revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia.

SANTOS JÚNIOR

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

RICARDO MARTIN VALLS — **Variedades tipológicas en las esculturas zoomorfas de la Meseta**, in «*Studia Archaeologica*», n.º 32, sep., Valladolid, 1974, pág. 69-82, 3 Figs. e x Est. com 20 fotogravuras.

Cita de entrada o inventário de 73 esculturas zoomorfas da Meseta, feito por Gil Gonzalez Dávila, no século XVI, às quais atribuiu a designação de «toros».

No século XVIII, P. Florez emite o parecer de que tais estátuas lhe pareciam serem mais de elefantes do que de «toros».

O A. porém considera que as esculturas da Meseta são representações de touros e de porcos, feitas de granito, atingindo 2 metros, por vezes sem grandes pormenores, mas sempre com indubitável força expressiva.

Quanto à sua distribuição di-la coincidir, nas suas linhas gerais, com «o antigo território dos Vettones», em zonas do característico sistema castrejo.

Diz que a chamada «cultura de los verracos», embora com evidente razão de ser, não sei porquê, di-la «muy discutible». Considera como cerca de duas centenas as esculturas zoomórficas conhecidas. Nelas individualiza dois tipos de «toros», não só pelos estilos, digamos pelas morfologias diferentes, mas também pela finalidade e cronologia diversas.

O primeiro tipo é o de esculturas de grandes proporções, com base ou peanha, e pormenores no respeitante à cabeça, bem modelada, bem como à inserção das patas e dos órgãos

genitais. Além disso dois orifícios na testa parecem ter servido para meter cornos postiços, embora em alguns casos tais orifícios pela sua pequenez não permitissem tal encaixe.

É curioso o tipo, representado na Fig. 1, de 5 estátuas de «toros», uma das quais quase íntegra e quatro muito mutiladas, todas com a indicação de ter existido a meio da face ventral uma coluna de suporte, que assentaria na base ou peanha. Estas 5 estátuas sabe-se que provieram de castros, por isso têm atributo de ordem cronológica.

Refere as escavações de Cabré nas Cogotas, onde estabeleceu duas fases, Cogotas I, do bronze final, e Cogotas II, posthalstática, e admite ter sido cerca de 500 anos a.C. a passagem da primeira à segunda fase.

O A. diz que, tradicionalmente, se tem admitido que a origem das esculturas zoomórficas da Meseta seriam de influência meridional, cujo início se tem situado nos séculos IV e V a.C.

O segundo tipo de esculturas zoomorfas estabelecido pelo A., caracteriza-se pelo menor tamanho, não indo além de um metro de comprimento na maior parte dos exemplares, cabeça menos individualizada, os membros apenas esboçados em relevo; algumas vezes os órgãos sexuais bem modelados; em vários exemplares o rabo lançado sobre o lombo; e, sobretudo, caracterizado pela ausência do vasado entre o ventre e a peanha: em vez deste vasado uma singela depressão, mais ou menos rectangular, como mostra nos seis exemplares da Fig. 2. Este último carácter considera-o o A. como definidor deste segundo tipo.

Enquanto o primeiro tipo provém dos castros da vasta periferia de Ávila, o segundo tipo, considera-o de «marcado carácter localista», isto é, com os exemplares em zona circunscrita; de tal modo que as distâncias entre os exemplares não vai além de 5 km, todos em termo de Ávila, Gemiguel, Rio Frio e Tornadizos.

Cabré citou vinte esculturas de «toros» procedentes da Alameda Alta, em Tornadizos de Ávila, dos quais apenas restam quatro exemplares, três dos quais, e um deles com inscrição latina, estão no jardim do palácio do Marquês de Santo Domingo.

O A. admite, como hipótese, que os exemplares do segundo tipo seriam monumentos funerários, nos quais o escavado em cavidade rectangular seria a «cavidad para las cenizas y un canalillo para las libaciones sobre el que se colocaria a escultura zoomorfa».

Esta passagem afigura-se-nos pouco clara. Como é que na cavidade rectangular se manteriam as cinzas? A menos que a estátua estivesse deitada, hipótese que não parece ser de aceitar.

Por falta de elementos concretos admite que tais esculturas sejam da época romana, e insiste no parecer de que tais esculturas teriam sido utilizadas como monumentos funerários.

Termina aludindo à hipótese da existência de uma oficina de estatuária na zona de Ávila, e à existência de escultores ambulantes que exerceriam a sua profissão de estatuários por outras zonas.

Conclui afirmando que a análise pormenorizada das esculturas lhe permitiu criar os dois tipos referidos, admitindo porém que outros se possam vir a estabelecer, com o estudo dos exemplares de Salamanca, Cáceres e zona ocidental de Toledo.

SANTOS JÚNIOR

DANIEL CAHEN — **Nouvelles fouilles à la Pointe de La Gombe (ex-Pointe Kalina), Kinshasa, Zaire**, in «L'Anthropologie», T. 80 — N.º 4 — 1976, Paris, 1976, págs. 573-602, 12 Figs.

O A. fez escavações no vasto promontório que avança sobre o rio Zaire ou Congo na ponta de Kalina. Ali J. Colette encontrou (1925-1927) a primeira sucessão estratigráfica de indústrias líticas descoberta na África Central, e que passou a ser de base à pré-história daquela porção da África. Este A. reconheceu três indústrias líticas que, da mais antiga para a mais recente, designou: *Kalinien*, *Djokocien* e *Ndolien*. A que

se seguia um fácies neolítico (*Leopoldien*) e, por último vestígios da Idade do Ferro.

As escavações de Cahen, 1973 e 1974, forneceram abundante material: dezenas de milhar de instrumentos líticos e de pedaços de vasos de barro, e mais de quatrocentos carvões.

Em desenhos esquemáticos mostra a sequência estratigráfica, e, a seguir, no capítulo «sequência arqueológica», analisa o material afeiçãoado em instrumentos de grês calcedónico, grês quartzítico e quartzo.

Descreve e dá bons desenhos de peças do Acheulense, do *Kaliniano*, do *Djokociano* e do *Ndoliano*, que vai paralelizando com *Sangoano*, *Lupembiano* e *Tshitoliano*.

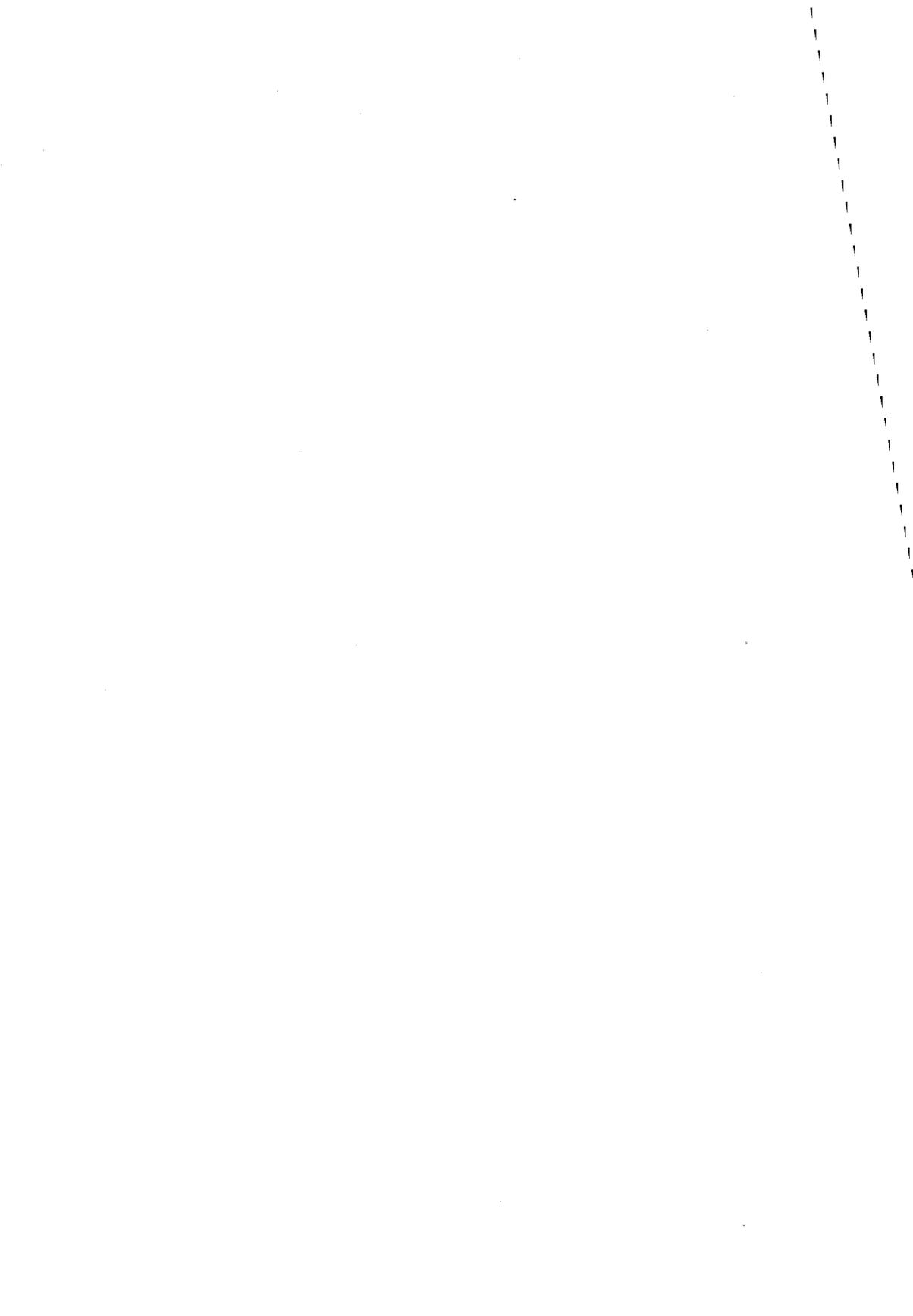
A datação pelo rádio carbono foi feita em duas amostras para cada indústria.

Indicamos, em arredondamento, as médias de cada duas determinações: *Kaliniano* 33 000 a.C.; *Djokociano* 9500 a.C. e ao *Ndoliano* 2400 a.C.

Não há, propriamente, estratos arqueológicos homogêneos, visto que na mesma assentada aparecem juntas indústrias diferentes, o que, como o A. realça, «Par consequent toute définition typologique et l'interprétation chronologique, sont privées de sens».

Termina acentuando a necessidade «de la nomenclatura et la chronologie actuelle des industries lithiques de cette région devraient être révisées intièrement».

SANTOS JÚNIOR



Trabalhos de Antropologia e Etnologia

da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

VOL. XXIII — FASC. 1

SUMÁRIO:

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

Novos elementos da remota zoolatria em Trás-os-Montes

P.^e ADOLFO MAGALHÃES, DR. ADÉRITO MEDEIROS FREITAS
E PROF. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

**O Castro de Curalha — 2.^a e 3.^a campanhas de escavações
1975 e 1976**

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

A cultura dos cereais no leste trasmontano

Vária: — Castro de Carvalhelhos — Campanha de 1976 (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 161 a 165); O terraço fluvial do Chão dos Palheirinhos e o seu possível interesse arqueológico (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 166 e 167); Árula romana a Júpiter Conservador, aparecida em Lagoaça, Freixo de Espada-à-Cinta (ANTÓNIO MOURINHO) (págs. 167 a 175); O queijato das barbas de Quinã (Campeã-Marão) (P.^e ANTÓNIO DA EIRA E COSTA) (págs. 175 a 183); II Colóquio Histórico-Arqueológico da Região de Chaves (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 183 a 185); Subsídios (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 185 e 186); Henri Breuil — Abbé Breuil (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 186 e 187); Achado arqueológico em Vilarelhos, Alfândega da Fé (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (pág. 187); Depósito de lápides luso-romanas, Miranda do Douro (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (pág. 188).

Revista bibliográfica: — RICARDO MARTIN VALLS (189); DANIEL CAHEN (191).